

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Eduardo Rosa Guedes

**O PROBLEMA DO MAL NO MUNDO: A RELAÇÃO DA
JUSTIFICATIVA DOS FIÉIS DA IGREJA BATISTA NACIONAL DE
SANTA MARIA/RS COM AS TIPOLOGIAS DE TEODICEIA
WEBERIANAS**

Santa Maria, RS

Abril de 2018

Eduardo Rosa Guedes

**O PROBLEMA DO MAL NO MUNDO: A RELAÇÃO DA JUSTIFICATIVA DOS
FIÉIS DA IGREJA BATISTA NACIONAL DE SANTA MARIA/RS COM AS
TIPOLOGIAS DE TEODICEIA WEBERIANAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Lopes Cabral Maia

Santa Maria, RS

2018

Guedes, Eduardo Rosa

O PROBLEMA DO MAL NO MUNDO: A RELAÇÃO DA
JUSTIFICATIVA DOS FIÉIS DA IGREJA BATISTA NACIONAL DE
SANTA MARIA/RS COM AS TIPOLOGIAS DE TEODICEIA WEBERIANAS
/ Eduardo Rosa Guedes.- 2018.

269 p.; 30 cm

Orientador: Eduardo Lopes Cabral Maia
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2018

1. Religião 2. Teodiceia 3. Protestantismo Histórico
4. Batistas Nacionais I. Maia, Eduardo Lopes Cabral II.
Título.

Eduardo Rosa Guedes

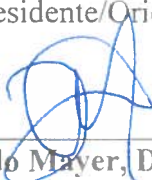
**O PROBLEMA DO MAL NO MUNDO: A RELAÇÃO DA JUSTIFICATIVA
DOS FIÉIS DA IGREJA BATISTA NACIONAL DE SANTA MARIA/RS COM
AS TIPOLOGIAS DE TEODICEIA WEBERIANAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

Aprovado em 27 de abril de 2018:



Eduardo Lopes Cabral Maia, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Ricardo Mayer, Dr. (UFSM)



Ricardo Mariano, Dr. (USP)

Santa Maria, RS
2018

RESUMO

O PROBLEMA DO MAL NO MUNDO: A RELAÇÃO DA JUSTIFICATIVA DOS FIÉIS DA IGREJA BATISTA NACIONAL DE SANTA MARIA/RS COM AS TIPOLOGIAS DE TEODICEIA WEBERIANAS

AUTOR: Eduardo Rosa Guedes

ORIENTADOR: Eduardo Lopes Cabral Maia

O presente trabalho pretende explorar, a partir das bases das Ciências Sociais, mais especificamente, da teoria sociológica de Max Weber, a constituição da racionalidade religiosa no protestantismo histórico Batista. De modo particular, nos interessa compreender de que maneira é construída a justificativa dos fiéis para a má distribuição dos bens da graça na Igreja Batista Nacional da cidade de Santa Maria/RS e sua relação com as tipologias de teodiceia elaboradas por Weber. Além de apontamentos gerais sobre a matriz teórica, que parte do referencial weberiano, esta dissertação também aponta para questões metodológicas, relevantes para o processo de formalização da pesquisa científica.

Palavras-chave: Religião. Teodiceia. Protestantismo Histórico. Batistas Nacionais.

ABSTRACT

THE ISSUE OF EVIL IN THE WORLD: THE RELATION BETWEEN BELIEVERS JUSTIFICATION FROM THE NATIONAL BAPTIST CHURCH IN SANTA MARIA/RS AND WEBERIAN THEODICY TYPOLOGIES

AUTHOR: Eduardo Rosa Guedes

ADVISER: Eduardo Lopes Cabral Maia

The present work intends to explore, from the bases of the Social Sciences, more specifically, of the sociological theory of Max Weber, the constitution of the religious rationality in the Baptist historical Protestantism. In a particular way, we are interested in understanding how the justification of the faithful for the misallocation of the goods of grace in the National Baptist Church of the city of Santa Maria / RS and its relationship with the types of theodicy made by Weber is constructed. In addition to general notes on the theoretical matrix, which starts from the Weberian referential, this dissertation also points to methodological issues, relevant to the process of formalization of scientific research.

Keywords: Religion. Theodicy. Historical Protestantism. Nacional Baptists.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. CONCEITOS NORTEADORES	10
1.1. Ação, ação social e relação social.....	10
1.2. Religião	13
1.3. A questão do livre-arbítrio	22
1.4. Ascetismo e misticismo	24
1.5. O problema da teodiceia	29
2. Breve Histórico dos Batistas	37
2.1. Origem	37
2.2. A inserção do protestantismo e dos batistas no Brasil.....	41
2.3. História e características gerais dos batistas no Brasil.....	43
2.4. A cisão teológica e o nascimento da Convenção Batista Nacional	46
2.5. A origem dos Batistas Nacionais na cidade de Santa Maria/RS.....	53
3. METODOLOGIA EMPREGADA	58
4. PERCURSO ANALÍTICO	62
4.1. Primeira etapa: o que disse e justificou a liderança da IBN de Santa Maria/RS	62
4.2. Segunda etapa: o que disseram e justificaram os fiéis entrevistados da IBN de Santa Maria/RS.....	64
4.3. Terceira etapa: criação e comparação tipológica das categorias de teodiceia	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
ANEXO A – ENTREVISTAS COM AS LIDERANÇAS	80
ANEXO B – ENTREVISTAS COM OS FIÉIS	131
ANEXO C – TABELAS DE CÓDIGOS	267

INTRODUÇÃO

O fenômeno religioso é assunto que ainda vem chamando a atenção da investigação sociológica e, aos poucos, segmentos religiosos que não eram tão debatidos vêm ganhando certa visibilidade no interior da sociologia da religião. Sejam protestantes históricos, pentecostais ou neopentecostais. Nosso intento investigativo segue essa tendência. Nos interessa, de forma particular, o segmento protestante e, de modo singular, a Igreja Batista Nacional.

A Igreja Batista Nacional (protestante histórica que incorporou elementos do pentecostalismo) caracteriza-se, fundamentalmente, por adotar o “Batismo no Espírito Santo”. Segundo Silva (2012, p. 14), “*o Batismo no Espírito Santo é uma experiência extática e arrebatadora que coloca o fiel em contato direto com a divindade concedendo-lhe poderes sobrenaturais*”. Tal experiência proporciona manifestações de choro convulsivo, confissões em voz alta (confissão positiva) e tremores corporais. Seu surgimento data de 1965, quando houve o desligamento de 52 igrejas do rol da Convenção Batista Brasileira (CBB).

Para além da demanda por maior contato com o Espírito Santo, característica inspirada pelo pentecostalismo de segunda onda (baseada na ideia de cura divina), os Batistas Nacionais mantêm intacta a ideia de “liberdade de consciência religiosa” presente na sua origem. De acordo com Crabtree (1962, p. 27), “[...] *a liberdade completa de consciência baseia-se naturalmente na voluntariedade em religião*”. Ou seja, os batistas afirmam que a competência da alma significa responsabilidade pessoal em relação a Deus; além da liberdade pessoal de escolher, de ler e de interpretar a bíblia, nesse caso o Novo Testamento.

Consideramos esse cenário para, nesta dissertação, delimitar a Igreja Batista Nacional em Santa Maria/RS como nosso objeto de investigação. Nesse sentido, buscamos levantar a problemática que norteia esta pesquisa: de que maneira é construída a justificativa dos fiéis para a má distribuição dos bens da graça na Igreja Batista Nacional da cidade de Santa Maria/RS e qual sua relação com as tipologias de teodiceia elaboradas por Weber?

Nosso objetivo geral, portanto, será o de identificar de que maneira é construída a justificativa dos fiéis para a má distribuição dos bens da graça na Igreja Batista Nacional da cidade de Santa Maria/RS e sua relação com as tipologias de teodiceia elaboradas por Weber. Nesse sentido, em caso de confirmação desta problemática adotamos como objetivos específicos: Identificar de que maneira essa teodiceia é transmitida, considerando os meios usados e os discursos acessados para tal; comparar as teodiceias que fundamentam a Igreja

Batista de Santa Maria com os tipos ideais de teodiceia elaborados por Max Weber, ressaltando a similaridade entre ambas; e identificar os modos a partir dos quais a racionalidade (ético-prática) desses indivíduos se manifesta.

A compreensão do universo de questões aqui apontadas se sustenta no escopo teórico weberiano. Um dos principais interesses da sociologia compreensiva de Weber, no que tange a esfera religiosa, é a “racionalização do agir”, ou seja, aquele tipo de racionalidade religiosa (ético-prática) que conduzia a vida dos indivíduos orientando suas ações. A preocupação central de Weber é compreender os indivíduos através das suas ações cotidianas em relação com a ética religiosa presente nos diversos sistemas religiosos. Essa relação do sujeito com a ética religiosa tem como ponto central a questão da salvação. Pois, é através dessa última que os indivíduos religiosamente engajados irão ter as suas condutas orientadas.

Agora, sobre a estrutura da presente dissertação, ela se integra da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, o enfoque recai sobre os conceitos norteadores, aqueles que irão nos guiar. Tais conceitos, quase que exclusivamente, foram extraídos das considerações sociológicas weberiana sobre o fenômeno religioso. Os primeiros a serem apresentados foram os mais basilares, tais como as noções de ação, ação social e relação social. A escolha deles se dá justamente pela sua importância na sociologia compreensiva elaborada pelo autor, uma vez que transpõem todo seu fundamento epistemológico de investigação. Posteriormente, apresentamos as definições dadas ao fenômeno religioso, bem como seus elementos constitutivos e fixados pela sociologia. Visto que Weber não deixou uma definição sobre o fenômeno religioso, a construção da definição de religião passa, neste trabalho, por diversas perspectivas – que incluem autores como Durkheim, Berger e Giddens, mas também comentadores da obra weberiana.

Também abordamos a questão do livre-arbítrio que, em boa medida, compõe a ação motivada religiosamente. Em vista disso, apresentamos a discussão clássica sobre o assunto, tendo em vista os dois maiores expoentes, aqueles que se dedicaram à reflexão do assunto: Tomás de Aquino e Agostinho de Hipona. Da mesma forma, adotamos as reflexões weberianas sobre o assunto, justificando que, mesmo o autor sendo contra o uso da noção como suporte investigativo, ela se mostrou importante durante as entrevistas dadas e as justificativas desenvolvidas. Logo depois, apresentamos, de maneira sucinta, as duas tipologias que expressam as atitudes religiosas sobre a questão da salvação e que orientam a ação dos religiosamente motivados: ascetismo e misticismo.

Finalmente, apresentamos a questão nuclear da presente dissertação, a saber, o problema da teodiceia. A questão da teodiceia é um dos problemas mais antigos da história

religiosa. Ela expressa a incompatibilidade entre as características positivas de Deus com as negativas promovidas pelo mundo. Ela questiona a incompatibilidade do mundo com as obras de Deus. Seus primeiros indícios se formaram na religião judaica (Livro de Jó); foram mais elaborados no debate entre Leibniz e Bayle (sendo uma resposta do primeiro ao agnosticismo do segundo); até que, finalmente, ela teve sua aplicação sociológica por Weber, que se interessou mais sobre as suas consequências práticas do que sua discussão teológico-filosófica.

No segundo capítulo, foram abordadas questões de caráter mais histórico e teológico sobre o nosso objeto de investigação. Iniciamos com a história, o surgimento e o desenvolvimento do protestantismo. Num segundo momento, abordamos sua inserção no Brasil, sua vinda nas primeiras embarcações e sua implantação pelos primeiros missionários. Num terceiro momento, abordamos questões mais específicas sobre os batistas. Sua história de desenvolvimento no país e suas características teológicas. Apresentando seus elementos teológicos particulares. No quarto momento, expomos o surgimento da Convenção Batista Nacional através da cisão interna e teologicamente orientada entre alguns membros da Convenção Batista Brasileira. Além disso, expomos os motivos de tal cisão e seus elementos causais, nesse caso a centralidade da experiência extática com o Espírito Santo que para os Batistas Nacionais se dá após a conversão e para os Batistas Brasileiros se dá na própria conversão (batismo). No quinto e último momento, apresentamos a trajetória da Igreja Batista Nacional da cidade de Santa Maria/RS com base na narrativa da liderança entrevistada, tendo em vista a falta de documentos históricos suficientes sobre a história da igreja na cidade. Da mesma maneira, expomos os elementos teológicos específicos da igreja: o seu diálogo com o judaísmo e sua intenção de se basear na Igreja do Primeiro Século.

No terceiro capítulo, fizemos a apresentação da metodologia empregada e a justificativa da sua escolha, expondo, também, suas limitações epistemológicas e o enquadramento investigativo adotado para a presente dissertação. A opção por colocar a discussão metodológica somente no terceiro capítulo se deu como forma de evidenciar o que virá a seguir. Consideramos prudente colocá-la após a discussão teórica e histórica, justamente para evitar um distanciamento formal entre a apresentação da estratégia metodológica e o tratamento dos dados empíricos.

Por fim, no quarto capítulo, apresentamos aquilo que nos propomos a enfrentar: a análise relacional da justificativa dos fiéis para o mal no mundo e para a má distribuição dos bens de graça de Deus com as tipologias de teodiceia apresentadas na sociologia da ação religiosa weberiana. Partimos do discurso da liderança entrevistada (adotada como modelo);

aprofundamos a sua presença no discurso dos fiéis e a peculiaridade da justificativa dos mesmos; para, enfim, realizarmos o exercício comparativo (tipologicamente orientado) da justificativa dos fiéis e seus elementos constitutivos (empiricamente cotejados) com as tipologias enumeradas por Weber dos principais sistemas religiosos.

1. CONCEITOS NORTEADORES

Pretende-se, nesta seção, apresentar alguns conceitos que foram considerados fundamentais para o presente trabalho, oriundos da sociologia compreensiva de Max Weber. No primeiro momento, serão apresentadas brevemente as suas tipologias de ação, ação social e relação social, indo ao encontro do nosso objeto de estudo, nesse caso, os membros da Igreja Batista Nacional de Santa Maria/RS; num segundo momento, apresentaremos a visão do autor sobre a esfera religiosa, ou seja, como ele compreende esse fenômeno e como ele o define; e, por último, será apresentado o cerne da nossa discussão teórica que embasa a presente investigação, a saber, as considerações sociológicas de Max Weber sobre o fenômeno religioso e seu processo de racionalização, mais especificamente, a questão da teodiceia que nada mais é do que um conjunto de explicações ou justificativas que visam responder, dar sentido e estabelecer as contradições existentes no contexto social, natural e até biológico etc.

1.1. Ação, ação social e relação social

Como o nosso intento investigativo vai ao encontro da esfera religiosa, por ora, devemos apresentar a característica mais basilar para se compreender tal esfera. Se, na modernidade, o desenvolvimento da racionalização religiosa se concretiza através da sistematização das suas concepções de mundo e acaba pressionando os problemas revelados pelas contradições existentes na vida em sociedade, as ações dos indivíduos religiosos são tendencialmente unificadas e guiadas por esse estágio de desenvolvimento. Nesse sentido, para compreendermos, minimamente, a dinâmica da esfera religiosa, devemos nos ater à sua manifestação mais concreta e evidente, naquilo que carrega consigo tanto a dimensão material quanto simbólica dos interesses humanos, a saber: a ação religiosa.

Nas primeiras páginas de *Economia e Sociedade V.1* (2014), Weber apresenta os “conceitos básicos” que irão constituir a base da sua investigação sociológica, assim como definir o que é sociologia¹. O autor parte do pressuposto de que é o indivíduo o seu fundamento, ocupando-se da ação social, como também busca compreender sob um ponto de vista racional os motivos que desencadearam certas ações. Segundo a definição de Weber,

¹ A definição dada pelo autor para a sociologia é: “[...] uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la em seu curso e seus efeitos” (2014, p. 03).

Por “ação” entende-se, neste caso, um comportamento humano [...] sempre que e na medida em que o agente ou os agentes o relacionem com um *sentido subjetivo*. Ação “social”, por sua vez, significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de *outros*, orientando-se por este em seu curso (2014, p. 03).

Ou seja, quando o indivíduo tem a sua ação orientada em relação aos outros – quando ela é social – surge o ponto de partida da investigação sociológica e a sua tarefa é compreender o sentido ou o motivo que orienta a ação sob um ponto de vista racional. O autor, sabendo que a conduta humana possui uma imensa variedade, buscou elaborar algumas tipologias² acerca dessas ações para compreender os seus elementos determinantes. A primeira, a *ação social racional referente a fins* ocorre quando há expectativas em relação aos objetos ou pessoas. Essas expectativas operam como meios ou condições para obter racionalmente os objetivos desejados. O indivíduo busca racionalizar os meios mais adequados para se obter o que deseja, ou seja, a essência dessa ação são os meios estabelecidos racionalmente pelo indivíduo.

A segunda, a *ação social racional referente a valores* ocorre quando os indivíduos agem pela crença consciente em valores (éticos, religiosos, etc). Nesse tipo de ação o indivíduo se pauta pelas crenças e convicções éticas, morais, estéticas etc, em detrimento das possíveis consequências. O terceiro tipo, a *ação social tradicional* é determinada pelo “costume arraigado”. Pois, frequentemente não passa de uma reação surda a estímulos habituais que decorre em direção da atitude arraigada (WEBER, 2014, p. 15). Por último, temos a *ação social afetiva*, que é determinada por afeto ou estado emocional. Ela envolve sempre um impulso imediato e “*é quase indistinguível do comportamento reativo*” (SCHLUCHTER, 2011, p. 328).

É importante acentuar que para Weber esses quatro tipos de ação são concebidos de maneira progressiva no que tange o grau de racionalidade, ou seja, as ações se desenrolam conforme o primeiro modelo, maior é o seu grau de racionalidade. A partir desses modelos de ação social elaboradas por Weber, podemos verificar que quando o indivíduo organiza a sua

² Essas tipologias (tipos ideais) são construções mentais elaboradas pelo indivíduo. Elas representam os fatores mais salientes acerca da realidade, além de, ajudar a dar uma forma lógica da realidade, que não pode ser representada em sua totalidade ou em si, devido à sua complexidade. Segundo o próprio autor, “obtem-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isolados dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento” (WEBER, 1991, p. 106).

ação com base nos outros agentes, temos o que ele chama de *relação social*. Por relação social,

[...]entendemos o comportamento reciprocamente referido quanto a seu conteúdo de sentido por uma pluralidade de agentes e que se orienta por essa referência. A relação social *consiste*, portanto, completa e exclusivamente na *probabilidade* de que se aja socialmente numa forma indicável (pelo sentido), não importando, por enquanto, em que se baseia essa probabilidade (WEBER, 2014, p. 16).

Ela ocorre quando o sentido da ação social é reciprocamente referido, ou seja, quando cada indivíduo orienta a sua ação conforme a ação dos outros agentes. Elas podem se dividir em efêmeras e regulares. Por efêmeras, compreende-se aquelas relações sociais de pouca duração, passageiras ou contingentes; por regulares, aquelas que segundo Weber realmente importam para a investigação sociológica, sendo explicadas pela vigência de uma ordem legítima. Essas últimas estão diretamente ligadas com a crença na validade moral das condutas que são garantidas pelas convenções sociais ou pelo direito.

Compreende-se de suma importância para os fins do presente trabalho, apresentar as variantes das relações sociais propostas pelo autor. A primeira, que mais importa para os nossos objetivos, denomina-se *relação comunitária*. Ela existe quando há na atitude da ação social, um sentimento subjetivo dos participantes de pertencer ao mesmo grupo (por exemplo, um grupo religioso). Ela pode apoiar-se em todas as espécies de fundamentos afetivos, emocionais ou tradicionais.

Por sua vez, denomina-se *relação societária* quando a atitude da ação social repousa numa união de interesses comuns ou racionalmente motivados (com referência a valores ou fins). Contudo, elas podem possuir um aspecto fechado ou aberto. Quando ela é aberta, qualquer indivíduo pode fazer parte de uma comunidade ou sociedade, enquanto que, quando ela é fechada existem regras que limitam a participação do indivíduo. É a partir deste segundo aspecto que surge o que o autor chamou de *associação*³. Partindo dessa reflexão, é possível, portanto, compreender como a perspectiva weberiana considera a orientação da ação social a partir de motivações sociais. Dessa forma, será importante para este trabalho compreender a

³ Por associação, compreende-se uma relação social fechada para fora ou cujo regulamento limita a participação quando a observação de sua ordem está garantida pelo comportamento de determinadas pessoas. Isso quer dizer que o elemento que define a existência de uma associação é a figura do dirigente e, eventualmente, de um quadro administrativo (SELL, 2013, p. 116). Podemos perceber esse tipo de associação na figura de uma empresa, por exemplo.

forma como a visão religiosa dos batistas justifica as relações sociais embasando as visões de mundo.

1.2. Religião

No contexto sociológico, a religião pode ser compreendida como “*um sistema cultural de crenças e rituais comuns e compartilhados, que proporciona um senso de significado e propósito finais, criando uma visão da realidade que é sagrada, abrangente e sobrenatural*” (GIDDENS, 2012, p. 483). Para Giddens (2012), a religião pode, portanto, ser compreendida como uma forma de cultura porque é balizada por crenças, normas, ideias e valores compartilhados que criam uma identidade comum entre um grupo de pessoas. A partir dessa dimensão, compreendemos que a religião envolve certas crenças que assumem formas ritualizadas, refletidas em aspectos comportamentais que singularizam e identificam os crentes como parte de uma comunidade. Além disso, a religião proporciona um “senso de propósito”, o compartilhamento de uma ideia de significado, especialmente referencial quanto àquilo que transcende ou obscurece a vida cotidiana.

Existem alguns autores clássicos nas Ciências Sociais que se propuseram a definir o fenômeno religioso em si. A partir da análise do totemismo australiano, o sociólogo Émile Durkheim, em *As formas elementares da vida religiosa* (1996), o definiu como “*um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas*” (DURKHEIM, 1996, p. 32). Dentro de tal sistema solidário encontram-se os conceitos de sagrado e profano. De acordo com Durkheim, religião refere-se diretamente ao sagrado. Esse sagrado nada mais é do que algo superior aos homens, que o percebem de maneira difusa, manifestando-se como força do social sobre eles mesmos. Tal força é a expressão da superioridade da sociedade sobre o indivíduo e a religião expressa a mesma. Logo, para ele a religião é a sociedade transfigurada. Para o autor, a essência do fenômeno religioso está na distinção de duas esferas: a esfera sagrada e a esfera profana. Nas palavras do próprio Durkheim,

Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação de coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras profano e sagrado traduzem bem. A divisão do mundo em dois domínios que compreendem, um, tudo o que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso: as crenças, os mitos, os

gnomos, as lendas, são representações ou sistemas de representações que exprime a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhe são atribuídos, sua história, suas relações mútuas e com coisas profanas (1996, p. 19).

Portanto, a primeira é composta pelo conjunto de crenças e ritos que fazem parte do que é considerado fenômeno religioso, além de implicar uma ordem transcendente e perigosa⁴. Por crenças podemos entender tudo que é envolvido por aspectos cognitivos ou culturais; e por ritos, tudo aquilo que contém em si aspectos materiais e institucionais em relação à esfera sagrada e que se concretizam na ação ou no comportamento dos indivíduos. Tais crenças quando são compartilhadas (moralmente) por um determinado grupo, fundamentam a formação da “igreja”⁵. A segunda, a esfera profana, é definida como a oposição do sagrado, ou seja, constitui a esfera das atividades práticas da vida ou o mundo comum da existência humana. Segundo Maia (2012, p. 24), “*o sagrado surgiria para situar o homem religioso em meio ao caos*”. Esse último nada mais é do que a falta de referência existencial. Portanto, o sagrado oferece sentido à existência no mundo profano, explicando sobre o funcionamento do mundo e porque certas situações ocorrem. Para Berger (1985, p. 07), “*a religião inclui o construído num mundo mais abrangente – sagrado – que legitima, justifica e explica as mazelas do cosmos construído*”.

Para se ter uma relação de qualidade com esse sagrado, surgem uma série de práticas que procuram organizar o contato com o mesmo e acabam originando os ritos. Tais ritos podem se dividir em três classes, a saber, positivos, negativos e de expiação. Esses últimos definem-se por cerimônias de perdão pelas violações cometidas; os ritos positivos constituem-se das obrigações que os indivíduos têm em relação ao sagrado; enquanto que, os ritos negativos constituem-se pelas restrições que os indivíduos devem acatar, para que possa se relacionar com o sagrado. Segundo Maia,

Para Durkheim o rito negativo é mais do que um conjunto de proibições e abstenções. O rito do tipo negativo é, ainda, uma condição de acesso ao rito positivo. Ao se abster de aspectos da vida profana, o indivíduo passa a se aproximar mais da

⁴ Sobre essa ordem sobrenatural do sagrado, Berger (1985, p.39) a considera “como algo que ‘salta para fora’ das rotinas normais do dia a dia, como algo de extraordinário e potencialmente perigoso”, mas que apesar disso, é capaz de ordenar a vida do homem religioso no mundo profano.

⁵ Durkheim ao apresentar a noção de igreja ou comunidade moral, oriunda da noção de religião, faz isso em contraste com a noção de magia. Pois segundo o autor “o mágico não tem a menor necessidade, para praticar sua arte, de unir-se seus confrades. Ele é sobretudo um isolado; em geral, longe de buscar a sociedade, a evita. [...] Ao contrário, a religião é inseparável da ideia de igreja” (DURKHEIM, 1996, p. 29). Complementa ainda o autor que “Uma igreja não é simplesmente uma confraria sacerdotal; é a comunidade moral formada por todos os crentes de uma mesma fé, tanto os fiéis como os sacerdotes” (DURKHEIM, 1996, p. 30).

vida sagrada, tornando-se assim mais apto a participar do mundo sagrado, e é justamente essa a função do rito positivo (2012, p. 27).

Logo, para Durkheim esse sistema solidário de crenças e práticas que os indivíduos têm em relação ao sagrado, resulta na coesão social em sociedades com solidariedade mecânica. Por seu turno, Max Weber, ao desenvolver sua teoria sobre o campo religioso não se preocupa em definir⁶ antecipadamente o que “é” religião, pois ele não está preocupado em investigar a essência da religião. Tanto que, ao invés de definir a essência do fenômeno religioso, como de fato era reivindicado pelos “sociólogos da religião⁷”, Weber, mesmo tendo contato com filósofos, teólogos e cientistas da religião, preferiu analisar as propriedades da ação religiosa ou daquelas motivadas magicamente, “*o que significa, em última instância que, mais do que uma ‘sociologia da religião’ (perspectiva holista), o que Weber desenvolve é uma ‘sociologia da ação religiosa’ (perspectiva individualista)*” (SELL, 2015, p. 15). E, mais, a aproximação weberiana do fenômeno religioso é perspectivista⁸ e ele apreende desde o início o ângulo sociológico de análise e:

[...] neste prisma, a sociologia weberiana das religiões funda-se na orientação de sentido do agir e possui tanto uma dimensão material quanto simbólica. Dito de outro modo: Weber não responde o que “é” (do ponto de vista metafísico) a “religião”, mas oferece uma plataforma para a análise das “ações mágico/religiosas” (suas precondições, sentido e efeitos) e seus múltiplos desdobramentos sociais (atores, grupos religiosos, comunidades etc.) e culturais (religiões). (SELL, 2013, p. 84).

O autor está, na verdade, preocupado com as condições e os efeitos que são gerados por esse tipo de *ação comunitária*⁹ cuja compreensão só pode ser tangível a partir do sentido

⁶ É sabido que, devido a sua morte, Weber não deixou aquela definição prometida no capítulo 5 (sociologia da religião, tipos de relações comunitárias religiosas) de economia e sociedade. Porém, segundo Cipriani, “podemos conseguir alguns indícios dispersos nas suas obras. Como exemplo, “ele fala de ‘sistemas de regulação da existência’, que conseguiram ‘reunir a seu redor uma fila particularmente cerrada de fiéis’” (WEBER, 1976 apud CIPRIANI, 2007, p. 08). Ou então, conforme Séguéy (1971 apud CIPRIANI, 2007, p. 09), a não-definição de Weber, “está no mal-estar weberiano de prosseguir um debate demasiadamente datado e obsoleto como o de Feuerbach sobre a essência da religião”.

⁷ Para Turner (1996, p. 142, tradução nossa), “ a sociologia da religião em si, é claro, é muito herdeira, intelectualmente, das perspectivas de Strauss, Feuerbach e Troeltch e das perspectivas teológicas, ainda presentes, da escola de Gabriel Le Bras”.

⁸ Influenciado pela epistemologia perspectivista ou relativista de Friedrich Nietzsche (1844-1900) que tinha como fundamento a ideia de que o sujeito só percebe a realidade restrita ao seu ponto de vista. Sendo assim, a perspectiva era para o filósofo o único instrumento capaz de ver o mundo.

⁹ O conceito de *ação comunitária* posteriormente foi substituído pelo de *ação social*.

que é dado pelos agentes praticantes. Os indivíduos, quando agem religiosamente, tendencialmente visam permanecer o maior tempo possível sobre a face da terra, ou seja, “*a ação dita religiosa é mundana nos bens que ela visa, intramundana no fim subjetivamente visado*” (PIERUCCI, 2003, p. 83). Mais ainda, para compreender melhor o campo religioso, Weber realizou a distinção entre igreja e seita, assim como realizou também a distinção entre religião e magia.

No primeiro caso, segundo a interpretação realizada por Bourdieu em *A economia das trocas simbólicas* (2013), Weber considera que

[...] a igreja em sua condição de depositária e administradora de um carisma de função (ou de instituição), opõe-se à seita vista como “comunidade de pessoas qualificadas carismaticamente de maneira estritamente pessoal” Ademais, a empresa burocrática de salvação é incondicionalmente hostil ao carisma “pessoal”, isto é, profético, místico ou extático, que pretende indicar um caminho original em direção a Deus [...] (BOURDIEU, 2013, p. 95).

Portanto, podemos perceber que a igreja é mais estabelecida (no sentido organizacional) e maior do que a seita que, por sua vez, é menor e conta somente com a associação voluntária de pessoas religiosa e moralmente qualificadas. Além disso, a Igreja conta com uma organização interna mais complexa do que a seita, ou seja, ela conta com um corpo de profissionais (sacerdotes) organizados, uma estrutura burocrática e hierárquica. Esses profissionais¹⁰ possuem a legitimidade de assegurar e produzir as ideologias religiosas, assim como racionalizam os dogmas e os cultos que são consignados em livros sagrados e que apresentam a doutrina sistematicamente. Em síntese, “*os sacerdotes tratam de sistematizar as crenças estabelecidas, com o fim de proteger sua posição contra possíveis ataques e combater o ceticismo e a indiferença*” (BENDIX, 1986, p. 94).

Por sua vez, a oposição entre religião e magia é de suma importância para as investigações do campo religioso realizadas por Weber. Pois, tanto religião quanto magia são duas formas de relação com o “sagrado”. Conforme Pierucci,

[...] a magia representa para Weber o momento anterior da religião, com nítida afinidade eletiva com o estágio “animista” de uma humanidade imersa num mundo

¹⁰ [...] “sacerdotes” aqueles funcionários profissionais que, por meios de veneração, influenciam os deuses, em oposição aos magos, que forçam os “demônios” por meios mágicos. Mas o conceito de “sacerdote” de muitas grandes religiões, também o da cristã, inclui precisamente a qualificação mágica. Ou então denominam-se “sacerdotes” os funcionários de uma empresa permanente, regular e organizada, visando à influência sobre os deuses, em oposição à utilização individual e ocasional dos serviços dos magos (WEBER, 2014, p. 294).

cheio de espíritos, não essencialmente bons nem essencialmente maus, apenas capazes de influir “favorável” ou “prejudicialmente” nos *affaires* humanos, povoando invisivelmente um universo concebido de forma não dual (pois dual é o mundo pensado pela religião) (PIERUCCI, 2003, p. 69).

Neste sentido, a magia sendo o momento anterior da religião, possui uma visão de mundo monista, ou seja, o homem enxergava a vida e o mundo dominado por forças impessoais e divinas. Tudo que existe possui uma alma. Logo, ela representa o estágio primitivo da humanidade e da religiosidade. Essa transição de uma visão de mundo monista para uma dualista¹¹ que demarca bem a passagem da magia para a religião, foi realizada pelos intelectuais que necessitavam compreender o mundo como um cosmos pleno de sentido. Em que sentido? A magia para os intelectuais aparecia como um tipo de racionalidade teológica de *curto prazo*, sendo em sua essência uma racionalidade prático-técnica com pobreza teórica. Ou seja, ela não dava significado algum comparada com as visões metafísicas religiosas que tomaram o seu lugar posteriormente.

Dando seguimento à discussão anterior, nem todos os sistemas religiosos mundiais possuem uma visão de mundo dualista, como por exemplo, as religiões orientais ou religiões culturais (afirmação do mundo: sem a presença de uma ética religiosa capaz de levar o indivíduo a negar a realidade secular¹²). Mas, contudo, elas possuem também as suas visões de mundo metafísica religiosa. Partindo dessas visões de mundo que atingiam também as visões acerca do divino, Weber realizou uma classificação desses sistemas religiosos.

De acordo com Weber, as religiões orientais (hinduísmo, budismo, taoísmo e confucionismo) possuíam uma visão cosmocêntrica do divino (deus-intramundano). Porém, o judaísmo¹³ (*Yahvé* ou Jeová) e o islamismo (*Allah* ou Alá)¹⁴ sendo também religiões orientais, possuíam, diferentemente daquelas, uma pretensão ao monoteísmo e uma visão teocêntrica da

¹¹ Essa visão de mundo dualista em oposição à visão de mundo monista, representa uma concepção de que existem dois mundos, ou seja, existe “este mundo” (natural) e o “outro mundo” (sobrenatural). Este último é o mundo dos espíritos, do Deus soberano (para algumas religiões). Em suma, um mundo superior.

¹² Um exemplo desse tipo de religiosidade pode ser vista no confucionismo e no taoísmo. Essas religiões chinesas estavam “estagnadas” num universo mágico ou para falar como Weber: “imersas em um jardim mágico”.

¹³ O judaísmo diferentemente das outras religiões é a única que não se enquadra na tipologia “religião mundial”, pois de acordo com os interesses sócio-investigativos de Weber o seu papel histórico de desenvolvimento, está preocupado com o seu povo.

¹⁴ Além da própria obra “*Ancient Judaism*” (1967) sobre o judaísmo antigo, a questão da visão de mundo religiosa judaica e a origem do racionalismo ocidental, existem muitos materiais que contemplam os fragmentos weberianos sobre o islamismo. É sabido que um tratado sobre o islamismo fazia parte do seu projeto sistemático d’as religiões mundiais (contemplaria o quarto volume), porém devido à sua morte tal projeto não foi concluído. Pierucci (2002) e Schluchter (2011) dedicaram algumas considerações de como o autor enxergava o Islã. Existem também, por outro lado, trabalhos críticos em relação à visão de Weber sobre o islamismo. Ver Turner (1974) e (1989).

divindade. Na Índia, por exemplo, existia uma visão imanente do divino e a valorização da prática mística pelos monges (misticismo extramundano), e teve como consequência um racionalismo de “fuga do mundo”. Por sua vez, na civilização chinesa também foi adotada uma visão imanente do divino, contudo, a prática mística era direcionada para dentro do mundo (misticismo intramundano) que acabou desenvolvendo um racionalismo de “acomodação do mundo”.

Já algumas religiões de salvação¹⁵ combinaram uma visão teocêntrica do divino, além de adotarem um ascetismo intramundano que tinha como finalidade um racionalismo de dominação do mundo. Resumindo, nas religiões ocidentais, o divino criou o mundo e se posiciona acima dele, assim como a existência do mundo é um ato de sua vontade. Enquanto que, nas religiões orientais, o divino e o terreno são a mesma realidade, ou seja, a divindade e o mundo formam o todo.

A respeito das visões de mundo, as religiões chinesas (confucionismo e taoísmo) possuíam uma visão positiva do mundo, enquanto que as religiões indianas (hinduísmo e budismo) e as ocidentais (protestantismo ascético e cristianismo ocidental) possuíam uma visão negativa acerca do mundo¹⁶. Todas as religiões analisadas por Weber eram definidas como religiões de salvação ou soteriologias e apresentaram duas grandes tendências em relação aos métodos de salvação. Segundo Sell,

Na civilização ocidental predominou a via ascética. Através do ascetismo, o fiel entende que deve agir como instrumento da divindade. O elemento valorizado nesta forma de conduta religiosa é essencialmente prático e envolve sempre a ação. Já na civilização oriental predominou a via mística. Através do misticismo o fiel deve se unir espiritualmente ao divino. O elemento preponderante é teórico e envolve a contemplação (2013, p. 126).

¹⁵Vale a pena ressaltar, as religiões de salvação não são somente ligadas à religiões ocidentais, pois algumas religiões orientais como o hinduísmo e o budismo visam uma fuga do mundo para se adquirir a salvação. Além disso, afirma Pierucci (2006), que as religiões universais de salvação têm como característica fundamental a conversão de todas as pessoas, direcionando uma religião de origem para uma de escolha, dissolvendo laços sociais antigos e criando novos.

¹⁶ É importante ressaltar que essas visões de mundo apresentadas se moldam diferentemente em outras religiões. Por exemplo, o islamismo, em relação a essas outras religiões possui uma ambígua característica, segundo Schuluchter. Ela ao mesmo tempo que rejeita o mundo, caba afirmando o mundo. Essa ambiguidade pode ser encontrada na sua noção de *Jihad* (guerra santa) que mesmo sendo realizada no mundo, não carrega consigo uma conotação negativa, pelo contrário, ela é vista como algo positivo, para a glória de *Allah*. O espírito aventureiro daquele estrato guerreiro descrito por Weber, não tinha qualquer pretensão ou interesse de racionalizar a sua vida, como o asceta protestante. “ Também é comum, para uma camada de guerreiros cavaliários, buscar interesses exclusivamente mundanos e ficar distante de todo ‘misticismo’, mas essas camadas ‘careceram’ – e isso é característico do heroísmo em geral - do desejo e da capacidade de um domínio racional da realidade” (PIERUCCI, 2002, p. 91).

Através dessa comparação entre o Ocidente e o Oriente, no que tange a esfera religiosa, observamos que Weber não estava somente interessado em investigar uma dimensão da esfera religiosa, seja teológica, filosófica ou científica enquanto tal, mas estava, principalmente, interessado na “racionalização do agir”, ou melhor dizendo, na conduta de vida. Noutras palavras, interessava a ele a *racionalidade prática* em seus dois leitões ou cursos principais: *a racionalização prático-técnica e a racionalização prático-ética* (PIERUCCI, 2003, p. 147). Contudo, mesmo Weber estando mais interessado na racionalidade prática ou do agir, no que tange as ações dos indivíduos, ele ainda considera de suma importância essa virada teórica que a religião sofreu dos intelectuais com nítidas pretensões sobre a vida prática dos leigos, buscando fidelidade à doutrina nascente. Sendo assim, como prometido, uma pequena digressão sobre os intelectuais e o processo de sistematização religiosa vê-se necessária.

Como mencionado anteriormente, magia e religião são duas instâncias que se relacionam diretamente com o sagrado. Todavia, a magia não oferecia sentido às mazelas do mundo, assim como, não oferecia uma via de salvação duradoura que se instalasse no indivíduo qualitativamente. Ela não é capaz de instalar no indivíduo uma racionalidade de conduta de vida, não instala um *habitus* sagrado e permanente como as formulações religiosas. Entretanto, mesmo a magia sendo considerado por Weber como o pólo mais irracional e a religião o mais racional, ela possui, mesmo que minimamente alguma racionalidade. Mas, a sua racionalidade¹⁷ não possui a qualidade teórica, sistêmica ou ética capaz de travejar coerentemente com a conduta de vida. Antes de tudo, magia é uma racionalidade “*subjetivamente significativa apenas encarada e avaliada de modo avulso, desconexo, desconjuntado*” (PIERUCCI, 2003, p. 80). Magia é prático-técnica, não prático-ética, muito menos teórica, ou seja, é um ato de racionalidade prática subjetivamente racional com relação a fins, ainda que com meios irracionais.

Ela, a magia, se distingue dos interesses religiosos devido ao seu caráter parcial e imediato. Destarte, ela coage o sagrado, blasfema, desvaloriza as ações cotidianas do homem no mundo, ela peca¹⁸ e não proporciona uma boa relação com o divino devido ao seu caráter

¹⁷ Por se tratar de um conceito polissêmico, Weber distinguiu dois pares de racionalidade. O primeiro par, racionalidade formal e material refere-se às instituições presentes na modernidade e visa explicar a lógica das esferas econômicas, políticas, jurídicas e científicas. O segundo par, racionalidade teórica e prática diz respeito ao processo de racionalização das religiões, o mais interessante para os nossos propósitos.

¹⁸ A passagem da magia à religião, representa também mudanças na concepção do tabu para a noção de pecado. Agora o prejudicial foi substituído pela noção de “mal”, assim como, outras noções como; coerção divina para serviço divino; conjuração para súplica ou oração.

coercitivo, enquanto que religião é respeito, prece, culto e doutrina. Esse processo das elucubrações metafísico-religiosas que desencantaram o mundo da magia como meio de salvação, tiveram, de acordo com Weber, o seu desenvolvimento a partir do judaísmo antigo¹⁹ e, em associação com o pensamento científico helênico, que repudiava todos os meios mágicos para se obter a salvação.

Era necessário para os adeptos da magia abrir mão dos seus métodos e se entregar à concepção de que existe um poder superior que salva e que a benevolência divina pode ser ganha, não pela sua conjuração, nem por sua coação, mas sim, pela devoção obsequiosa. Somente o pragmatismo religioso é capaz de formular uma racionalização do agir porque consegue distinguir em sua visão dualista o “ser” e o “dever ser”, oferecendo uma moralização duradoura da conduta de vida. Esse processo de moralização religiosa se intelectualizou de cima para baixo na estrutura social, por homens que tinham as suas ações guiadas por ideias. Ideias são aquelas imagens de mundo, aqueles pontos de vista que articulam a relação do homem com o mundo.

Essas “imagens de mundo” devem sua existência, segundo Tenbruck (apud Pierucci, 2003, p. 92), “[...] *à necessidade, e à busca, intelectual de uma narrativa coerente do mundo, e como tal, são criadas predominantemente por grupos religiosos, profetas e intelectuais*”. Portanto, a religião enquanto tal teve um progresso de racionalidade teórica, ou seja, uma consistência interna e sistêmica de sua imagem de mundo. Houve um certo momento em que os homens passaram a olhar os fenômenos do meio ambiente, não mais como forças imanentes nas próprias coisas, mas como seres que se escondiam por trás dessas coisas. Logo, os homens personificaram esses seres ou entidades pessoais, desencadeando assim, ao longo do processo histórico, o conceito monoteísta de um Deus supramundano ou supraterrâneo.

Posteriormente, essa divindade personificada ao longo da história foi representada como uma divindade que recompensa e castiga, desdobrando a ideia de que os destinos dos homens neste mundo, ou no além, dependem essencialmente da obediência aos preceitos éticos. Essa nova ideia apareceu junto com a profecia emissária do judaísmo antigo, pois essa doutrina nascente entendeu que os homens deveriam se compreender como instrumento de Deus, ou seja, um instrumento que age no mundo²⁰.

¹⁹ Esse processo de desencantamento do mundo, somente ocorreu no interior das religiões ocidentais, pois no Oriente, as religiões incorporaram e não eliminaram a magia como meio de salvação (confucionismo e taoísmo). Devido a este fato, Weber considerava o Oriente e as suas religiões como um “jardim encantado”, pois não teve o mesmo processo de racionalização que caracteriza o desenvolvimento do Ocidente.

²⁰ Essa ideia de que o homem deve enxergar-se como instrumento de Deus, posteriormente foi reelaborada pelo protestantismo e gerou a noção de predestinação.

Outro fator importante que caracteriza essa superação da magia pela religião, foi a noção de que as práticas mágicas são práticas extracotidianas e extraordinárias. Elas não são realizadas a todo instante. Elas não valorizam o cotidiano. Para Pierucci,

[...] o desencantamento do mundo é entendido como desvalorização dos meios mágicos de salvação na medida em que, em sua extracotidianeidade constitutiva, essas práticas “desvalorizam” religiosamente o trabalho profissional cotidiano no mundo como *locus* das boas relações com o invisível (2003, p. 95).

Desse modo, os meios mágicos de salvação não eram eficientes o bastante para atender as demandas das camadas intelectualizadas, que possuíam interesses ideais. Ela só teve a sua eficácia entre os camponeses e entre as massas em geral, que possuíam, por sua vez, interesses materiais.

A necessidade racionalista do intelectualismo era compreender o mundo e a vida cotidiana plena de sentido. Segundo Weber,

[...] A salvação que o intelectual busca é sempre uma salvação de “aflição íntima” e, por isso, por um lado, de caráter mais estranho à vida, porém, por outro, de caráter mais profundo e sistemático do que a salvação da miséria concreta que é própria das camadas não privilegiadas. O intelectual, por caminhos cuja casuística chega ao infinito, procura dar a seu modo de viver um “sentido” coerente, portanto, uma “unidade” consigo mesmo, com os homens, com o cosmos. Para ele, a concepção do “mundo” é um problema de sentido (2014, p. 344).

Não se trata apenas de postular o mundo como ordenadamente significativo ou como um cosmos *com* sentido e com uma lógica compreensível, mas, sobretudo, que a vida cotidiana *seja* dotada de sentido, que seja significativa, que tenha um propósito. Conforme a magia foi sendo repelida pelo intelectualismo, os processos do mundo, obviamente, ficaram desencantados, resultando na exigência cada vez mais explícita de que o mundo, como um todo, e a conduta de vida fossem significativos e plenos de sentido.

Visto que as contradições existentes no contexto social, junto com a necessidade de que a conduta de vida fosse dotada de sentido, implicaram na necessidade de criar argumentações racionalizadas acerca dos problemas vigentes no corpo social. Essas argumentações ou conjuntos de explicações são conhecidos como teodiceias. A teodiceia é uma proposta religiosamente racional-argumentativa, que visa estabelecer elementos lógicos capazes de tornar os fatores conflitivos e aflitivos da realidade dotados de significação e

sentido. Além de essas argumentações serem capazes de fundamentar e orientar as ações de indivíduos ou grupos sociais religiosamente engajados.

1.3. A questão do livre-arbítrio

A origem do mal ou do pecado, enquanto problema moral, é uma das principais questões religiosas, especialmente pelo seu vínculo com a vontade humana. Essa última, sendo considerada como um *bem* ou um *dom* concedido por Deus²¹ ao homem, define-se pela ideia de *livre-arbítrio*. Tal ideia, longamente discutida na tradição filosófica, seja na doutrina maniqueísta, neoplatônica ou escolástica, fundamenta-se pela busca da inocência de Deus, muitas vezes acusado por ser o autor do mal. Já que a tradição é longa, iremos nos ater somente em dois autores que discutiram a questão de maneira exaustiva, além, é claro, um que abordou a questão criticamente sob roupagens sociológicas. Os dois primeiros são Santo Agostinho (1995) e Tomás de Aquino (2015), o terceiro é Max Weber (2016) que discutiu o assunto mais detalhadamente na sua *Metodologia das Ciências Sociais*²².

Agostinho de Hipona, compreende o *mal* ou o *pecado* como um mau uso (abuso) da liberdade humana. Mas, essa foi uma compreensão tardia no pensamento do autor. Ao longo de sua vida, o autor foi influenciado por diversas²³ correntes de pensamento na sua busca pela origem do mal e sua relação com a liberdade do homem. Não ficando satisfeito com as considerações feitas sobre a questão, o autor buscou superá-las e criar a sua própria teoria sobre essa relação. Em *O livre-Arbítrio* (1995), Agostinho, em forma de diálogo, discute com seu amigo Evódio sobre a relação, considerada problemática, da liberdade humana com a origem do mal. A discussão foi motivada pela rejeição de Agostinho em aceitar Deus como causador do mal. Deus, sendo todo-poderoso e bondoso, criou todas coisas por meio do seu Verbo, constituindo toda sua obra o reflexo da bondade e da perfeição.

Para se descobrir a origem do pecado é necessário conhecer a sua essência. Saber o que isso significa. Pecar é “*submeter suas vontades às paixões, ou preferir aos bens propostos pela fé eterna uma satisfação pessoal*” (OLIVEIRA, 1995, p. 14). O pecado, para Agostinho, é colocado em segunda posição na sua classificação do mal. Enquanto *mal moral*, o pecado depende, exclusivamente, da nossa vontade. Ele é fruto das nossas más escolhas, visto que existe uma infinidade de bens na Terra. Ele vem acompanhado de outros dois tipos:

²¹ Principalmente nas religiões monoteístas.

²² Principalmente na sua crítica à concepção histórica de Eduard Meyer e a carga valorativa atribuída por esse na ideia de “livre-arbítrio”.

²³ As principais foram o maniqueísmo e o neoplatonismo.

metafísico-ontológico e um físico²⁴. A liberdade entra na dimensão da possibilidade, pois sem a *graça divina* ela tem a possibilidade de fazer o mal. A verdadeira liberdade é a possibilidade não fazer o mal.

Por outro lado, na questão 24 das *Questiones disputatae De Veritate* (1256-1259, em Paris), Tomás de Aquino elabora 15 artigos (que não iremos apresentar integralmente, apenas de maneira sucinta) sobre a ideia de livre-arbítrio e sua relação com as criaturas de Deus, especialmente com os homens. O autor resgata o tema da liberdade humana, dada por Deus, a partir do dualismo filosófico grego: *acaso vs destino*²⁵. Fazendo parte do legado cristão, Aquino, como também Agostinho, concebe a liberdade humana não mais como um *poder* (baseado na razão e na vontade), mas como um *dom* de Deus dado ao homem para que ele faça o bem e evite o mal. O bem último da vontade humana seria saciado pela realização do bem ou da bondade. A natureza livre do homem, ainda para o autor, não seria fortalecida somente por ele, mas, também, “*pelo auxílio divino*²⁶, *para que fortalecida a natureza da liberdade, possa ela vir a lograr alcançar o seu bem mais perfeito*” (FAITANIN, VEIGA, 2015, p. 23).

Porém, como Deus deu ao homem a capacidade de agir livremente, concebe-se o mesmo como suscetível ao erro e ao pecado. Nesse sentido, o pecado é voluntário, pois sendo parte do mal, divide lugar com a bondade na vontade humana. O pecado, diz Aquino (2005, p. 345), “*só existe se a vontade é o motor inicial*”. No entanto, vale ressaltar, que Aquino não atribui à vontade a gênese do pecado, outras potências da alma também causam esse mal. A vontade, entretanto, “*é que tem a supremacia*” (TURMINA, 2014, p. 74). A grande diferença entre essas duas obras é que Aquino, perceptivelmente, inspira-se em Agostinho, mas adiciona argumentos lógicos²⁷ no raciocínio teológico, demonstrando a dificuldade de atribuir a Deus a origem do mal ou do pecado.

²⁴ O metafísico-ontológico diz respeito à graus existentes no cosmos. Graus de seres que, em relação à Deus, são inferiores. Já o mal físico, diz respeito ao sofrimento e a morte. É puro reflexo do pecado original.

²⁵ O *acaso* comporta a ideia de que certas ações não teriam qualquer relação com a autonomia ou controle sobre elas. Elas seriam livres de qualquer escolha ou intencionalidade. Já o *destino* abarcaria a ideia de necessidade (ou necessário, concepção aristotélica que se vincula com a de contingente), uma vez que a sua natureza humana estaria destinada a tomar certas decisões, das quais não poderia escapar.

²⁶ Concebido como *graça* ou *graça de Deus*.

²⁷ O método usado por Aquino, ao contrário de Agostinho, era conhecido por “questões disputadas”. Durante a época da Escolástica, principalmente nas universidades do Século XIII, os professores, durante suas atividades acadêmicas, compunham exaustivas pesquisas para o exercício da docência. A composição era feita através da junção de comentários, exposições, reunião de sentenças e sumas. O objetivo percorria dois caminhos lógicos: *lectio* e *disputatio* de uma *quaestio*. A *lectio* consistia na leitura e comentário de um texto escolhido; enquanto que, a *disputatio* consistia na disputa analítica de uma dada questão. O resultado era a composição de argumentos *pro* e *contra*, seguida de uma *solução* com valor de verdade lógica.

Por fim, Weber, diferentemente de Agostinho e Aquino, foi bastante crítico em relação à noção de livre-arbítrio. Ele não atribuía à noção uma dimensão valorativa. A crítica feita à dimensão valorativa foi exposta na sua polêmica com Eduard Meyer. Esse último, segundo Weber, atribuía ao livre-arbítrio um papel importante na história, considerando importante o ato livre em prol de certas escolhas, dividindo espaço com a noção de “acaso”. Para Weber, conforme Ringer (2004, p. 64), a noção de livre-arbítrio era “*metodologicamente desastrosa*”, pois fugia totalmente dos limites da pesquisa histórico-empírica. A existência ou não da noção, nas palavras do próprio Weber,

é algo que transcende totalmente os limites de sua pesquisa, e, portanto, de maneira nenhuma pode servir como fundamento da ‘pesquisa histórica’. Numa formulação negativa, poderíamos dizer que a situação é tal que ambas as ideias não podem ser verificadas ‘empiricamente’, e, portanto, não deveriam ter influência na pesquisa prática e fatural (2016, p. 199).

Além disso, o autor buscou refutar a ideia de “determinismo” em conjunto com a ideia de livre-arbítrio, dado que para o pesquisador (ou historiador) essas noções são “*bastante irrelevantes [...] independente de como se entende este termo -, seja por motivos religiosos ou por quaisquer outros motivos que se acham além de qualquer possibilidade empírica de verificação*” (WEBER, loc.cit).

Mesmo que o autor considere tal noção como “sociologicamente irrelevante”, nós a adotamos, por oposição, como relevante. Ela faz parte do discurso e da visão de mundo exposta pelos nossos entrevistados. Ela deve, sim, ser levada em conta, mesmo que a sua manipulação deva ser cautelosa. Levando em conta seus limites e sua significância.

1.4. Ascetismo e misticismo

Na sua análise sociológica da ação religiosa, o conteúdo de uma determinada religião, para Max Weber, está nas promessas que ela faz. Tais promessas podem variar tanto materialmente, quanto idealmente. Podem contemplar o *aqui e o agora* (este mundo), como um *porvir* anunciado ou prometido (outro mundo). Apesar dessa variação, geralmente espera-se que o prometido venha acompanhado da salvação ou que a salvação seja a própria promessa, dependendo do sistema religioso. Independentemente da ordem dos fatores, a influência de uma religião sobre a conduta de vida (ou *condução da vida*, como diria Weber)

pode oscilar conforme aquilo que se busca. No caso da salvação, Weber descreve dois caminhos distintos (tipologicamente definidos) e fundamentais na condução metódica da prática religiosa: o *misticismo* e o *ascetismo*. O primeiro define-se por um hábito emocional, contemplativo, cujo objetivo é a transmissão de um “saber” na qualidade de um “vaso²⁸” que será preenchido pela divindade; o segundo, por contraste, define-se pela sistematização racional de sua conduta pessoal de vida, cujo objetivo está na ação na qualidade de um instrumento de Deus, rejeitando tudo que é eticamente irracional.

Porém, antes de aprofundar as considerações weberianas sobre ascetismo protestante, bem como o uso que o autor fez nos seus interesses sociológicos e seu contraste com o misticismo oriental, faz-se necessário apresentar os desdobramentos dessas duas práticas.

No caso do ascetismo, tal prática surgiu pelo interesse dos primeiros *monges*²⁹ em construir uma nova ordem dedicada a Deus, uma vez que eles se retiraram do contato humano, acreditando que a sociedade estava prejudicada, permeada pelo mal, mergulhada no pecado. Esses primeiros monges acreditavam na existência de um dualismo entre Deus e o mundo e que tal dualismo se refletia na distinção entre o corpo e a alma. O mal ou o Diabo não estava presente somente na sociedade, mas também no corpo. Nesse sentido, muitas práticas ascéticas eram direcionadas para a purificação corporal, como por exemplo a ingestão de algumas plantas e, principalmente, a vida em isolamento. Ao longo do tempo, em meados do terceiro século, esses monges deixaram de viver isolados para formar comunidades religiosas³⁰.

Essas primeiras comunidades religiosas, antes de serem dominadas pela igreja, tinham o objetivo, de acordo com esses monges, de promover um maior grau de segurança e regularidade, pois era mais fácil haver um controle entre eles. Bento de Núrsia (480 d.C-547 d.C), conforme Adair-Totef, “foi quem transformou radicalmente a vida dos monges; ele lhes deu as regras pelas quais eles deveriam conduzir suas vidas” (2015, p. 58, **tradução nossa**³¹). Mais adiante, Bento de Núrsia substituiu certas práticas mais contemplativas por outras mais ativas, como o dever do trabalho. No entanto, quando São Francisco de Assis (1182 d.C-1226 d.C) assumiu o movimento antes liderado por Bento de Núrsia, os monges, mais uma vez, tiveram uma acentuada mudança nas suas práticas. O frade italiano insistiu que os monges deveriam diminuir suas práticas isoladas para viverem mais entre as pessoas e

²⁸ Ou “recipiente” do divino.

²⁹ Surgidos em meados do Século III e início do Século IV.

³⁰ Deixaram de ser conhecidos como *Anacoretas* e tornaram-se *Cenobitas*.

³¹ No original: “Was the one who radically transformed the lives of the monks; he gave them the rules by which they should conduct their lives”.

pregar para elas. O isolamento ou a retirada do mundo foi gradualmente alterada pelo desempenho de funções no mundo. Aqui, ainda conforme Adair-Totef, a “*tendência de fugir do mundo para uma participação ativa nele marca um grande ponto de viragem e um que se tornará importante no relato do ascetismo de Weber*”(loc.cit, **tradução nossa**³²).

Weber começa a precisar melhor a sua noção de ascetismo no momento em que se afasta dos teólogos de sua época. Para esses teólogos, tais como Adolf Harnack, Karl Heussi e J. Weiß, o asceta fazia fundamentalmente duas coisas: encontrar-se com Deus e lutar contra os demônios. Contra tal afirmação, Weber insistiu que não era o asceta que agia assim, mas o místico. Esse último tinha como fundamento o desejo de se unir com Deus. Para além disso, Weber gradualmente se afastou mais de seus conhecidos teólogos no que tange à ideia de luta contra os demônios. Entre várias discussões a respeito das atitudes dos monges, que ora eram contemplativos e ora eram considerados como ativos, Weber (2004) considerou como sociologicamente relevantes para a noção de ascetismo intramundano quatro principais movimentos de reforma: beneditinos, cluníacos (ou cluniacenses), franciscanos e jesuítas. Pois, segundo Weber,

A ascese cristã [sem dúvida abrigou em si, tanto na manifestação exterior quanto no sentido, elementos extremamente variegados. Mas no Ocidente ela,] carregou, sim, em suas formas mais avançadas através da Idade Média [e em vários exemplos já na Antiguidade] um caráter racional. Nisso repousa a significação histórico-universal da conduta de vida monástica ocidental em seu contraste com o monasticismo oriental [-não em seu conjunto, mas em seu tipo geral]. Em princípio, já na regra de São Bento, e mais ainda entre os monges cluniacenses e [mais ainda entre] os cistercienses e, finalmente, da reforma mais peremptória, entre os jesuítas, ela se emancipara seja da fuga do mundo desprovida de plano conjunto, seja da virtuosística tortura de si (WEBER, 2004, p. 107-108).

Na visão de Weber, a regra de São Bento ofereceu um racionalismo sóbrio com propensões ascéticas, pois a ênfase antes dada para o emocionalismo extático foi substituída pelo racionalismo rigoroso. Tanto esses monges ascetas, quanto os protestantes ascéticos, segundo Adair-Totef (2010, p. 117), compartilhavam³³ um “*alto desejo de ‘ordem na*

³² No original: “tendency to flee the world toward an active participation within it marks a major turning point, and one that will become important in Weber’s account of asceticism”.

³³ Apesar das similitudes, Weber insistiu na existência de três diferenças fundamentais entre o monge católico (que ainda foge do mundo) e o protestante (que rejeita o mundo): o protestante rejeita qualquer inclinação feita pelo monge a meios “ascéticos irracionais”; o protestante rejeita à atitude contemplativa do monge católico e rejeita à atitude de *não-intramundaneidade* do monge.

conduta de vida’”. O problema era que esses monges medievais, relativamente, acabavam num estado de conforto e prazer mundano. Aquela forma de piedade religiosa, diz Weber sobre o luteranismo, singela, refinada e peculiarmente emotiva, “*que ornamentou vários dos demais destacados tipos de luterano, assim como sua moralidade solta das amarras da Lei, raramente encontra paralelos no terreno do puritanismo genuíno*” (WEBER, 2004, p. 115). Diferentemente do luteranismo (com características místicas e sentimentais, principalmente na fase tardia de Lutero), o calvinismo e o puritanismo reforçaram o seu ascetismo ao longo de sua existência. Esse tipo de ascetismo, na sua modalidade “intramundana”, considerava a ordem do mundo como o único lugar para se ter o indício da sua qualidade religiosa.

O autor observou que este tipo de atitude pode ter dois significados, mas contendo um núcleo único:

Ou é um dom específico da *ação* ética, com a consciência de que Deus guia estas ações, de constituir um instrumento de Deus [...]. Ou, ao contrário, pode exigir a atividade da própria espiritualidade sagrada específica, da qualidade de instrumento eleito por Deus, precisamente dentro da ordem do mundo e diante dela (WEBER, 2014, p. 365).

Note-se que o núcleo único desse dom de salvação (e é assim que Weber o reconhece) repousa sobre a dimensão prática, cuja ênfase está na *ação*.

Por seu turno, a questão do misticismo foi um tema muito recorrente na época em que Weber ainda estava vivo. Autores como Wilhelm Preger, Rudolf Otto, William James e o seu amigo Ernst Troeltsch dedicaram consideráveis páginas à questão. Mas, para além desses autores, um que realmente chamou a atenção de Weber foi o místico alemão Johannes Tauler. Esse influente estudioso da mística influenciou muito o pensamento do reformador Lutero. A influência foi tão significativa que Weber, ao longo do capítulo sobre Lutero na *Ética protestante e o “espírito” do capitalismo* (2004), faz diversas referências à influência do pensamento de Tauler no pensamento de Lutero³⁴. Os dois autores compartilhavam a ideia de que a religião deveria ser algo totalmente pessoal, com única diferença de que no pensamento de Lutero a *unio mystica*³⁵ não era um anseio pela fusão com Deus, nem uma inclinação para *fugir do mundo*³⁶, apesar de Weber enxergar traços místicos no pensamento do protestante.

³⁴ Principalmente sobre os desdobramentos e o uso feito da palavra *Beruf* por Lutero. Ver também, nota de rodapé (.55).

³⁵ “União que faz a fusão da alma com Deus: conceito-chave da mística ocidental, que é predominantemente católica e judaica, e menos protestante” (WEBER, 2004, p. 291).

³⁶ “Que essa qualificação moral da vida profissional mundana fosse um dos feitos da Reforma, e portanto de Lutero, mais pesados de consequências e fato fora de dúvida, uma espécie de Jugar comum.[Mundos de distância

O místico, para Adair-Toteff (2002, p. 344), e aqui se manifesta a similitude com o pensamento teológico de Lutero, “*rejeita qualquer ‘objetivação’ da experiência religiosa, como dogmas ou ritos*”. Era esse “o movimento religiosamente interno” que Lutero reivindicava em contraste com a dinâmica da Igreja Católica. Ademais, o próprio Weber apresenta o seu argumento, peremptoriamente, contrastando a atitude de Lutero com a de Calvino:

A comunhão entre Deus e seus escolhidos e a tomada de consciência dessa comunhão só podem se dar pelo fato de Deus neles agir (*operatur*) e eles tomarem consciência disso -pelo fato, portanto, de a ação nascer da fé operada pela graça de Deus e essa fé, por sua vez, ser legitimada pela qualidade dessa ação. Profundas diferenças quanto as condições decisivas para a salvação, validas em geral para a classificação de toda religiosidade prática, encontram expressão aqui: o virtuose religioso pode certificar-se do seu estado de graça quer se sentindo como receptáculo, quer como ferramenta da potência divina. No primeiro caso, sua vida religiosa tende para a cultura mística do sentimento; no segundo, para a ação ascética. Do primeiro tipo estava mais perto Lutero; o calvinismo pertencia ao segundo (WEBER, 2004, p. 103).

Neste ponto, a forma de contemplação mística possui o seu acento no saber/contemplação, uma vez que “*a união sentida do saber e da espiritualidade prática [...] oferece ao místico a confirmação decisiva do seu estado religioso de graça*” (WEBER, 2014, p. 367). Esse tipo de comportamento, de acordo com Weber, é muito recorrente nas religiões orientais, mas, como mostramos acima, respingou alguns de seus elementos na religiosidade luterana. Por fim, a definição dada por Weber à noção de misticismo (somente compreensível em contraste com o ascetismo e vice-versa) se apresenta da seguinte maneira:

Trata-se, portanto, de um hábito emocional específico que parece transmitir um “saber”. Subjetivamente pode ser que se encontre no primeiro plano ou o conteúdo particular e extraordinário desse saber ou, ao contrário, a configuração sentimental de sua posse; objetivamente, porém, o que decide é esta última (2014, p. 367).

separam essa concepção do ódio entranhado com que a atitude contemplativa de Pascal sonegava apreço à ação no mundo, a qual, segundo a sua mais profunda convicção, só era explicável pela vaidade ou pela astúcia - mas ainda mais distante da generosa e utilitária adaptação ao mundo promovida pelo probabilismo jesuíta.]” (WEBER, 2004, p. 73).

Na próxima seção, iremos abordar um aspecto, ou melhor, um problema que conecta essas duas tipologias, a saber: o problema da teodiceia. Tal problema foi considerado, por Weber, como um dos fundamentais nos diversos sistemas religiosos.

1.5. O problema da teodiceia

Antes de adentrarmos na discussão sobre a teodiceia feita por Weber, consideramos de suma importância apresentar as raízes de tal conceito. Tal conceito³⁷ nos remete à discussão entre Leibniz (1646-1716) e Pierre Bayle (1647-1706) sobre a origem do mal e a sua compreensão pela via racional. Para Bayle, a origem do mal era o insolúvel problema da razão humana. Era algo irrespondível, estava para além da nossa capacidade. Em seu *Diccionario histórico y crítico* (2010), o autor afirma que todo sistema de pensamento deve ter razões *a priori* e *a posteriori* que o sustentem. As primeiras, dizem respeito às ideias “mais certas e mais claras da ordem” (BRANDÃO, 2011, p. 203). Ou seja, elas nos fornecem subsídios que sustentam a existência de um ser “por si mesmo”, totalmente necessário, eterno, infinito e todo-poderoso. Contudo, além disso, o sistema deve conter em si subsídios capazes de dar conta da experiência (da realidade) para corroborar a sua sustentação e a existência de tal ser. Sendo assim, a questão do mal, para Bayle, dentro da filosofia, somente possuía uma das dimensões apresentadas, a saber, *a priori*, não podendo ser comprovada empiricamente, muito menos pela via racional.

A partir dessa afirmação, Leibniz, prolixamente, constrói um sistema de pensamento conhecido como “*Ensaio de teodiceia sobre a bondade de deus a liberdade do homem e a origem do mal*” publicados originalmente em 1710. O objetivo de Leibniz era, basicamente, “*justificar a absolvição de deus e criar argumentos que asseverem a excelência da criação*” (DRUCKER, 2001, p. 40). O mal³⁸, para o autor, na mesma linha de raciocínio de Santo Agostinho (345 d.C-430 d.C) em “*O livre-arbítrio*” (1995), *não pode ser considerado somente uma realidade positiva, constituindo-se antes, ausência do bem*” (AQUINO, 2006, p. 51). Ou ainda, o mal é apenas uma necessidade moral permitida por Deus oriunda da

³⁷ Do grego *théos*, ‘Deus’ e *diké* ou *dikaia*, ‘direito, justiça’. “Originariamente, a teodiceia é a demonstração por argumentos racionais de que a presença do mal no mundo, a saber, a dor, a doença, a morte, a desventura, o sofrimento moral, a infelicidade, a injustiça, etc., seja no reino biológico seja no mundo social, não é incompatível com a fé num Deus infinitamente bom e justo[...]” (PIERUCCI, 2004, p. 291).

³⁸ O mal, segundo Leibniz, é dividido em três categorias: o mal metafísico (da imperfeição do ser criado); o mal físico (o sofrimento) e o mal moral (o pecado).

imperfeição original do ser humano, que é uma criatura limitada, age erroneamente e se engana.

Em síntese, a justificação dada por Leibniz na sua teodiceia, basicamente, é a seguinte: Deus sendo um ser sumamente bom, onipotente e onipresente, na sua imensa sabedoria, criou esse mundo como sendo o melhor dos mundos possíveis (poderia ter sido criado de outra maneira, mas, contingencialmente, esse foi o escolhido), e os homens com uma natural limitação (caso contrário, Deus não seria o ser mais perfeito que existe!), permitindo apenas a sua liberdade (livre-arbítrio), considerando o mal (oriundo da imperfeição da sua criação, o homem) algo necessário e permissivo para a realização de um “bem maior”.

Porém, diferentemente de Leibniz que tinha uma preocupação teológica, Weber direcionava a sua preocupação para a dimensão sociológica. Nesse sentido, como afirma Pickering (2004, p. 71),

“dentro da sociologia da religião, que era de particular interesse para Weber, sua preocupação foi analisar as consequências práticas para o comportamento humano de certas doutrinas religiosas e teológicas. Apenas por essa razão ele se concentrou no conceito de salvação e sua aplicação à religião que lhe parecia possuir uma teologia racional”.

Portanto, para além da interpretação de Pickering, o racionalismo ocidental descrito por Weber, acompanhado pelo processo de desencantamento do mundo (pela via religiosa), gerou no monoteísmo ocidental uma indagação ético-religiosa que cotejou a ideia de uma divindade bondosa que criara um mundo imperfeito, produzindo normas e valores religiosos que moldaram certas consequências práticas para a conduta dos homens, nesse caso a ânsia pela salvação³⁹. Sendo assim,

Weber em sua abordagem destaca o que domina a nostalgia pela salvação, uma vez que esta traz consigo consequências práticas para a determinação das condutas de indivíduos e grupos. Esta nostalgia é a força motivacional para o estabelecimento de modos de vida, que sistematiza a vida prática orientando-a por valores unitários, o que denomina de “sistematização religiosa do modo de vida”. O objetivo e o próprio sentido deste modo específico de viver e ter para si determinado comportamento através de uma ética religiosa, podem dirigir-se com determinações para a transcendência ou podem estar centrados neste mundo (NERY, 2001, p. 26).

³⁹ Vale a pena destacar que, de acordo com Weber, nem todas as religiões éticas são religiões que demandam uma salvação, como por exemplo o confucionismo e o taoísmo.

Lembremos, antes de prosseguir, o grande propósito da ação religiosa para Weber: “*o ser humano, quando age religiosamente, age com o objetivo de permanecer o maior tempo possível sobre a face da terra*” (PIERUCCI, 2003, p. 83). Primordialmente, “esse mundo”. Se o homem deseja ser salvo, antes de tudo, ele busca ser salvo na “vida real” e não na “vida após a morte”⁴⁰. Ele pode até desejar viver no “outro mundo”, mas o *além* não pode ser considerado sinônimo de “vida após a morte”, pois antes de tudo, ele está direcionado para um futuro terrenal. Tais valores, embutidos na ética religiosa, assim como na ação religiosa, possuem o poder de determinar as concepções de mundo e o comportamento do *homo religiosus*.

Após todas essas considerações, iremos apresentar o que interessava a Weber sobre a questão da teodiceia⁴¹. Sobre essa questão, Christopher Adair-Totef (2015), defendeu que o real interesse de Weber em relação à teodiceia e à salvação era o seu impacto na conduta humana. Era, como afirmamos anteriormente, sociológico. E mais, Totef afirmou que, dentro da sociologia da religião weberiana, as noções de salvação e teodiceia não podem ser compreendidas separadamente (influência de Troeltsch), mesmo que a primeira carregue consigo uma carga semântica positiva e a segunda uma negativa, pois trata-se de um “problema existencial”, como afirmava Jaspers (1965).

Para o homem religioso alcançar a salvação é necessário levar a vida adequadamente ou eticamente guiada por preceitos religiosos no qual acredita. Além de compreender o valor da salvação, ter uma visão de mundo que a conceba como algo necessário e saber o “motivo” de querer se livrar do sofrimento físico, psíquico e social. Segundo Weber, existem salvações com aspectos utilitaristas (zoroastrismo, na recompensa pela piedade; budismo, para se obter uma vida longa e próspera por ter agido moralmente), outras com aspectos idealistas e que visam mudar a sua situação (como a do judeu que deseja mudar o “status quo” do seu povo), enfim, as diversas formas de salvação têm influência considerável sobre a conduta do homem religioso.

Existem, de acordo com Weber, duas formas de salvação, a saber, uma *ritualista ou mística*, presente no hinduísmo, sufismo e budismo; e outra, *intencional ou ascética*, que define, explicitamente, a conduta do homem, como por exemplo a do protestante e do judeu que se consideram “ferramentas de Deus”. Tais formas de salvação, seriam a manifestação e o

⁴⁰ Tendencialmente, o interesse extramundano fazia parte do *virtuoso religioso* (asceta, monge, sufi e dervixe), porém, segundo Pierucci (2003, p. 86), “[...] nem mesmo esse tal bem de salvação extramundano de modo algum era apenas extramundano”.

⁴¹ Ver também ‘sinn der welt’: Max Weber and the problem of theodicy, de Christopher Adair-Totef (2013).

produto daquele problema lógico-conciliador que abarca uma divindade bondosa e um mundo imperfeito. Seria aquela questão que permeia a cabeça do homem religioso que deseja ser salvo, aquela questão do sentido do mundo⁴².

Adentrando agora no “núcleo duro” da teodiceia analisada por Weber, ele a divide em duas categorias principais antes de apresentar as específicas de cada sistema religioso. A primeira categoria e mais antiga no seu pensamento é a *teodiceia do sofrimento* oriunda das classes baixas e que, tendencialmente, podem apresentar um comportamento ressentido⁴³ em relação ao que eles não possuem por serem pessoas humildes, dedicadas religiosamente e moralmente orientadas. Tal tipologia carrega consigo uma importante característica da ética religiosa, pois traz à baila a questão da má distribuição dos recursos neste mundo e, conseqüentemente, gera um senso de injustiça e pecaminosidade de grupos sociais privilegiados. Esse senso é mais ou menos aquele descrito por Nietzsche: “os miseráveis são os bondosos”. Ainda nessa linha de raciocínio sobre a teodiceia do sofrimento, Weber demonstra que a sua primeira aparição foi na questão judaica⁴⁴ expressada pelo livro de Jó. Nesse livro, é apresentado o primeiro exemplo de dúvida no antigo testamento, ou a primeira tentativa de intelectualizar o problema da teodiceia e atribuir o mundo como um cosmos pleno de sentido, mas sem o objetivo de qualquer solução. Visto que Jó era um homem religiosamente exemplar, mas que acabou perdendo tudo, inclusive a família, prestígio e respeito, ele é a primeira expressão da ideia que permeia a teodiceia do sofrimento, a saber:

⁴² Weber usa o termo “*sinn*” (sentido) em três dimensões, a saber: sentido metafísico (verdadeiro); sentido dogmático (correto) e sentido subjetivo (significado). No caso da teodiceia, segundo Adair-Toteff (2013), Weber usa o termo “*sinn*” (sentido) em sua acepção metafísica (aquele verdadeiro), aquele que está para além da capacidade humana e que ao mesmo tempo é desejado para se compreender o sentido do mundo.

⁴³ De fato, na questão sobre o ressentimento Weber foi muito influenciado pelo pensamento filosófico de Nietzsche, contudo ele aprofundou a sua ideia do ressentimento conforme os seus interesses investigativos. Em consequência, a leitura feita pelo sociólogo alemão manifestou-se negativamente em relação àquele do filósofo da desconfiança. Weber discordou profundamente de algumas assertivas do filósofo. Conforme Ribas (2009, p. 28), “embora Weber reconheça a legitimidade desta teoria da inversão dos valores pelo ressentimento judaico-cristão-plebeu, ele não vê evidências históricas que concedam validade universal para este acontecimento”. Portanto, para Weber, as afirmações do filósofo alemão não possuem caráter universal e não pode ser explicada de modo monocausal (como ele atribuiu ao povo judeu) ou seja, como um produto resultante da história. A partir da teoria do “ressentimento”, dada a conhecer pelo ensaio brilhante de Nietzsche [trata-se de *Para a Genealogia da Moral*] e que foi depois retomada com a classe perfeitamente universal, de certa maneira abstracta, da ética religiosa. Se a transfiguração ética da compaixão e da fraternidade foi uma “revolta dos escravos” por parte dos desfavorecidos, quer pela própria natureza, quer pelas perspectivas oferecidas pelo destino, e se, portanto, a ética do “dever” foi o produto de sentimentos de vingança “recalcados”, porque impotentes, do indivíduo tacanho, condenado a trabalhar e a ganhar o seu pão, em oposição à conduta de vida da classe dos senhores, liberta de quaisquer deveres, teríamos aparentemente encontrado uma solução muito simples para os problemas mais importantes que se põem à tipologia da ética religiosa. No entanto, por feliz e fecunda que tenha sido em si a descoberta da significação psicológica do ressentimento, nem por isso se impõem menos uma grande prudência na avaliação do seu alcance socioético (WEBER *apud* GOMES FILIPE, 2004, p. 245).

⁴⁴ Sobre as questões do judaísmo, Weber foi muito influenciado por Hermann Gunkel (1862-1932), historiador alemão do antigo testamento.

“como eu, que sou um homem bondoso, moralmente guiado e religiosamente composto, sofro neste mundo cruel enquanto os outros possuem ‘tudo’ e não são como eu?”.

Por seu turno, diferentemente da teodiceia do sofrimento, “os outros”, “os possuidores”, “os afortunados”, também olharam para a religião. Com outra perspectiva, eles viam nela uma fonte de consolo que legitimava a sua fortuna e a posição social. Eles necessitavam saber se eram merecedores do que possuíam, tinham aquela necessidade psíquica de confortar a sua fortuna. Isto é, a necessidade de sentir que a sua fortuna era legítima. Essa é a *teodiceia da fortuna*, a segunda tipologia apresentada por Weber. Ela diz respeito ao estrato social dos intelectuais e das classes altas. Ademais, esse tipo de teodiceia manifestou-se no interior deste estrato social que indagou-se sobre o seu destino político, na diferença das situações econômicas, na saúde do corpo, e mesmo na contabilidade do sucesso, reconhecendo que nem toda pessoa privilegiada tem essa necessidade e nem todos legitimam no mesmo grau. No entanto, Weber insistiu que os afortunados são “raramente” satisfeitos com o fato da posse da sua fortuna. Nesse sentido, “*eles queriam ter o direito de justificar sua fortuna, para mostrar como o seu poder, a honra, as posses e os prazeres foram ganhos*” (ADAIR-TOTTEFF, 2013, p. 102).

Cada sistema religioso, criou certos argumentos, conforme as suas necessidades e lógica interna, que visavam responder as mazelas do contexto social no qual estavam inseridas. No entanto, Weber focou em três tipos de teodiceia que diziam respeito a três sistemas religiosos: o protestantismo, o zoroastrismo, o hinduísmo indiano juntamente com a sua via heterodoxa (budismo) e o judaísmo com a sua concepção escatológica.

A primeira tipologia diz respeito, mais especificamente, ao calvinismo. O calvinismo, segundo Weber (2014), encarou o problema da teodiceia radicalmente. De acordo com a teologia calvinista, Deus (*Deus absconditus*: Deus escondido ou Deus oculto), escolheu apenas alguns para serem salvos, sendo o restante da humanidade condenado à danação (*Ecclesia pura*). Nesse sentido, todo o ser humano em sua origem é corrupto e nem todos têm a mesma chance de salvação. Destarte, esse “Deus oculto” não aceita qualquer tipo de prece que vise a mudança da sua decisão. Como esse decreto é eterno, imutável e baseado na sua onisciência, não há como compreender (devido à limitação epistêmica do homem) a decisão de Deus, já que ele é “oculto, supremo e todo-poderoso”. Isso seria uma afronta à sua capacidade decisória. Logo, o problema não vem de Deus e sim do homem. Essa limitação ou fraqueza da natureza humana na teodiceia calvinista é muito parecida com aquela afirmada pelo judaísmo. Contudo, no judaísmo a fraqueza se limitava ao seu povo; enquanto que, no calvinismo tal fraqueza atingia toda a humanidade.

A segunda tipologia de teodiceia, o *dualismo*⁴⁵, busca responder as injustiças do mundo através da medição entre as forças do bem e do mal. É possível perceber o modo de desenvolvimento da tipologia dualista de Weber no sistema religioso do antigo Irã (zoroastrismo), por exemplo, que concebe o mundo como uma arena de combate entre o bem e o mal. Essa compreensão é proveniente de um fervor escatológico dos crentes, aliado a um prestígio imputado pela comunidade aos puros e seletos, no interior deste sistema de combate. No sistema religioso iraniano se desenvolve uma concepção de impuro como vinculado às forças do mal.

Um detalhe importante a ser destacado no dualismo é a ideia de que “deus” *“não é todo-poderoso, e o mundo não é sua criação a partir do nada”* (WEBER, 2014, p. 354). Problemas de maus feitos, injustiças e pecado são conseqüências da pureza dos deuses bons pelo contato com as “trevas”, com as “matérias impuras”. Por matéria impura compreende-se também o mundo, que nasceu em conseqüência de um crime, um pecado original dos homens ou dos anjos. Existe, contudo, uma ideia muito forte bem parecida com a escatologia, ou seja, existe a crença de que a luta final se aproxima.

No dualismo, os problemas do mundo são vistos como uma vitória do mal na arena terrenal e a função dos seletos é sempre fazer o bem para combater o mal, ou seja, suas ações estão sempre orientadas na derrota de um oponente, o mal⁴⁶.

A terceira - a doutrina do *karma* (ou crença na transmigração de almas) - é considerada, tanto por Weber como por Berger, a mais racional de todas. Nessa teodiceia, são englobadas as religiões hinduístas e budistas e não existe o ocultamento da dimensão humana nas ações do homem. Logo, nada depende de um Deus todo poderoso e qualquer ação de injustiça proferida pelo homem é de sua responsabilidade.

Nessa religião, no hinduísmo, a transmigração de almas seria a única via pelo qual o indivíduo poderia evoluir na escala social, exigindo do crente, o cumprimento fiel das normas éticas e dos rituais ligados à sua casta (dharma). Segundo Sell (2013, p. 125), *“o hinduísmo era uma religião cuja camada social fundamental era formada por sacerdotes que não tinham poder político e que, por esta razão, desenvolveram profundamente o racionalismo especulativo de tipo místico”*. Mas, também, além dessa especulação de tipo místico acerca

⁴⁵ O modo mais coerente em que se efetivou essa concepção dualista foi na religiosidade profética do *mazdeísmo*. Pois, o dualismo começou com a oposição mágica entre “puro” e “impuro”. Segundo Weber (2010, p. 87), “o dualismo mazdeísta interessa pela influência que as ideias persas do juízo final e também a doutrina dos demônios e dos anjos exerceram sobre o judaísmo”.

⁴⁶ A concepção do “mal” apresenta-se como impurificação, pecado, e está diretamente ligado com o corporal (material) presumindo as tentações mais grosseiras do homem. Enquanto que, o “bem” está ligado diretamente com o espiritual, com o reino da luz, sendo o elemento mais lúcido do homem.

do cosmos, também desenvolve-se uma racionalização do cosmos sob princípios éticos. Esse “cosmos” é um “*mecanismo universal de retribuição em que nunca se perderá algum efeito eticamente relevante*” (WEBER, 2014, p. 355). Pois, esse processo mecânico e eterno do cosmos executa suas tarefas conforme os princípios éticos são seguidos ou não.

Por sua vez, o budismo antigo leva a ideia da inexistência da supradivindade personificada, no que tange à ordem do mundo, às últimas conseqüências, assim como a concepção de “alma” também é eliminada. Existem apenas as ações boas e más e são as únicas coisas que importam para o mecanismo do *karma*.

Portanto, na teodiceia do karma adotada pela religião hinduísta e pela budista é o indivíduo que traça os problemas do homem ou as boas ações que, invariavelmente, serão retribuídas dentro do próprio mundo. Da mesma forma, é possível reconhecermos a crença de que sua alma humana poderá retornar ao mundo – em forma animalesca, humana ou divina –, a fim de que os resultados de sua culpa ou mérito sejam devidamente colhidos (MEIRELES, 2011). Na teodiceia do *karma*, tudo depende das ações do indivíduo em relação à construção do próprio destino. Portanto,

[...] a finitude de toda vida terrestre é a consequência da finitude dos bons e maus feitos na vida anterior da mesma alma, e os sofrimentos da vida atual, que parecem injustos do ponto de vista da retribuição, são expiações de uma vida passada (WEBER, 2014, p. 355).

Por fim, a última tipologia apresentada por Weber é a da religião judaica: escatologia messiânica. De acordo com essa crença, o processo escatológico busca estabelecer o equilíbrio social, ou melhor, numa transformação político-social deste mundo. Diz Weber, “*um herói poderoso, ou um Deus, virá – logo, mais tarde, algum dia – e colocará seus adeptos na posição que merecem no mundo*” (WEBER, 2017, p. 351). Esses adeptos não desfrutaram de uma vida plenamente justa e bela (porque sofrem) por consequência dos pecados dos antepassados, pelos quais esse Deus (no caso, o Deus judaico) responsabiliza os descendentes. Pode acontecer, também, que apenas os descendentes dos justos e piedosos – aqueles que não desagradaram ou provocaram a ira do Deus – chegarão a ver o reino messiânico. Nesse sentido, cabe aos vivos, aos descendentes atuais o cumprimento rigoroso e exemplar dos mandamentos divinos positivos, para obter para si o máximo possível da benevolência divina com o objetivo de, talvez, participar do reino da salvação, onde os justos serão recompensados e os injustos punidos.

A partir dessas tipologias, percebemos como Weber elaborou o grande problema ou “desafio” das religiões monoteístas, a saber, o problema da teodiceia. Tal problema se constitui pela demonstração de argumentos racionais de que a presença do mal no mundo não é incompatível com a crença num Deus sumamente bom e justo. O conceito de teodiceia abrange o grande desafio das religiões monoteístas, assim como das religiões orientais. Esse problema gerou discussões no interior da literatura sociológica, permitindo o desenvolvimento de novas categorias que buscaram complementar e dar um novo tratamento para o problema das teodiceias⁴⁷.

Concluindo, buscamos neste primeiro capítulo fundamentar e apresentar o nosso referencial teórico para a nossa investigação. Iniciamos apresentando os conceitos mais fundamentais da sociologia compreensiva de Max Weber, passando pelas tipologias de ação e ação social; adentrando pelas noções de religião no interior da literatura sociológica, dando ênfase para as considerações weberianas do fenômeno religioso; até que, por fim, apresentamos a discussão que nos interessa, a saber, o que são e como se fundamentam, para cada sistema religioso, as teodiceias que, como apresentamos inicialmente, representam um conjunto de explicações ou justificativas que visam responder, dar sentido e estabelecer as contradições existentes no contexto social, natural e até biológico. No próximo capítulo, abordaremos a questão histórica do nosso objeto de investigação que se inicia com uma breve apresentação da reforma protestante; indo até o percurso de inserção dos batistas no Brasil; e, por fim, a apresentação dos Batistas Nacionais na cidade de Santa Maria/RS.

⁴⁷ Como por exemplo as contribuições de Bourdieu, a partir da noção de *sociodiceia* e de Berger, a partir da noção de *antropodiceia*. Para Bourdieu a *sociodiceia*, grosso modo, é uma justificativa racionalizada para legitimar as posições sociais, transformando-se em uma ideologia religiosa. Por sua vez, para Berger, a noção de *antropodiceia* diz respeito ao problema do sofrimento no mundo como uma responsabilidade do homem. Para o autor, a antropodiceia é o fundamento da justificação religiosa presente na teologia cristã.

2. Breve Histórico dos Batistas

Pretende-se, nesta seção, apresentar a história dos Batistas Nacionais na cidade de Santa Maria/RS, assim como a sua teologia e o seu *ethos* religioso. Porém, antes de aprofundarmos as suas características, iremos apresentar, de forma breve, o movimento religioso que define originariamente a sua dinâmica religiosa, a saber, o protestantismo. Nesse sentido, o capítulo se estrutura da seguinte maneira: iniciaremos apresentando sucintamente a origem e os motivos da reforma protestante; a inserção do protestantismo no Brasil, bem como a origem dos primeiros batistas no país e suas características teológicas ainda existentes; a cisão teológica ocorrida no interior da Convenção Batista Brasileira (CBB) que deu origem à Convenção Batista Nacional (CBN); e por fim, as características religiosas desses Batistas Nacionais, tanto no geral quanto especificamente na cidade de Santa Maria/RS.

2.1. Origem

No Século XVI uma grande revolução eclesiástica ocorreu na Europa, trazendo mudanças consideráveis para a esfera religiosa que, durante o período medieval, estava dominada pela Igreja católica. O domínio da Igreja católica era tão grande que se estendia a todas as esferas sociais, seja política, econômica ou social. Na esfera política, por exemplo, tal revolução encontrou mais facilidade de penetração, pois muitos monarcas estavam insatisfeitos com o enorme poder que o papa dispunha e exercia sobre o mundo, assim como muitos teólogos reprovavam a doutrina e o que era posto em prática pela igreja. Seu feito organizacional e suas atitudes justificadas pela fé eram reprovadas por muitos. Contudo, embora o movimento tenha atingido seu ápice durante o Século XVI, a ideia de reforma já vinha sendo apresentada durante o século XII. É o que afirma Eliade (1999, p. 115),

Os primeiros movimentos organizados da Reforma, que se propõem voltar à pobreza original da Igreja, surgem no Século XII. Os Valdenses (1173) de Lyon são os mais importantes. Se os franciscanos sabem absorver uma parte das queixas legítimas da população, também contribuem para a criação de movimentos pauperistas e milenaristas. John Wycliff (m. 1484), professor em Oxford, é o iniciador do movimento dos lolardos, que rejeitavam a eucaristia, o celibato dos padres e a hierarquia eclesiástica.

Tais movimentos se estenderam durante a Idade Média até encontrar no Século XVI fatores que iriam contribuir para o surgimento de diversas igrejas e fixar a nomenclatura “protestante”. Essa reprovação, essa oposição à palavra católica, parece suficiente para definir o movimento ou a reforma protestante. Porém, mais do que isso, protestantismo, segundo Jean Boisset (1971) é:

[...] sobretudo uma atitude de interioridade, um movimento da mente, um jato da consciência, uma resposta à indagação inquieta do homem a respeito de suas relações com Deus: é uma atitude de pensamento e de vida no seio do cristianismo que se pretende fiel ao evangelho (p. 09)

O maior fator de contestação, obviamente, era teológico e o maior responsável pela sua formalização foi um monge alemão, Martinho Lutero (1483-1546), que formalizou o movimento. Ele deu forte destaque à fé e à palavra bíblica, como os únicos elementos mais importantes. Lutero escreveu 95 teses⁴⁸ em 31 de outubro de 1517, criticando a cobrança de indulgências (disposição para perdoar as culpas) exercida pela Igreja Católica e a maneira como o poder estava sendo exercido pelo papa e pelos padres católicos. Sobre o fundamento da crítica de Lutero em relação às indulgências que eram cobradas pela Igreja Católica, Boisset (1971, p. 11), afirma que para o monge alemão “*a salvação é um dom de Deus e não um pagamento de uma dívida de Deus ao homem. É a negação dos méritos proporcionais às boas obras mas de modo algum a negação da necessidade mesma dessas boas obras*”. Por aí se vê o que vem a ser o fundamento do protestantismo luterano: uma preocupação verdadeira para com a vida, a gratuidade da salvação apreendida pela fé e pela Palavra de Deus⁴⁹, sem exprimir exageradamente uma preocupação com a doutrina ou com a organização eclesiástica.

As ideias de Lutero, segundo Gaarder (2005), obtiveram apoio de diversos príncipes e nobres governantes que também estavam insatisfeitos com a maneira pela qual o poder do papa estava sendo exercido. Nesse sentido, Lutero compreendeu que suas críticas, tendo apoio de figuras importantes, poderiam penetrar em outros horizontes do território Europeu. É o que afirma Eliade (1999, p. 116),

⁴⁸ Texto disponível em: http://www.luteranos.com.br/lutero/95_teses.html

⁴⁹ “Opondo-a às explicações humanas da Palavra de Deus, uma interpretação fiel dos Livros sagrados, por mais difícil que seja, mas que há de ser libertadora, como ele bem sabe” (BOISSET, 1971, p. 19)

Depois de afixar as 95 teses na porta da catedral de Wittenberg, Lutero defende corajosamente suas idéias diante do Cardeal legado Cajetan. Sob a influência do amigo humanista Philipp Schwarzerd Melanchton, Lutero acabará transigindo em muitos pontos da doutrina e da prática religiosa, ao passo que seu discípulo francês João Calvino (1509-1564), que dominará Genebra a partir de 1541, defenderá um protestantismo bem mais rígido, dogmático e sombrio.

Porém, as ideias de Lutero foram muito além do que o inicialmente desejado por ele. Cavaleiros armados e camponeses influenciados pelo protestantismo radical de Thomaz Münzer (1489-1525) – um dos primeiros teólogos alemães e líder rebelde durante a guerra dos camponeses – promoveram na Suíça e na Alemanha uma guerra religiosa que tivera sido incitada por Lutero e reprimida pela Liga dos Príncipes da Reforma em 1525. Sendo assim, o movimento protestante não pode ser considerado unitário em sua essência teológica-reivindicatória. Existiram movimentos mais liberais (menonitas), e outros mais radicais (anabatismo, calvinismo e Igreja Reformada da Suíça). Desse modo, segundo Maia (2012, p. 62),

[...] a expansão do movimento protestante pela Europa, com John Knox na Escócia, Calvino na França e Zwingli na Suíça, chegou à Inglaterra, provocando a separação entre a Igreja inglesa e a Igreja romana e enfraquecendo ainda mais a Igreja Católica. Enfraquecida, a Igreja Católica procurou realizar sua própria reforma durante o Concílio de Trento (1545-1563). Foi a chamada Contra-Reforma católica que procurou adotar uma linha fundamentalista e austera.

Um considerável número de movimentos protestantes surgiu a partir da reforma luterana. O calvinismo, por exemplo, era um desses novos movimentos surgidos. João Calvino (1509-1564) é o iniciador desta denominação, também conhecida como “presbiteriana”. A teologia de Calvino, embora se assemelhe à de Lutero, segundo Bettencourt (1995, p. 30), “*tem seu ponto característico no conceito de Deus*”. Ele colocou ênfase sobre a majestade divina de Deus, a ponto de afirmar que existem somente duas predestinações, a saber: uma para a salvação e outra para a danação (condenação eterna). Para compreender essa ideia na teologia calvinista e a relação de Deus com o homem é necessário partir da ideia de *depravação total* ou *inabilidade total*⁵⁰ que, grosso modo, indica o ser

⁵⁰ Essa ideia de *depravação total* ou *inabilidade total* possui, grosso modo, cinco pontos teológicos, a saber: 1) todos os homens são pecadores e necessitam da graça de Deus, já que ninguém é justo perante os olhos de Deus. Nesse sentido, a pecaminosidade do homem se espalhou por tua a sua raça; 2) nenhum homem compreende o bem, pois não somente eles estão mortos e servindo o pecado, mas suas mentes estão ofuscadas pelo mesmo; 3)

humano como afetado em sua totalidade pela maldade, ou seja, o pecado e a corrupção se estendem a todas as partes do homem, do seu corpo e de sua alma. Embora Calvino propusesse uma doutrina radical em relação ao Luteranismo, afirmava que todos aqueles que realmente creem na justificação por Cristo fazem parte do pequeno e restrito número de predestinados a poder viver tranquilamente, pois para eles a salvação já está garantida.

Outros três movimentos surgidos a partir da reforma protestante foram os anabatistas, os batistas e os metodistas. O primeiro possuía uma atitude radical em relação à reforma demandada por Lutero, mesmo que essa tenha sido teologicamente importante. Por exemplo, a característica mais importante desse segmento religioso era de que ela não reconhecia o batismo de crianças, mas somente o de adultos, ou seja, somente daqueles que creem conscientemente da Palavra de Deus e que possuem consciência de si. A admissão em tal segmento se dava por meio do batismo, porém, como os novos membros já tinham sido batizados anteriormente, seus concorrentes religiosos os conheciam como os “rebatizadores⁵¹”. O movimento começou na Suíça, na Alemanha e na Holanda, mas com a perseguição movida pelas autoridades católicas e luteranas, grande parte desse segmento foi erradicada. Nas palavras de Gaarder (2005, p. 215), *“Um pequeno grupo sobreviveu na Holanda, e foi aí que os reformados ingleses exilados por John Smith, fundaram em 1609 a primeira das ‘uniões’ batistas mais modernas”*. Esses batistas mais modernos serão apresentados e aprofundados mais adiante.

Por sua vez, outro importante movimento surgido a partir da reforma protestante foi o metodismo. Fundada pelo pastor anglicano John Wesley (1703-1791), que teve uma revelação espiritual e começou um movimento de reavivamento cristão, o metodismo tinha como característica fundamental o “método” que encaminhava as reuniões e os estudos bíblicos. Esse método partia do pressuposto, comum a todos os protestantes, de que a natureza humana foi totalmente deprava pelo pecado. Porém, o grande diferencial desse segmento, a partir do contato de Wesley com autores místicos e com a experiência pessoal, o levou a enfatizar o testemunho íntimo com o Espírito Santo. Sentiu-se, assim, forçado, com seus companheiros de fé, a procurar a santificação pessoal mediante o exato cumprimento dos próprios deveres. De acordo com Bettencourt (1995, p. 29), *“a única condição para que alguém se torne metodista é o ‘desejo de escapar da ira vindoura e de ser isento do pecado’; é preciso*

em sua total rebelião, tudo o que o homem faz é pecado; 4) o homem é incapaz de se submeter naturalmente a Deus e ao bem e 5) a rebelião total do homem para com Deus e com o bem é merecedora da danação eterna.

⁵¹ “O antepositivo *aná* é um advérbio grego que significa, entre outras coisas, ‘de novo’, ‘outra vez’ (PIERUCCI, 2004, p. 278)

também ‘a disposição de levar uma vida honrada, pacata, modesta [...]’, ou seja, é preciso abster-se de tudo que não redunde para a glória de Deus.

Como se vê, o metodismo faz apelo à experiência religiosa pessoal e íntima, sendo considerada por teólogos uma réplica do racionalismo do século XVIII, devido à atenção dada ao Espírito Santo e à santificação pessoal, que preparou, ainda de acordo com Bettencourt (1995 p. 29), “o surto dos grupos pentecostais nos Séculos XIX e XX, que começaram com o desejo de Holiness (Santidade) nos Estados Unidos”. Esses movimentos, anabatistas, metodistas, entre outros, forçados por problemas políticos e teológicos, migraram para outros lugares, seja para os Estados Unidos, seja para o próprio Brasil, levando suas crenças religiosas que acabaram encontrando fatores positivos para a sua propagação. No que tange à sua inserção no Brasil, dedicaremos a próxima sessão para discorrer sobre os primeiros batistas (que vão ao encontro do nosso objeto de pesquisa) em território nacional até, finalmente, apresentarmos as características dos Batistas Nacionais, após a sua cisão com os Batistas Brasileiros.

2.2. A inserção do protestantismo e dos batistas no Brasil

A presença do protestantismo no Brasil data o início de sua colonização, no Brasil pré-independente (1545), isto é, quatro anos antes da transferência da sede do Reino Português para o Rio de Janeiro (1549). Entretanto, o protestantismo somente conseguiu implantar-se definitivamente quando condições políticas e sociais apresentaram “possibilidades de neutralizar a presença protestante de modo que ela não viesse a conseguir, por conta de seu enquistamento, transformações sensíveis na cultura católica luso-brasileira” (MENDONÇA, 2008, p. 39). A primeira tentativa de inserção protestante foi esporádica e individual, pouco depois do início da colonização portuguesa (1532), com a chegada da expedição Villegainom em 1555. Essa expedição, sob o comando de Coligny (1519-1572), pretendia fundar a “França Antártica” e construir um refúgio para que os Huguenotes⁵² pudessem tranquilamente praticar o seu culto reformado. Mas, devido ao caráter duvidoso de Vellegainom para conseguir os seus intentos, a tentativa de se inserir no Brasil não ficou consistente nem coesa, falhando miseravelmente.

⁵² Era o nome dado aos protestantes franceses durante as guerras religiosas na França (segunda metade do século XVI).

Posteriormente, a tentativa mais séria e duradoura de estabelecer uma civilização protestante no Brasil ocorreu no período da colonização holandesa (a primeira tentativa foi em 1624, na Bahia, e a segunda, no ano de 1630, em Pernambuco), quando alguns reformados se instauraram no Nordeste com sua organização eclesiástica à moda genebrina. Esses poucos reformados, quase todos estrangeiros, faziam parte da primeira Igreja presbiteriana erguida em território nacional que, em 1868, em Campinas, teve apoio da Missão da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos. Essa Igreja sulista, conforme Mendonça (2008, p. 49),

[...] preocupou-se com a situação religiosa dos emigrantes confederados que, em 1866, estabeleceram-se em Santa Bárbara, nas vizinhanças de Campinas. As igrejas do sul, não somente a presbiteriana mas a metodista e a batista, não ficaram insensíveis aos apelos dos seus fiéis que emigraram. Todas elas procuraram atender aos pedidos que partiram de Santa Bárbara.

Esses confederados de Santa Bárbara atraíram alguns batistas para se consolidarem no território brasileiro. Em 1845, batistas americanos organizadores da *Southern Baptist Convention* (por causa dos problemas escravocratas) ficaram no país até que, finalmente, em 10 de setembro de 1871, em Santa Bárbara, foi fundada primeira igreja batista brasileira (restrita somente aos colonos), provavelmente, pelo pastor Richard Radcliff. A nova Igreja queria ser reconhecida pelo caráter missionário e pela expansão no território nacional. Porém, o caráter missionário somente foi iniciado em 1881, com a vinda do primeiro missionário batista para pregar para o povo brasileiro, William B. Bagby. Após a sua passagem por Santa Bárbara, foi escolhida oficialmente a Bahia como base missionária entre os brasileiros. Ao que nos consta, segundo Crabtree (1962), Antônio Teixeira de Albuquerque foi o primeiro batista brasileiro. Ele se agradou pelo princípio missionário batista no Brasil e contribuiu com Bagby para sair em missão e espalhar a Palavra do Senhor.

Sobre a relação dos batistas com os demais protestantes, em seus primórdios, eles “foram sempre arredios quanto à proximidade e colaboração com outros grupos. A causa desse distanciamento deve remontar às suas origens no Brasil, à mentalidade de seus primeiros missionários” (MENDONÇA, 2008, P. 295). Certamente, antes de tudo, os batistas brasileiros guardaram aquelas características historicamente distintivas dos demais protestantes. Como por exemplo, a autonomia completa das suas congregações locais, a composição dos membros da igreja por pessoas regeneradas, a negação do batismo infantil, o exclusivismo do batismo por imersão e a convicção de liberdade religiosa. Além disso, eles

entendem que a vida religiosa é uma relação de exclusividade entre o homem e Deus através da experiência religiosa pessoal. O que não os diferem muito dos demais grupos protestantes. Contudo, tal experiência religiosa, teologicamente, é alimentada principalmente:

[...] pela leitura e interpretação pessoal da Bíblia, eles são levados a desvalorizar um clero academicamente preparado e os sacramentos como meios exclusivos de graça, realizando-os só no sentido de ordenanças, assim como os credos e confissões de fé, que só serviram para tirar a liberdade de uma interpretação pessoal da Bíblia. O único credo batista é o Novo Testamento, interpretado diretamente pelo fiel (MENDONÇA, 2008, p. 295)

Após essas considerações gerais sobre a inserção do protestantismo e dos primeiros batistas no Brasil, iremos, na próxima sessão, apresentar e aprofundar a história e as características gerais dos batistas para que, posteriormente, possamos apresentar as características dos Batistas Nacionais (CBN) após sua cisão com os Batistas Brasileiros (CBB).

2.3. História e características gerais dos batistas no Brasil

A história dos batistas no Brasil começa com a migração de colonos norte-americanos, após a Guerra da Secessão. De acordo com Pereira (1979), parte do grupo se estabeleceu no estado de São Paulo, enquanto um grupo menor se fixou no Norte do país, em Santarém. A primeira igreja, como dissemos anteriormente, foi fundada na cidade de Santa Bárbara, interior paulista, em 1871. Seus cultos eram ministrados em inglês e destinavam-se apenas aos colonos. Pereira (1979, p. 89) afirma que,

[...] embora essa igreja de Santa Bárbara não fosse missionária, ela tinha o ideal missionário. Via o que o Brasil significava como campo de Missões. Assim, escreveram à Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, apelando-lhe no sentido de que enviasse missionários aos Brasil.

O ex-general das forças sulistas, A. T. Hawthorne, que já conhecia o Brasil, foi um entusiasta da demanda dos migrantes brasileiros, falando sobre a possibilidade de missão em sermões nos Estados Unidos. Foi em um desses encontros que o pastor William Buck Bagby soube da demanda da igreja de Santa Bárbara, que considerou um chamado de Deus. O jovem

pastor, então, apresentou à Junta encarregada das missões estrangeiras o seu interesse em evangelizar no Brasil.

O pastor William Bagby e sua esposa não falavam português, de modo que contavam com o auxílio de Antônio Teixeira de Albuquerque, um ex-padre católico convertido ao segmento Batista, para aprender a língua e os costumes locais. Um ano após a chegada de Bagby ao Brasil, o casal norte-americano Zachary e Katy Taylor também foi enviado à Santa Bárbara para auxiliar na missão de evangelização. Agora eram cinco pessoas que se reuniam para estudar e começar a obra missionária no Brasil.

Após diversas viagens e discussões, os missionários escolheram a cidade de Salvador, na Bahia, como sua base missionária. Em 15 de outubro de 1882 foi fundada a primeira Igreja Batista da Bahia – também considerada a primeira Igreja Batista brasileira com caráter missionário. Novas pessoas se converteram e a membresia da igreja aumentou. Salvador era considerada, na época, uma das mais importantes cidades católicas do país, de modo que houve perseguições aos novos pregadores, como relata Pereira (1979, p. 91): *“houve na Bahia um incidente que poderia ter sido muito grave com Bagby. Estava ele pregando, quando começou a ser apedrejado. Uma pedra pontiaguda feriu-o na testa e ele caiu desmaiado”*.

Em 1884, com a consolidação da missão na Bahia, o pastor Bagby se muda para o Rio de Janeiro, onde conhece a escocesa Elizabeth Williams com quem, no mesmo ano, funda a primeira Igreja Batista no Rio de Janeiro. No ano seguinte Antônio Teixeira retorna da Bahia para Maceió, sua cidade natal, onde funda a primeira Igreja Batista de Maceió (Alagoas). Antônio Teixeira contou com a ajuda de um antigo amigo, Wandregesilo Melo Lins. É Lins que, em 1886, funda, com a companhia do missionário C. D. Daniel, a primeira Igreja Batista do Recife.

Ao longo dos anos, diversas igrejas foram fundadas com a ajuda de outros missionários, até que, em 1907, 25 anos após a fundação da primeira igreja em território brasileiro, foi organizada a primeira Convenção Batista Brasileira. Nesse ano, estimava-se que haveria quatro mil batistas espalhados pelo Brasil. Nessa mesma convenção, foram criadas duas juntas religiosas: Junta das Missões Estrangeiras e Junta das Missões Nacionais. Elas visavam a evangelização de outros países e dos “rincões” existentes no território nacional.

Apesar desses dados históricos, a origem dos batistas não é exata. Historiadores do segmento batista afirmam que existem três teorias a respeito da sua origem. A primeira é a teoria dos “três jotas” (JJJ) ou Jerusalém-Jordão-João. A segunda, por seu turno, é a do parentesco teológico com os anabatistas do Século XVI e a terceira é a teoria dos separatistas ingleses do Século XVII. De acordo com Pereira (1979, p. 04) sobre a primeira teoria:

[...] os batistas vêm em linha ininterrupta desde os tempos em que João Batista efetuava seus batismos no rio Jordão. Foi esposada por historiadores como Thomas Crosby, que escreveu, entre 1738 e 1740, uma **História dos Batistas Ingleses**, em quatro volumes. Outro historiador, G. H. Orchard escreveu, em 1855, uma **História Concisa dos Batistas Estrangeiros** defendendo a mesma ideia. Perfilharam o mesmo ponto de vista J. M. Cramp, professor na Nova Escócia, que publicou, em 1868, uma **História Batista: Desde os Princípios até o Fim do Século XVIII**, e John T. Christian, professor do Instituto Bíblico, hoje Seminário Batista de New Orleans que escreveu, em 1922, uma **História dos Batistas**. Adota também essa teoria um opúsculo largamente difundido no Brasil sob o título *O Rastro de Sangue*, da autoria de um pastor batista, J. M. Carrol (grifo nosso).

Sobre a segunda teoria, a do parentesco individual com os anabatistas do Século XVI, foi defendida por David Benedict, que publicou a **História Geral da Denominação Batista na América e em Outras Partes do Mundo**. Já a terceira teoria, que vai ao encontro dos separatistas ingleses do Século XVII, aproxima-se muito da segunda teoria, no que tange a influência dos anabatistas e, de acordo com a literatura especializada, se mostra mais consistente. Os batistas, conforme essa teoria, têm como fundador o inglês John Smyth (1570-1617). Antes de se tornar um batista, foi pastor anglicano. Queria uma reforma mais radical do que a demandada pelos anglicanos e não se conformava com a organização hierárquica e com a liturgia da mesma. Após alguns anos, John Smyth formou, em Gainsborough (Inglaterra), uma pequena comunidade discordante do segmento anglicano, porém, em 1604, foi obrigado a se exilar com seus novos companheiros de fé em Amsterdã (Holanda), onde predominava o calvinismo. Nesse período de exílio, viveu na casa de um padeiro menonita⁵³ que, segundo estudiosos batistas, o persuadiu da invalidez do batismo em crianças, referenciando-se à tese anabatista. De acordo com Bettencourt (1995, p. 39), *“Smyth então administrou a si mesmo um segundo batismo [...] em consequência, seus companheiros, por ele convencidos da tese anabatista, o expulsaram da comunidade; Smyth não conseguiu ser admitido nem mesmo entre os menonitas”*.

Por volta de 1612, alguns de seus discípulos voltaram à Inglaterra, juntamente com Smyth, e lá fundaram a primeira Igreja Batista, também conhecida como os “Batistas Gerais”, porque, ao contrário da doutrina calvinista, ensinava que Cristo morreu na cruz por todos os seus fiéis. Com efeito, em 1641 formaram-se outras comunidades batistas na Inglaterra que

⁵³ Movimento religioso que descende diretamente do anabatismo. Fundado na Holanda, pelo teólogo Menno Simons (1496-1561), tinha como característica a rejeição da autoridade eclesiástica e do batismo em crianças.

eram dissidentes do anglicanismo e que também adotaram as teses anabatistas sobre a questão do batismo somente em adultos.

No que tange as características teológicas dos batistas, algumas delas mencionadas anteriormente, a principal delas é a liberdade de consciência religiosa. Eles sempre zelaram pela liberdade, sem exceção alguma. Essa liberdade se baseia na voluntariedade em religião, dando à alma a competência e responsabilidade diante de Deus para ler e interpretar a Bíblia, “*liberdade de chegar à adoração e serviço ao trono de Deus, e até mesmo a liberdade de renunciar a Deus e morrer*”. (CRABTREE, 1962, p.26). Significa, em suma, que ninguém pode obrigar alguém em assuntos religiosos, somente a própria pessoa escolhe no que acreditar e a responsabilidade pessoal diz respeito somente a Deus. Outras duas características dos batistas são: o batismo e a celebração da ceia. Sobre a questão do batismo, ele é somente realizado nas águas, ou seja, não é aceito o batismo por aspersão. É fundamental que ele permita a imersão ou o mergulho de corpo inteiro por parte daquele que está sendo batizado. “*Para eles somente a imersão é batismo*” (SILVA, 2012, p. 21). Por sua vez, a celebração da ceia possui o mesmo padrão da cristã, mas difere-se fundamentalmente no seu conteúdo: eles não aceitam a ideia de sacramento. A ceia não é um transmissor de graça, como afirmada no padrão cristão, ela somente é celebrada por ser considerada um memorial.

Visto que, no segmento batista como um todo, o bojo doutrinário é o mesmo, tanto na Convenção Batista Brasileira (CBB) quanto na Convenção Batista Nacional (CBN), a cisão ocorrida entre essas duas denominações, que iremos apresentar na próxima sessão, demarca explicitamente duas características teológicas que as difere: a ideia de avivamento⁵⁴ espiritual e o Batismo no Espírito Santo.

2.4. A cisão teológica e o nascimento da Convenção Batista Nacional

A Convenção Batista Brasileira, em 1965, na cidade de Niterói, expulsou 32 igrejas que faziam parte do seu segmento. Até o fim daquele ano, o número chegou a 52 igrejas desligadas. O motivo era apenas “um ponto teológico”: o Batismo no Espírito Santo, segundo os relatos dos membros desligados do seu rol. Esse ponto teológico (ou essa demanda teológica) não nasceu de uma hora para outra, mas remonta, ainda que de forma tímida, ao ano de 1924, quando da vinda ao Brasil do casal de missionários David e Rosalee Appleby.

⁵⁴ Avivamento e Renovação são usados de forma alternada na literatura sobre os batistas nacionais, principalmente nos livros de Enéas Tognini, um dos membros que encabeçou o surgimento desse segmento.

Os missionários norte-americanos eram recém-casados e residiram, inicialmente, na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. No mesmo ano, porém, dois acontecimentos importantes marcam uma mudança na trajetória de Rosalee: o nascimento de seu filho e a morte do marido, David. “E este, antes de morrer mandou dizer à esposa: ‘Faça (sic) o meu trabalho e o seu... E com este trágico acontecimento, Deus começou a obra de avivamento espiritual no Brasil”, nos conta o missionário Enéas Tognini (1993, p.16), em um relato sobre a “**História dos Batistas Nacionais**”. A ideia do avivamento, e isso é importante ressaltar, foi considerada como um movimento mundial, ou seja, aconteceu simultaneamente em todas as partes do mundo, embora, especificamente, nos interessa a sua concretude aqui no Brasil, com a vinda do casal missionário.

Rosalee pregava bastante nas igrejas batistas, principalmente entre os jovens, onde era muito bem quista. Além das igrejas, a missionária focava as suas forças no campo literário, principalmente com folhetos que tinham como objetivo preparar o terreno para a “semente do Espírito Santo”, conforme nos conta Tognini (1993). Ainda que tenham tido seu início dentro da Igreja Batista brasileira, esses folhetos atingiram os lares dos pastores de várias denominações religiosas e, conseqüentemente, começaram a ter certa repercussão. Ao longo do tempo, juntamente com jornais de diversas denominações evangélicas, os folhetos ajudaram a expressar um mesmo desejo por avivamento, por um maior contato com o Espírito Santo. Com a ajuda do pastor batista José Rego do Nascimento⁵⁵, transferido da Igreja Batista de Vitória da Conquista, na Bahia, para Belo Horizonte, a ideia saiu da teoria e tornou-se prática. O movimento recebeu o nome de Renovação Espiritual⁵⁶.

Vale salientar, por ora, o que significa o Avivamento ou Renovação Espiritual. De acordo com o missionário Tognini (1993, p. 18), “*Renovação Espiritual é uma mensagem bíblica no poder do Espírito para sacudir as igrejas que existem, mas que dormem embaladas no comodismo e pela inatividade*”. Tais igrejas que, segundo Tognini, “dormem embaladas no comodismo”, não se resumem àquelas que se encontram no rol da Convenção Batista Brasileira, são outras também. Mas, no que tange à Convenção Batista Brasileira, a crítica feita por esses membros era de que ela tinha ignorado essa experiência emotiva com o sagrado e ficado somente fiel à racionalidade da Bíblia. Essa experiência emotiva é oriunda do

⁵⁵ José Rego do Nascimento e Enéas Tognini foram os primeiros batizados por Rosalee, em 1954.

⁵⁶ Sua inspiração veio de um programa radiofônico homônimo dirigido pela missionária em Belo Horizonte. Tempos depois, o programa foi transferido para o pastor José Rego do Nascimento, devido à uma enfermidade que obrigou Rosalee a retornar aos Estados Unidos por um tempo. Nessa época o pastor José Rego do Nascimento já era pastor da Igreja Batista de Lagoinha, em Belo Horizonte, que teve total importância para o movimento.

pentecostalismo, que durante esses anos vivia no Brasil a sua segunda onda⁵⁷. Contudo, o movimento de Renovação Espiritual, para se distinguir do pentecostalismo, optou pela nomenclatura “renovada”.

O objetivo inicial do movimento não era, de forma alguma, causar cisão no meio batista, pelo contrário, era apenas salientar aquilo que estava sendo esquecido. Porém, outros membros da Convenção Batista enxergavam essa experiência emotiva como algo totalmente nocivo e negativo. O relato, segundo Tognini, dizia “*que somos barulhentos, proselitistas, subimos pelas paredes e só fazemos palhaçadas*” (1993, p. 11). E é nesse momento que o conflito começa, quando os membros do avivamento “*aproximam-se do pentecostalismo e experiências extáticas começam a acontecer*” (SILVA, 2012, p. 64). Para se defenderem, os membros desse novo movimento afirmaram que as igrejas históricas, nesse caso os batistas, estão deixando, e até mesmo negando, tudo o que poderia ser ofertado pelo Espírito Santo. Ou ainda, conforme Silva (2012, p.78), o movimento “*baseia-se no argumento de que os crentes batistas históricos que não fazem parte do movimento estão vivendo aquém do que poderiam viver em termos de experiências com o Espírito Santo*”. Essa experiência⁵⁸ era considerada pelos membros da Renovação Espiritual como a possibilidade de receber a mesma experiência dos apóstolos em Pentecostes, não como repetição histórica, mas como possibilidade experimental, conforme relata o missionário Tognini (2000).

Para os adeptos da Renovação, a presença do Espírito Santo por manifestações carismáticas é um bom sinal, principalmente nos cultos. A sua presença torna o culto mais dinâmico e imprevisível. Isso era o oposto do que existia nos batistas tradicionais⁵⁹, já que os seus cultos e suas liturgias eram pré-determinadas – o que era criticado pelos batistas que queriam a renovação, justamente por considerarem que esses batistas tradicionais estariam mais preocupados com aspectos formais do que com aspectos espirituais. Enéas Tognini e José Rego do Nascimento eram, nesse momento, os principais divulgadores da necessidade de renovar a Igreja Batista e não poupavam a denominação através de manifestos, discursos e escritos. Consequentemente, houve uma grande tensão entre os membros do segmento, o que acabou chegando até a cúpula da denominação brasileira. O resultado foi a abertura de uma

⁵⁷ De acordo com Mariano (2005, p. 30), “a segunda onda teve início nos anos 50 na cidade de São Paulo com [...] o evangelismo de massa centrado na mensagem da cura divina”.

⁵⁸ Essa experiência difere-se do pentecostalismo na sua segunda onda. Se nesse tipo de pentecostalismo, a experiência tem o seu ápice na glossolalia, no Movimento de Renovação Espiritual ela se manifesta enquanto uma experiência íntima com o sagrado.

⁵⁹ Por batistas tradicionais queremos nos referir aqueles batistas que fazem parte da Convenção Brasileira e que não seguem a ideia de Renovação Espiritual, enquanto outros membros da mesma convenção seguem.

comissão⁶⁰ (Comissão dos Treze) na **44ª Assembleia Geral da Convenção Batista Brasileira**, em Curitiba, no Paraná, que tinha como objetivo fazer um estudo da doutrina do Espírito Santo para apresentar um parecer. Tal comissão era composta por: três pastores que eram favoráveis ao novo movimento; três pastores contrários ao novo movimento e sete pastores que eram considerados isentos sobre a questão. Eis que, então, o parecer da comissão, conforme Tognini (1993, p. 47), foi:

I) Dada a natureza da matéria, a Comissão não apresenta um parecer final e, por isso, não define, nesta conjuntura, a doutrina bíblica do batismo no Espírito Santo. II) Verificamos que a expressão “batismo no Espírito Santo” nunca foi definida em declarações de fé publicadas pelos batistas através dos séculos e sobre seu significado as opiniões de teólogos e pensadores batistas são divergentes; mas, também, reconhecemos: 1. Que a crença no batismo no Espírito Santo como uma “segunda bênção”, ou seja, como segunda etapa na vida cristã ou seja, ainda como uma nova experiência posterior à conversão não tem sido crença que caracterize os batistas brasileiros. 2. Que a prática do que ainda hoje chamam de “dom de línguas” e “dom de curas milagrosas” é igualmente estranha às crenças e práticas características dos batistas brasileiros. 3. Que o consenso geral dos batistas sobre a atuação do Espírito Santo na vida do crente é que ela se faz como um processo em toda a sua vida, processo esse que chamamos de “Santificação Progressiva”, a qual depende da cooperação do próprio crente. 4. Que qualquer experiência emotiva ou sensível de cunho pessoal que algum crente ou grupo de crentes tenha tido a que atribuem ao Espírito Santo, por mais genuína que seja para o indivíduo ou para o grupo, de modo nenhum pode constituir um exemplo ou um padrão a ser imitado por outros crentes, nem tão pouco pode constituir base para doutrinação dos outros ou para campanhas de avivamento. III) Apraz-nos assinalar não haver divergência entre os batistas da Convenção Batista Brasileira nos pontos fundamentais e que são os que constam da “Declaração de Fé das Igrejas Batistas do Brasil”. IV) Achamos que se deve reafirmar direito inerente a cada batista, pronunciar livremente sobre a matéria, mas em linguagem cristã em que perceba preeminência do amor e sincero desejo de um fortalecimento espiritual que se torna cada vez mais necessário em nossas igrejas e em nosso povo. V) Mas achamos também que a ênfase dada a determinada interpretação da doutrina do batismo no Espírito Santo tem originado os seguintes abusos que, sinceramente deploramos: 1. A realização de reuniões em que se notam os mesmos vícios próprios de reuniões pentecostais, isto é, a confusão no ambiente, a gritaria, os descontroles físicos, o falar em línguas e outros excessos

⁶⁰ Aberta em 1962 e proposta pelo pastor Muryllo Cassete, sendo aprovada por 311 votos contra 05 votos contrários.

de emocionalismo. 2. Uma atitude de orgulho espiritual que não quer admitir opiniões opostas e que classifica os que não experimentam as mesmas emoções e experiências de carnavais e mundanos. 3. Tentativas ostensivas ou veladas de proselitismo entre outras igrejas. VI) Achamos conveniente que esta Convenção advirta aos que porventura assim procedem que estão saindo fora da linha apostólica da ordem e da decência, e que prejudicam com tal comportamento as relações entre as igrejas. VII) Sugerimos finalmente: 1. Que haja por parte dos pastores e dos crentes em geral, um estudo mais objetivo da obra e, principalmente, do método de atuação do Espírito Santo, conforme se encontra interpretado no ensino de Jesus Cristo e exemplificado no ministério dos seus apóstolos. 2. Que os crentes e igrejas se abstenham de atitudes precipitadas e hostis, mesmo quando estejam separadas uns dos outros por divergências doutrinárias no tocante à obra do Espírito Santo. 3. Que, aprovado este parecer, a Comissão continue suas reuniões e observações examinando, inclusive, experiências espirituais de diversos irmãos e obreiros e apresentando no próximo ano parecer final sobre a matéria de que também constem os resultados práticos da decisão ora tomada. Vitória, 25 de Janeiro de 1963. Rubens Lopes: presidente; Werner Kaschel: secretário; J. Reis Pereira: relator; Achilles Barbosa: Delcyr S. Lima; J. Rego do Nascimento; David Gomes; Enéas Tognini; João F. Soren; David Mein; Harald Schaly; Reinaldo Purim e Thurman Bryant.

Logo após, no mesmo ano, na **45ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira**, em Vitória, Espírito Santo, foi votada a aprovação global do parecer, que teve 477 votos a favor contra 11 votos contra. Já em 1964, na **46ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira**, em Pernambuco, Recife, a novidade em relação ao parecer anterior foi a Recomendação Suplementar, que foi um verdadeiro divisor de água na Convenção Batista e para o Movimento de Renovação Espiritual:

1. Que as igrejas, orientadas por seus pastores, sejam intransigentes no repúdio ao mundanismo e se esforcem no cultivo de uma vida espiritual intensa, cujos frutos se manifestem na conversão de almas, no gozo cristão e na edificação dos fiéis (ponto aprovado por unanimidade).
2. Que os pastores realizem estudos a respeito da doutrina do Espírito Santo, ministrando o ensino correto das Escrituras sobre o assunto, bem como, levando suas igrejas a realizarem estudos sobre a doutrina do Espírito Santo através das Escolas Dominicais, usando para isso a revista especial a ser preparada pelo Departamento de Escolas Dominicais, de acordo com decisão já tomada por esta Convenção.
3. Que as igrejas e pastores que se tenham afastado das doutrinas batistas e se aproximado das doutrinas pentecostais sejam convidados com todo o amor a um reestudo de sua posição à luz do parecer

apresentado. Caso persistam em manter pontos de vista contrários à posição doutrinária sustentada pela Convenção Batista Brasileira, sintam-se à vontade para uma retirada pacífica e honrosa, em benefício da paz da causa de Deus. Tal recomendação se limita àqueles que fazem de suas convicções divergentes, motivo de atividade ostensiva, provocando inquietação, confusão e divisão (TOGNINI, 1993, p. 53)

Sendo os dois primeiros pontos do parecer global, aprovados por 459 votos contra 67 votos, conforme relatou Tognini, o terceiro ponto por ser mais rígido, poderia apresentar uma votação mais equilibrada, porém o resultado de acordo com o missionário na 8ª sessão foi: 422 votos a favor contra 14 votos. A referida “Comissão dos Treze”, agora reduzida a 10 pessoas - já que Bryant, Tognini e Rego do Nascimento saíram da mesma, por motivos teológicos que iam contra a Convenção Batista Brasileira – consideraram esses membros como “pentecostais” até a sua exclusão das fileiras da denominação. A primeira exclusão oficial ocorreu na Igreja Batista da Fonseca, filiada à Convenção Batista Fluminense, em 1965 a nível nacional. Daí em diante outras igrejas foram excluídas do rol da Convenção Batista Brasileira até que, como dissemos no início dessa sessão, o número de igrejas excluídas chegou a 52 igrejas.

Os primeiros encontros dos membros e das igrejas excluídas possibilitaram a criação da AME (Ação Missionária Evangélica), não sendo essa exclusiva dos batistas, mas evangélica, atingindo outras denominações que eram saudosas com a ideia da Renovação Espiritual. Essa ação missionária, com o tempo, acabou virando um **Encontro de Renovação Espiritual**, onde eram apresentados seminários sobre o tema e com ampla participação evangélica⁶¹. Eis que, então, em 1967, com o rápido avanço da AME, na Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte, nasce a Convenção Batista Nacional. O orador oficial desse evento foi o pastor Dalson Pinto Teixeira, da Igreja Batista de Petrópolis, e foi apresentada durante a ocasião a primeira diretoria eleita: Elias Brito Sobrinho (presidente); Joel Ferreira (1º vice); Rosivaldo Araújo (2º vice); Nivaldo Ferreira da Silva (1º secretário) e Dalson Pinto Teixeira (2º secretário). A obra batista do novo segmento começou a crescer em todo território nacional, precisando de maior apoio da direção geral da CBN, o que era muito complicado. Foram então criadas pequenas convenções regionais para dinamizar melhor a obra e dar mais assistência às igrejas. Hoje, *“as CBNs estaduais estão presentes em, praticamente, todos Estados da Federação. E, algumas descentralizadas em subsecretarias*

⁶¹ Em 1990 na cidade de Salvador e em outro, em 1992, os dois maiores Encontros, a participação chegou a vinte mil pessoas.

regionais, a fim de oferecerem maior e melhor assistência às igrejas das respectivas regiões de cada Estado”⁶².

Os princípios e diretrizes que norteiam a denominação constam em dois manuais: “**Manual Básico dos Batistas Nacionais**” e “**Poderes Diretivos e Representativos**”⁶³. Os dois devem constar obrigatoriamente em todas as bibliotecas das Igrejas Batistas Nacionais que fazem parte da Convenção Batista Nacional. O primeiro diz respeito aos princípios batistas, os elementos fundamentais da fé batista, a eclesiologia, o segmento, o culto, as práticas e costumes que devem ser seguidos, o sistema de ensino teológico, a formação dos Ministros do Evangelho e missionários, assim como, a organização eclesiástica. O segundo, por seu turno, diz respeito à legislação (aspectos legais), bem como regimentos internos, organograma da CBN, Instituições, Departamentos, Juntas e Órgãos. Para além dessas características, existem na denominação outras organizações de caráter para-eclesiástico. É o caso da **União Evangelizadora Feminina Brasileira (UEFBN)** e da **Conferência da Juventude Batista Nacional (CONJUBAN)**, essa última responsável por realizar congressos e shows de bandas entre os jovens batistas. Outra questão importante a ser mencionada, diz respeito ao processo de seleção das lideranças ou pastorado. Para o indivíduo que deseja ser pastor ou líder, deve ter em mente que irá passar por um longo e criterioso processo. O processo, basicamente, se divide em três etapas: provas escritas, provas orais e entrevistas. Essas últimas são muito determinantes, pois não se limitam somente à biografia levantada através da família do candidato, ela atinge outros órgãos, como, por exemplo, os bancos. O indivíduo deve ser alguém que não possui dívidas, o que mostra a sua seriedade e compromisso, não pode ter o seu nome no banco de dados do SPC, nem algum tipo de escândalo policial. Além disso, são muito raros os casos de um candidato aprovado para exercer o pastorado que não possui um matrimônio.

Conforme os dados apresentados no site da denominação⁶⁴, os batistas possuem 2.882 (igrejas, congregações e juntas-missionárias) e também aproxima-se de 412.750 batistas nacionais espalhados pelo território nacional. Em particular, no Rio Grande do Sul, o número de igrejas da Denominação Nacional chega a 97, mais o total de 13.000 seguidores. Já que chegamos a mencionar o Estado que abriga o nosso objeto de estudo, a cidade de Porto

⁶² CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL. **Os Batistas Nacionais: síntese histórica**. S/A. Disponível em: cbn.org.br/downloads/historiadosbatistasnacionais.pdf. Acesso em: 16 de fevereiro de 2017.

⁶³ Ambos disponíveis em: www.cbn.org.br/downloads/manual_basico_batista_nacional.pdf

⁶⁴ CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL. **Os Batistas Nacionais: síntese histórica**. S/A. Disponível em: cbn.org.br/downloads/historiadosbatistasnacionais.pdf. Acesso em: 16 de fevereiro de 2017.

Alegre, mais especificamente a região de Guaíba é a proveniente dos Batistas Nacionais na cidade de Santa Maria/RS.

2.5. A origem dos Batistas Nacionais na cidade de Santa Maria/RS

Nesta última seção, devido à escassez de material sobre os Batistas Nacionais na cidade de Santa Maria/RS, iremos recorrer ao método de história oral, tendo em vista a realização de uma entrevista com a liderança da congregação que nos relatou a trajetória da mesma, o seu desenvolvimento e suas características específicas até os dias de hoje. Contudo, antes de apresentarmos a entrevista realizada, iremos apresentar os principais pontos que fundamentam a escolha da técnica⁶⁵ para essa seção, bem como a posição de alguns autores em relação a ela.

Para a história oral ser consistente, de acordo com Alberti (2013), deve combinar um conjunto sistemático, diversificado e articulado de depoimentos que foram gravados em torno de um tema, assim como, o rigor da história de vida, que garante a riqueza que a técnica por si mesma não possui. Em combinação, esses dois elementos contribuem, metodologicamente, *“no sentido de garantir rigor e status científico para gravações que, em geral, a partir da tradição americana, ocorriam de maneira pouco sistemática e mais espontaneísta”* (ALBERTI, 2013, p. 19). Por sua vez, a história de vida, por si mesma, na sua tradição europeia, era identificada como um subjetivismo de fluxos psíquicos sem grande sistematicidade. Somente na sua combinação é que esses dois elementos, de acordo com os autores que iremos apresentar mais adiante, conseguem atingir um nível minimamente consistente. Ainda de acordo com Alberti (2013, p. 19), o que antes era tratado simplesmente como um suporte documental, mostrou *“a riqueza inesgotável do depoimento oral em si mesmo, como fonte não apenas informativa, mas, sobretudo, como instrumento de compreensão [...] da ação humana”*. Captar a lógica e o resultado da ação humana através de suas inúmeras versões resulta no seu expressivo significado, seja a partir da linguagem do ator investigado, seja pela demonstração explícita (ou não) das suas ideologias ou visões de mundo. A história oral, então, permite recuperar aquilo que não encontramos em documentos de alguma natureza e acaba apresentando acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca

⁶⁵ Alguns autores preferem considerar a história oral não como uma técnica, mas como uma *metodologia* (Alberti, 2013; Thompson, 1992).

evocados, tais como: experiências pessoais, impressões particulares ou acontecimentos, como formas de se aproximar do objeto de estudo⁶⁶.

Por sua vez, Pereira (2000, p. 117), define a história oral como um “*lugar privilegiado de encontro entre diferentes disciplinas, constituem importante fonte de conhecimento histórico*”. Ela permite um diálogo entre a Sociologia, Antropologia, História ou entre outras áreas do conhecimento. Já para Queiroz (1988, p. 19), diferentemente daqueles autores que consideram a história oral enquanto uma metodologia, ela pode ser concebida como uma técnica de coleta de dados que,

[...] recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completa. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo (história de vida) ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade (tradição oral).

Por outro lado, para além dessas contribuições epistemológicas, a história oral, também permite a transformação dos “*objetos de estudo em sujeitos, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também é mais verdadeira*” (THOMPSON, 1992, p. 137). Sendo assim, a história oral pode se dividir em três modalidades, a saber: história oral de vida, história oral temática e tradição oral. A primeira indica o sujeito investigado como objeto primordial de pesquisa, além de retratar oficialmente o depoente. Ele, o narrador, é soberano e conduz as perguntas da entrevista numa amplitude que possa ser colocada em grandes blocos temáticos e o entrevistador não deve contestar o entrevistado e o conteúdo emitido pelo mesmo. A segunda modalidade, a história oral temática, é a que mais se aproxima das soluções tradicionais dos trabalhos analíticos interdisciplinares. Na entrevista busca-se o esclarecimento de certos tópicos e a atuação do entrevistador é mais explícita e participativa. O ponto de partida, diferente daquele primeiro, é um assunto específico que é preestabelecido com o intuito de esclarecer alguma dúvida de investigação. Por último, na modalidade de tradição oral, trabalha-se com a retenção dos mitos ou com as visões de mundo de alguma comunidade que possui os seus valores assegurados em referências passadas. Aqui, o sujeito de pesquisa possui uma grande amplitude (coletivo), sendo menos individual, devendo abranger pessoas que sejam confidentes de certas tradições.

⁶⁶ O recurso do gravador, a partir dos anos 50, permitiu “congelar” o depoimento, possibilitando sua avaliação em qualquer tempo ou espaço, colaborando com inúmeras pesquisas e podendo constituir-se em um acervo aberto a pesquisadores.

No entanto, é necessário deixar bem claro as limitações de tal técnica, justamente porque se trata de uma descrição subjetiva, parcial e, portanto, uma tentativa objetiva de se aproximar dos fatos ocorridos. Por exemplo, existe uma diferença entre os fatos objetivos (aqueles permeados pelos juízos de fatos) e as opiniões pessoais (permeadas pelos juízos de valores, *grosso modo*), assim como as opiniões ou ideias de terceiros que passaram as suas impressões subjetivas a novos atores. A história oral busca dirimir tais limitações e proporciona a apresentação dos fatos de forma relativa. No nosso caso, também existem certas limitações que precisam ser mencionadas. Trata-se apenas de um entrevistado, a liderança da igreja, que expôs a sua subjetividade sobre a constituição e a trajetória da igreja até os dias de hoje. E, como mencionado anteriormente, essa limitação abarca a escassez de dados documentais sobre a instituição, assim como, a nossa possibilidade de fundamentar e contrapor com as informações do entrevistado.

De acordo com a liderança entrevistada, a formação da Igreja Batista Nacional na cidade de Santa Maria/RS, até os dias de hoje, teve influência inicial do pastor Mário Concato, que naquela época congregava na Igreja Batista Filadélfia. Essa última era oriunda de outra igreja (com o mesmo nome), situada na cidade de Porto Alegre, que pertencia ao rol da Convenção Batista Nacional. Tempos depois, o pastor Mário, começou a ter alguns conflitos com a sua liderança e achou melhor se retirar para fundar outra denominação. Essa nova denominação, que já levava o nome de “Batista Nacional de Santa Maria”, em comparação com a sua de antes, não era tão organizada, pois não contava com um registro oficial, além das reuniões serem esporádicas e voluntárias. Mesmo tendo ficado à frente desse trabalho por quatro anos, o pastor Mário, teve contato com outra denominação, em Porto Alegre, que se chamava “Comunidade Evangélica”. Tal denominação despertou o interesse do mesmo que acabou deixando de lado o projeto atual em Santa Maria. Logo, a Batista Nacional de Santa Maria acabou enfraquecendo e ficando sem liderança. Eis que, na cidade de Guaíba, o pastor Sidney Consteila, na época presidente nacional da Convenção, ficou sabendo da situação que afligia a antiga denominação do pastor Mário, resolvendo, assim, verificar a real situação na cidade. No retorno, ele acabou relatando a situação ao pastor da sua igreja que é o nosso entrevistado e atual líder da congregação em Santa Maria. Conhecendo a “pouquíssima” estrutura deixada na igreja da cidade, o pastor de Guaíba foi convencido pelo pastor Sidney de que a igreja, mesmo tendo alguns problemas, tinha o seu perfil. Foi aí que algo peculiar, conforme o relato do entrevistado, aconteceu. Um sinal de que a sua possível ida a Santa Maria era um plano de Deus. O sinal que possui um lado espiritual foi relatado da seguinte maneira:

[...]eu nunca estive em Santa Maria e eu sonhei com essa cidade, eu andei dentro da universidade em sonho, andei dentro dos prédios da Universidade, eu fui na Praça Saldanha Marinho, eu passei pela cidade em sonho. Quando vim aqui, que era a princípio, para passar o final de semana com um grupo aqui e conhecer, para ver se realmente se construía essa afinidade, que eu comecei a olhar cidade e esse irmão, que era professor da Universidade, começou a me levar para passear, eu disse: “eu tive nesse lugar!”, eu tive essa sensação clara de conhecer. Aquilo serviu para mim como uma convicção do que eu deveria fazer.

Em 15 de fevereiro de 1998, mudando-se para Santa Maria, oficialmente o ex-pastor de Guaíba assumiu a liderança da nova igreja. Posteriormente, no ano de 2002, o número de fiéis que frequentavam a igreja aumentou de aproximadamente 15 para 200 pessoas. No mesmo ano houve algumas mudanças de localização e o crescimento do número de fiéis, o que, conseqüentemente, desencadeou em 15 de março de 2003, a adoção do modelo celular no interior da igreja que visava uma melhora nas estruturas da mesma. Esse modelo celular, também considerado como um “método”, tem como objetivo uma certa descentralização do trabalho eclesial. De acordo com a liderança o modelo celular é:

[...] um exercício de descentralização onde eu preparo uma liderança, qualifico uma liderança de leigos, não obrigatoriamente pastores, e com essa preparação, com esse treinamento eles assumem um pequeno grupo, uma pequena célula que funcionam numa casa. Então, se encontram uma vez por semana...famílias que se reúnem ali e ali eles passam a ter um vínculo mais direto, mais profundo e um bom nível de demandas de atendimento, digamos assim...aquele líder da célula ele absorve e pra mim passa a vir apenas causas mais delicadas, nas coisas mais difíceis para eles administrarem ou orientar, e então há um filtro aí...é uma descentralização de poder.

Além desse objetivo de descentralização, o modelo celular, foi adotado para dar conta do crescimento frenético que a igreja estava sofrendo, o que acabou chegando ao número de 300 células espalhadas pela cidade e 2000 pessoas congregando nas mesmas. Foram sete anos de crescimento “descontrolado” e algumas mudanças de localização, até que devido a igreja não possuir sede própria e viver de aluguel, houve uma assustadora evasão por parte dos fiéis. Um aspecto negativo, segundo nosso entrevistado. A igreja chegou a ficar 3 meses sem uma localização fixa, acompanhada de alguns rompimentos contratuais com lugares que cediam locais para as congregações. Aproximadamente o número de evasões chegou a 1000, o que desencadeou, ainda conforme a liderança, a procura por outras denominações pela parte dos

fiéis. Já que essas possuíam sede e local fixos. No final das contas o grupo que antes tinha em média de 2500 pessoas foi reduzido a 800 pessoas. Até que, então, a congregação resolveu comprar o seu próprio terreno e construir a sua própria igreja, ficando, por ora, alugando outro espaço, mais formal, enquanto a sua igreja não fica pronta. Em síntese, foram sete anos de crescimento exponencial e depois sete anos de perdas e contratempos. Contudo, isso tudo foi um grande aprendizado para a congregação, conforme o nosso entrevistado,

[...] A gente aprendeu muito com tudo isso, pois no início nós fazíamos células que não eram bem de família, eram células homogêneas, ou seja, eram células só de homens, só de mulheres, só de rapazes, só de moças, eram células homogêneas. E mais recentemente, de 2 anos para cá, nós remodelamos isso. Nós passamos a trabalhar com células de família...então reúne as famílias. Justamente buscando um resgate daquilo que era mais original possível, olhando a igreja do primeiro século.

Conforme mencionamos anteriormente, existem aspectos positivos e negativos em relação ao método de história oral que adotamos em nossa pesquisa (especificamente para esta seção). Porém, devido à escassez de fontes documentais sobre a instituição, achamos adequado ouvir e coletar informações da liderança local sobre quando e como a igreja tornou-se o que é, adequando aos moldes do nosso interesse sociológico. Na próxima seção iremos apresentar, mais detalhadamente, a metodologia adotada em nossa investigação.

3. METODOLOGIA EMPREGADA

No que tange às estratégias metodológicas para o enfrentamento do nosso objeto de pesquisa, nos servimos fundamentalmente da sociologia compreensiva de Max Weber e de algumas técnicas complementares para dar uma maior consistência à nossa pesquisa. Porém, faz-se necessária uma pequena digressão acerca da metodologia compreensiva weberiana para, posteriormente, apresentar tais técnicas complementares. Essa metodologia, além de auxiliar nesse intento investigativo, expõe, de forma séria, as limitações do fazer científico defendido pelo positivismo. Ao invés de trabalhar com a ideia de que somente a sociedade - enquanto entidade corpórea e objetiva que constrange os indivíduos - importa para a investigação sociológica, o autor propõe uma atenção ao sentido da ação (social) humana. Essa, fundamentalmente, é o objeto de estudo da sociologia compreensiva weberiana para a qual, segundo Cohn (1991, p. 27), *“interessa, enfim, aquele sentido que se manifesta em ações concretas e que envolve um motivo sustentado pelo agente como fundamento de sua ação”*. O fundamento, portanto, para se explicar a ação social é o seu real motivo. É por isso que a teoria sociológica de Weber é chamada de “compreensiva” onde o seu objetivo é compreender o sentido da ação social⁶⁷. Contudo, como as ações humanas são infinitas e o sociólogo não possui a capacidade de acompanhar todas, Weber propõe a sua teoria dos **tipos de ação ou tipos ideais de ação social**⁶⁸.

Essa teoria visa, como ferramenta metodológica, a captação de expressões da realidade social que se mostram mais relevantes e que, posteriormente, são convertidas em conceitos que diminuem a complexidade do social. Sendo assim, nós, da mesma forma, iremos nos debruçar em tal metodologia para captar e acentuar os aspectos que mais nos interessam empiricamente através da maneira que os fiéis entrevistados da Igreja Batista Nacional de

⁶⁷ Um pequeno adendo sobre a questão da compreensão na sociologia de Max Weber. Existem certas críticas sociológicas em relação a ela (Turner, 1974; Gellner, 1986; Pace, 2005; Villegas, 2015). Uma delas é a de Alfred Shutz (1979) que afirma que tal ideia não está bem clara, pois o significado subjetivo da ação se confunde tanto com a do ator quanto a do observador. Essas “ambiguidades” apontadas pelo autor na sociologia weberiana o levaram a formular a seguinte questão: “como compreender a experiência dos outros?”. Para a fenomenologia de Schutz, existem duas maneiras: uma objetiva e outra subjetiva. A primeira, grosso modo, diz respeito aos símbolos e atos; enquanto que, a segunda, diz respeito aos “outros” que participam ou compartilham da mesma experiência. Um outro tratado sobre a questão da compreensão na sociologia weberiana é a de Hans-Richard Jahnke em “O conceito da compreensão na Sociologia de Max Weber” (2014). Nessa obra, o autor busca minimizar as confusões existentes sobre a ideia de compreensão dando uma explicação minuciosa e lexical.

⁶⁸ Os tipos ideais são definidos pelo autor quando: “Obtém-se [...] acentuando unilateralmente um ou vários pontos de vista, encadeando um multidão de fenômenos isolados, difusos e discretos que se encontram ora em grande número ora em pequeno número até o mínimo possível, que se ordenam segundo os anteriores pontos de vista escolhidos unilateralmente para formarem um quadro de pensamento homogêneo” (2016, p. 31).

Santa Maria/RS justificam o mal no mundo e a má distribuição dos bens da graça de Deus. Como a nossa pesquisa se encontra no interior da sociologia da religião, a nossa preocupação se iguala à de Weber, só que com nova roupagem. Porém, a estrutura do nosso interesse é o mesmo: a investigação de uma “*sociologia da ação religiosa*” (SELL, 2015, p. 15).

Para além disso, sabemos das limitações que uma teoria possui quando é usada de maneira isolada. Para tentar sanar o máximo possível essa limitação, a adoção de algumas técnicas de pesquisa será fundamental. Nesse sentido, pretendemos nos valer da análise documental como fonte de informações relevantes sobre a CBN e suas crenças. A análise documental corresponde a um “*método de coleta de dados que elimina, ao menos em parte, a eventualidade de qualquer influência – a ser exercida pela presença ou intervenção do pesquisador – [...], anulando a possibilidade de reação do sujeito à operação de medida*” (CELLARD, 2012, p. 295). Pretendemos analisar algumas obras dos fundadores desse novo *ethos* teológico (chamada de **renovação espiritual**) da CBN, a saber, Enéas Tognini (1914-2015) e Rosalee Appleby⁶⁹ (1895-1991). Compreendemos que essas obras apontam elementos constitucionais da doutrina da igreja, em especial sobre o que mudou após a cisão com a CBB e a adoção do Batismo no Espírito Santo, oriundas do movimento pentecostal.

A análise de conteúdo (FLICK, 2009) servirá, nesse contexto, como método adequado para realizar a interpretação após a coleta de dados – visto que, como aponta Chizzotti (2006, p.98), “*o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas*”.

Da mesma forma, a consecução do empreendimento analítico nos exigirá o contato direto com os fiéis da CBN, com vistas a uma coleta de dados mais qualificada. Nesse sentido, dois métodos se mostram particularmente relevantes: a observação participante e a entrevista semi-estruturada. No primeiro caso, nos propomos a acompanhar os cultos da CBN, na comunidade de Santa Maria/RS, de forma a sistematizar conhecimentos sobre a experiência religiosa dos fiéis. Segundo Boni e Quaresma (2005, p. 71)

A observação participante se distingue da observação informal, ou melhor, da observação comum. Essa distinção ocorre na medida em que pressupõe a integração do investigador ao grupo investigado, ou seja, o pesquisador deixa de ser um observador externo dos acontecimentos e passa a fazer parte ativa deles.

⁶⁹ As obras escolhidas são: “História dos batistas nacionais (1993) e Melodias na Alvorada (1954)”.

Ela possibilita ao pesquisador desenvolver com os participantes um relacionamento e confiança, necessária para que os fiéis participantes salientem o que se encontra sublimado na realidade das suas experiências práticas. A observação participante deverá ser complementada, ainda, com um contato mais direto e individual com os fiéis, através de entrevistas (HAGUETTE, 1997). Optamos, dentre as modalidades de entrevista, pela entrevista semi-estruturada, que combina:

[...] perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto [...]. As técnicas de entrevista aberta e semi-estruturada também têm como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. Além disso, a interação entre entrevistador e entrevistado favorece as respostas espontâneas. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

A partir das entrevistas semi-estruturadas entendemos ser capazes de obter as informações necessárias para as análises que pretendemos empreender, visto que seremos capazes de aprofundar as questões pertinentes e explorar as temáticas necessárias a partir das experiências e da narrativa mais livre do entrevistado.

A análise de todo esse material se dará, por fim, com base na chamada *Grounded Theory*, ou teoria fundamentada, que se caracteriza como uma estratégia metodológica cujo intuito é a interpretação da ação humana (FERREIRA, 2013). Segundo Charmaz (2009, p 45), a *Grounded Theory* busca “*procurar dados, descrever os eventos observados, resolver as questões fundamentais sobre o que ocorre e, então, desenvolver categorias teóricas para compreender os dados*”.

Uma abordagem construtivista enfatiza a obtenção das definições dos participantes quanto aos termos, às situações e aos eventos, na tentativa de explorar as suas suposições, os seus significados implícitos e as regras tácitas (CHARMAZ, 2009, p. 54).

A *Grounded Theory* se mostra, enfim, uma relevante estratégia metodológica. Pertinente para a pesquisa que pretendemos desenvolver, permite a coleta mista de dados e uma aproximação qualificada do pesquisador em todas as fases da pesquisa. Favorece, além disso, a construção de categorias teóricas considerando a matriz conceitual selecionada, qual seja, a compreensão weberiana sobre o agir social. Por fim, com base nos dados, pretende-se identificar os

elementos ético-práticos que orientam a ação dos fiéis e contrapô-los aos tipos ideais weberianos de teodiceia.

4. PERCURSO ANALÍTICO

Pretende-se, nesta seção, apresentar o percurso analítico da problemática proposta anteriormente. O percurso está dividido em três etapas, a saber: (1) iremos apresentar, enfaticamente, o discurso e a justificativa da má distribuição dos bens da graça dada pela liderança da IBN de Santa Maria/RS; tomaremos esse primeiro ponto como parâmetro, uma vez que o nosso interesse se dá pelo funcionamento e pela visão de mundo transmitida por tal liderança; (2) apresentaremos os relatos dados pelos fiéis entrevistados e sua comparação com o discurso transmitido pela liderança, focando no processo de internalização dada pelos fiéis em relação ao discurso da liderança entrevista da IBN de Santa Maria/RS; e, por fim, (3) a correlação da segunda etapa com as tipologias de teodiceia apontadas por Weber, bem como os seus elementos constitutivos.

4.1. Primeira etapa: o que disse e justificou a liderança da IBN de Santa Maria/RS

O ponto principal a ser tratado aqui é a justificativa dada pela liderança da Igreja Batista Nacional da cidade de Santa Maria/RS durante a entrevista. Tal justificativa reflete muito a composição da visão de mundo teologicamente transmitida aos fiéis durante as pregações. Apesar de a justificativa dada ser construída numa “*perspectiva histórica da humanidade*” e ter um aspecto bem amplo, ela só faz sentido (dentro da lógica Batista Nacional) quando evidencia certos elementos-chave: a questão do livre-arbítrio, o problema do mal (ou a maldade internalizada pelo homem em forma de pecado), a natureza caída do homem, o afastamento (diga-se desobediência) do homem em relação a Deus, a ideia de salvação e seus caminhos.

O objeto central da criação feita por Deus está no homem. Esse homem foi criado e capacitado com os mesmos atributos morais de Deus (imagem e semelhança). Isso faz com que ele seja totalmente diferente dos outros seres vivos. Ele veio ao mundo com o propósito de criar, com a ajuda de outros homens, uma grande família, aquela desejada por Deus. Conforme a narrativa bíblica usada pela liderança da IBN entrevistada, no início de tudo, na época do grande Jardim do Éden, o homem desconhecia a situação que se instaurou após o seu desligamento com Deus: maldade, desigualdade, egoísmo e tantos outros aspectos considerados religiosamente negativos. O primeiro deles, a maldade, era externo ao homem e a Deus, estava localizado nesse jardim na árvore denominada “Árvore do conhecimento do

bem e do mal”. Ela dividia espaço com outra árvore “A árvore da vida” que tinha como finalidade garantir ao homem a manutenção da sua vida com Deus.

Certa vez, usando um de seus atributos, o *livre-arbítrio*, que expressava a sua vontade e o seu querer, o homem acabou *desobedecendo* a Deus e alimentando-se do fruto⁷⁰ da Árvore do conhecimento do bem e do mal. O que desencadeou no conhecimento do mal e na sua separação vital para com Deus. A partir daí, e aos poucos, o homem começou a ter conhecimento de certas coisas que não eram designadas a ele. Bem como elencamos, de maneira sucinta, anteriormente. Nessa situação, Deus, conforme a nossa liderança entrevistada, elaborou um plano de resgate ao homem, um religamento com ele, uma *salvação*. Contudo, esse plano não era forçado, dependia da vontade do homem (expressa pelo seu *livre-arbítrio*) em querer segui-lo. Tal plano se dividiu em duas etapas: a provisória e a definitiva.

A primeira, expressava simbolicamente⁷¹ o arrependimento do homem através do sacrifício do cordeiro. Esse cordeiro tinha o seu sangue derramado, representando a morte, o desligamento com Deus, o pecado cometido pelo homem. Porém, essa prática saiu da sua dimensão “sincera” e virou algo corriqueiro. Desprovida de boa-fé. Destarte, ela foi substituída, no momento em que Deus, nas Escrituras, conforme a liderança entrevistada, reclamou da sua eficiência. Ele desejava o verdadeiro arrependimento do homem. Ele estabeleceu “*um sacrifício que seja completo e perfeito, capaz de suportar toda a humanidade e que seja definitiva em todas as gerações*” (LÍDER DA IBN). Mas, não viu ninguém apto a realizar tal sacrifício, foi então que Cristo assumiu esse compromisso. Comprometeu-se, vivendo como homem em seu estado mais ordinário. O seu sangue foi derramado com o intuito de salvar aqueles que desejam voltar para Deus. Não obstante, como afirma a liderança (LÍDER DA IBN), “*nem todos serão salvos. Por que? Se a escolha do homem foi rejeitar Deus, agora também tem que ser escolha do homem voltar para Deus*”.

Esse segundo caminho da salvação seria mais complexo do que o primeiro porque não envolve somente o derramamento de sangue, envolve também a *fé* (que em hebraico significa *Emuná*, confiança + obediência), o *arrependimento* (do grego, traduzido como *metanóia* – mudança de mentalidade) e por fim, o *batismo*⁷² que simboliza o verdadeiro pacto do homem com Deus.

⁷⁰ Segundo a liderança, essa árvore expressa a disposição do homem em se relacionar com Satanás.

⁷¹ Ela expressava a necessidade do afastamento da natureza maldosa e a reaproximação para com Deus.

⁷² Neste caso, o *batismo nas águas* que representa um ato de purificação.

Mas, então, o que tudo isso tem a ver e como se encaixa na justificativa da liderança entrevistada sobre a condição do mundo e a má distribuição dos bens da graça de Deus? Se o homem tivesse *obedecido* a Deus e usado o seu *livre-arbítrio* de forma correta, jamais ele teria a sua *natureza mudada* (jamais ele teria uma *natureza caída*), ele jamais teria que ser *salvo*. Nas palavras da própria liderança:

Se o homem tivesse se conservado no seu estado de natureza original de criação, nunca o homem veria as disparidades que a terra tem hoje. Nunca a Terra sofreria a degradação da própria natureza que ela vive hoje. Nunca o homem viveria o sofrimento da forma como vive hoje. Então, essa situação de que o homem vive hoje e atribui às responsabilidades de Deus, não é justa. Isso tudo é consequência da própria condição que o homem escolheu dar para sua habitação (LÍDER DA IBN).

O cerne da justificativa dada pela liderança é a noção de *desobediência* em relação com o mau uso do *livre-arbítrio*. O resultado desses dois elementos em combinação gerou a *natureza caída do homem* e as adversidades que permeiam o mundo. Ademais, a justificativa dada pela liderança dá a entender que Deus não é o responsável pelo mal no mundo, mas sim, as más escolhas feitas pelos homens.

4.2. Segunda etapa: o que disseram e justificaram os fiéis entrevistados da IBN de Santa Maria/RS

A dinâmica a ser seguida nesta seção tem como referência o que foi exposto anteriormente, ou seja, tomaremos como base a justificativa dada pela liderança, bem como os seus elementos-chave. Apesar de suas peculiaridades, tais entrevistas expressam claramente, em certos momentos, os aspectos teóricos adotados na presente dissertação. Além disso, ressaltamos que não iremos colocar nesta seção as entrevistas na íntegra, apenas iremos construir o nosso argumento apresentando a síntese adquirida de suas falas. Todas as entrevistas, mais o quadro sintético das categorias construídas, estarão presentes no final da dissertação, na seção “Anexos”.

Começaremos pela justificativa dada pelos entrevistados. Dos doze entrevistados, três delas são similares: entrevista 07, entrevista 09 e entrevista 12. Ambas justificam que o aspecto do mundo e o sofrimento por ele proporcionado em relação ao homem é oriundo de

um certo “afastamento” ou “distanciamento” de Deus. O pecado⁷³ praticado pelo homem e sua consequência, que é o sofrimento, são culpa do próprio homem, não de Deus. Além disso, o entrevistado 07, enfaticamente, percebe o sofrimento⁷⁴ no mundo como algo necessário, como um teste, uma provação que deve ser direcionado ao homem. Contudo, ressalta o entrevistado que Deus “não permite isso” de maneira arbitrária, ele não faz essa escolha por ninguém, muito menos ama uns mais do que os outros. Ele justifica que hoje em dia ele vê as pessoas errando “*nas suas escolhas e colocando essa culpa em Deus*” (07). E acrescenta que “*no momento em que tu andas pela vontade dele, faz as vontades dele aqui na Terra, vai fazendo o bem e a obra de Deus, eu creio que as coisas vão se abrindo pra ti*” (07).

Além disso, esses três entrevistados constroem suas justificativas em conexão, principalmente, com a ideia de salvação e seus caminhos. Seja “*receber Cristo como salvador*” (07) e “*se arrepender dos teus pecados*” (07); sendo um processo “*individual*” (09) que necessita a obediência “*de alguns princípios bíblicos*” (09); ou ainda, uma “*caminhada constante*” (12) que se dá desde o início, quando reconhecemos Cristo como salvador até o final da vida.

Por sua vez, os outros entrevistados justificaram a má distribuição dos bens da graça de Deus e a maldade no mundo de maneira diferente dos três apresentados anteriormente. Por exemplo, o entrevistado 01 afirmou que, “*as pessoas estão subjugadas a esse poder satânico*” (01) e, em consequência disso, a natureza caída do homem faz com que a maldade no mundo seja causada pela “*ganância do homem*” (01). Desse modo, a única maneira de se libertar dessa situação é atravessando a ponte em direção a Deus, simbolizada pela cruz. Logo, a travessia é completada quando “*nós morremos para uma vida pecado, fora dos princípios de Deus*” e, continua o entrevistado, “*nascemos para uma nova vida, para uma vida nos princípios de Deus*” (01). Esse é o caminho da salvação descrita pelo mesmo.

Já o entrevistado 02, justifica o estado do mundo pelo princípio da “responsabilidade nas escolhas”. Uma vez que, “*quem faz as escolhas para a tua vida é você. Mas...as consequências do caminho dessa escolha, você vai ter que colher...*” (02). E complementa

⁷³ Somente nas entrevistas 01, 02, 03, 04, 06 e 07 é que foi definido a ideia de pecado. Ademais, as definições dadas pelos entrevistados 01, 02 e 03 possuem uma semântica similar, dando a ideia de “*desviar o caminho traçado por Deus*”; “*desobedecer a Deus*”; “*errar o alvo*”. Dentro da tipologia de teodiceia messiânica, elas, segundo a nossa análise, se enquadram na concepção de *rompimento* ou *ruptura*, no que tange à fidelidade para com Deus. As outras, por sua vez, tem suas particularidades. Na entrevista 04 foi definido o pecado como “*ausência de Deus*”; na entrevista 06 o pecado foi definido como “*separação em relação a Deus*”; e por fim, na entrevista 07 o pecado foi definido como “*o inimigo de Deus*”.

⁷⁴ Vale ressaltar que essa questão do sofrimento foi inserida nas entrevistas tardiamente. Ao longo das entrevistas vimos a necessidade de relacioná-la com teodiceia, pois a ideia de sofrimento tem um papel relevante em tal problemática. Entretanto, somente nas entrevistas 07, 08, 09 e 10 é que ela aparece mais explicitamente. Foi a partir daí que a pergunta foi inserida.

que o mundo está do jeito que está por que as pessoas “*fazem aquilo por merecer*” (02). Posto isso, de forma peremptória, o caminho da salvação é totalmente individual e “*imerecido*” (02). Posteriormente e de maneira inversa, o entrevistado afirma que a salvação só é atingida através da “*morte de uma pessoa justa*” (02).

O entrevistado 03 justificou a situação do mundo partindo da ideia de desobediência. O resultado de tal postura provocou a entrada do mal no homem, já que até então o homem “*só tinha apenas a raiz do bem dentro dele*” (03). À vista disso, a imperfeição do mundo é culpa de Satanás, que comanda o mesmo. O mundo, de acordo com o entrevistado 03, “*jaz no maligno*” (03). E qual o caminho que deve ser seguido para se livrar desse mundo caótico? O caminho a ser seguido deve ser percorrido num “*processo*” de boas obras. Não é algo alcançado de imediato. Além disso, a salvação também remete ao que vai vir, ao pós-morte. A crença naquele futuro vindouro.

Por seu lado, o entrevistado 04 fundamentou a sua justificativa na falta de orientação proporcionada pelo mundo em si⁷⁵. Ele apenas oferece certas percepções materiais, principalmente para aqueles que “*não estão convertidos*” (04). Por oposição, a pessoa “*convertida*” (04) vai além dessas percepções materiais e adquire algo além disso. A pessoa convertida “*tem princípios que vão nortear a vida dela, e esses princípios te levam a benefícios. Em todas as áreas da tua vida*” (04). Desta forma, a grande questão, o modo correto de lidar com as adversidades proporcionadas pelo mundo é uma questão de saber “*lidar com as adversidades*” (04). E o que ajuda a lidar com tais adversidades? Bom, aí “*entra a questão da fé [...] é uma força que vem de dentro, faz você acreditar que alguma coisa pode mudar*” (04). Esse “*saber lidar com as adversidades*” está muito ligado à ideia de salvação, ao que está por vir. A ideia de salvação se fundamenta na crença em um *plano de retorno*, um plano elaborado por Deus em relação ao homem. Esse plano remete a “*uma era vindoura*” para “*viver naquele plano original de Deus*” (04).

Na entrevista 05, a justificativa dada foi bastante categórica e se conecta profundamente com a ideia de salvação⁷⁶. Nenhum dos dois casos será sanado ou auferido pela religião em si. A religião, de acordo com o entrevistado, “*não te garante a salvação*” (05). Isso, de forma subentendida, também se relaciona com a visão de mundo e a percepção do mesmo. Pois, “*na verdade, o que vai fazer a diferença é a tua vontade de buscar Deus. Tua decisão de conhecer Deus, de se relacionar com Deus*” (05).

⁷⁵ O entrevistado 04 também qualifica o mundo como cruel, desigual.

⁷⁶ Para o entrevistado a salvação repousa, fundamentalmente, no conhecimento e na crença em Cristo.

Com relação à entrevista 06, a justificativa dada em relação à maldade no mundo e à má distribuição dos bens da graça de Deus fundamenta-se na ideia de “propósito”. Deus coexiste com a maldade e permite a mesma por algum motivo. De acordo com o entrevistado 07, a finalidade do mal no mundo diz respeito à necessidade que o ser humano tem de amadurecer. Dado que *“o ser humano só cresce quando é confrontado. Boa parte dos seres humanos... só se desenvolve quando passa por um deserto, um problema muito duro”* (06). Além disso, continua o entrevistado, as disparidades presentes no mundo existiriam *“primeiramente, por uma questão de... daquele filho que passa dificuldade e tem que correr atrás de ti para pedir ajuda, como uma situação de aprendizado, de humildade”* (06). Em vista disso, a saída para tais problemas, a salvação da situação corrente, estaria atrelada ao pós-morte. Somente após a morte e com um certo grau de comprometimento religioso (*“relacionamento com Deus”*) é que o homem adquire essa salvação. Ele alcança a salvação e se reaproxima de Deus para viver junto com ele tudo aquilo que ele planejou para a humanidade.

Na entrevista 08, a justificativa dada apoia-se na defesa de Deus pelo *status quo* do mundo. Quando perguntado por que Deus permite isso ou por que ele não intervém, o entrevistado respondeu da seguinte maneira: *“Sinceramente...eu acho que não deveria ter intervenção de Deus”* (08). Ele não deveria intervir justamente porque *“todo mal que emana das pessoas é porque elas não conseguem controlar isso, aí entra a questão da liberdade e salvação etc.”* (08). Agora, a ideia de salvação, que tem muito a ver com a resposta dada, diz respeito à busca da pessoa em ser pura, ser livre. Esses dois últimos elementos, pureza e liberdade, expressam um propósito de ações e escolhas conscientes. A pessoa pura sabe escolher aquilo que *“edifica”* a sua vida e tem conhecimento das consequências de suas escolhas, ou seja, ela sabe lidar com as diversas variáveis que a cercam. Nessa perspectiva, o sofrimento seria o resultado das más escolhas.

Na décima entrevista, as noções de família e de escolha tornam-se essenciais para a justificativa dada. Essa última reflete a queda do homem, seus atos pecaminosos, e, por efeito, o sofrimento do mesmo. Seria, então, o sofrimento no mundo o resultado das más escolhas ou do mau uso do livre-arbítrio. Por sua vez, a *“permissão”* de Deus em relação ao mal no mundo e à má distribuição dos bens da graça seria justificada pela implantação do seu projeto para toda humanidade. As adversidades existem, talvez, segundo o entrevistado:

“para que eu, para que você, possamos tomar uma atitude e aliviar o sofrimento daquela pessoa. Para que se manifeste esse sentimento de família, de irmãos. O sofrimento muitas vezes é para que possamos galgar graus maiores na possibilidade de relação com Deus” (10).

A saída para tal problema estaria localizada na combinação entre crença e prática. Não adianta apenas crer em Deus e na sua Palavra se a mesma não for posta em prática, se ela não guiar as nossas ações. Ele deve tomar uma proporção monumental até que os homens entre si desfrutem do Reino de Deus prometido nas Escrituras. Deus, diz o entrevistado, “*virá novamente e implantará um reino, um mundo diferente do mundo que aqui está*” (10).

A última entrevista (11) justifica que o problema do mundo e o sofrimento gerado por ele pode ser respondido por uma leitura atenta das Escrituras. Lá, diz o entrevistado, “*não é dito que todas as pessoas que acreditam nele ou que confiam nele... que todas essas pessoas teriam tudo*” (11). Deus não prometeu a imortalidade, nem a isenção contra o sofrimento. Pelo contrário, tanto as coisas más quanto as coisas boas existem por um propósito. Nesse caso, a existência do sofrimento não importa tanto quanto o que virá depois. Aquela promessa religiosa que permeia a teologia Batista Nacional: o pós-morte. O que realmente importa, o que faz a diferença é “*o que Jesus fez por mim, a salvação e o ‘pós’*. No momento em que eu morrer, eu terei a vida eterna. Eu vivo pela questão do ‘pós’”(11). O que permeia o aqui e o agora é uma questão passageira, algo que deve ser enfrentado com muita fé e coragem. E conclui a entrevistada:

Indiferentemente do que acontece aqui na Terra. Ainda que nada de bom aconteça, o fato de eu ser salva ou ter a vida eterna... já me basta. Também, eu acredito que as disparidades são diferentes propósitos, por questões de escolha. Talvez até as escolhas das gerações passadas, enfim, desde o Éden (11).

Nota-se que a entrevistada trouxe à tona o problema do pecado original. Aquilo que foi anteriormente apresentado pela liderança entrevistada. Um problema que iria definir a caminhada do homem. Sendo assim, o mau uso do *livre-arbítrio*, as más escolhas também têm um grande peso no que é enfrentado pelo homem.

4.3. Terceira etapa: criação e comparação tipológica das categorias de teodiceia

Esse é o momento final em que realizaremos a comparação dos dados obtidos com as tipologias de teodiceia apresentadas por Weber. Contudo, vale a pena lembrar que a dinâmica adotada nesse momento é a mesma das tipologias produzidas por Weber: trata-se de uma construção abstrata que, com base na empiria, visa ressaltar os elementos mais significativos da realidade infinita. Elementos construídos e sistematizados pelo próprio pesquisador, movidos por uma perspectiva específica.

Começamos pela justificativa da liderança (IBN/SM). O principal elemento ressaltado pelo líder da igreja, em relação às dificuldades enfrentadas pelo homem, é a ideia de *desobediência*. O homem deveria ter conservado o seu estado de natureza original. Jamais ele deveria ter desobedecido às vontades de Deus. Jamais ele deveria ter ignorado o aviso de Deus em relação às consequências do contato com o mal. Através disso e da mensagem pregada na IBN/SM, muito pautada na visão de mundo judaica, a justificativa dada se aproxima muito da tipologia de teodiceia messiânica. Obviamente, não de maneira idêntica ou total. Mas, ela carrega consigo a ideia de que as más escolhas feitas pelos homens ou pelas gerações passadas (nesse caso, Adão e Eva) em desconexão com os preceitos de Deus, geram problemas ao homem. Essa *desobediência* exposta pela liderança em relação à *desobediência* judaica é mais branda, pois ela não define se Deus ficou incomodado, muito menos se foi despertada a sua ira. Ela se aproxima mais da ideia de pecado (judaica) exposta por Weber: “*um rompimento da fidelidade ao Deus, uma renúncia apóstata às promessas divinas*” (2014, p. 352). Ou ainda, como diz a liderança: “*o pecado afasta o homem de Deus*” (LÍDER DA IBN).

Outra questão interessante na justificativa da liderança vai ao encontro da ideia de *responsabilidade do homem*. Se o homem tivesse agido corretamente, ele não precisaria ser salvo. Não precisaria percorrer esse caminho de resgate traçado por Deus. Logo, ele não aderiu à estrita lei religiosa e precisou, como fala a liderança, “*compreender que três coisas devem acontecer em conjunto*” (LÍDER DA IBN). O homem, para ser salvo, precisa percorrer três etapas: ter fé (do hebraico, *emuná*: confiança e obediência); se arrepender (*metanóia*: mudança de mentalidade e comportamento); e se batizar (criar um pacto com Deus). Nota-se que a *certitudo salutis* judaica se aproxima da Batista Nacional, ou seja, há uma exigência de reciprocidade estrita para com Deus (confiança, obediência, mudança de comportamento e mentalidade, ter um pacto com Deus). Se o judeu, segundo Weber, deseja entrar no “*Reino da Salvação*” (2014, p. 352), ele precisa cumprir os mandamentos positivos; já o Batista

Nacional, com a síntese daqueles três elementos, precisa considerar a Bíblia (em seu contexto original) como a única “*regra de fé e prática*” (LÍDER DA IBN).

Quanto às entrevistas dos fiéis, algumas delas se enquadram em mais de uma tipologia de teodiceia, justamente por possuir elementos (ou características) variados. É o caso das entrevistas 01, 03, 09 e 10. Na entrevista 01, por exemplo, o entrevistado afirma que “*as pessoas estão subjugadas ao poder satânico*” (01), é daí que emana toda maldade no mundo. Tal assertiva vai ao encontro da tipologia dualista de teodiceia, uma vez que toda maldade no mundo representa a vitória do mal na Terra (ou arena terrenal, como afirma Weber). Porém, ela também se enquadra na tipologia escatológico-messiânica por afirmar que a maldade no mundo também diz respeito à desobediência (pecado; “errar o alvo”), ao rompimento para com a confiança de Deus (uma espécie de desagrado), um desvio nos mandamentos positivos. Na entrevista 03, por seu turno, ela também carrega consigo elementos das duas teodiceias supracitadas. Ela declara que as maldades no mundo e suas variantes pertencem às obras de Satanás: porque o “*mundo jaz no maligno*” (03). Ainda assim, o entrevistado afirmou que o processo de salvação, independentemente das boas obras, remete “*ao que vai vir*” (03), a crença numa era vindoura, aquilo que fundamenta a tipologia escatológico-messiânica.

Nas entrevistas 09 e 10, encontramos elementos semelhantes às anteriores, com o diferencial de que também se enquadram na tipologia de teodiceia indiana (*karma*). Entretanto, a sua similaridade com a teodiceia indiana não diz tanto sobre a ideia da *transmigração das almas* e mais sobre a ideia de individualidade no processo de salvação. Esse é o caso do entrevistado 09 que afirma que o processo de salvação “*como a própria Palavra diz, é algo que é individual, pois a partir do momento que a gente crê em Cristo e começa a obedecer alguns princípios bíblicos, isso nos leva à salvação*” (09). Percebe-se que na justificativa dada também aparece o intento (condição) de se obedecer aos princípios bíblicos. Isso é habitual em qualquer sistema religioso, mas no caso da tipologia escatológico-messiânica, como afirma Weber, “*aos vivos cabe o cumprimento rigoroso e exemplar dos mandamentos divinos positivos*” (2014, p. 352). Já na entrevista 10, também encontramos a semelhança com a tipologia indiana: “*a responsabilidade nas escolhas*” e as más escolhas como consequência do sofrimento (10). Além disso, a ideia de sofrimento também remete, conforme o entrevistado e a tipologia escatológico-messiânica, à ideia de salvação. Nesse sentido, a salvação desejada é uma soma da crença com a prática (botar em prática os mandamentos divinos) e vai ao encontro da crença no poder de Deus que “*virá novamente e implantará um reino, um mundo diferente do mundo que aqui está*” (10).

Agora, existem entrevistas que possuem os seus elementos repousando somente sobre uma categoria tipológica. É o caso das entrevistas 02, 05, 07, 08 (*karma*) e 04, 06, 11, 12 (escatologia messiânica). O primeiro grupo, que se enquadra, exclusivamente, na tipologia indiana, estabelece “*a responsabilidade nas escolhas*” porque as pessoas “*fazem aquilo por merecer*” (02); o “*que vai fazer a diferença é a tua vontade de buscar Deus. Tua decisão de conhecer Deus, de se relacionar com Deus*” porque a salvação “*na minha maneira de crer, ela é pessoal*” (05); o sofrimento e as disparidades no mundo, hoje em dia, são frutos das pessoas “*errando nas suas escolhas e colocando essa culpa em Deus*”. Além disso, as adversidades que rodeiam os homens se justificam, muitas vezes, para que eles precisem “*passar por certas provações para receber algo de bom... na frente*” (07); o mal no mundo e o sofrimento “*emana das pessoas*” porque “*elas não conseguem controlar isso*” (08) – responsabilidade das pessoas.

O segundo grupo, conforme a nossa criação tipológica, se enquadra na tipologia escatológico-messiânica. Tal grupo carrega consigo, a título de exemplo, o “saber” lidar com as adversidades do mundo e ter a esperança de que a salvação remete para “*um futuro, uma era vindoura, viver naquele plano original de Deus. O homem vivendo num mundo de paz. Que é o que todo mundo quer!*” (04); “*A salvação está atrelada a esse pós-morte*” e as pessoas necessitam ser salvas para voltarem a ter “*esse relacionamento com Deus*” (06); tanto as coisas boas como as más existem por algum motivo, mas, independentemente disso, as adversidades devem ser encaradas com fé porque o que realmente importa é “*questão do ‘pós’*. O que acontece na Terra seria uma passagem” (11); a salvação para os problemas do mundo e para a libertação do mal “*é uma caminhada constante. Ela se dá desde o dia que eu reconheci Cristo como meu salvador*”. Essa caminhada deve ser feita, obviamente, por nossas escolhas. No entanto, ela é limitada, “*porque se eu aceito ser um cristão e seguir Cristo... eu preciso trilhar um caminho. Se eu sair desse caminho, eu já estou ferindo, vamos dizer assim, esse princípio*” (12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado, é possível apontar algumas considerações sobre a justificativa dada pelos fiéis entrevistados e sua relação com as tipologias de teodiceia elaboradas por Weber.

Em primeiro lugar, vale a pena ressaltar novamente que o nosso objetivo investigativo se deu nos moldes tipológicos (e metodológicos) da sociológica compreensiva de Max Weber. Com isso estamos querendo dizer que o nosso trabalho partiu de uma perspectiva (particular) e buscou manusear os dados obtidos empiricamente. Isto posto, reconhecemos a possibilidade do nosso objeto de pesquisa, futuramente, ser manuseado e problematizado de outra maneira, uma vez que a realidade e os membros inseridos nela possuem dinâmicas e pensamentos distintos.

A respeito dos resultados obtidos através do exercício tipológico comparativo e do nosso objetivo geral (que também se fragmenta em objetivos específicos), faz-se necessário expor nossa percepção: verificamos que a visão de mundo dos Batistas Nacionais da cidade de Santa Maria/RS, bem como o seu *ethos* (religiosamente orientado), possui certas características compatíveis e correspondentes com a visão de mundo das principais religiões mundiais analisadas por Weber (**objetivo geral**). Contudo, é claro que a nossa percepção e a nossa análise não se propõem a afirmar, definitivamente, que os Batistas Nacionais se enquadram totalmente numa ou noutra ética religiosa. O que foi feito, foi um exercício comparativo-tipológico que visou ressaltar os elementos mais acentuados das justificativas dadas pelos fiéis em relação ao mal no mundo e à má distribuição dos bens da graça de Deus. Com base nisso, demonstramos que algumas entrevistas salientam, ora elementos da teodiceia *dualista* (que se fundamenta na oposição entre o bem e o mal na Terra), ora elementos da teodiceia do *karma* (a responsabilidade da agência humana nos problemas colhidos pelo homem) e ora elementos da teodiceia escatológico-messiânica (**segundo ponto dos objetivos específicos**).

Essa última tipologia, em especial, merece uma consideração mais aprofundada. Durante a entrevista concedida pela liderança da Igreja Batista Nacional de Santa Maria/RS foi possível verificar, segundo o próprio entrevistado, a grande influência que o judaísmo exerce sobre a visão de mundo deles. Porém, bem como afirmou a liderança, ela é usada de maneira particular, não de maneira absoluta. Ela entra no discurso e na visão de mundo dos Batistas Nacionais quando há uma busca (constante) em se referenciar na Igreja do Primeiro

Século. A partir dessa referência, foi possível trazer à tona a evidência e a existência de certas características judaicas no interior da Batista Nacional, principalmente no que tange à justificativa do mal no mundo e da má distribuição dos bens da graça de Deus: *a ideia de uma era vindoura; a crença de que o pecado (“errar o alvo”) é um rompimento para com a confiança de Deus; o princípio da desobediência como causador de todo mal no mundo; a esperança no Reino de Deus, onde todos serão recompensados e viverão plenamente felizes ao lado de Deus; as ações sendo guiadas, rigorosamente, pelos princípios positivos (mandamentos divinos).* Tais elementos foram considerados por nós como os mais expressivos, os que mais se encaixaram empiricamente (em sua maioria) nas tipologias de teodiceia elaboradas por Weber (**segundo ponto dos objetivos específicos**).

Para mais, também identificamos que a racionalidade ético-prática dos fiéis da Igreja Batista Nacional, por um lado, aparece nas justificativas dadas; e por outro lado, aparece explicitamente quando eles (em algumas entrevistas específicas) afirmam que agem conforme a Palavra. Ela, a Palavra, é o grande parâmetro a ser seguido de maneira ideal e prática (**terceiro ponto dos objetivos específicos**). Já a transmissão dessa teodiceia (diga-se, justificativa) se dá, basicamente, durante os cultos. Esses últimos, fortemente influenciados por uma “pedagogia judaica”, além de expor sua grande referência (Igreja do Primeiro Século), também possibilita aos fiéis o acesso à Palavra. Esse acesso se dá, bem como falaram a maioria dos fiéis entrevistado, pelo *estudo* (fortemente motivado – **primeiro ponto dos objetivos específicos**).

Sobre os cultos, que acompanhamos em alguns momentos como forma de familiarização com as dinâmicas da igreja, nos parece importante salientar que podem ser tomados como relevantes espaços de observação para pesquisas futuras. Ainda que não tenham sido objetos desta pesquisa, por conta dos recortes operados, reconhecemos, nos momentos de imersão junto à comunidade, a riqueza potencial de análises que associem as entrevistas dos fiéis à observações do pesquisador acerca da estrutura e conteúdo dos cultos.

No que se refere aos capítulos elaborados e às categorias escolhidas como norteadoras, a escolha não foi feita sem nenhum retorno do campo. Pelo contrário, esse último nos deu a oportunidade de perceber os elementos mais significativos para a construção e escolha do referencial teórico adotado. Partimos das categorias mais basilares da sociologia compreensiva de Max Weber (ação, ação social e relação social) para termos algum parâmetro na análise do comportamento (muitas vezes em consonância com a visão de mundo) dos fiéis entrevistados. Expusemos a compreensão e definição do fenômeno religioso no interior das Ciências Sociais, mais especificamente, na sociologia. Além de apresentarmos

seus desdobramentos na sociologia weberiana. Também expusemos, de forma sucinta, a noção de livre-arbítrio, considerada fundamental em toda história do pensamento religioso. Trouxemos os dois principais interlocutores da noção, assim como a posição weberiana sobre o uso da noção na pesquisa social. Nesta ocasião, nos posicionamos contra o desuso da noção, justamente porque ela se mostrou importante durante as entrevistas. Trabalhamos, da mesma maneira, com a dicotomia ascetismo/misticismo justamente porque estamos trabalhando com protestantes históricos. No entanto, é mister confessarmos a percepção de que existe, provavelmente, uma dimensão muito aproximada da experiência mística, sobretudo nos relatos da experiência do Batismo no Espírito Santo. Mas, essa é uma curiosidade que ficará em aberto e à disposição de futuras pesquisas sobre os Batistas Nacionais. Sobre a seção do problema da teodiceia, faz-se necessário afirmar somente a sua importância tipológica. Já que elas foram construídas por uma perspectiva singular (weberiana) e nos serviram de maneira um pouco diferente da sua formulação original. Entretanto, é sabido que o mesmo parâmetro pode ser usado para investigar outras religiões existentes ou as mesmas enumeradas.

Sobre os capítulos de caráter mais histórico, eles foram construídos com o intuito de aumentar e contribuir sobre um segmento pouco explorado nas Ciências Sociais, mais especificamente, na sociologia da religião. Existem poucos trabalhos de caráter sociológico sobre os batistas, sendo a maioria de caráter teológico. Em suma, o nosso objetivo foi mais modesto e pragmático, não buscou esgotar tudo sobre os Batistas Nacionais, apenas apresentar um olhar diferente sobre um dos principais problemas religiosos: a incompatibilidade das obras de Deus com um mundo criado e visto como substancialmente permeado pela desigualdade e pelo mal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAIR-TOTTEFF, Christopher. **‘Sinn der Welt’: Max Weber and the problem of theodicy.** Max Weber Studies, Berlin, v. 13, n. 01, p. 87-107. 2013;

ADAIR-TOTTEFF, Christopher. **Fundamental concepts in Max Weber’s Sociology of Religion.** New York: Palgrave Macmillan, 2015;

ADAIR-TOTTEFF, Christopher. **Max Weber’s mysticism.** European Journal of Sociology / Archives Européennes de Sociologie / Europäisches Archiv für Soziologie, Vol. 43, No. 3, Mysticism and ascetism (2002), pp. 339-353;

ADAIR-TOTTEFF, Christopher. **Max Weber’s notion of asceticism.** Journal of Classical Sociology, Volume: 10 issue: 2, page(s): 109-122.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **O livre-arbítrio.** [tradução, organização, introdução e notas Nair de Assis Oliveira ; revisão Honório Dalbosco]. — São Paulo: Editora Paulus, 1995.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2013.

APPLEBY, Rosalee Mills. **Melodias na Alvorada.** Rio de Janeiro: CPB, 1954.

AQUINO, Jefferson Alves. **Leibniz e a teodiceia: o problema do mal e da liberdade humana.** Revista Philosophica, Lisboa, n. 28, p. 49-66. 2006.

AQUINO, Santo, Tomás. **O livre-arbítrio: *quaestiones disputatae de Veritate.*** São Paulo: EDIPRO, 2015.

BAYLE, Pierre. **Diccionario histórico y crítico.** Buenos Aires: Editora El Cuenco de Plata, 2010.

BENDIX, Reinhard. **Max Weber: um perfil intelectual.** Brasília: UNB, 1986.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado.** São Paulo: Editora Paulinas, 1985.

BETTENCOURT, Estevão Tavares. **Crenças, religiões, igrejas e seitas: quem são?.** São Paulo: Editora Mensageiro de Santo Antônio, 1995.

BOISSET, Jean. **História do Protestantismo.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

BONI, Valdete; QUARESMA, Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais,** 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 12 de Outubro de 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas.** 6ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva 2007.

- BRANDÃO, Rodrigo. **Notas sobre a história filosófica do mal e o projeto de teodiceia.** Cadernos de História e Filosofia da Ciência, Campinas, Série 3, v. 21, n. 1, p. 191-216, jan.-jun. 2011.
- CELLARD, André. A análise documental. In: **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.
- CHIZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- CIPRIANI, Roberto. **Manual de sociologia da religião.** São Paulo: Editora Paulus, 2007.
- COHN, Gabriel. **Weber.** 5. ed. São Paulo: Ática, 1991. Coleção grandes cientistas sociais, n. 13.
- CRABTREE, A. R. **História dos Batistas no Brasil: até o ano de 1906.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.
- DRUCKER, Claudia. **Nietzsche e a necessidade de redenção.** In: Assim falou Nietzsche III/ Organização: Charles Feitosa. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan. **Dicionário das religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FERREIRA, Diana. **Discussões sobre a natureza paradigmática da *grounded theory*, 2013.** Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_EPQ1513.pdf. Acesso em: 18 de Outubro de 2015.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3ª Ed. São Paulo: Artmed, 2009.
- GAARDER, Jostein. **O livro das religiões.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GELLNER, Ernest. **La sociedade musulmana.** México: Fondo de Cultura Econômica, 1986.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** 6ª Edição. Porto Alegre: Editora Penso, 2012.
- GOMES FILIPE, Rafael. **De Nietzsche a Weber: hermenêutica de uma afinidade eletiva.** Portugal: Instituto Piaget, 2004.
- HAGUETTE, Teresa. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 5ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- JAHNKE, Hans-Richard. **O conceito da compreensão na sociologia de Max Weber.** Portugal: Coimbra University Press, 2014.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. 3ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1965.

LEIBNIZ, G. W. **Ensaio de teodiceia: sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal**. São Paulo: Editora Loyola, 2013.

MAIA, Eduardo Lopes Cabral. **A política evangélica: análise do comportamento da frente parlamentar evangélica na câmara federal (2007-2010)**, 2012. 335 p. Tese. (Doutorado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEIRELES, Tiago. **Teodiceia em movimento: religiosidade neopentecostal e transformações culturais**. 2011. 131 p. Dissertação. (Mestrado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Goiás, 2011.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. 3ª Ed. São Paulo: edUSP, 2008.

NERY, Maria Clara. **A teodiceia da IURD, a mudança das representações e padrões comportamentais de seus crentes e/ou adeptos**. 2001. 238 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

PACE, Enzo. **Sociologia do Islã: fenômenos religiosos e lógicas sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

PEREIRA, J. Reis. **Breve história dos Batistas**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979.

PEREIRA, Lígia Maria. **Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias**. Revista de História Oral, Rio de Janeiro, v. 03, p. 117-127, jan/jun. 2000.

PICKERING, W. S. F. **Theodicy and social theory: an exploration of the limits of collaboration between sociologist and theologian**. In: MARTIN, David; MILLS, John Orme; PICKERING, W. S. F. (org). *Sociology and theology: alliance and conflict*. Boston: Brill, 2004.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Desencantamento do mundo: todos os passos do conceito**. São Paulo: Editora 34, 2003.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Religião como solvente: uma aula**. Revista Novos Estudos – SEBRAP, São Paulo, n. 75, p. 111-127, jul/dez. 2006.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido**. Revista brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 13, n. 37, jan/jun. 1998.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Máquina de guerra religiosa: o Islã visto por Weber**. Revista Novos Estudos – SEBRAP, São Paulo, n. 62, p. 73-96, jan/jun. 2002.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: Von Simon, Olga de Moraes (org). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Editora Vértice, 1988.

RINGER, Fritz. **A metodologia de Max Weber: unificação das Ciências Culturais e Sociais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013;

SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e a racionalização da vida**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

SELL, Carlos Eduardo. **A secularização como sociologia do moderno: Max Weber, a religião e o Brasil no contexto moderno-global**. Revista brasileira de sociologia, Sergipe, v.3, n. 6, p. 11-46, jul/dez. 2015.

SCHLUCHTER, Wolfgang. **Paradoxos da modernidade: cultura e conduta na teoria de Max Weber**. São Paulo: Editora Unesp, 2011

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SILVA, Jesus Aparecido dos Santos. **O movimento de Renovação Espiritual no Brasil e a cisão entre os Batistas Brasileiros**. 2012. 149 p. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Religião) – Departamento de Filosofia e Teologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012.

TOGNIN, Enéas. **História dos Batistas Nacionais**. 2ª Ed. Brasília: Convenção Batista Nacional, 1993.

TOGNINI, Enéas. **Batismo no Espírito Santo**. São Paulo: Editora Bom Pastor, 2000.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TURMINA, Leonardo Balbinot. **O livre-arbítrio no pensamento de Tomás de Aquino**. 2014. 85 p. Dissertação. (Mestrado em Teologia Sistemática) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.

TURNER, Bryan. S. **Weber and Islam: a critical study**. London and Boston: Routledge & Kegan Paul, 1974.

TURNER, Bryan. S. **For Weber: essays on the sociology of fate**. New York: Sage Publications, 1996.

TURNER, Bryan. S. **Capitalismo y Clases en el Medio Oriente**. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

VILLEGAS, Francisco Gil. **Max Weber y la guerra académica de los cien años: historia de las ciencias sociales en el siglo XX**. México: Fondo de Cultura Económica, 2015.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** São Paulo: Companhia das letras, 2004;

WEBER, Max. **Economia e sociedade.** Brasília: Editora UnB, 2014. V. 1;

WEBER, Max. **Economia e sociedade.** 3. ed. Brasília: UnB, 1994, vol.1;

WEBER, Max. **Sobre a teoria das ciências sociais.** Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Moraes, 1991;

WEBER, Max. **Sociologia das religiões.** São Paulo: Editora Ícone, 2010;

WEBER, Max. **Ancient Judaism.** London: The Free Press, 1967;

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais.** 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2016.

ANEXO A – ENTREVISTAS COM AS LIDERANÇAS

Entrevista (codificada) 01 realizada com a liderança da Igreja Batista Nacional de Santa Maria/RS

Entrevistador: Eu preciso que você me conte a trajetória da igreja, como ela se constituiu aqui em Santa Maria e como tu chegou até ela.

Liderança: Ok! Bom...ah...a formação da Batista Nacional em Santa Maria se deu no seguinte contexto: nós tínhamos aqui uma igreja filiada à nossa convenção chamada “Igreja Batista Filadélfia”. Ela tem esse nome porque ela foi aberta pela Batista Filadélfia de Porto Alegre e posteriormente, então, eles abriram o trabalho aqui em Santa Maria, mas ela é vinculada à Convenção Batista Nacional, embora o nome da igreja seja outro, é a mesma convenção. Tinha um jovem que era dessa Batista Filadélfia e esse jovem foi para Belo Horizonte para fazer o seminário teológico, ele foi e fez todo o seminário teológico em Belo Horizonte, voltou e ficou um tempo ainda na Batista Filadélfia e ele começou a ter alguns desentendimentos com o pastor local na época da Batista Filadélfia. Mas, ele não criou nenhuma celeuma nessa situação e deixou...para não gerar contenda, achou melhor se retirar. Só que a situação daquele pastor, especificamente, era realmente uma situação conflituosa e a própria igreja local não estava assim...muito segura do trabalho dele, não satisfeitos de uma forma geral. Alguns irmãos que conheciam o pastor Mário Concato que é esse jovem voltou concluso do seminário, procuraram ele...”quem sabe nós...vamos...começamos um trabalho novo sem conflito interno na igreja, nós não nos identificamos também com a dinâmica do pastor lá e como que conhecemos você desde criança”...a família tudo...histórica dentro da igreja né...e buscaram apoio na convenção, e aí foi destacado o pastor lá de Santana do Livramento para dar apoio, um suporte para esse novo trabalho que estava começando aqui em Santa Maria. O pastor

Detalhando a trajetória e a formação da Igreja Batista Nacional de Santa Maria;

Relatando os conflitos internos; Discordâncias teológicas;

Mário, então, começou esse trabalho, ficou quatro anos à frente desse trabalho...A Batista já com esse nome “Batista Nacional Santa Maria”. Mas, ela não tinha um registro oficial e os irmãos se reuniram...voluntariamente... e ela não tinha um registro oficial ainda. Mas, ele chegou agregar ali “cento e poucas pessoas” ao longo desses quatro anos...”cento e vinte, cento e trinta” pessoas mais ou menos. E nesse interstício ele começou a se aproximar muito de um grupo lá de Porto Alegre chamada “Comunidade”... “Comunidade Evangélica” (só esse nome), onde tem líder de música de muita expressão em nível nacional chamado Asaph Borba...e o pastor Mário era muito ligado a área da música também (né, um bom músico!) e eles começaram a ficar muito próximos, muito próximos e começaram a se identificar muito, inclusive com a dinâmica de trabalho da Comunidade, uma dinâmica muito diferente da Batista Nacional e lá pelas tantas o Mário por questão de identificação...uma nova identificação...ele achou melhor se desligar da convenção Batista Nacional e gerar um novo trabalho, já com uma outra dinâmica (formato) ligado a comunidade essa que era lá de Porto Alegre. Eles falam “Comunidade de Porto Alegre” mas ele tem espalhado no Brasil inteiro. A origem foi em Porto Alegre. Então, procurou-se o pastor que era presidente da convenção, na época era o pastor Sidney Consteila, da cidade de Guaíba, que era o presidente da Convenção Batista Nacional na época, que por coincidência ou não, era o meu pastor. Eu morava em Guaíba, eu congregava em Guaíba, eu era o braço direito do pastor lá. Eu já era formado no seminário, eu me formei em dezembro de 94, e nesse momento que o pastor Mário saiu, ele foi muito ético...ele saiu e as pessoas identificadas com a proposta de trabalho dele, acompanharam ele. Ele deixou uma estrutura, deixou tudo pra começar...bem dizer...iniciou um trabalho...não digo do zero...porque já tinha aquelas pessoas, mas

estruturalmente, começar do zero. E deixou a estrutura que tinha, que na verdade não era muito também, era pouquíssima estrutura, mas deixou...e ficou vinculado ali quem não quiseram acompanhar o pastor Mário, que quiseram permanecer na convenção e que tinham uma vinculação mais antiga, mais profunda com a convenção, ficou um grupo de aproximadamente 15 pessoas. E aí, o pastor Sidney veio deu o desfecho dessa situação...organizou a coisa...e ficaram essas 15 pessoas a essa pequena estrutura que na verdade funcionava aqui no Itararé e era tipo a garagem de um edifício que tinha ali, passando a ponte seca, a garagem de um edifício que eles locavam aquele espaço e montaram a igreja ali. E aí, o pastor Sidney chegou e comentou comigo quando ele voltou “*tu precisava lá conhecer esse pessoal de Santa Maria!*” porque ele achou que, embora fossem poucas pessoas, ele achou que eram meu perfil, que tinha nessas 15 pessoas tinha professor da universidade...militares etc. Ele achou muito aproximado do meu jeito né e eu tinha no coração né, já a convicção, que em algum momento isso iria acontecer, afinal de contas para isso eu fiz seminário, já haviam surgido outras oportunidades de eu assumir o pastorado em outras outras igrejas...mas eu percebi que não era o momento ainda. E aí, eu entendi naquele momento o que era de fato! Tem uma peculiaridade...que entra o lado espiritual, dando da experiência...nosso lado “empírico” da vivência que antes disso...eu nunca tive em Santa Maria e eu sonhei com essa cidade, eu andei dentro da universidade em sonho, andei dentro dos prédios da Universidade, eu fui na Praça Saldanha Marinho, eu passei pela cidade em sonho. Quando vim aqui, que era a princípio, para passar o final de semana com um grupo aqui e conhecer, para ver se realmente se construía essa afinidade, que eu comecei a olhar cidade e esse irmão que era professor da Universidade começou a me levar passear, eu disse: “*eu tive nesse lugar!*”, eu tive essa sensação clara de

Revelando uma experiência espiritual;

conhecer. Aquilo serviu para mim como uma convicção do que eu deveria fazer. E aí, isso foi em dezembro de 97...dezembro 97... o pastor Mário tinha saído, deixado a congregação em outubro, ficou esse vácuo de dois meses ali, eles sem um apoio direto...e em dezembro de 97 eu vim, tive essa identificação com o grupo, eles formularam um convite oficial para eu assumir o trabalho e dia 15 de fevereiro de 98, eu e minha esposa viemos.

Entrevistador: E oficialmente se deslocaram para Santa Maria?

Liderança: Isso! saímos de Guaíba...eu era empresário, um jovem empresário tinha duas empresas em Porto Alegre, onde eu me desfiz das empresas para essa finalidade: começar literalmente a minha vida ministerial. Chegamos em 15 de fevereiro de 98, assumimos aquele pequeno grupo e comecei a trabalhar dentro daquilo que a gente já conhecia. Eu era um jovem de 26 anos que assumiu uma responsabilidade significativa e fomos construindo essa relação com aquele pequeno grupo e fiz o trabalho muito focado em família. Então, a gente foi evangelizando, tendo ações para consolidar famílias e tudo mais...e o trabalho foi...foi crescendo foi se envolvendo. Em 2002...2002 nós já estávamos com aproximadamente 200 pessoas, nós tivemos um roteiro, nós saímos...em 98 inteiro ficamos naquela garagem...em dezembro de 98 nós saímos dali e fomos pro centro, ali na Rua Venâncio Aires, quase ao lado da Unimed 24 horas. Esse outro prédio era um edifício novo, tinha uma loja embaixo, nós locamos aquele espaço ali e ficamos 2 anos por ali. O trabalho continuou crescendo, ficamos dois anos ali e dali nós fomos para Medianeira, bem na frente da Basílica onde hoje é uma loja de tintas...ficamos ali 4 anos e ali foi um período que começou uma explosão de crescimento, por quê!? Em março...dia 15 de março de 2003, nós iniciamos um processo na igreja que nós chamamos de “Celularização”. Nós que tínhamos uma igreja no formato convencional, digamos

Tendo convicções;

Trabalhando na família;

Focando na família;

Consolidando a família;

assim, tradicional... em março de 2003 nós implantamos um modelo celular.

Entrevistador: O que é esse modelo celular?

Liderança: Então...esse modelo celular é o seguinte: ele produz uma certa descentralização do trabalho...ele forma grupos, pequenos grupos nas casas. Então, o que eu tinha de dinâmica anteriormente!? Eu tinha um culto de estudo bíblico na quinta-feira à noite, eu tinha uma reunião de mulheres que era feita a terça à tarde, eu tinha uma reunião de jovens que era feito sábado à noite e eu tinha o nosso culto de domingo. Basicamente, então, era essas reuniões semanais. Nós nunca fomos dados àquelas reuniões todos os dias...monte de reunião por dia como algumas denominações fazem. Do mais, eu tinha meu gabinete, eu atendia as pessoas, dava aconselhamento...orientações e tudo mais. Mas era uma coisa super-centralizada em mim. Então, as células são um exercício de descentralização onde eu preparo uma liderança, qualifico uma liderança de leigos, não obrigatoriamente pastores, e com essa preparação com esse treinamento eles assumem um pequeno grupo, uma pequena célula que funcionam numa casa. Então, se encontram uma vez por semana... famílias que se reúnem ali e ali eles passam a ter um vínculo mais direto, mais profundo e um bom nível de demandas de atendimento, digamos assim...aquele líder da célula ele absorve e pra mim passa a vir apenas causas mais delicadas, nas coisas mais difíceis para eles administrarem ou orientar, e então há um filtro aí...é uma descentralização de poder, de treinamento de nova lideranças...e nós começamos com aquelas 200 pessoas que nós alcançamos até ali...naquele ponto...nós formamos 30 células iniciais. Só que aquilo foi numa velocidade muito frenética...começou a crescer muito rápido e no momento que descentralizou, potencializou todas essas lideranças e nós chegamos a 300 o número de células.

Entrevistador: Só aqui em Santa Maria?

Justificando a dinâmica de células;

Implantando o modelo celular;

Explicando o modelo celular;

Fundamentando a prática celular;

Descentralizando o trabalho ministerial;

Preparando uma liderança;

Liderança: Sim, só aqui em Santa Maria. Eu cheguei a ter mais de duas mil pessoas congregando. De maneira que aquele prédio na frente da basílica ficou muito pequeno...nós mudamos e viemos aqui pra onde...nessa faixa...que tem a Nissan...e todo esse prédio, todo esse complexo ali era da igreja. Todo complexo! Funcionava a igreja domingo de noite e aquilo...lotava! Era muita gente. Chegamos a ter culto domingo à noite com 2500 pessoas. A igreja ganhou uma visibilidade muito grande e vivemos essa experiência. Foram sete anos de crescimento vertiginoso...

Entrevistador: Adotando as células?

Liderança: Isso! Foram sete anos de um crescimento assim...ehh...eu diria que até descontrolado, por quê!? Porque a igreja ela se tornou uma coisa pra cima das pessoas, ela se tornou uma coisa familiar...demais! Isso é um aspecto positivo né, pois ela deixou de ser a aquela instituição distante e se tornou algo pessoal, próximo, relacional, enfim. Isso foi positivo por vários aspectos, mas também tiveram outros aspectos que foram negativos, que foi assim: nós vivemos esse período de crescimento, mas aquele local era alugado. E aí tivemos a perspectiva de comprarmos um terreno para então começar uma construção, uma sede própria para igreja e tal...adquirimos uma área aqui na Faixa-Nova...são quase 6 hectares ali na Faixa Nova e...pensando assim...é difícil a gente, com o valor que a gente pagava de aluguel, poder investir em construção. Então, reunimos a diretoria e tomamos uma decisão que foi alugar uma sede que funciona na parte administrativa (operacional) durante a semana com os gabinetes pastorais, com secretaria...porque nesse meio tempo o número de pastores...eu tive que “encampar” muitos pastores, porque eu sozinho não dava conta. Eu cheguei a ter mais ou menos 14 pastores aqui trabalhando *full time*, entendeu? Era muita gente, homens e mulheres...e alugamos esse prédio estamos

aqui. Os cultos de domingo nós fazíamos no Hotel Morotin, no auditório lá do hotel e como era muita gente nós fazíamos um culto pela manhã e um culto pela noite...e era lotado. E ali dá 1500 pessoas. O culto da manhã enchia e o da noite super lotava. Lá era confortável, tem toda uma estrutura climatizada e tal. O pessoal ficou bem. Só que daí ficamos 10 meses assim, tudo tranquilo.

Entrevistador: Desse tempo que começou a noção desse método em células ainda era adotado quando vocês estavam ali no Morotin?

Liderança: Sim! permanecemos sempre...

Entrevistador: Ainda continuam com esse método de células?

Liderança: Sim...então olha só...nós ficamos ali no prédio grande ali 2005 à 2008. No ano de 2009 nós passamos praticamente o ano todo no hotel...só que chegou no final do ano o gerente geral lá do hotel disse assim: “olha...não vai dar para renovar com vocês porque a gente tá perdendo de absorver as feiras” e as feiras são 3...4 dias...uma semana de feira que entra muito mais recursos do que domingo. Eles tiveram muito prejuízo com isso e nós ficamos sem lugar para reunir o povo...nó ficamos 3 meses sem ter onde fazer o culto... e ali nós tivemos uma dispersão gigantesca de gente, diminuiu número de fiéis na casa...assim...de umas mil pessoas. Porque não tinha onde fazer culto, a gente conseguia um ginásio emprestado, por exemplo às vezes lá na T. Neves conseguimos ginásio, às vezes lá na Salgado Filho, às vezes um ginásio num colégio...não tinha lugar fixo e o povo não sabia, na época a comunicação não era tão ativa como é hoje por WhatsApp e essas coisas todas recém estavam começando...o pessoal recém começando a usar Facebook, mas a coisa era muito incipiente ainda...são tecnologias mais modernas e parece que sempre fez parte de nós, mas não né...é coisa recente. E aí às vezes era sexta-feira eu não sabia onde é que fazer o culto no

Apresentando as dificuldades de comunicação;

domingo. Então não conseguimos nos comunicar com as pessoas, entendeu? E nisso daquelas 2500 pessoas umas 1000 dispersaram ali, porque daí que acontece: eles começaram “assim...ah...ok...já entendi o evangelho, já entendi a pregação, entendi a mensagem tá no coração. Vou procurar uma igreja perto da minha casa”. E isso aconteceu e fez com que a gente cooperasse com várias igrejas de outras denominações (já que a gente nunca é doutrinariamente), nós nunca impusemos barreiras para que a membresia possa perceber as pessoas de outras denominações como irmãos, entendeu? Nós nos entendemos dessa forma. É outra denominação? É!. Mas são irmãos...é como uma família. Eu tenho meu irmão que é casado, ele tem a casa dele e eu visito meu irmão, a gente tem um vínculo tudo mais, mas eu não dito regra dentro da casa dele e nem ele dita regra dentro da minha casa, entendeu? Mas temos um relacionamento de amor fraterno, de respeito tudo...e assim nós lidamos com relação às denominações...são nossos irmãos, mas temos regras domésticas distintas da nossa, e assim nós respeitamos e esperamos que eles nos respeitem. Nem todas as igrejas têm essa mesma percepção...às vezes eles impõem na membresia a ideia de que a salvação está dentro da sua denominação...e isso faz com que as pessoas tenham até medo de ir para uma outra igreja...”*porque não...se eu sair daqui vou perder minha salvação*”. A gente não trabalha com essa base doutrinária. Então dá uma Liberdade para as pessoas procurarem outros espaços...e aconteceu, “vazou” umas mil pessoas daqui. E isso foi um baque dentro daquele ritmo de projeto que a gente estava...já dificultou bastante. Eu tinha que tomar uma decisão rápida, urgente porque não tinha como ficar mais aquela forma arrastada. E aí, foi quando surgiu a ideia de comprarmos uma tenda de circo...que daí nós poderíamos colocar tenda de circo no nosso próprio terreno e tocar construção. O povo já ia estar ali no plano vendo a obra,

Perdendo fiéis,

Oferecendo liberdade de consciência religiosa;

estimularia mais e tal. E fizemos isso: colocamos a tenda, ficamos praticamente três anos na tenda até que começamos a obra. só quero era uma obra muito grande e quando a gente projetou a obra, a gente projetou pensando naquela população, nós projetamos um prédio para 4 mil pessoas sentadas. Já tinha 2500 e só crescia...era lógico né...projetamos um prédio para 4 mil pessoas, com todo o conforto, 7800 metros quadrados de área construída. E aí, sofremos um acidente na tenda em dezembro de 2012. Tivemos um acidente num culto de domingo normal, um calor...era dia 16 de dezembro...e no meio do culto começou a virar o tempo e entrou um tornado em Santa Maria, nos pegando de frente. Eu já tinha terminado o culto, já tinha despedido o pessoal, mas o povo ficou conversando e aquela coisa toda...e nisso veio uma rajada de vento de 128 km. Levantou a tenda parecendo uma sacolinha plástica voando no vento...com ferro e tudo...teve bastante gente ferida. Uma senhora ficou em coma 14 dias. Foi um trauma grande para a igreja. E com isso tudo dispersou mais um bocado de gente. Primeiro, pelo fato de ir para uma tenda de circo. Então teve um determinado público, mais elitizado, vamos dizer assim, que não quis acompanhar...e depois com esse acidente também gerou mais essa situação.

Nosso grupo de 2500 pessoas reduziu a umas 800 pessoas mais ou menos. Essa foi uma trajetória...assim que a gente viveu.

Depois a gente concentrou um tempo aqui e fazemos as reuniões nesse salão aqui embaixo. Fazíamos três reuniões por domingo para poder dar conta, fazia uma de manhã, outras às cinco da tarde e depois outra às oito da noite. E depois nós alugamos o prédio aqui ao lado e que estamos dois anos e pouco com ele locado. Agora adaptamos, forramos, climatizamos...adequando o espaço. Nós vivemos, então, uns sete anos de crescimento exponencial e depois sete anos seguintes com todas essas situações ou contratempo. A gente aprendeu muito com tudo isso, pois no início nós fazíamos

Tendo o grupo reduzido;

células que não era bem de família, eram células homogêneas, ou seja, eram células só de homens, só de mulheres, só de rapazes, só de moças, eram células homogêneas. E mais recentemente, de 2 anos para cá, nós remodelamos isso. Nós passamos a trabalhar com células de família...então reúne as famílias. Justamente buscando um resgate daquilo que era mais original possível, olhando a igreja do primeiro século né como é que eles faziam a gente tem se inspirado naquele molde.

Entrevistador: Linkando com isso e a questão de resgatar a experiência da igreja do primeiro século, tu poderia me explicar esse *ethos* presente na igreja, essa adoção da visão de mundo ou interpretação do judaísmo, isso tem a ver?

Liderança: Tudo a ver!

Entrevistador: Tu poderia me explicar?

Liderança: O que que acontece...a gente tem que compreender a igreja no seu formato do que ela é hoje, analisando a sua trajetória e sua história. Então, quando a gente olha formatação das igrejas hoje ou o modelo que elas adotam...via de regra elas têm como ponto de partida a reforma protestante...elas têm como ponto de partida. As igrejas se identificam...ou são calvinistas ou são arminianistas...elas distribuem nessas duas correntes, nessas duas vertentes. Aí depois já entra no fator do Pentecostalismo e tudo mais...então as igrejas elas foram se constituindo nessas bases. Paralelamente a isso, existe um movimento que reacendeu na década de 60 que é o Movimento Judaico Messiânico. São judeus, digo de origem judaica, que passaram a reconhecer que Jesus é o messias. Eles começaram a trazer esse tipo de diálogos e aproximaram com a igreja gentílica...

Entrevistador: Mas isso em algum lugar específico?

Liderança: Isso tá acontecendo no mundo todo...é um movimento mundial que eu tive o privilégio de conhecer, digamos assim, os “ícones” deste

Detalhando as modalidades celulares;

Buscando resgatar a dinâmica da Igreja do Primeiro Século;

Referenciando-se na Igreja do Primeiro Século;

Explicando a referência no Judaísmo;

Esclarecendo o judaísmo messiânico;

movimento...eu tenho uma relação bem próxima com todos. E aí trouxe despertamento para questionar algumas bases e alguns fundamentos teológicos que a igreja hoje está apoiada. Por exemplo, a igreja hoje, a nível mundial, propaga uma doutrina que é a doutrina da substituição. O que vem a ser a doutrina da substituição? A doutrina da substituição ensina que a igreja veio substituir Israel. Ela se tornou “a Israel” de Deus. Desconsiderando todo o papel profético, vamos dizer assim, da nação de Israel e do povo judeu em si. Como se Deus tivesse anulado aquela antiga aliança que ele fez lá no princípio com Abraão, e aí a gente tem que entender um pouco da história de Israel para poder compreender isso. De como se forma esse povo. Então desconsidera tudo isso e assume a ideia de que a igreja é, digamos assim, é aquilo que Deus tem para o mundo hoje ou daqui pra frente é só a igreja nesse contexto após...como se Jesus tivesse feito uma ruptura aqui e aqui encerra judaísmo. E agora começa uma nova fase da era mundial, era do cristianismo, né! Uma ruptura. Só que quando a gente vai estudar história com um olhar mais “puro”, a gente descobre que os fatos não foram assim. Que a igreja no princípio era 100% judaica e depois ela foi adentrando na seara das outras nações, foi envolvendo outros processos de evangelização e tudo mais. Ela, a igreja, foi absorvendo os outros povos, as outras culturas, mas sempre mesclada com a comunidade judaica. O que se entende então o que Jesus não veio formar uma nova religião. O cristianismo ele não surge a partir de Cristo... parece estranho o que eu estou dizendo, mas, analisando, Jesus era judeu, viveu como judeu, tinha os hábitos judaicos, uma cultura judaica, e ele viveu isso plenamente. Fazia todos os ritos judaicos...seus discípulos eram judeus, apenas ele vem e abre espaço, ele tira essa vivência do território judaico e abre para todas as nações. Não focado agora nos cerimoniais e rituais, mas no seu conteúdo ético e moral...na essência da fé

Apresentando a Doutrina da Substituição;

Descordando dos fatos;

Focando no conteúdo ético e moral;

das relações com Deus e nas relações com o próximo. Quando ele faz aquele resumo ou quando a gente pega a Torá, nós temos 613 mandamentos. Jesus pega os 613 mandamentos e encaixa em dois: *amarás a Deus (acima de tudo) e ao teu próximo como a ti mesmo.* Ele pega os 613 mandamentos e distribui sobre esses dois; se tu amar a Deus, sobre tudo, e amar teu próximo como a ti mesmo, tu vive todos os 613 mandamentos... é muito profundo isso! E isso simplifica para um povo que não era familiarizado com a Torá. Porque só os Judeus eram familiarizados com a Torá. Então ele simplifica o entendimento desses princípios para qualquer ser humano. “Eu vou te prejudicar?”...eu não preciso saber de cor o mandamento se eu sei que eu tenho um princípio que eu devo amar você. Se eu sei que devo amar você e eu vou fazer um ato, sabendo que esse ato vai te prejudicar, então eu já não devo mais fazer. Porque esse princípio é de fácil assimilação. Mas, aí eu vou lá para a Torá e observo que existem várias descrições de como eu devo me relacionar com você de modo a não te prejudicar. Quando a gente vê que a igreja andou por quase quatro séculos...unida...comunidade judaica...quando eu falo comunidade judaica eu quero dizer daqueles que passaram a crer em Jesus como Messias e aqueles que não creram. Têm muitos que não creram, como até hoje tem. Então essa comunidade de judeus que creram, se relacionaram plenamente com os gentios que também creram. Se tornaram uma comunidade unida composta de judeus e gentios.

Entrevistador: Esses outros que não creram se intitulam como e vivem como?

Liderança: Eles vivem dentro do judaísmo ortodoxo.

Entrevistador: E esses que creem a gente poderia chamar de heterodoxos?

Liderança: Eles são reconhecidos como “Comunidade Judaica Messiânica”. Que surgiu lá no primeiro século, essa comunidade messiânica, porque creram que Jesus era o Messias. A situação do Messias

(ou a palavra: Mashíach ou Māšî'ah) ela representa a ideia de “ungido”. Quem era o ungido? Três personagens eram “ungidas” na forma de consagração: o rei, o profeta e o sacerdote. O Messias reunia nele as três unções. Ele figura como rei, como profeta e como sacerdote. Ele é uma figura única enviada de Deus (pai) e com uma missão de promover o resgate da humanidade, a restauração de todas as coisas. Então, Jesus foi enviado como o Messias e aqueles que o reconheceram, passam a ser parte dessa comunidade com ele. Essa é a ideia ou a concepção de igreja, que não é um prédio. A igreja não é uma estrutura física. Ela é essa composição de pessoas unidas pela fé. Quando a gente estuda e compreende a forma como essa igreja do princípio viveu e se relacionou, nós temos ali a essência do que era, porque ela foi orientada pelos apóstolos. E os apóstolos receberam as instruções diretamente de Jesus. Esse fundamento é muito importante porque ele condensa ali...a vivência da igreja no primeiro século, condensa a expectativa do que deveria ser sempre a igreja. No entanto, ao longo do tempo essa referência foi se perdendo, foi se distanciando até que nós chegamos lá no quarto século...quando Constantino dá aquela “virada de jogo” na história e institucionaliza a igreja...ali começa um processo violento de ruptura da igreja com as suas raízes da fé. Há uma remoção de todos os símbolos, uma remoção das celebrações, das festividades, tudo que pudesse lembrar alguma relação com o judaísmo, em si, com as raízes da fé...foi eliminada. E por decreto. E quem descumprisse era morto. Porque havia a necessidade de se implantar uma nova religião, com novas bases, com novos dias de referência, novas festas para apagar e anular a memória das antigas, e nisso foi feito substituições de questões doutrinárias extremamente significativas. E ali gera-se, então, um cisma gigantesco entre cristianismo e judaísmo. Mas nós estamos falando, praticamente, de 400 anos depois. De Jesus ter passado pela terra. Então, a partir daí nós temos o fortalecimento da

Explicando a ideia de igreja;

Fundamentando a estrutura da igreja;

estrutura da Igreja de Roma. Quem encampa uma preminência sobre as demais igrejas, ou seja, todas as demais igrejas passaram assim...a dar satisfação à Roma, por que era a base do império. E como que funcionava o império? Todo mundo pagava tributos e estava sujeito às leis de Roma. No momento em que a igreja e o Estado se fundem o mesmo fenômeno acontece com a igreja. Toda a igreja no mundo vinculada Roma...uma “hiper-hierarquização” do clero. E aí, tem todo aqueles séculos onde a igreja se estabeleceu com esse fundamento todo. Até que chegou a reforma e a reforma, então, é um processo de uma ruptura com esse sistema tão fechado. Começa com Lutero a partir de um questionamento simples...a se ver incomodado e inquieto pela questão das indulgências e ele começa a ler um livro da carta de Paulo aos Romanos. Ele vem lá que o justo viverá pela sua fé, que a salvação é pela fé e eles...”*mas se é pela fé porque que tem que pagar para isso?*”. Ele entra nesse conflito, começa os seus processos de reflexão...e era um padre que não tinha nenhuma intenção inicial de romper com a igreja católica. Ele queria uma renovação dentro da estrutura...o que não foi viável, por que estrutura era mais forte e não era do interesse dele que essa estrutura fosse rompida. E as igrejas, então, a partir dali começam a viver certos ciclos de reforma. Mas, todos esses reformistas tinham, ainda, uma estreita relação com as bases doutrinárias de Roma. Obviamente, eles não tinham referencial para fazer uma transformação tão significativa que pudesse trazer de volta a imagem do que era lá no princípio. Isso não era possível naquele período. Eles cooperaram com muitas reflexões, mas muita coisa ficou para trás. Todos os reformistas eram anti-semitas porque tinham essa ideia muito baseada em Roma. Eles tinham a ideia de que a igreja não tem nada a ver com Israel, não tem nada a ver com o povo judeu. Pelo contrário, o povo judeu merece morrer! Eu declarações de Lutero e de todos os outros reformistas que

são...odiosas. Aliás, algumas dessas declarações Hitler usava em placas dentro dos campos de concentração, frases de Lutero para justificar extermínio dos judeus, porque eles mataram Deus...os judeus foram acusados de deicídio, porque crucificaram Jesus. Se ele é o filho de Deus e foi crucificado pelos judeus...então isso é deicídio. Justificaria toda essa ação e tal. E nesse tempo agora...a reforma trouxe contribuições muito significativas. Não há a menor dúvida. Só que nós entendemos que esse processo não se concretizou. Ele não está pleno. Existem outras coisas a serem restauradas. Então a gente tem buscado fazer esse exercício de resgate... ainda mais anterior a tudo isso. Nos focar para a igreja do primeiro século. E essa Comunidade Judaica Messiânica eles têm um fator que ajuda...eles não viveram essa influência da Igreja Católica sobre eles. São judeus. Eles sempre foram familiarizados com as escrituras e eles têm uma interpretação muito qualificada, no sentido da originalidade, do que todos os que foram influenciados por uma visão de mundo católica/romana. Na medida que eles vão trazendo à luz a interpretação das escrituras mais no seu contexto original, isso faz muito sentido. Muito mais sentido e traz uma solidez na fé. Quando a gente faz hoje esse retorno às nossas origens, isso mexe com tudo.

Entrevistador: Só um parêntese...domingo passado na celebração e apresentação da origem da páscoa, em relação com essa que existe em alguns segmentos que a gente vê hoje em dia, originária de Roma, não sei se seria correto essa minha afirmação...mas, se tu concorda com essa ideia de que ao invés de apresentar a páscoa como uma celebração, como uma festa, com todos esses elementos, tu apresentou ela como um memorial?

Liderança: Exatamente! Pois, o contexto da festa se dá na consolidação desse memorial. Porque pelo mandamento bíblico, as celebrações e principalmente a de páscoa, ela tem como um elemento da

Buscando resgatar a pureza religiosa (?)

Apresentando um memorial;
Contando uma história;

festa “o contar da história” para as gerações futuras. Especialmente para as gerações futuras. Faz parte do cerimonial...que é a festa de páscoa? É a ceia, com os elementos específicos, com os elementos que eu montei lá, além de uma narrativa que se consolida na própria celebração. Porque? A ideia é de que a geração futura tenha referência clara. “Porque que a gente está aqui hoje?”, “porque que a gente está celebrando a história?”, “o que que aconteceu?”. Isso tem que ser vivificado na memória. É importante entender o seguinte: que tem esse contexto original e tem a aplicação disso, que é previsto. Não é simplesmente um memorial do que Deus fez lá no Egito ao tirar o povo do cativeiro, não. Quando nós olhamos e isso vem depois culminar com a mesma ação de Jesus na cruz...esse paralelo que o que Jesus fez na cruz...mesmo ato pela humanidade que Deus fez com os hebreus. Um ato libertador. Eu me aproprio dessa verdade sobre minha vida e compreendo que Deus executou um processo de libertação na minha vida também. Então quando eu celebro a páscoa eu não estou apenas celebrando por aquilo que Deus fez lá no passado no Egito, mas eu estou celebrando por aquilo que ele fez na minha vida. É um memorial da minha própria história também, da minha libertação.

Entrevistador: E o que que seria essa liberdade? tu pode me explicar?

Liderança: A grande libertação, no paralelo do Egito, associado em um tempo da nossa vida sem Deus e a imagem do faraó associada à imagem do satanás, existe um tempo de cativeiro, onde eu não tinha a compreensão da verdade, eu conheci o evangelho, a palavra de Cristo, tive uma experiência com ele real...essa experiência é libertadora. Num primeiro plano a nível espiritual, literalmente, e com a nossa própria natureza. Quando tu consegue suplantando essa força interior que te prende a maldade, que te leva a se oprimir, e quando Deus nos proporciona a libertação, nós conseguimos suprimir nossa natureza. E isso é liberdade. Porque eu tenho ações que

Celebrando fatos religiosos;

Comemorando a libertação do homem;

não vão ser destrutivas, nem na minha vida, nem na vida de outros. Podem ser refletidas.

Entrevistador: Em relação ao *ethos* da igreja...existe alguma restrição em relação aos usos e costumes?

Liderança: Nós usamos a medida do bom senso. Por exemplo, uma mulher deve andar de qualquer jeito? Não! Nós não temos nenhum manual que diz o tipo de roupa a ser usado. Mas, nem mulher, nem homem, deve abdicar da medida do bom senso. O que vem a ser a medida do bom senso? Se o ato de se vestir dele...falo da mulher...onde normalmente em relação ao homem, mais se tem conflito. Os homens não têm tanto conflito com isso. Tem mulher, por exemplo, que se veste de maneira provocativa. Então, ela se expõe, ela insinua coisas que atacam o macaco da natureza humana do homem (o impulso). Logo, isso não é de bom senso, nós não recomendamos, nós não exercemos vigilância sobre isso. Nós apenas aconselhamos. *“Não provoque, você vai estar ferindo um mandamento!”*...de amar ao teu próximo. No momento em que tu está provocando outras pessoas a pecar, você não está fazendo o bem. Você pode estar destruindo uma família, um lar ou cooperando pra isso mesmo. Então é na medida do bom senso. E a bíblia nos mostra isso, nos dá referência dos limites, na medida do bom senso. Do mais e do menos. Não pra cá e nem tanto pra lá, um equilíbrio. Nós não temos nenhuma prerrogativa de “ter que botar esse padrão de roupa”, não há uniformização de ninguém. Mas, sim, se ensina essa prática de bom senso. Nós temos algumas diretrizes embasado em Atos capítulo 15. Voltamos para as referências originais. No início a igreja era 100% judaica, os primeiros apóstolos eram todos judeus, os primeiros convertidos....convertidos ali que eram judeus e ouviram a mensagem de Jesus, assimilaram e reconheceram que ele era o Messias, essa é a palavra certa “reconheceram”. Eles tinham a realidade deles 100% judaica, eles eram todos

Recomendando o “bom senso”;

Resistindo a natureza humana;

circuncidados, a circuncisão era um símbolo de aliança daquele povo com Deus, eles tinham os costumes, eles tinham tudo que os identificava. Agora o evangelho sai para fora da seara dos judeus e começa a alcançar os povos gentílicos. Só que eles não sabem nada, eles estão acostumados com paganismo, eles estão acostumados a adorar outros deuses. E aí, gerou uma polêmica: “*o que os gentios precisam fazer para serem inseridos nesta comunidade da fé?*”, para viver a realidade da igreja. Alguns grupos disseram: “não! eles tem que se circuncidar!”, ou seja, eles têm que fazer os mesmos pactos de aliança que os judeus fazem com Deus. E Paulo já em ação refuta essa ideia, pois essa aliança da circuncisão, uma aliança específica dos descendentes físicos de Abraão. Deus não pediu isso a outros povos. A aliança que os gentios devem fazer, ao se converter, é firmada pelo batismo nas águas. Eles vêm pra resolver essa discussão em Jerusalém, especificamente em Jerusalém, para debater sobre isso na mesa com os apóstolos (Atos 15), vem a resolução dessa questão a partir da análise de Tiago, não foi nem Pedro, foi Tiago que trouxe a compreensão dessa situação. E ele disse assim: “olha...nós não devemos impor aos gentios os nossos costumes de uma forma geral, Deus os recebeu dessa forma. Mas, tem quatro coisas que eles não devem abdicar: a primeira coisa era não sacrificar a ídolos, você deve se abster de toda idolatria, pois são gentios e estamos falando agora de monoteísmo; se abdicar de relações sexuais ilícitas, ou seja, fora do matrimônio. A Bíblia nos traz o entendimento do que significa uma relação sexual, que não é apenas um ato físico, ela adentra em outras esferas...da alma humana. As relações sexuais ilícitas...elas comprometem a vida do indivíduo. Terceira coisa: a carne de animal sufocado que é o animal que não é sangrado, tu mata o animal e não sangra, não tira o sangue dele. Tu come o animal com o sangue ainda...o sufocado tem essa característica; e por último, o comer o próprio

sangue...então essas quatro coisas teriam que ser abolidas. Os gentios não poderiam praticar essas quatro coisas, como não deve até hoje, essas quatro leis são chamadas “Leis Noéticas” que foram dadas à Noé muito antes de Moisés, muito antes da Torá escrita...elas já vigoravam naquele período. Então...Tiago traz à memória aquelas leis antigas que deveria valer para toda a humanidade e tudo isso tem um porquê...essa relação com o sangue é uma coisa muito forte, com um significado extremamente profundo. Essas quatro coisas deveriam se abster eu hoje ensino isso, então tem coisas que a gente apresenta para a igreja no caráter proibitivo... sim...e tem coisas que a gente apresenta no caráter de “não aconselhamos”, mas não há proibição. Tudo está baseado na nossa ética, quando eu digo “nossa ética”, estou querendo dizer na judaica-cristã. Essa realidade que eu estou apresentando da minha igreja, e isso é necessário deixar bem claro, não é a realidade da Convenção Batista Nacional. Justamente pela ideia de liberdade religiosa. A grande maioria não resgata esses elementos que eu apresentei.

Descrevendo a ética seguida;

Entrevista (codificada) 02 realizada com a liderança da Igreja Batista Nacional de Santa Maria/RS

[Entrevistador]: Eu preciso saber, objetivamente e teologicamente, como você descreveria o que diferencia a sua Igreja Batista Nacional e a Batista Brasileira. Você tinha me falado antes que o bojo doutrinário é o mesmo. Eu também queria que você me explicasse o que é esse “bojo doutrinário”, teologicamente, e o que que você considera como diferente deles?

[Entrevistado]: Bom, quando se fala em bojo doutrinário é um leque amplo de questões a serem abordadas, por exemplo: nós cremos que a Bíblia é a nossa única regra de fé e prática. Isso implica de que não há nenhuma outra fonte de regra, literatura ou tradições que para nós venha a superar ou equivaler ao que a Bíblia nos aponta. Quando eu falo em Bíblia, eu falo na Bíblia em seu contexto original, porque nós temos um diferencial, por exemplo, da Bíblia Católica que inclui um conjunto de livros chamados “Apócrifos” que foram produzidos em outro contexto e introduzidos no compêndio da literatura sagrada. Nós não assimilamos os Apócrifos. Embora, entendemos e reconhecemos que os Apócrifos tem valor de caráter histórico. Eles são interessantes, mas não como livros inspirados...uma regra fundamental para nós é isso: a questão da valoração das escrituras. Quando nós olhamos outros segmentos evangélicos, nós percebemos que a Bíblia, por vezes, não é tão considerada. Ela é usada, mas não tanto observada. O que mais que nós vamos considerar...nós temos dentro dos ofícios dos batistas dois que são reconhecidos dentro da igreja, eu estou falando da Batista Brasileira (CBB) e que, posteriormente, acabou sendo dos Batistas Nacionais (CBN) que são: o ofício do pastor e do diácono na igreja local. Se assimila os ofícios de evangelistas e também de missionários. Isso aí já é um pouco o diferencial nosso, da Igreja Batista de Santa Maria! Que é algo que eu venho

Considerando a Bíblia como regra de fé e prática;

Justificando a interpretação da Bíblia;

Descartando os Apócrifos;

Dando um caráter histórico;

Valorizando as Escrituras;

Elencando os ofícios internos (IBN)

provocando, eu tive uma reunião dois meses atrás com o Presidente Nacional dos pastores da nossa convenção, que é um gaúcho, discutindo teologia e ele me chamou para uma reunião onde eu deveria apresentar para ele...e ele sabe que eu tenho questionado algumas coisas que se configuraram como tradições da denominação. Mas, eu questiono com respeito (não é uma revolução!), pois eu acho que a igreja se formou dentro de um contexto de pós-reforma e a reforma não contemplou uma restauração completa da igreja. Ela foi fragmentada e sim, trouxe luz à alguns setores, a algumas frentes de compreensão das escrituras, mas em outros ela continuou obscura. Agora, nós temos a oportunidade de trazer mais luz sobre isso e não limitar a reforma ao que foi no passado, mas poder dar avanço nas áreas que ainda faltam serem contempladas. Então, eu tenho discutido sobre esses pontos e hoje a gente trabalha com o que está escrito no Livro de Efésios (Cap 04:11) e que fala sobre cinco ofícios distintos. Porém, a nossa convenção, de certa maneira, não nega, mas não faz um devido reconhecimento como oficiais da igreja.

[Entrevistador]: O que são esses ofícios? São deveres?

[Entrevistado]: O apostolado, profetas, mestres, pastores e evangelistas. São cinco ofícios e funções distintas, mas não hierárquicas. Não estão uma sobre a outra. São funções complementares na organização da igreja. Contudo, quatro desses ofícios são contemplados, no sentido de igreja, a nível universal, são ministérios dentro da igreja que estão para servir o Corpo de Cristo independente de denominação...até porque naquela época não podíamos falar em denominação porque não existia. Mas, entendendo esses papéis hoje eles são distintos e na igreja local que atua localmente existe apenas o ofício pastoral. Todos os outros quatro ofícios contribuem na igreja local e extra-local.

Evidenciando a diferença local;
Questionando a doutrina;

Explicando as funções;

[Entrevistador]: Essa igreja local tem uma certa liberdade dinâmica? Ou seja, você pode agir de uma determinada maneira, mas referenciado-se àquele ofício?

[Entrevistado]: Então...aqui entra a questão institucional, porque nós entendemos...um exemplo...uma coisa é o que deveria ser e outra coisa é a visão daquilo que é. A visão daquilo que deveria ser, entendo na minha percepção, não é algo isolado, faz parte da visão de muitos líderes, ou seja, essa estrutura institucional é algo que não deveria existir, não pelo menos na forma como existe. Onde se cria a ideia de mercado e segmentos que disputam o espaço entre si, e isso destoa muito dos preceitos espirituais das escrituras. Mas, infelizmente é uma realidade que no momento não tem como romper ou terminar com ela. Isso é que deveria ser e realidade diante de nós são as denominações. Quando nós falamos desses ofícios eles não estão atrelados à denominação em si, mas estão atrelados à uma vocação que vem de Deus. Que é um dom espiritual. Ser pastor não é uma simples profissão, não consideramos dessa maneira. O “camarada” pode fazer um curso de teologia completo e terminando esse curso ele não sai pastor. Não é um curso que faz um pastor, o que faz alguém pastor é uma “chamada vocacional”, é uma questão espiritual. Existe uma relação do indivíduo com o divino (em relação a Deus), uma relação de convicções internas, de experiências de chamadas, que se não existirem a pessoa encara o ofício como um mero emprego, o que nós qualificamos como reprovável. E isso dizrespeito àqueles indivíduos que nós chamamos de “mercenários”. Portanto, quando o “camarada” encara o ofício ministerial visando o seu rendimento, nós simplesmente entendemos que ele é um mercenário. Ele não está ali por causa do chamado, ele está ali por causa do seu interesse econômico pessoal.

[Entrevistador]: Essa convicção, do teu ponto de vista, é diferente de pessoa,

Apresentando seu ponto de vista;

Explicando a origem dos ofícios;

Tendo uma vocação;

Recebendo um dom espiritual;

Considerando a prática pastoral como uma vocação;

Condenando a ideia pastoral enquanto profissão;

onde provavelmente Deus se comunicaria com esse candidato a pastor de uma forma diferente?

[Entrevistado]: As formas de Deus falar com o homem são múltiplas. Não existe uma única forma de Deus falar, existem muitas formas. Eu tive a minha experiência que produziu em mim um nível de convicção absoluta, de maneira que quando eu passei por grandes dificuldades que naturalmente fariam o indivíduo desistir, eu tive plena convicção dessa chamada que foi assim: eu comecei bastante jovem a me envolver com um grupo da igreja que posteriormente se transformou num pequeno grupo caseiro. Nós começamos a nos reunir com um único interesse...buscar Deus. A gente se encontrava uma vez por semana e ali nós tínhamos um tempo de oração, juntamente com um plano de estudos. Inicialmente começamos a estudar o Livro de Romanos (carta de Paulo aos romanos) e a cada semana debatíamos sobre um capítulo. Só que eu fui me destacando naquela experiência. Na época eu fazia faculdade de Agronomia e trabalhava no jardim botânico condenando um núcleo de Educação Ambiental. Começou que alguns jovens com problemas dirigiram-se a mim pra pedir opinião, buscar um conselho e eu fui dando vazão a isso. Acabou, então, nascendo um gosto de cuidar de pessoas, resolver problemas, resolver conflitos. Dentro de mim produziu uma certa alegria com isso. Naquele momento surgiu dentro de mim um “despertar” (“*quem sabe eu posso ser pastor?*”). Porém, não comentei com ninguém sobre esse sentimento, fiquei absolutamente calado. Um dia a noite eu fui orar e disse: “Deus, porventura, tu tens uma chamada pastoral pra mim? Fala comigo!”

[Entrevistador]: Isso tem a ver com aquilo que tu me falou sobre a proposta inicial do grupo que era buscar a Deus? Você pode me falar o que é buscar a Deus?

[Entrevistado]: Aí entra os conceitos básicos...o que eu a gente crê?

Relatando o seu processo de convicção;
Descrevendo sua experiência com Deus;
Detalhando o seu percurso religioso;

Sendo procurado;

Pensando sobre o futuro;
Pensando algumas possibilidades;

Primeiro, que a existência da vida não é obra do acaso. A vida não existe por acaso. Nós cremos num criador e nós cremos que o objeto central da criação está no homem.

Por que? Aí eu vou para as evidências internas das Escrituras...de que o querer de Deus ao criar o homem, estava em fazer um ser diferente de todos os outros seres que ele tinha criado e que tivesse atributos semelhantes a ele para se relacionar com ele. Tudo isso na categoria de “família”. Lá em Gênesis (Cap 1:26) tá o registro: “façamos o homem à nossa imagem e semelhança”. Se o termo está no plural, essa criação está sendo compartilhada. Não é algo criado por um único indivíduo. Aí nós temos no evangelho de João (Cap 1)...quando ele faz uma abordagem sobre Jesus, ele chama Jesus de “o verbo de Deus” ou no grego a palavra *logos*...lá...no princípio é a mesma palavra usada em Gênesis (Cap 1:1) “no princípio Deus criou o céu e a terra”. Também lá em João “no princípio era ‘o verbo’ e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus”. Ele está falando da pré-existência de Cristo. Jesus se manifestou na forma humana, mas ele já pré-existia. Quando na escritura diz “façamos o homem a imagem”, está demonstrando essa relação do pai e do filho que até aquele momento era único. Por isso é dito “unigênito”, ele era o unigênito do pai e se tornou, posteriormente, primogênito do pai. Deixou de ser o filho único para ser o primeiro. Na relação do propósito de Deus com todas as coisas, do propósito de fazer o homem, a família e todos semelhantes a esse filho com o qual ele tinha muito prazer...

[Entrevistador]: Sobre essa questão de criar o homem com imagem e semelhança, existe aí, não sei se tu pode me explicar, não uma cópia exata do homem em relação a Deus?

[Entrevistado]: Quando se fala em imagem e semelhança, a primeira coisa que vem a mente natural, vamos dizer assim, desprovida de um estudo mais aprofundado, a imagem diz respeito a um

Justificando a vida;
Crendo num criador;

Explicando os planos de Deus;

Apresentando o propósito de Deus;

conceito físico, aparente. Naturalmente se pensa nas estruturas da semelhança física. Mas, não é disso que Deus está falando, porque Deus é espírito e como é espírito até na comunicação ele está nos vendo, nos ouvindo, falando e isso não quer dizer que ele se encaixe nas estrutura que a mente natural concebe. Então, essa construção de um ser semelhante a Deus está nos seus atributos, por exemplo: “tu conhece alguma espécie que tenha a capacidade mais criativa do que o homem?”.

[Entrevistador]: Olha...do meu ponto de vista existem alguns animais!

[Entrevistado]: Mas, como o homem? Perfeitamente como ele?

[Entrevistador]: É...não conheço nenhum.

[Entrevistado]: Até temos alguns animais que têm a capacidade criativa, mas minúscula comparada com a capacidade do homem. Minúscula. A capacidade criativa dessas espécies está, basicamente, atrelada à sua subsistência deles.

[Entrevistador]: Tu diria que limitada em relação ao homem?

[Entrevistado]: Totalmente! Segundo, qual outra espécie possui atributos éticos e morais...conscientemente estabelecidos? E que podem ser alterados, tu entende? Para mais ou para menos, para bem ou para mal. Não tem! As espécies vão corresponder aos seus instintos naturais. Algumas espécies no seu instinto natural são monogâmicas e outras são poligâmicas, mas isso é o instinto natural delas. Aquilo é “assim” e acabou. Nós vamos compreender que o homem se distancia de todas as demais espécies. E esse distanciamento revela o quão aproximado de Deus ele foi feito.

[Entrevistador]: Tu diria que o homem em distinção com as outras espécies no que tange às suas capacidades, tem esses atributos...teologicamente falando, “Deus é capaz de qualquer coisa” através das suas habilidades, então o homem também?

[Entrevistado]: Claro! Quando a gente mergulha um pouco mais no estudo

Elencando alguns atributos;

Enaltecendo as capacidades humanas;

das Escrituras e a gente vai descobrindo os atributos Deus, a gente vai conhecendo que Deus é amor, misericordioso, bom, fiel, a gente vai identificando que todas essas características e atributos de Deus vão remontando “quem Deus é” em essência...

[Entrevistador]: Só uma pergunta sobre esses atributos de Deus que tu apresentou e enumerou, e principalmente, sobre a bondade, que podemos apresentá-la de maneira extensa, creio eu, mas do teu ponto de vista teológico, isso tem a ver com alguns elementos que eu gostaria que tu apresentasse. Se tu considera Deus como bondoso, tu considera também a criação como boa. Mas, como tu concebe se ele é bondoso e porque existe uma certa imperfeição no mundo, porque existem algumas pessoas miseráveis e outras não? Essa disparidade, como tu concebe isso?

[Entrevistado]: Pra isso é necessário fazer uma retrospectiva histórica da humanidade, dentro daquilo que nós cremos. Se nós cremos que o homem foi feito a imagem e semelhança de Deus e em Deus não habita mal algum, eu estou te trazendo textos, ok!? Nas Escrituras está assim: “em Deus não habita mal algum”. O mal está externo a Deus. E quando Deus faz o homem ele faz o homem com o mal externo a ele também. A maldade não fazia parte da estrutura do homem.

[Entrevistador]: Não era oriundo da natureza humana?

[Entrevistado]: Não na sua origem! Mas, Deus ao criar o homem, na intenção de ter uma família onde ele pudesse se relacionar e ter essa troca recíproca de afetos, de amor...isso se multiplicando, Deus não criou máquinas programadas. Deus deu ao homem a capacidade de escolha, o que nós chamamos de “livre arbítrio”.

[Entrevistador]: Livre arbítrio é ter a liberdade de escolher como agir?

[Entrevistado]: Sim. De amá-lo ou não. De se relacionar com ele ou não. De desejá-lo na tua vida ou não. Só que como o homem é criado perfeitamente, na sua

Apresentando os atributos de Deus;

Justificando a existência do mal;

Demonstrando a externalidade do mal;

Explicando a noção de livre-arbítrio;

Expressando o seu querer;

origem, assim como Deus, como é que o homem vai ter acesso ao que não é bom? Se não fazia parte da realidade dele. É esse mecanismo que Deus expôs para o homem: o livre arbítrio e uma forma do homem expressar o seu querer. No que seria? No final eu preciso resgatar a minha experiência de chamado se não vai ficar em aberto, me lembra disso, por favor. Quando Deus faz o homem em sua imagem e semelhança, portanto, o mal não estava dentro do homem, Deus coloca a possibilidade do homem acessar esse mal. Por exemplo, digamos que...tu tem uma namorada né?

[Entrevistador]: Sim.

[Entrevistado]: Digamos...tem um dia que vocês decidem morar juntos, porque? Porque se gostaram e tal. Vamos considerar uma situação mais clássica, uma situação de casamento. Um dia tu sai pra trabalhar, mas antes de sair tu pega uma algema e bota no tornozelo dela, fixa num canto da casa e sai ao trabalho. Quando tu chega em casa do trabalho, encontra ela ali e diz: “oh amor que bom que tu está aqui!”. Ela tinha opção? Ela não tinha opção porque tu deixou ela presa naquela condição. Agora, se tu não coloca algema alguma e sai, ao retornar ela estiver ali a tua espera, o que que ela usou? Ela usou o querer dela de estar ali, porque ela tinha toda a liberdade de aproveitar a tua saída e dar no pé. Então, o que fez com que a tua esposa ficasse é a liberdade de querer te amar.

[Entrevistador]: Seria o acesso à maldade a privação dessa liberdade?

[Entrevistado]: Como é que Deus possibilitou ao homem usufruir desse livre arbítrio? No local onde colocou o homem, Deus disse assim: “tudo que tem aqui você pode desfrutar livremente”. Deus colocou duas árvores distintas e simbólicas. Uma chama-se “árvore da vida” e de maneira que se o homem acessasse o fruto daquela árvore, ele garantiria uma manutenção de vida. É como se o homem dissesse: “eu quero estar me alimentando de vida”. Não é uma árvore que alimenta o corpo físico,

mas sim uma árvore que alimenta o ser espiritual, inclusive do homem. E uma outra árvore, também de valor simbólico, que as pessoas “popularmente” identificam como maçã e não tem absolutamente nada a ver. Ela na verdade era a “árvore do conhecimento do bem e do mal”. Nota: não era uma árvore apenas para conhecer o bem, mas conhecer o bem e o mal. Qual a ideia aqui? Se o mal não está naturalmente no homem, o homem desconhece o que é o mal. O mal está num local externo ao homem mas de acesso, para quando o homem quiser se relacionar com o mal ele pode.

[Entrevistador]: Tu pode me dar um exemplo concreto?

[Entrevistado]: Na narrativa bíblica tanto a mulher como o homem foram lá e comeram daquele fruto. Que era um fruto proibido. É interessante observar que a árvore da vida ao longo das Escrituras é apontada como a própria presença de Jesus lá no Éden, e a árvore do conhecimento é a disposição de se relacionar com Satanás. E aí o que acontece? Quando o homem acessa e ingere esse mal, agora esse mal passa a ser internalizado. Nós somos aquilo que comemos! Isso tem um sentido físico mas nós estamos tratando, também, de um mundo espiritual. O mundo espiritual tem verdades paralelas no mundo físico. Essa intenção do homem não era apenas de comer o fruto ou um fruto qualquer, na verdade ele quis acessar a maldade. Porém, antes do homem comer, Deus havia falado claramente com o homem sobre essa questão. Deus disse: “Olha aqui está o fruto, mas eu quero te dizer que se tu comer esse fruto tem uma consequência!”. Qual é a consequência? Certamente morrerás. Qual é a concepção bíblica de vida? A vida está em relacionar-se com seu criador. Minha relação de vida está na relação com Deus. Se eu me relaciono com Deus e meu espírito está conectado com o espírito de Deus, então, eu tenho vida. Se essa comunicação não existe, espiritualmente, eu estou morto. Meu

Detalhando a origem do mal no mundo:

espírito não acessa as virtudes que provêm de Deus. Desde o princípio a vontade de Deus era de que o homem tivesse uma relação com ele e como em Deus não há mal algum, Deus não se relacionava com o mal também. Logo, se o homem quer se relacionar com o mal, ele está dizendo que não quer se relacionar com Deus. Isso é o livre arbítrio mais uma vez em ação.

[Entrevistador]: Tu poderia, objetivamente me falar, se eu compreendi direito, que o bem sendo essa capacidade do livre arbítrio que é proposta por Deus e também de se relacionar vitalmente com ele, o mal seria a privação de tudo isso? Seria isso?

[Entrevistado]: Olha..não está errado o que tu disse, talvez um pouco incompleto, mas não está errada a linha de raciocínio.

[Entrevistador]: Como a tua igreja ou religião concebe isso, como tu poderia me descrever, objetivamente, o que é o bem e o que é o mal?

[Entrevistado]: Nós vamos atribuir ao bem e ao mal as figuras de origem. Quando nós olhamos para Deus e para seus atributos nós, então, encontramos o bem nele. O que que nós encontramos? A verdade, a justiça, a lealdade, a fidelidade, encontramos o amor, encontramos a bondade, encontramos a misericórdia, a compaixão, encontramos a graça, são todas que estão na natureza de Deus. O oposto (o mal) é o oposto à isso. O oposto à verdade é a mentira, o oposto da lealdade é a infidelidade, o ganancioso, enfim, todas aquelas coisas que encontramos nos atributos morais de Deus. Quando o homem passou acessar nós temos uma mudança de natureza do homem. E aqui há uma ruptura histórica. Porque a essência do homem é alterada. Até então a essência do homem era a essência de Deus. A partir dali ele muda. Ele perde essa essência de Deus e assume uma nova natureza.

[Entrevistador]: Totalmente ou parcialmente?

[Entrevistado]: Totalmente. Embora Deus na sua infinita misericórdia e

Diferenciando o bem do mal;
Ressaltando as diferenças;

Modificando a sua essência;

graça, ele deixa no homem alguns fragmentos de revelação dele. O que que eu posso assemelhar essa experiência que o homem teve? Se eu pegasse você agora e vendasse os teus olhos, depois andasse duas horas de carro contigo ou subisse num avião e andasse dez horas nesse avião, mais três horas de carro, mais cinco horas de caminhada no meio de uma floresta e chegasse num ponto abrindo os teus olhos e dissesse: “aonde é que tu estás?” Tu saberia dizer? Ou se eu dissesse pra ti: “volta pra casa!”, sem nenhuma pista, tu conseguiria voltar?

[Entrevistador]: Provavelmente sim.

[Entrevistado]: Como?

[Entrevistador]: Instinto.

[Entrevistado]: E se não tivesse ninguém pra te dar informação alguma, a probabilidade de tu ficar perdido no meio daquele lugar é muito grande! A experiência do homem após ter acessado o conhecimento do mal foi mais ou menos essa: o homem perdeu a referência. O homem não se achou mais em casa. Porque até então ele tinha uma relação com o seu criador, a Bíblia fala e relata isso. Então, essa relação é interrompida. Foi a consequência da escolha que o homem fez e sua natureza foi completamente adulterada. a partir dali os frutos do homem passam a ser semelhantes a sua natureza. Por exemplo, tu não precisa ensinar a mentira ou a violência para uma criança para ele saber a fazer isso. Porque isso tudo é inerente, está dentro dela. Essa natureza, que nós chamamos de “natureza caída do homem”, nasce com o homem. Isso é a realidade do homem após essa experiência de queda. Qual é o desafio a partir daí? O desafio é, em primeiro lugar, reconhecer Deus e mesmo o homem ter optado por essa rota, Deus não desiste do homem. E manteve um caminho de retorno. Assim como o homem escolheu dar as costas para Deus, o homem pode escolher voltar para Deus. E Deus vai recebê-lo de volta. Mas esse caminho de volta não é do jeito do homem, esse caminho é do jeito de Deus.

Perdendo a referência;

Apresentando a natureza caída do homem;
Explicando a nova natureza do homem;
Trilhando o caminho de Deus;

Durante um período da história esse jeito foi provisório e até que depois foi estabelecido um jeito permanente. Quando o homem restaura o contato com Deus ele passa a viver o propósito original de vida para o homem: que é se relacionar com o seu criador.

[Entrevistador]: Nesse sentido, e isso tem um pouco a ver com o que eu quera que tu me responda posteriormente, o que que diferencia a CBN da CBB. O bojo doutrinário tu estavas me explicando é o mesmo, mas eu gostaria de saber o elemento distintivo. Nesse sentido, que tu está falando da distinção do bem e do mal, porque que ocorrem algumas coisas e tal, dessa nova natureza do homem...

[Entrevistado]: Nisso nós não divergimos, pois a Batista Brasileira também pensa assim...

[Entrevistador]: E se eu te perguntasse, tu enquanto pastor e membro de um segmento batista, justificaria o que eu tinha te perguntado sobre porque existe essa maldade no mundo, essa desigualdade entre algumas pessoas em relação à outras. Objetivamente, porque que existem pessoas que têm acesso a algumas coisas, não somente em nível monetário, e isso tem a ver um pouco com a questão da prosperidade que eu gostaria que tu explicasse mais adiante. Então, porque que algumas pessoas têm acesso a algumas coisas, como tu justificaria isso dentro do seu segmento e como a CBB justificaria? É da mesma maneira ou tem algum elemento que difere nessa justificativa?

[Entrevistado]: Não...não...quanto à essas questões nós não temos divergências de opinião. Mas, é claro, não se pode hoje em pleno Século XXI e com toda a linha de comunicação que nós temos hoje, não existe mais uma uniformização dos conceitos: “ah eu sou Batista Brasileiro e penso de ponta-a-ponta igual a todo Batista Brasileiro”. Não! Entre os próprios Batistas Brasileiros existem divergências. Assim como nós, Batistas Nacionais, vamos divergir de alguns pontos. Não há uma padronização absoluta de conceitos. É

Fundamentando a diferença teológica (?)

como eu te falei: eu tenho a liberdade e consigo divergir sem brigar. Acho que isso é uma coisa que nem muitos conseguem. Hoje eu tenho provocado questionamentos para fazer algumas rupturas estruturais e que talvez eu nem veja o fruto disso. Mas eu desejo contribuir historicamente. Com relação à salvação não há divergência entre nós...

[Entrevistador]: O que que seria a salvação?

[Entrevistado]: Quando o homem se desconectou de Deus e aí entra o conceito de “morte”, a partir daí o homem carece de salvação.

[Entrevistador]: Salvação seria então essa “reconexão” com Deus?

[Entrevistado]: Exatamente.

[Entrevistador]: Mas de que maneira ela se daria?

[Entrevistado]: Aí vem o que eu te falei do provisório e da forma definitiva. O sangue é um elemento extremamente simbólico nas Escrituras, pois a Bíblia diz que no sangue está a vida. Todo o cerimonial de sacrifício do Velho Testamento era feito com sangue de cordeiro, principalmente. Porque que o sangue é tão importante? A Bíblia diz que quando Deus fez o homem, ele não tinha vida, era um boneco de barro. Até que Deus assopra nas narinas do homem e ele passa, então, a ser homem vivente. A palavra “espírito” no hebraico é *ruach* e a palavra “vento” também é *ruach*. O próprio fôlego divino que entra no homem e que vai se alojar lá no sangue abriga uma centelha de vida de Deus. Por isso que Deus diz que “o sangue me pertence”. A sentença para o pecado ou essa rebelião contra Deus é a morte. E a forma dessa sentença ser cumprida é pelo sangue derramado. Então, Deus estabelece que se aquele homem que pecou quiser voltar para ele, vai ter que fazer um caminho do sacrifício. Sacrifício do hebraico é *sarcos* que na verdade quer dizer “aproximação”. O pecado afasta o homem de Deus e o sacrifício aproxima o homem de Deus. Como isso, ritualmente, se estabelecia?

Apontando o que seria a salvação;
Apresentando as etapas e os caminhos da salvação;

Demonstrando as consequências do pecado;

Por exemplo, o camarada que rouba e que deveria fazer a restituição daquilo que ele roubou, que era o lado social daquilo, na relação com Deus ele deveria fazer um sacrifício que na época era com um cordeiro. Ele pegava um cordeiro e colocava à frente do sacerdote, colocava a mão sobre aquele animal inocente, confessava a sua culpa, e num ato simbólico, a culpa do homem era transferida para o animal. A sentença era a morte. Que na verdade era pra ser a morte do homem. Agora a culpa do homem que foi transferida para o animal foi sacrificada pelas mãos do sacerdote e que derramava o sangue do animal. Isso se chama “expição” e cumpria a expressão daquele homem para retornar para Deus. Mas, o que Deus queria de fato? Deus queria que o homem visse a consequência do seu erro, a gravidade do seu erro e que nunca mais voltasse a repetí-lo. É a rota do arrependimento.

[Entrevistador]: Esse era o caminho da salvação?

[Entrevistado]: Exatamente! No momento que o homem viu, ele pensou que era ele deveria estar aí. Portanto, ele busca se afastar daquela natureza de maldade. Para onde eu vou? Para a natureza de Deus. Mas isso nos tempos antigos.

[Entrevistador]: E agora como seria?

[Entrevistado]: Então...por que isso teve que mudar? Chegou um momento em que os homens faziam sacrifícios e estavam preparando os outros pra semana seguinte. Porque a rota do arrependimento, que era o sacrifício, já não estava mais existindo. Nas Escrituras Deus disse: “basta, eu já não me satisfaço com a morte dos animais”. Isso não agradava a ele. O que ele queria na verdade era o arrependimento dos homens. Ele queria que eles vissem a consequência dos pecados cometidos. Posteriormente, ele estabeleceu somente um sacrifício que seja completo e perfeito, capaz de suportar toda a humanidade e que seja definitiva em todas as gerações. Mas, ao olhar para a

terra ele não vê ninguém apto a fazer esse sacrifício. É quanto Jesus, então, assume essa missão. Ele diz ao pai que ele faria esse sacrifício em amor ao homem. Ele assume a forma humana e vive como um homem, e é interessante saber que quando ele viveu como homem, ele viveu todas as condições de homem. Teve fome, teve sede, teve cansaço etc. Ele precisava se revestir 100% de humanidade para poder vencer todas as lutas do homem, para poder trazer toda a referência que Adão tinha e perdeu. Essa era a grande missão. Quando Jesus se aproxima de João Batista, lá no início, no primeiro ato de Jesus, lá nas margens do rio Jordão para ser batizado. Quando ele vê Jesus ele falou o que se vê em muitas missas católicas: “cordeiro de Deus que tira o pecado da humanidade”. ele viu o sinal profético que Deus tinha dito para ele. Aquele que fosse o messias, aquele que fosse o redentor da humanidade teria um sinal e que repousaria nele sob a forma de uma pomba. Ele vê Jesus se aproximar e vê o sinal, e logo em seguida fala: “eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. No que que ele está se referindo? Ele está lembrando de todos os cordeiros que eram sacrificados na forma de redenção e que eram dados pelos homens, mas esse era dado por Deus e com o objetivo de tirar o pecado de todos os indivíduos. Essa era a ênfase. Agora, Jesus assume a forma definitiva de sacrifício. E o que ele derramou na cruz? O seu sangue. Porque aquilo tinha que se cumprir. Embora, ela tenha se sacrificado por todos, nem todos irão desfrutar disso. Quem irá desfrutar? Nem todos serão salvos. Porque? Se a escolha do homem foi rejeitar Deus, agora também tem que ser escolha do homem voltar para Deus. Nós para entendermos, o que iremos chamar de “validação”, o sacrifício de Jesus lá na cruz, precisamos compreender que três coisas devem acontecer em conjunto. [A primeira, é a fé. A fé hoje em dia, comumente falando, é interpretada como crença. Em hebraico ela é *emuná* e resulta na soma de duas outras palavras: confiança](#)

[Esclarecendo as etapas atuais da salvação;](#)

e obediência. Nas Escrituras nós temos um indivíduo que é considerado como o “pai da fé”: Abraão. A história dele mostra o que é o modelo completo da fé. O segundo elemento da salvação está no arrependimento. Arrependimento é muito bem representado do grego pela palavra *metanoia*, e significa “mudança de mentalidade”. Se você muda a forma de pensar, então, você muda a forma de se comportar e provavelmente não volta mais atrás. Esse é o verdadeiro arrependimento que vai gerar uma mudança de comportamento. O terceiro elemento que vai assim, fechar esse pacote que chamamos salvação, é o batismo. O batismo é na verdade um pacto. Uma tomada de convicção para com Deus.

[Entrevistador]: Sobre o batismo, existe alguma diferença entre a CBB e a CBN?

[Entrevistado]: Não! É o batismo por imersão.

[Entrevistador]: É igual ao batismo no Espírito Santo?

[Entrevistado]: Não, pois são experiências distintas.

[Entrevistador]: Qual a diferença entre eles?

[Entrevistado]: O batismo nas águas que nós praticamos por imersão está atrelado à essa questão da salvação. Ou seja, o indivíduo ouviu o evangelho, creu em Cristo, firmou sua convicção de fé, entrou numa convicção de arrependimento, ele faz uma aliança com Deus.

[Entrevistador]: Porque nas águas?

[Entrevistado]: A própria palavra “batismo” já fala em mergulho. Ele é uma prática antiga que na verdade o judaísmo já adotava há muitos anos, e tem toda uma simbologia. Até os dias de Jesus ele representava um ato de purificação. O batismo “em Jesus” ganha outro simbolismo. Ele simboliza um pacto de aliança que eu estou fazendo com Deus. Eu entrego a minha vida à Deus através da minha fé e acredito que Jesus é o meu salvador. É uma declaração pública na

crença da obra feita por Jesus na cruz para mim. O batismo é “o meu casamento com Deus”. Esses três elementos compõem o que nós consideramos como salvação. Agora, a experiência do batismo no Espírito Santo não tem a ver com isso aqui. Obviamente, o indivíduo uma vez dentro dessa situação está apto a viver uma vida de ordem espiritual. Por isso que foi dado esse nome “batismo no Espírito Santo”, é como que o indivíduo ganhasse um “revestimento”. Quando eu sou salvo, o espírito de Deus vem para dentro de mim e eu restabeleço o propósito original da criação do homem. Na experiência do Batismo no Espírito Santo é como que a minha vida mergulhasse em Deus, a minha vida será revestida.

[Entrevistador]: E isso é praticado aqui?

[Entrevistado]: Claro! Nós cremos nessa experiência. Por exemplo, no batismo das águas nós temos uma data específica...

[Entrevistador]: É também específica a experiência do Batismo no Espírito Santo?

[Entrevistado]: O indivíduo pode ser batizado no Espírito Santo em casa, ele pode ser batizado sozinho, pois se trata de uma experiência do indivíduo com Deus. Ele busca Deus no coração...Deus disse assim: “se creres em mim, como diz nas Escrituras, no seu interior jorrarão rios de águas vivas”. Essa experiência é com o próprio Deus. Ela é tão intensa que envolve todo o teu ser, envolve as tuas emoções, teu corpo físico. Ela é de origem espiritual. Para quem vive é inconfundível. Ela vem com um propósito de uma capacitação especial da parte de Deus, para realizarmos a obra de Deus. Esse é o propósito. É o revestimento de uma autoridade espiritual, de poderes espirituais para poder cumprir um propósito. Não é simplesmente para ter uma experiência, para ter sensações, não. É uma capacitação de poder para implantar o evangelho do reino de Deus. Para as coisas de Deus acontecerem na terra.

Esclarecendo o Batismo no Espírito Santo;
Sendo revestido pelo Espírito Santo;
Mergulhando em Deus;

Restabelecendo o propósito original de Deus;

Crendo na experiência do Batismo no Espírito Santo;

Detalhando a individualidade da experiência;

Sendo capacitado por Deus;
Sendo uma autoridade espiritual;
Implantando o evangelho;

[Entrevistador]: Tu tinha falado no início sobre aquela tua convicção, mas antes de tu voltar ao relato dela, eu gostaria que tu, objetivamente, me explicasse se existe ou não uma diferenciação entre vocês (CBN) e a CBB, como também sobre a questão do avivamento. Na verdade é uma pergunta composta: 1) o que tu enxerga como diferença entre vocês da CBB; 2) como tu justificaria aquilo que mencionei antes sobre a bondade de Deus e algumas pessoas que têm acesso à algumas coisas enquanto outras não têm; e 3) como isso se concretizaria no culto, caso tu já tenha assistido algum da CBB, e no que o culto da CBN difere da CBB?

[Entrevistado]: Em relação à primeira, objetivamente, com o passar dos anos essa diferença tem diminuído. Significamente. Ao ponto de hoje em dia, eu conhecer muitos pastores que estão dentro da CBB e que declaram a experiência deles no batismo do Espírito Santo. Mas, a CBB assumiu uma postura diferente no passado e excluiu os caras. Hoje ela está tranquila com essa situação. Eu conheço vários, vários, vários pastores da CBB e se tu entrar num culto deles e entrar num nosso, não tem nada de diferente. São cultos avivados, intensos, não tem mais aquele formalismo dos Batistas Brasileiros mais tradicionais ou das antigas. Basicamente, no papel está a diferença desse reconhecimento do batismo no Espírito Santo, o que produz em nós uma liberdade de expressão maior e na dinâmica do culto. Na Batista Nacional o pessoal têm mais expressão, por exemplo: de falar *aleluia* ou *glória* a Deus. Se torna mais envolvente, mais participativo, há uma liberdade maior para expressar o dom de línguas, o que eles não têm. Os Batistas Brasileiros mais tradicionais não podem nem bater palma dentro da igreja, parece uma missa católica sem os santos. A Batista Brasileira está muito mais flexível hoje do há 50 anos atrás. Aqui a gente canta louvor batendo palmas, a gente dança. Naquela época isso era

Sendo mais expressivos;

Tendo mais liberdade religiosa;

inadmissível. Nós temos uma liberdade muito maior de expressão.

[Entrevistado]: Respondi tua pergunta?

[Entrevistador]: Sim. Agora, sobre aquela questão da justificativa...

[Entrevistado]: Olha só...o céu é do senhor mas a terra ele deu aos homens. A terra foi dada ao homem sob responsabilidade do homem fazer sobre ela o que quisesse. Por exemplo, se tu quiser chegar em casa e revirar tudo, colocar as roupas todas no chão, tu pode fazer isso?

[Entrevistador]: Talvez...

[Entrevistado]: Pode, pode...tá dentro do teu teto, da tua casa. Mas, se tu for dentro da casa do teu vizinho a realidade pode ser diferente. Porque há uma decisão dele, que é diferente na forma que ele conduz a casa dele. No momento que Deus entrega a terra ao homem e dá a liberdade do homem gestar essa terra, Deus deu ao homem as melhores ferramentas para fazer isso da melhor forma possível. Se o homem tivesse se conservado no seu estado de natureza original de criação, nunca o homem veria as disparidades que a terra tem hoje. Nunca a terra sofreria a degradação da própria natureza que ela vive hoje. Nunca o homem viveria o sofrimento da forma como vive hoje. Então, essa situação de que o homem vive hoje e atribui às responsabilidades de Deus, não é justa. Isso tudo é consequência da própria condição que o homem escolheu dar para sua habitação.

[Entrevistador]: Pelo teu conhecimento, tu acha que essa justificativa faz parte da tua convicção e do que é pregado aqui na CBN/SM?

[Entrevistado]: Absolutamente.

[Entrevistador]: Conhecendo a CBB, da maneira que tu conhece, será que eles teriam uma visão diferente disso?

[Entrevistado]: Não. Não teriam uma visão diferente disso. Acredito que não.

[Entrevistador]: Já que a gente está falando sobre essas disparidades, como tu descreveria...só um parêntese. Antes tu

Justificando o mundo:

Defendendo Deus (?)

tinha descrito que existia uma salvação provisória (sacrifício do cordeiro) e que agora nos teus cultos é pregado que aqueles três elementos (fé, arrependimento e batismo) devem andar juntos...

[Entrevistado]: Sempre!

[Entrevistador]: A CBB teria um visão diferente em relação a salvação? Ou não?

[Entrevistado]: É a mesma. Com esse mesmo conteúdo.

[Entrevistador]: Continuando, sobre essas disparidades no mundo, o que seria um homem próspero ou honesto pra ti?

[Entrevistado]: A prosperidade ela não está atrelada à um conceito monetário pra nós. Talvez se tu for em uma Neopentecostal o discurso seja diferente. Ela, na verdade, é ausência de necessidade. Quando Deus nos assegura que sejamos prósperos...e a própria palavra *shalom* que todo o judeu se comprimenta e que normalmente é traduzida com “paz”, na verdade essa paz diz respeito à essa prosperidade que vem de Deus. Por exemplo, o que é prosperidade no contexto de um família? É um casal que se relaciona saudavelmente, os filhos que proporcionam uma alegria no contexto do seu lar. Isso é prosperidade. Ou quando um indivíduo chega até nós com a vida destruída e depois a sua vida muda, isso é prosperidade. É superar suas limitações. Ele está prosperando na forma de viver, no relacionamento conjugal, preservando a saúde dele...

[Entrevistador]: Tu diria que um homem honesto faz parte dessa prosperidade?

[Entrevistado]: Sem dúvida!

[Entrevistador]: O que é o homem honesto?

[Entrevistado]: É um homem que anda no caminho da verdade, que não se apropria do que não é dele, trabalha com a justiça nos seus procedimentos. A ausência de necessidade é isso e pode em algum momento ser financeira. Eu tive uma situação com o meu filho muito grave. E aí

Fundamentando a ideia de prosperidade;
Definindo um “homem próspero”;

Salientando a ideia de honestidade;
Apresentando o homem honesto;

eu precisei, por questões de emergência, dar alguns cheques pré-datados para cobrir as despesas médicas, mas eu não tinha a menor condição. Era para salvar meu filho. Naqueles dias estava tendo um congresso aqui em Santa Maria e eu tive uma experiência com Deus. Para fazer uma oferta de amor, cobrir algumas despesas do evento. Me veio muito forte na mente o valor de quinhentos reais. Foi uma convicção interior. Saber em quais circunstâncias Deus fala comigo e de que modo fala comigo. Dei esse cheque para uma semana. Naquele mesmo dia, isso foi num sábado de manhã, chegou um casal, um era militar, e estava a pouco tempo na cidade, estavam uns três meses na igreja, vieram chorando e disseram: *“pastor...a gente teve uma experiência hoje de tarde e queremos falar pro senhor. Hoje nós tivemos um pensamento forte, porém relutamos, e quando fomos conversar sobre isso, nós falamos a mesma coisa”* Eles tinham dois carros (dois Unos da Fiat) e o pensamento deles foi em me dar um desses carros. Aquele pensamento produziu neles uma alegria e chegando a noite eles me deram a chave de um dos carros. Eu chorei muito. Na segunda-feira eu botei ele para vender e dois dias depois o cara da concessionária me liga e disse que vendeu. Eu perguntei o quanto que ele pegou, porque eu não botei preço, então ele me disse que vendeu por R\$ 7.5000.00. Veja só, eu devia R\$ 7.000.00 para as despesas médicas mais R\$ 500,00 da oferta para o congresso. Isso é prosperidade de Deus, é ausência de necessidade. Deus veio ao meu socorro. Normalmente antes de uma bênção, ele aguça a nossa fé, como ele fez com Abraão. Por isso ele foi chamado “o pai da fé”. Não significa, então, que o símbolo da prosperidade seja dinheiro. Na verdade é um conjunto de circunstâncias supridas que vem de Deus. É uma superação.

[Entrevistador]: Para finalizar...tu poderia retomar aquela tua experiência de convicção do chamado de Deus?

Sendo abençoado por Deus;

Recebendo a graça divina;

Sendo agraciado;

[Entrevistado]: Depois de ver aquele despertar no envolvimento com pessoas, nasceu esse ponto de interrogação. Será que é Deus me chamando? Se eu quisesse ser pastor, eu deveria fazer o curso teológico e me preparar muito bem. Porque tem uns pastores aí...que nós dá vergonha. No outro dia de manhã, minha mãe me falou que teve um sonho onde eu estava me formando e tinham muitos anjos a minha volta. Mas, eu não dei nenhuma bola pra isso. No outro dia, no dia em que tínhamos um encontro do grupo de estudos, eu liguei para a menina que iria sediar a sua casa para o grupo. Lá ela conversou comigo e perguntou se eu estava pensando em entrar para o seminário. Ela me contou que teve uma visão exatamente igual ao sonho da minha mãe. Isso foi agregando as minhas convicções de que Deus estava me chamando, junto com a minha vivência na igreja. Tomou conta de mim essa convicção. Tive que decidir se eu me tornaria pastor ou me formava em Agronomia. Optei por ser pastor.

Relatando o seu processo de convicção;

Entrevista (codificada) realizada com a liderança da Igreja Batista Brasileira de Santa Maria/RS

Entrevistador: Primeiramente, eu gostaria de saber como tu descreveria o bojo doutrinário dos Batista Brasileiros e no que ele diferia dos Batistas Nacionais? Existe alguma diferença teológica?

Entrevistado: Existe! No Século XIX foi descoberto...assim...se clareou mais a questão da “pessoa do Espírito Santo”. Nós tivemos um tempo em que nós chamávamos de “medieval”, onde você não tinha acesso à Bíblia. Depois lá com Lutero...nós tivemos 500 anos da reforma e o advento da imprensa. Então, a Bíblia tornou-se mais acessível ao povo. O que não tinha antes. Descobriu-se a Palavra de Deus. Mais adiante, descobriu-se a pessoa do Espírito Santo. Naquela descoberta, algumas pessoas pensavam de uma forma e outras pensavam de outra forma sobre essa pessoa do Espírito Santo. Surgiu, então, algumas Igrejas Pentecostais (por causa do pentecoste) que deram um ênfase muito acentuada à questão do Espírito Santo. Com o enfoque um pouco diferente. Existia essa diferenciação basicamente nisso. Hoje nós temos os chamados Neopentecostais que têm uma diferença não só doutrinária, mas também eclesial. Na ordem de culto...como é que se faz e tal. Mas, existe realmente uma diferença.

Entrevistador: Lá pelos anos 60...houve uma cisão dentro dos batistas...de pessoas que eram adeptas desse novo movimento do “Batismo no Espírito Santo” e que foram desligadas da batista tradicional. Porque existiu essa cisão? Ela ainda existe na Batista Brasileira?

Entrevistado: Quando eu falei sobre o Século XIX, eu falo sobre o Estados Unidos, Europa. Quando você fala em 60, fala basicamente no Brasil. Onde houve esse enfoque na pessoa do Espírito Santo, dom de línguas, idiomas estranhos e tal. Essa foi a separação. Realmente, nesta época, mais precisamente 65, houve um

Dissertando sobre a questão do Espírito Santo;

Lembrando de tempos atrás;

Reconhecendo a dinâmica histórica;

Descobrimo a Palavra de Deus;

Descobrimo a Pessoa do Espírito Santo;

Falando sobre a questão do Espírito Santo;

Relatando as diferentes crenças sobre a questão do Espírito Santo;

Delimitando a particularidade teológica dos pentecostais;

Detalhando a estrutura teológica dos neopentecostais;

Considerando a peculiaridade do Brasil;

Afirmando a existência da cisão entre os batistas

antagonismo tão grande que – vou usar uma palavra um pouco forte – quase se tornaram inimigos. Os chamados tradicionais ou históricos e os chamados pentecostais. A nacional, por exemplo, cresceu...com um homem de Deus, eu conheci ele, o fundador, o organizador...morreu a pouco tempo atrás. Mas, com o tempo nós começamos a perceber que nós podemos viver com as nossas diferenças. Porque? Existe uma base entre os evangélicos. Qual é a base? A nossa base é: a salvação em Jesus Cristo pela graça de Deus. Essa é a base que nos une. O que foi criado sobre isso, essa divergência de coisas periféricas, por exemplo: usos e costumes, roupas, cabelos. Isso tudo não interfere em nada na questão da salvação. Foi uma questão de maturidade. Hoje nós nos relacionamos normalmente, sem que hajam críticas, nos relacionamos em grupos e congressos. Podemos fazer programações juntos sem que haja aquela rivalidade que havia.

Entrevistador: Mesmo havendo esse momento de maturidade, de saber conviver com as diferenças, eu gostaria de saber se aqui é praticado essa experiência do Batismo no Espírito Santo?

Entrevistado: Bom...é uma questão de interpretação da Palavra. Vamos ver um pouco de teologia, do que nós cremos. Qual é o entendimento dos grupos chamados pentecostais? Você se converte; depois você tem uma segunda experiência (Com o Espírito Santo); e depois quando você fala em línguas estranhas. A nossa visão bíblica...é quando você se converteu...a Bíblia diz que você recebe o Espírito Santo. Quem não tem o Espírito Santo, não é de Deus. Mas, você recebe o Espírito Santo. O Batismo no Espírito Santo é a tua inserção no Corpo de Cristo, e a tua inserção no Corpo de Cristo se dá quando você se converte. Porque se pega essa outra ideia como uma experiência posterior? Justamente por causa de pentecostes. Primeiro, Livro de Atos (que é um livro de história)...não vamos pegar um livro de história para fazer doutrina!

Observando o antagonismo;
Enumerando os opositores;

Percebendo as diferenças;
Reconhecendo uma certa maturidade;
Explicando a base teológica entre os evangélicos;

Afirmando a exclusividade da questão da salvação;

Tendo relações tranquilas;

Delimitando a questão da interpretação;
Apresentando a sua crença;
Definindo a base teológica dos Batistas Brasileiros;
Definindo a diferença teológica;
Recebendo o Espírito Santo durante a conversão;

Lá...foi um momento de inauguração da era em que Jesus veio do Pai, mandou o Espírito Santo. Foi o momento em que o Espírito Santo começou a guiar a igreja. Você não precisar ter uma outra experiência! A evidência de que uma pessoa foi batizada é quando se fala em línguas? Quando aconteceu isso em pentecostes, as pessoas falavam idiomas estrangeiros, porque existia mais de 20 nações ali. Cada um ouvia falar na sua própria língua. Se, isto é uma verdade bíblica, você tem que falar outros idiomas, e não idiomas estrangeiros. Lá...o que aconteceu foi a *glossolalia* que é a variedade de línguas ou variedades de idiomas estrangeiros. Você vê que a questão da interpretação...por exemplo...quando o apóstolo Paulo está justamente falando sobre isso, ele começa colocando ordem no culto...falando assim: “*quando houver dons de línguas, e eu entendo que tenha, que haja intérprete! Se não houver intérprete...que fiquem calados!*”. Comumente, você vê num culto pessoas falando, falando e falando. Numa ocasião nós estávamos tendo uma reunião de pastores e eu falei isso, sobre como a Palavra de Deus é clara sobre isso. Alguém disse: “*não...quando o Espírito Santo está agindo...quem é que pode impedir?*”. Eu respondi: “*ora...o Espírito Santo não vai contra aquilo que ele expirou, ele não vai fazer o contrário à palavra que está escrita!*”. O dom de línguas existe, é claro...mas desta forma: eu falo comigo mesmo, porque eu não sou bobo de querer me enganar...ou falo tendo um intérprete. Nós não somos contra ao dom de línguas porque é um dom que está na Bíblia. Mas, tudo tem que ser feito conforme a Palavra de Deus, que nós não temos visto. Por exemplo, existe algumas convenções, algumas igrejas, grupos de igreja que pensam que o crente perde a salvação. Nós temos uma outra visão...BÍBLICA (sendo enfático)...”está escrito aqui...assim...assim...assim!”. Tem muitas coisas que se colocam, mas são coisas periféricas. É claro que Deus convive com

Questionando as evidências;

Explicando a questão da *glossolalia*

Afirmando o objetivo do Espírito Santo;

Delimitando as coisas conforme a Bíblia;

Ignorando coisas menos importantes;

;

todas essas coisas, mas Deus tem uma verdade só. Outro exemplo, as mulheres não podem cortar os cabelos. Algumas igrejas tinham isto e agora está acabando.

Isso foi uma contingência regional. Você via isso lá em Corintos! Existem, então, coisas que são colocadas pela interpretação bíblica incorreta.

Entrevistador: Então...a diferença sobre essa ideia do avivamento ou do Batismo no Espírito Santo é que aqui na Batista Brasileira vocês não acreditam nesse segundo momento, pois ele se dá já no primeiro momento, o da conversão?

Entrevistado: Exatamente! O que a Palavra de Deus diz lá em Efésios:4...diz: “*não os embriagueis com o vinho, mas encheis com o espírito*”. Existe uma busca por um enchimento do Espírito Santo, mas não por um batismo como evidência de que eu fui batizado e falo em línguas. Isso foi um momento histórico lá...você não vê isso em lugar nenhuma mais. O que apóstolo Paulo fez foi a mesma coisa que deve ser feita hoje, corrigir um problema de interpretação.

Entrevistador: Na sua experiência, no seu contato com as outras denominações ou igrejas da Batista Brasileira, você diria que existe uma ideia totalizante dessa maturidade, de saber lidar com as diferenças...

Entrevistado: Não! Só algumas...

Entrevistador: Existe outras que discordam severamente como aquele momento dos anos 60?

Entrevistado: Existem igrejas que não são capazes de colocar gente no seu púlpito...que pensem de formas diferentes! De um lado ou de outro.

Entrevistador: Sobre essa questão do avivamento, do culto avivado, isso é praticado aqui ou não?

Entrevistado: Sim!

Entrevistador: Existe a possibilidade da pessoa...

Entrevistado: Existe a possibilidade da pessoa querer buscar Deus, glorificar, se sentir como amigo dele....você ter aquela interação ou aquela

Reconhecendo as mudanças nas igrejas;
Vendo as igrejas se adaptarem à atualidade;

Especificando a maneira de se buscar o Espírito Santo;
Corrigindo um problema de interpretação

Considerando somente algumas igrejas enquanto maduras;

Afirmando a existência de conflitos teológicos;

Declarando a busca pelo Espírito Santo;

interatividade, de uma relacionamento pessoal.

Entrevistador: Existe essa liberdade de manifestação?

Entrevistado: Existe!

Entrevistador: Teologicamente, o que a igreja daqui estimula e ao mesmo tempo ela recrimina?

Entrevistado: Em que aspecto?

Entrevistador: De que maneira vocês estimulam as pessoas agirem de uma determinada maneira e não agir de outra maneira.

Entrevistado: Não vou colocar assim “muito estimulado”, mas vou dar um exemplo. Tem dois textos na Bíblia e um deles diz assim: “*Viveu, Davi e serviu a sua própria geração*”; outro, Levítico diz “*escolhei homens que conheça a sua época*”. A nossa época em que vivemos hoje é uma época diferente de 1950, 1960, 70, 80 e 90. Nós temos que ser igrejas, fiéis a Palavra de Deus, nesta época e não numa época passada. Por exemplo, no passado se desligava uma pessoa de um rol de membros se ela fosse ao cinema. Hoje nós temos cinema em casa. Deixa eu colocar um ponto bem polêmico que nós estamos vivendo hoje: a questão de gêneros, questão de homossexuais. Nós estamos ensinando a igreja o seguinte...nós temos que amar essas pessoas, receber essas pessoas como Cristo receberia. Mas, sabendo que o que elas fazem não agrada a Deus. A palavra *eclesia é chamado para fora*. Então, nós temos que trabalhar com esse mundo sem nos mundanizarmos. Sem sermos etés também. A única forma de você fazer isso é pelo amor. Você ama tanto a pessoa, você ama tanto o homossexual, mas você sabe que o que ele está fazendo não é de aprovação de Deus.

Entrevistador: Ele seria considerado um *gentio*?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Uma pessoa que não se converte aqui...

Entrevistado: Não, não...para Cristo!

Admitindo a liberdade de crença religiosa;

Sendo fiel a Palavra de Deus;

Moldando-se aos tempos atuais;

Lidando com o que antes não era lidado;
Reconhecendo o aspecto negativo em algumas práticas;

Lidando com as diferenças através do amor;

Sendo gentio com os outros;

Entrevistador: Para Cristo...se ela não se converte, independente da denominação, ela não seria salva?

Entrevistado: Não é!

Entrevistador: Não é salva?

Entrevistado: Não! Por exemplo, Jesus disse assim: “*eu sou O caminho, A verdade e A vida*”. É somente através dele. Se houvesse a possibilidade de uma pessoa ser salva sem Cristo, porque Deus mandaria Cristo morrer por nós?

Entrevistador: Quando tu estavas falando sobre a ideia do estímulo, tu deu o exemplo da adaptação ao tempo em que vivemos, aí tu deu o exemplo do cinema. Mas, existe alguma coisa que não mudou ou que ainda é recriminada? Que não mudou independente do tempo?

Entrevistado: Deus disse assim: “*seres santos porque eu sou santo*”. Efésios diz que devemos crescer até a estatura de Cristo. Então, meu paradigma é Cristo. Eu tenho que buscar tudo aquilo que a Palavra de Deus diz que eu tenho que buscar. Deus não proibiria esse cinema se houvesse na época dele! Mas, ele diria para escolhermos os filmes! O ser santo ou buscar a santidade...de jovem para jovem, por exemplo, seria que eles se casassem virgens. Hoje para o mundo isso seria uma aberração. Mas nós continuamos ensinando isso. Estimulando isso. Depois que nós passamos por essa conversão...e a palavra conversão é a palavra *metanóia* (tradução: mudança de mente). Você não pode mudar a tua mente e continuar o mesmo. Se não, não houve mudança. Tem que ser equivalente aquilo que ela propõe! Deus não nos olha por subir uma escada para atingir a estatura de Deus, ele nos olha pelo nosso movimento. Isso que é importante para ele. Existe, então, essa mudança para com os valores de Deus.

Entrevistador: Eu gostaria de saber como você justificaria essa desigualdade no mundo e o sofrimento no mundo. Porque existe isso? Porque algumas pessoas possuem mais do que as outras?

Delimitando os que serão salvos;

Fundamentando a salvação;

Referenciando-se em Cristo;
Tendo Cristo como parâmetro;

Insistindo na santificação pelas obras;
Explicando a conversão;

Observando as ações;

Entrevistado: O meu entendimento é o seguinte...Deus fez um planeta que dá para todos os homens viverem em pé. Uns vivem bem porque uns têm mais e outros têm menos. Existe a ganância, não existe o amor altruísta de dividir com aquele que não tem. Isso por causa de que? *Quando o pecado entrou na nossa vida! Essa injustiça que vemos hoje – e que inclusive não vem de Deus -, um dos tributos de Deus é a justiça. Tudo isso vem disso aí, do que pecado do homem, e nós sofremos por causa do pecado dos outros e do nosso pecado. Funciona exatamente assim.*

Entrevistador: E o que seria o bem e o mal? A partir de tudo isso que você descreveu? O mal, por exemplo, é um conjunto de coisas ou existe um núcleo único que define o mal? Assim como o bem.

Entrevistado: Eu poderia colocar um conjunto de coisas embora eu não chegaria

a tudo. Mas, eu gostaria de colocar uma definição assim...o mal (ou pecado) é praticado quando você erra o alvo para o qual você foi criado. Todas as vezes que o homem não cumpre o propósito para o qual ele foi criado, é mal, é pecado. Por definição de pecado...é transgredir, transgredir aquilo que Deus deixou para nós. Ele quer a santidade da gente. O grande problema é que a gente vê a santidade como uma coisa ultrapassada, retrograda. Mas, nós temos uma coisa maravilhosa que Deus nos deu e chama-se livre-arbítrio. Nosso livre-arbítrio é tão poderoso que podemos encostar um revólver na nossa cabeça e dar um tiro. Você pode dizer para o teu criador: “eu não acredito em ti!”. Porém, quando você usar esse livre-arbítrio para fazer as coisas de Deus, você está fazendo o propósito para o qual você foi criado.

Entrevistador: O estopim para praticar o bem ou mal viria dessa nossa liberdade que foi dada por Deus, né? Mas, o que seria o bem para você? É fazer o propósito de Deus?

Justificando a maldade no mundo;
Justificando a disparidade entre as pessoas;

Colocando o pecado como causa do mal no mundo;

Considerando o pecado como fundamento do mundo de hoje;

Definindo a noção de pecado;

Revelando o que Deus quer das pessoas;

Considerando o livre-arbítrio como fundamento das nossas ações;

Entrevistado: Sim, fazer o propósito para o qual você foi criado! Ele criou o homem para louvá-lo. Não louvá-lo pelo que ele é, mas pelas coisas boas que ele nos deixou. Que Deus deu para você.

ANEXO B – ENTREVISTAS COM OS FIÉIS

Entrevistado 01 (07/09/2017)

Entrevistador: A tua idade?

Entrevistado: 48 anos.

Entrevistador: há quanto tempo você é membro desta igreja?

Entrevistado: Aqui em Santa Mari eu já estou há 15 anos.

Entrevistador: antes de Santa Maria tu estava em outra denominação?

Entrevistado: Em Santo Ângelo a gente frequentou, mais ou menos por um ano, a mesma denominação.

Entrevistador: Antes de ser membro aqui da IBN, tu era membro de alguma outra igreja ou outro segmento?

Entrevistado: Não. Na verdade, quando eu era pequeno eu tive experiência numa igreja evangélica, uma batista, mas uma Batista Betel, um pouco diferente na doutrina, na vestimenta, enfim, alguma coisa diferente assim.

Entrevistador: tu poderia me dizer a diferença?

Entrevistado: a diferença são no que chama de “usos e costumes”. Há uma doutrina interna de vestimenta, os homens andam sempre de calça comprida, as mulheres sempre de saia...

Entrevistador: Uma uniformização?

Entrevistado: Isso! Uma uniformização da igreja.

Entrevistador: aqui não tem esse regimento?

Entrevistado: Não. Desse nível assim, não.

Entrevistador: De uma maneira geral, como tu frequenta esta igreja há bastante tempo, que tu diria, por experiência própria, o que mudou na tua vida ou o que vem mudando nela?

Entrevistado: Ah, mudou muita coisa! O crescimento...o amadurecimento

Relatando o primeiro contato com a religião;

Salientando as diferenças entre os dois segmentos;

Descrevendo a questão dos usos e costumes na Betel;

caracterizando os usos e costumes;

que eu tive, o convívio com a família, o convívio com as pessoas, a importância com o próximo, o desejo de ajudar as pessoas... isso mudou muito na minha vida. Eu me tornei uma pessoa mais tranquila, segura...com confiança, com esperança...não que eu não tivesse essas coisas antes, mas de uma maneira mais eficaz, algo que mudou muito. Minha conduta dentro de casa, algumas práticas...assim...com amigos...algumas coisas a gente deixou de praticar, mas que na verdade trouxe um benefício grande. Eu me tornei uma pessoa mais presente em casa, com meus filhos, com a minha esposa. Crescemos muito, prosperamos muito. Pra mim é fundamental... mudou minha vida.

Entrevistador: Como tu fazia parte de outra denominação...batista...a Betel, né?

Entrevistado: Na verdade, eu não fiz parte, foi uma primeira experiência. Eu era pequeno. Eu deveria ter uns 10 anos...eu tive uma experiência muito grande com Deus. Nós mudamos, morávamos no Alegrete, a gente mudou para Porto Alegre e lá...minha mãe não foi mais numa igreja. Minha juventude foi fora da igreja. Quando eu voltei, eu já era casado...

Entrevistador: Só um parêntese...qual foi o intervalo dessa tua primeira experiência até tu voltar a frequentar a igreja novamente?

Entrevistado: Até 2001...eu tinha...durou 16 anos.

Entrevistador: Então, tu teve uma primeira experiência, muito jovem, nessa outra denominação “Betel” que tinha...certos usos e costumes internos. Regimentos. Em relação com a Batista Brasileira, o que tu me diria,

Explicando as mudanças na vida;
Exaltando o lugar do próximo;
Tornando-se uma pessoa melhor, mais segura, mais tranquila;
Sendo uma pessoa mais esperançosa;
Mudando a conduta dentro de casa;
Deixando de fazer certas coisas;
Tornando-se uma pessoa mais presente e mais próspera;

Explicando como foi a primeira experiência com a religião e com Deus;

Salientando quanto tempo ficou sem frequentar a igreja;

objetivamente, o que ela estimula e recrimina?

Entrevistado: Na verdade, a diferença é na liberdade de adorar a Deus, te vestir...é que Deus não está...focando nas tuas roupas, na maneira de tu vestir. Ele quer teu coração, a integridade do teu coração, do teu caráter, tuas ações. Fazer do teu caráter...segundo o caráter de Cristo. Isso muda muito, né. Isso eu encontrei aqui. Lá eu não tive muito tempo...foi o primeiro contato que eu tive com Deus, e na verdade quem transforma a nossa vida é Deus. Mas, a Batista Nacional, te dá uma liberdade maior. Não tem aquela coisa meio “crentês” que as pessoas olham e “ahh”...esse é um estereótipo do crente, né. As mulheres de “saião”, de cabelo comprido...claro que hoje não tanto...uma tempo atrás as pessoas viam isso. Mas, hoje em dia as pessoas...têm uma liberdade de expressão, para servir a Deus. Da maneira que tu se encontra...claro...algumas coisas tu começa a mudar. Eu quando jovem era meio “punk”...então, assim...claro que muda....não que esse tipo de gente não seja aceito, tem uma “gurizada” na igreja assim. Os valores que começam a mudar, a tua mente começa a se transformar de uma maneira um pouco melhor. As mulheres, por exemplo, se usa um decote até o umbigo, ela já vai botar uma roupa mais comportada, entende? Esse é um padrão que tu vai encontrar na Igreja Batista Nacional. As roupas são comportadas, normais...e não há uma sensualidade excessiva.

Entrevistador: Então os estímulos, a primeira parte que tu estava falando, seria essa...me corrige seu eu estiver errado, proporcionar essa liberdade, essa liberdade de crença...podemos dizer

Evidenciando as diferenças entre a CBN e CBB;

Diferenças na liberdade religiosa;
Explicando o que importa para Deus;
Modificando o caráter e as ações;
Explicitando Cristo como referencial;

Salientando o que a IBN estimula;
Esclarecendo a inexistência de estereótipos;

Mostrando que hoje em dia existem mais liberdade de crença religiosa; mas, com um certo limite;

Valores sendo modificados;
Modificando a mente;
Ressaltando a qualidade da mudança;

Indicando o padrão comportamental da Igreja Batista;

assim...de adorar a Deus de determinada maneira, sem um molde, sem um modelo, né? Isso seria um dos aspectos que ela proporciona, que ela estimula?

Entrevistado: Isso! Porque, na verdade, Deus quer tratar do nosso caráter e a gente acaba se moldando, segundo os princípios e valores cristãos...introduzindo isso na nossa vida...muda. Isso é legal. Eu, por exemplo, resistiria de ir numa igreja assim...que proíbe ver televisão. Nós não condenamos isso, talvez para evitar que as pessoas entrem por rotas que não edifiquem a vida dela. Mulheres que não podem usar saia “até aqui”, não podem usar batom, não podem usar brincos, para ser menos sensual ou atrair, entende?

Entrevistador: Mas, de uma maneira mais específica...claro que isso que a igreja te proporciona pode ser...inúmeras coisas...mas eu gostaria de um exemplo, fazendo uma comparação com a tua vida anteriormente. O que tu consideraria que a igreja te estimulou e que antes tu não era estimulado?

Entrevistado: A igreja me estimulou a viver uma vida “mais reta”, mais justa... a gente vem com princípios de casa...honestidade...mas acaba que, às vezes pra encobrir alguma coisa, tu mente...e isso muda. Hoje eu procuro sempre falar a verdade.

Entrevistador: Isso seria o caminho reto?

Entrevistado: Pra mim é o caminho reto. Segundo os princípios da obra de Deus. A gente não deve mentir. Consolida muito forte isso, porque é uma prática, a palavra de Deus é a nossa regra de fé e prática. Então, eu tenho que andar conforme a palavra de Deus. A Bíblia.

Isso traz benefício para mim. Passou a ser muito forte, muito mais

Esclarecendo o que a igreja estimula;
Apresentando os limites nos usos e costumes;
Dizendo “o que” não edifica a vida;

Apresentando o que a igreja estimulou (modificou) na sua vida;

Definindo o “caminho reto”;
Definindo como andar pelo caminho reto;
Apresentando a Bíblia como regra de fé e prática;
Andando conforme a palavra de Deus;
Demonstrando os benefícios;

importante. Na minha família, por exemplo, eu posso encaminhar meus filhos a não estar mentindo. Esses valores mudaram muito a minha vida.

Entrevistador: Em oposição a isso, o que tu diria que a igreja recrimina?

Entrevistado: A igreja recrimina, de uma forma geral, tudo aquilo que a Bíblia recrimina. Ela como verdade, a palavra de Deus. Essa é a nossa regra de fé e prática. Se Deus repulsa alguma coisa, tu vai repulsar alguma coisa. Se ele repulsa a ira, eu não vou ser um cara irado. Não vou permitir isso na minha vida, pelo menos tem que ser assim. Claro, que falhamos...enfim...mas aí é um caminho de se autoavaliar e retomar o caminho certo.

Entrevistador: Tu tinha falado bem no início da entrevista sobre a tua primeira experiência, quando bem jovem, em outra denominação, a Batista Betel. Depois, tu argumentou e deu exemplos diferentes da Batista Brasileira. Tu poderia me explicar no que vocês diferem?

Entrevistado: Existe uma única que coisa nos difere e é exatamente por isso que somos Batistas Nacionais. Na verdade, nós éramos da mesma convenção...isso vem dos Estados Unidos para cá e criou-se uma convenção e aconteceu o seguinte...chegou um tempo em que começou a se buscar um diferencial em Deus, a presença do Espírito Santo. Nós cremos em Deus como três pessoas, vamos dizer assim, em Deus pai...Deus filho e Deus Espírito Santo. Deus é pai...Jesus foi nosso resgatador, deu a vida por nós e nós cremos nisso. O Espírito Santo é o que vai nos convencer, orientar e estar conosco. Ele vai nos capacitar com dons e experiências mais profundas com Deus. A Convenção Batista Brasileira não trabalha muito com essa...ela crê no Espírito Santo, mas não é

Apresentando o que a igreja recrimina;

Repulsando o que Deus repulsa;

Resistindo ao que faz mal à vida;

Ressaltando os limites da natureza humana;

Necessidade de se autoavaliar;

Definindo as diferenças teológicas;

Apresentando o diferencial religioso;

Caracterizando Deus como três pessoas, com três qualidades;

Afirmando que o Espírito Santo é a única coisa que pode mudar a vida;

Sendo capacitado pelo Espírito Santo;

Recebendo dons;

Tendo experiências;

muito aberta a viver experiências de dons do Espírito Santo...

Entrevistador: O que seriam esses dons do Espírito Santo?

Entrevistado: É cura, falar em línguas...profetizar...são coisas que espiritualmente temos e buscamos essa presença...um avivamento maior. Nós vamos além nas experiências dele, do espírito. Os Batistas Brasileiros não trabalham isso. Eu creio que ao longo dos anos isso vem se abrindo...quando começou isso eram poucas pessoas...

Entrevistador: Esse avivamento seria essas experiências?

Entrevistado: Experiências, né! Algo tremendo de Deus...e aí, começaram a buscar isso. Isso não foi aberto dentro da convenção e essas pessoas começaram a se juntar, se formar em grupos. É claro que depois se tornou uma igreja, mas o que acontece...porque é Batista Nacional? Porque é 100% nacional. começou aqui no Brasil...aí ela...saímos da Brasileira e estabelecemos a Batista Nacional....com pessoas que tiveram experiências aqui. Mas, no restante, os princípios são os mesmos. A fé, as ordenanças...tudo é igual.

Entrevistador: A diferença seria mais nessa...que vocês não ignoram a possibilidade de terem experiências...

Entrevistado: Não ignoramos mesmo! Presenciamos cura física...é claro que essas coisas não vão acontecer “a rodo”...são experiências que Deus dá por algum motivo...nós cremos que para tudo há um propósito...embaixo do céu. Se Deus vai curar alguém, numa oração tu vai orar para curar aquela pessoa é por algum propósito...até crer em ressurreição de pessoas.

Entrevistador: Sobre esse propósito, tu afirmaria....diria assim, vou dar um exemplo. Algum colega teu da

Definindo os dons do Espírito Santo;

Crendo em mudanças teológicas;

Explicando o que é o avivamento;

Expondo as origens e os motivos do surgimento da CBN;

Apresentando os motivos da ruptura;

Salientando os mesmos princípios;

Denotando o que já presenciou;

Relatando as capacidades da experiência;

Relacionando as experiências com a vontade de Deus;

Afirmando que Deus tem vontades;

igreja que está com alguma doença e não consegue se curar, isso quer dizer que Deus não quis? Tu concordaria com isso?

Entrevistado: Eu diria que Deus não quis, se eu orei ou oramos pela pessoa e não houve a cura, então não é propósito de Deus. O maior propósito de Deus é que reconhecemos ele como pai...ele produz tudo que nós precisamos, cremos pela Palavra de Deus que temos os nossos dias escritos. Antes de nascermos, Deus já tinha os nossos dias. Essas coisas acontecem, porque Deus permite que tu fortaleça a fé. São coisas que realmente não temos como explicar o “porque”. Vamos receber isso com alegria e paz. O mais importante de tudo para nós é a salvação. É estar com Deus.

Entrevistador: Anteriormente, quando tu reforçou a diferença entre vocês Nacionais e a Brasileira, que vocês têm uma liberdade maior de procurar e manifestar essa experiência, como tu definiria o que é para vocês aqui, dentro da convenção, a liberdade e a salvação?

Entrevistado: A salvação é o que todo mundo precisa. cremos nisso e entendemos que Deus criou tudo. O homem nesse tempo...desobedeceu Deus e conheceu a natureza do pecado, conheceu o mal. Não há mal em Deus. O homem criou uma natureza separada de Deus, houve um abismo. O homem quando criado por Deus tinha autoridade, era eterno...não conhecia doenças...ele tinha uma experiência pessoal com Deus. Quando o homem perde...vamos dizer o “DNA de Deus”...ele nos criou a sua imagem e semelhança...é como se tivéssemos o DNA de Deus. No momento que conhecemos o pecado...o que é o pecado? Pecado é errar o alvo, pois Deus traçou uma rota, deu uma direção. O homem só tinha que obedecer a Deus. Ele

Justificando a graça de Deus;

Apresentando o maior propósito de Deus;

Reconhecendo Deus como Pai;

Crendo somente na Palavra de Deus;

Crendo na pré-existência;

Demonstrando os limites do conhecimento humano;

Aceitando com bom grado o que Deus dá;

Ressaltando a salvação como a coisa mais importante;

Definindo a salvação;

Apresentando a origem do mal;

Afirmando a exterioridade do mal;

Definindo o que entende por pecado;

comeu do fruto que não era para comer...era o fruto do conhecimento do bem e do mal...a malignidade se instalou nele...e é como se fosse rompido esse DNA. Houve um abismo. O que nós chamamos de redenção...Jesus derramou o sangue dele para nos resgatar, pagou um preço por nós. No momento em que nós cremos na sua obra...como fala o apóstolo Paulo em Romano:3:23, “todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus”...por causa daquele pecado...do primeiro homem, a malignidade se instalou na humanidade. A partir daí... o primeiro homicídio aqui...o irmão que matou o outro por ciúmes...tudo para nós que hoje em dia é corriqueiro, não tinha antes da queda do homem. Quando a malignidade, quando o pecado se instalou no homem, ele passa a morrer...O jardim funcionava assim...Deus criou toda a terra, cremos nisso...e num lugar chamado Éden...ele cria um jardim, um lugar perfeito...coloca naquele jardim um homem chamado Adão que tem que cuidar daquele lugar. Ele tinha autoridade até para dar nomes aos animais, enfim. Ele tinha que fazer a vontade de Deus, amar a Deus e ter um relacionamento com Deus. Nós cremos que o plano de Deus era ter uma grande família, encher essa terra que ele criou com pessoas. Para que ele pudesse habitar no meio dessas pessoas. Ele falou, então, para aquele homem “domine sobre tudo e enchei a terra”. Deus não quis fazer robôs, ele fez o homem e queria que ele o amasse por querer amar. Não porque ele é obrigado a amá-lo. Deus coloca nesse homem o livre-arbítrio, ele teria a escolha...todos nós temos isso, né. Eu posso crer em Deus ou posso não crer. Para que isso fosse testado no homem, Deus coloca duas árvores nesse jardim...uma que era a árvore da vida e a

Caracterizando a redenção;

Demonstrando as consequências do contato com o mal;

Crendo nos planos de Deus;
Apresentando a família como plano maior;

Apresentando o livre-arbítrio;
Definindo o livre-arbítrio;

outra que era a árvore do conhecimento do bem e do mal. O fruto era esse...as pessoas têm a tendência de dizer..."ah, a maçã"...não tem nada a ver...o fruto daquela árvore era o conhecimento do bem e do mal. O homem se sente atraído por aquilo ali e Deus disse para ele..."de tudo que há no jardim, você pode comer...menos da árvore que está no centro do jardim. No dia em tu comer deste fruto, certamente morrerás". O morrer que Deus está falando é desse...completo afastamento dele. De rompimento. Mas, o homem não resistiu da tentação...viu que o fruto era bom aos seus olhos e comeu o fruto. Com isso ele desobedeceu a Deus. Houve um rompimento...mas o desejo de Deus é ter essa família e ele já tinha traçado um plano de resgate. Precisou, ali, de um sacrifício. Creemos que no mundo espiritual a moeda é o sangue. Era preciso que derramasse o sangue de um inocente, perdoar o pecado de todo mundo, né. Nos regenerar. Deus não enxergou em algum homem isso, pois todos eram pecadores. Vem Jesus sem pecado, ele vive 100% homem e 100% Deus, se humilha a condição de homem, vive entre nós...com a missão de derramar o seu sangue para nos salvar, para que agora...buscássemos a salvação. Esse sangue nos traz redenção. Nos arrependendo...lá em João...diz que passamos a condição de filhos, pois até então éramos criaturas. A primeira coisa que recebemos é essa vida plena que o homem tinha lá no início. Obviamente, algumas coisas permaneceram...morrer fisicamente, mulheres com dores de parto etc. Então, para vivermos novamente como filhos de Deus, precisamos nos arrepender e tornar público essa fé em Deus...e ter a prática de palavra de Deus. O mundo precisa de um rei e esse rei é Jesus. A lei é

Alertando sobre as consequências de desobedecer a Deus;

Definindo a morte como completo afastamento de Deus;

Apresentando o mundo espiritual;
Apresentando o sangue como moeda;
como condição;

Demonstrando os planos de Deus;

Afirmando o fim da salvação;
Arrependimento enquanto parte do processo de salvação;
Apresentando as necessidades do mundo;
Lei de Deus enquanto regra e prática;
Andando conforme as expectativas de Deus;

a palavra de Deus e nós precisamos andar conforme essa lei. Quando andamos...Deus...nós andamos conforme Deus espera de nós e vamos buscar o relacionamento com ele.

Entrevistador: Então...o fim da salvação é se reaproximar dele?

Entrevistado: Sim, ter vida eterna com ele. Quando nós cremos nessa obra...que é a obra do Espírito Santo em nós...só vamos entender quando o espírito de Deus habitar nos nossos corações.

Entrevistador: E como tu descreveria os caminhos da salvação? Quais seriam as etapas?

Entrevistado: Vamos dizer...como se fosse um abismo. Deus está num lado totalmente receptivo em te receber de novo e a única coisa que precisa é de um passo nosso, do homem que está no outro lado. O que faz a ponte para esse abismo? É justamente a cruz. A cruz fala de morte, quando nós morremos para uma vida pecado, fora dos princípios de Deus...agora nascemos para uma nova vida, para uma vida nos princípios de Deus. Nasce um novo homem para Deus. Por si mesmo, o homem não consegue se aproximar de Deus, somente através de Jesus. A morte não pôde retê-lo porque ele não tinha pecado.

Entrevistador: E por liberdade, o que tu entende?

Entrevistado: Liberdade de adorar meu Deus e fazer o que eu quiser. Só que...a consequência...eu posso perder a minha salvação. Se eu andar novamente numa condição de pecado, eu irei me separar novamente de Deus.

Entrevistador: E tudo isso é somente proporcionado pela liberdade? Seria isso?

Entrevistado: Sim, liberdade para escolher. Deus nos deu essa escolha.

Evidenciando o fim da salvação;

Descrevendo os caminhos da salvação;

Definindo o caminho da salvação;

Definindo a liberdade;

Demonstrando os limites e as consequências da liberdade;

Quando estamos presos, nós cremos nisso, nós estamos...acreditamos em demônios, em diabos. Tudo isso foi criado por ele. Antes de Deus criar os seres celestiais, ele criou anjos. Eles eram feitos para servir a Deus. Existiu um...que ele colocou acima dos outros, e nele repousava toda a luz. Ele era um padrão e poderoso em obras. Mas, ele quis se tornar como Deus e Deus...não permitiu. Ele foi lançado sobre a terra, porque? Porque agora ele passa a destruir tudo aquilo que é criação de Deus. Ele tenta tirar o máximo de pessoas dessa vida com Deus. Quando as pessoas não estão vivendo com Deus, como filhos, elas estão vivendo como escravas. Ela vai passar por tudo isso que vemos hoje...violência, doença...situações de incerteza...depressão. As pessoas estão subjugadas a esse poder satânico. Essa obra de Jesus na cruz, nos traz libertação. Nós precisamos andar “retamente”, andar conforme aquilo que Deus nos diz.

Entrevistador: Com base nisso que tu falou...como tu responderia, por exemplo, que algumas pessoas desfrutam de algumas coisas, enquanto outras não? Porque algumas têm um poderio financeiro melhor do que as outras, porque algumas são doentes e outras não? Porque algumas, por exemplo, seguem alguma religião ou igreja e adquirem um câncer, enquanto outras que não seguem nenhuma religião, não adquirem nenhuma doença...porque existe esta disparidade?

Entrevistado: Eu penso assim...no momento que tu é um cara justo, correto e trabalha...e se a pessoa trabalhar e não gastar o dinheiro dela com bobagem, coisas que não vão edificar a vida dela...ela estudar...ela vai, obviamente, conquistar coisas. Vai prosperar e ter uma condição de vida melhor. Deus dotou o homem com inteligência...o sol nasce para todos. Dias

Liberdade enquanto chave da salvação;

Justificando as maldades no mundo;
Apresentando os motivos da situação do mundo;

Justificando a má distribuição da graça de Deus;

ruins e bons vêm para todos, tanto para o ímpio, quanto para o injusto. Os comportamento é que vão diferir. O que prospera é o que trabalha. Isso independe de religião. Veja que o que é importante para nós é a salvação. Para nós, Batistas Nacionais...é a salvação. Eu não ficar em casa dormindo até às 10 horas da manhã...eu não vou me acomodar ao lado de uma mulher que vai trabalhar para mim...então eu tenho que trabalhar, se eu quero adquirir coisas eu preciso trabalhar para isso, né? E ser justo e honesto. Tanto o ímpio, quanto o justo ficam doentes.

Entrevistador: Desculpe te interromper...mas, então, se existe essa disparidade entre algumas pessoas...comotu disse, “Deus orienta a gente de uma determinada maneira”, essa disparidade seria oriunda da falta do conhecimento da palavra de Deus?

Entrevistado: Agora, eu te digo...opinião minha...Estado Unidos é uma potência, né? Eles foram colonizados por quem? Eles foram colonizados por protestantes, por pessoas que andavam pelos princípios de Deus...eles trabalhavam, não gastavam o dinheiro em bordel, não gastavam dinheiro em coisas que não traziam riqueza na vida deles. Então, eles prosperaram mais! Eu vejo isso como uma coisa lógica. Por exemplo, meus filhos não vão para a balada, eu não vou para a balada, não vou para um bar encher a cara de trago...eu fazia isso antes...mas depois que eu entendi que eu posso ser feliz sem fazer essas coisas...me sentir seguro sem essas coisas...eu acabei prosperando. Tu não vai gastar teu dinheiro em coisas ilícitas...tu vai aplicar teu dinheiro...

Entrevistador: Mas....assim...não só do ponto de vista financeiro, mas do ponto de vista da saúde, por exemplo...

Requisitos religiosos para prosperar;

Entrevistado: Porque o justo fica doente?

Entrevistador: Como tu justificaria essa disparidade na Terra?

Entrevistado: Por causa do interesse do homem, da ganância! Nós aqui, Batistas Nacionais de Santa Maria, buscamos nos aproximar cada vez mais da Igreja do Primeiro Século. Essa igreja, lá no livro de Atos...ele fala que era uma igreja que tinha tudo comum a todos. Ninguém passava necessidade, se um tinha propriedades, imediatamente ele vendia e repartia entre todos. Eles viviam uma vida comum. Era uma comunidade que vivia junto. Como uma família. Isso é um princípio de Deus. Devemos amar nossos irmãos mais que nós mesmos ou como nós mesmos. Amar até nossos inimigos, enfim. Quando eu amo alguém, eu não posso deixar ele passar necessidade. Essa união tem dentro dessa igreja, vamos dizer assim. Isso é um padrão que a gente busca a viver. Por exemplo, aqui na igreja...se alguém perdeu o emprego e faltou alimento, nós não podemos ficar de mãos atadas! Nós temos que suprir as necessidades dele. A Bíblia diz que “devemos ajudar a todos e principalmente os da nossa fé”. Os de casa, né?! Essas pessoas não podem passar por necessidades, por isso aqui nós distribuimos cestas básicas para muitas famílias. Isso traz benefícios, estimula a pessoa a crescer, não é um vagabundo, isso é por um tempo. Nós vamos ajudar e ela vai se levantar. Mas porque isso acontece? O homem não anda segundo esses princípios, ele não tem essa preocupação com o outro...”eu quero enriquecer a mim mesmo!”. São pessoas que não combinam com os preceitos de Deus. É óbvio que vai haver essa disparidade. Eu creio que o princípio de Deus é diferente, pois todos nós vamos crescer, eu também tenho que

Afirmando que o homem tem uma natureza caída;

Apresentando as sequelas do contato com o mal;

Referenciando a Igreja do Primeiro Século como modelo a ser seguido;

Declarando o padrão de vida;

O padrão que está sendo buscado religiosamente;

Agindo conforme a Bíblia;

Afirmando que o homem é despreocupado com o outro;

Definindo o homem como um ser egoísta;

ajudar as pessoas que estão juntas, né. Eu vejo, então, que existe essa disparidade quando não há princípios de Deus.

Entrevistador: De tudo isso que tu falou e que tem muito a ver com a característica dos Batistas Nacionais em relação aos Batistas Brasileiros, o que tu entende por “Batismo no Espírito Santo”? O que seria isso?

Entrevistado: O Batismo no Espírito Santo é quando tu tem essa experiência real...e aí...é como dizer para uma pessoa que nunca comeu banana, por exemplo, querer explicar o gosto para ela...ela tem que comer para ver! Parece coisa louca, mas para nós é o poder de Deus operando em nós. Um exemplo...comumente tu ouvir no nosso meio alguém falando...”ah, Deus falou comigo!”...São experiências que Deus dá. Deus pode falar audivelmente ou pode falar dentro de ti. Só quem tem vai entender.

Entrevistador: Tu já teve essas experiências?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Pode me descrever?

Entrevistado:...São coisas diárias, por exemplo...te acorda e vai orar pelo fulano...te dá um desejo ardente de orar por uma pessoa. Deus vai curar uma pessoa te usando como instrumento...num hospital...

Entrevistador: Vocês de uma maneira geral se consideram instrumentos de Deus?

Entrevistado: Sim, com certeza. Óbvio que Deus não está aqui para fazer nossas vontades, nós que estamos aqui para fazer a vontade dele. Então, sim, ele vai nos usar como instrumentos. Ele dá algum dom, por exemplo, para as pessoas com algum motivo específico.

Evidenciando o que compreende pelo Batismo no Espírito Santo;

Definindo a experiência enquanto inefável;

Descrevendo a sua experiência pessoal com o Espírito Santo;

Reconhecendo-se com ferramenta de Deus;

Ascetismo;

Entrevistado 02 (08/09/2017)

Entrevistador: Qual a tua idade?

Entrevistado: 41 anos.

Entrevistador: Há quanto tempo tu é membro da Batista Nacional?

Entrevistado: 11 anos.

Entrevistador: Antes desses 11 anos tu era membro de alguma outra denominação?

Entrevistado: Não. A primeira igreja que eu frequento é essa.

Entrevistador: Não teve nenhum contato com outra religião antes?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Nesses 11 anos de igreja, o que tu poderia me dizer que mudou na tua vida?

Entrevistado: Ah, mudou bastante coisa! Principalmente na questão familiar. Eu e minha esposa temos 16 anos de casados e nosso filho já vai fazer 17 anos. Então...nossa vida já começou meio conturbada, a gente recém tinha se formado e estávamos com um filho...a gente era muito inexperiente para esse tipo de situação. Gerava alguns conflitos, né...nesse ponto, porque duas pessoas que vêm de experiências de vidas diferentes, culturas diferentes e acabar morando no mesmo teto..."convivam juntos"...então acabam gerando vários conflitos. Uma vizinha nossa acabou convidando a minha esposa para participar de um grupo de estudos bíblicos que na época a gente chama de "célula"...e a partir daquilo ali...ela começou a frequentar durante 1 ano de igreja, mas eu não participava. Ela sim...tinha ido em outras coisas, buscando outras alternativas...entre espiritismo, budismo...mas eu nunca tinha tido reflexo na vida prática dela. Dessa vez foi diferente. Eu vi que durante esse 1 ano teve uma mudança de linguagem, postura,

Descrevendo as mudanças na vida;

Indo na igreja através de um convite;

Definindo a "célula"

Exprimindo um desinteresse inicial;

Ressaltando as mudanças na vida da esposa;

testemunho e me gerou um interesse de conhecer também, né. A partir daquele momento a gente começou a vir juntos...aí aparamos as arestas...nos acertar no relacionamento...uma mudança de como tu enxerga as outras pessoas, a mim mesmo. Isso foi essencial...depois a gente teve mais duas filhas...a criação dos filhos já baseada nos princípios da própria Bíblia...isso foi fantástico, foi muito bom.

Entrevistador: Nessa tua experiência com a igreja, nesses 11 anos de participação, o que tu poderia me dizer sobre o que a igreja estimula a tu fazer e ao mesmo tempo ela recrimina? O que é recomendável e o que não é recomendável?

Entrevistado: Às vezes a gente tem uma ideia errada, como eu tinha, né. Eu sempre tive muito receio de frequentar uma igreja e tal...O meu receio era de perder minha liberdade, eu não vou poder fazer mais coisas que eu poderia fazer porque vão dizer “ah, isso não pode!”. Isso é um grande engano, pois é totalmente o contrário. A ideia é justamente oposta. No momento em que eu comecei a entrar em contato com a Bíblia, com a palavra, com a Igreja...eu entendi que eu era livre para escolher aquilo que para mim servia e o que não servia. Por exemplo, antes eu era preso...eu bebia muito...”ah, eu bebo porque eu posso beber, porque eu sou livre!”....Mas, não era! Eu bebia justamente porque eu não era livre, não conseguia me livrar daquele vício, entendeu? Eu era preso naquilo. Isso mudou. Hoje eu tenho a liberdade de escolher o que eu quero e o que eu não quero! Mas, eu analiso muito bem...isso vai modificar...edificar minha vida ou não? Vai ser bom para minha família? Não! Então isso eu não quero! E nunca nada é imposto aqui...”ah, isso tu não

Tendo interesse;

Sendo motivado pelas mudanças observadas na esposa;

Melhorando o relacionamento;

Usando os princípios da Bíblia na criação dos filhos;

Explicando os preconceitos;

Justificando como enxerga a igreja;

Entendendo o que “é” a liberdade;

Escolhendo o que considera útil para a vida;

Lembrando da sua condição passada;

Vendo-se como preso;

Aumentando a capacidade de selecionar as coisas na vida;

Considerando a verdade como meio para a libertação;

Sendo livre através da verdade;

pode!”...Tu começa a entrar em contato com uma verdade...a Bíblia fala uma coisa que eu acho maravilhoso...”Conheceis a verdade que a verdade vos libertará”. É exatamente isso, quando tu conhece algo que é verdadeiro, tu te torna livre. Tu escolhe aquilo se realmente é bom para ti. Mas de maneira nenhuma...nada é imposto! A igreja mostra que existe “esse caminho” e existe “esse outro caminho”; “esse caminho” conduz para cá e “esse outro caminho” conduz para cá. Quem faz as escolhas para a tua vida é você. Mas...as consequências do caminho dessa escolha, você vai ter que colher...

Entrevistador: Tu falou antes em enxergar o verdadeiro...o que é o verdadeiro?

Entrevistado: Quando tu começa a ler a palavra, tu começa a entrar em contato com a palavra...tu começa a ver coisas na tua vida que não estão de acordo com aquilo que Deus acha que é certo. Você vê que pequenas coisas, pequenas caminhadas na tua vida...desagravam a Deus. Fora daquele propósito que ele tem para nossa vida, sabe? Eu sempre gosto de comparar com um manual de instruções...todo o aparelho tem um manual de instrução, né? E aquele manual diz como aquele aparelho funciona. Se tu ler o manual, fica mais fácil...e tu vai usufruir dele ao máximo. E com a Bíblia eu gosto de comparar com um manual. Quando Deus fez o homem...ele criou esse manual...ele fez...olha...”você vai funcionar melhor assim!”. Se você for por este caminho, os resultados vão ser melhores. Às vezes tu falando isso, fica um pouco distante. Mas, tu vivendo isso na prática do dia-a-dia e começa a colher resultados daquilo que tu pratica, aí tu começa a ver...isso realmente funciona, isso realmente é verdade!

Justificando as escolhas;

Demonstrando a responsabilidade de si;

Definindo o que entende por verdadeiro;

Clareando a percepção a partir da verdade;

Comparando a Bíblia com um manual de instrução;

Afirmando que na Bíblia existe um modelo de como agir;

Compreendendo as coisas e a vida com funções distintas;

Determinando a natureza humana;

Possui uma maneira de agir;

Escolhendo o melhor caminho;

Percebendo a vida mudar;

Enxergando os resultados;

Entrevistador: A verdade seria, me corrige seu eu estiver errado, uma percepção do real propósito das coisas? Seria isso?

Entrevistado: Seria você fazer conforme ao certo, sabe? Conforme aquilo que tu foi destinado a fazer, foi programado da maneira real.... realmente deveria ser. Todas as coisas têm uma função...

Entrevistador: Em relação a outra coisa que tu tinha falado antes...que tu se considerava preso e agora consegue enxergar o que é ser livre....o que tu entenderia...como tu me explicaria o que é essa liberdade?

Entrevistado: A liberdade é o que te falei...é você decidir, poder ter escolhas daquilo que tu quer e aquilo que tu não quer fazer para a tua vida, entendeu? As pessoas que fumam, têm o vício do fumo....graças a Deus eu nunca tive...essas pessoas não são livres! Elas são presas! Porque elas têm uma dificuldade muito grande de se libertar daquilo. “Ah, eu fumo porque eu sou uma pessoa livre!”, não...tu fuma porque tu é uma pessoa presa! Seu eu quiser fumar eu fumo, se eu não quiser fumar eu não fumo....isso que é liberdade. Mas, eu optei por não querer. Mas tu não consegue optar por não fumar, caso você seja um viciado, né? Tu não tem essa escolha. Eu escolhi seguir um caminho e de decidir o que eu quero e o que eu não quero.

Entrevistador: As outras pessoas que não seguem a palavra de Deus e não são vistas como livres...é porque elas não teriam essa condição de escolher, é isso?

Entrevistado: Eu falo no meu caso...né. Como eu vivi. De repente na percepção de uma pessoa que está presa, no meu ponto de vista, ela não enxerga assim. Ela vai pensar como eu

Definindo a verdade;
Compreendendo o que “é” a verdade;
Vendo-se programado para um propósito;

Explicando o que “é” a liberdade;
Apresentando as possibilidades dadas por Deus;
Limitando a capacidade humana;
Vendo o homem como preso;
Escolhendo um novo caminho;
Decidindo mudar;
Elegendo o melhor para si;

pensava...”ah, se eu for para uma igreja, eu vou perder minha liberdade!”. Tu não começa a fazer aquilo porque é imposto. Tu começa a fazer porque a tua natureza é mudada.

Entrevistador: Tu consegue perceber

aquilo que as pessoas que estão presas não conseguem perceber, é isso?

Entrevistado: É, no meu caso foi isso! Esses dias eu estava lendo um livro...não lembro do autor...mas é a mesma coisa que tu tiver um cachorro brabo no teu pátio preso por uma corrente. Se tu não entrar naquele pátio, ele não vai te morder; mas, se tu...ele está preso por aquela corrente...e se ele escapar daquela corrente, ele te “destroça”. Quando a tua natureza é mudada...é como um cachorro manso. Tu entra no pátio e ele vem de barriga pra cima, ele brinca contigo. Porque a natureza dele é outra! Isso muda na vida da gente. Então, eu não vou fazer isso aqui ou isso lá, não mais porque simplesmente eu quero, mas porque aquilo não faz mais parte da tua natureza. Isso não cabe mais pra mim, não me faz mais bem esse tipo de coisa. No momento que aquilo te proíbe, aquilo que tá oculto, tu vai fazer aquilo. O exemplo do cachorro.

Entrevistador: Além disso que tu me explicou sobre a liberdade, sobre essas outras questões...o que tu entenderia por salvação?

Entrevistado: Ah, sim...a salvação no contexto bíblico e é o que eu creio na palavra de Deus, como única e verdadeira...a Bíblia diz que quando Deus fez o homem, ele fez com um objetivo...alguém que ele pudesse amar e ser amado. Pra gente amar uma pessoa e ter amor, a primeira coisa que temos que ter é a liberdade. Eu casei com a minha esposa porque eu amo ela. Ninguém botou

Definindo as pessoas presas por serem incapazes de enxergar a verdade;

Fazendo analogias;

Tendo a natureza modificada;

Percebendo as pessoas presas;

Modificando a natureza,

Apresentando os benefícios da natureza mudada;

Afirmando que a privação é um obstáculo para a verdade;

Contextualizando a noção de salvação;

Apresentando o propósito de Deus;

Reconhecendo a liberdade como pré-requisito de uma relação;

um revólver na minha cabeça e disse..."agora tu casa!". Não, foi uma escolha que eu fiz. Quando Deus fez o homem, ele deu ao homem essa liberdade dele amar a Deus...para ele escolher. Porque se ele fizesse alguém sem opção, tipo robotizado...não...então ele deu opção para ele escolher. De amar ou não amar a Deus. E no momento que o homem escolheu não amar a Deus...e Deus botou isso bem claro para o homem..."aquele que me ama obedece a minha palavra, obedece minha voz e segue meus caminhos!" Agora, aquele que não quer me amar, faz ao contrário daquilo que eu digo. Isso se enquadra bem naquilo que a gente chama de "pecado", né. Pecado é toda a vez que tu se desvia do caminho que Deus tem para ti. No propósito que tu foi criado para fazer. A Bíblia diz que o pagamento do nosso pecado seria a morte. Seria o afastamento completo de Deus, e que causaria uma morte espiritual...e consequentemente uma morte física. Deus queria solucionar esse problema do pecado para que houvesse, novamente, uma restauração. Como isso aconteceu? Os homens sacrificavam animais para poder ter um (inaudível) com Deus. Por exemplo, eu tive um pecado essa semana...eu traí minha esposa...essas pessoas geralmente criavam animais...geralmente cordeiros...ele tinha que ser puro, tinha que ser virgem...entre outras coisas. Levavam aquele cordeiro na frente de um sacerdote, impunham a mão naquele cordeiro e fazia um ritual...onde aquele pecado que estava em mim, passava para aquele cordeiro. A consequência do pecado era a morte, aquele cordeiro era sacrificado para que pudesse ser justificado aquele meu pecado. Alguém pagava pelo meu pecado. De uma maneira simbólica, aquele meu erro, aquele meu

Enaltecendo as possibilidades do homem;
Obediência enquanto qualidade de vida;

Definindo o que entende por pecado;
Exemplificando a noção de pecado pela ideia de "errar o alvo";
Sendo desviado do caminho traçado por Deus;
Pagando os pecados pela morte;
Morte enquanto condição do afastamento de Deus;

pecado tinha sido justificado. Então, eu poderia ter uma relação com Deus novamente. Só que isso aí começou a virar uma rotina, as pessoas estavam pecando agora e já pensando na semana que vem...vou sacrificar um cordeiro pelo que eu estou fazendo agora. Mas, esse não era o propósito de Deus. O propósito era que houvesse um arrependimento por aquilo que as pessoas estavam fazendo...a além do mais, o povo de Deus tem essa característica, eles tinham muito isso que a gente tem com cachorro ou com gato; eles tinham com ovelha, com cordeiro. Eles tiravam do rebanho...e botavam na família, cuidavam...as crianças brincavam e tinham como estimação. Era justamente esse que era pego para o sacrifício....”olha o que meu pecado está me levando a fazer!”. Isso começou a se banalizar, as pessoas estavam fazendo isso...não se importando com isso....porque já tinha um escape para este tipo de coisa. Qual foi, então, a grande maravilha da salvação, da graça de Deus? “Eu vou prover uma maneira, um jeito...para que uma vez por todas, os pecados da humanidade possam ser pagos, da mesma maneira que era feita com o cordeiro. Mas, algo que seja tão grandioso, tão maravilhoso...tão único...que todos os pecados da humanidade possam ser pagos de uma maneira só. A Bíblia diz que Jesus Cristo sempre esteve com Deus. Desde a criação, desde o Gênesis teve com Deus. Deus enviou aquele que era seu único filho para que ele nascesse como ser humano normal, comum; e que ele vivesse uma vida aqui na Terra sem pecados. Suportando e evitando...não que ele não tivesse suscetível ao pecado, ele estava! Mas, conseguiu vencer isso e não pecar. A Bíblia diz que o salário do pecado é a morte. Se, então, ele não tivesse esse

Demonstrando a dimensão simbólica do pecado e do arrependimento;

Sendo motivado pela ideia de arrependimento;

Afirmando o verdadeiro propósito de Deus;

Questionando as atitudes do homem;

Destacando a qualidade da graça de Deus;

Valorizando o plano de Deus;

Apresentando a dimensão do propósito de Deus;

pecado, ele não precisava morrer. Da mesma maneira que foi feita com o cordeiro, foi feito com Jesus Cristo. Por isso que quando Jesus chega no Jordão, João diz “eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!”. Fazendo uma referência aquele cordeiro. Agora Deus queria um cordeiro que é dele...e ele vai morrer, ser sacrificado pelos pecados da humanidade. Não é “ah, vão matar Jesus!”, não. Jesus se entregou como sacrifício vivo para que todos os pecados da humanidade pudessem ser pagos. Ele morreu aquela morte...e isso é algo que está disponível, algo que foi oferecido à nós. No momento em que nós dizemos...”não, eu aceito o que Jesus Cristo fez por mim...eu aceito o sacrifício que ele fez por mim, eu aceito que ele morra, essa morte, no meu lugar!” Daí, tu se torna livre como era no passado, tu se torna livre daquele peso, daquele pecado que alguém pagou um preço por ti. Nesse mesmo livro que eu estava vendo...ele falava uma coisa que era muito legal...é a mesma coisa, assim...tu tá preso, tá condenado e ter uma ficha corrida extensa, muito longa. Estuprador, ladrão, homicida...tu tá preso por aquelas coisas, por aqueles pecados que tu cometeu, e aquilo é justo. Está certo. Tu tem que ficar preso. De repente vem uma pessoa e fala para o juiz ou para o delegado...”olha...eu queria fazer uma proposta...eu tenho aqui a minha ficha e ela não tem nenhuma ocorrência, eu não tenho nada e nunca fiz nada”. “Eu quero que o senhor troque, que o senhor pegue o nome desse senhor que está preso e coloque na minha ficha limpa, e eu quero que o senhor pegue o meu nome e coloque na ficha dele”. “Eu vou pagar os preços dos pecados dele, eu vou ficar preso no lugar dele!”. “Eu vou ser condenado no lugar dele e ele fica livre no

Reconhecendo o sacrifício de Jesus;

Sendo grato pelo sacrifício de Jesus;

Aceitando a Palavra de Deus como condição da liberdade;

meu lugar”. É uma coisa insana, né? Provavelmente, o juiz vai falar assim, né...”é a oferta que tu faz, mas eu vou ter que ver com ele, o que ele acha!”. “Oh, o Nazareno está te oferecendo isso, tu aceita...tu quer isso...tu quer esta proposta?”. Tu tem duas respostas...”sim, eu quero! Eu aceito que ele pague pelos meus pecados, que ele fique preso no meu lugar!” Ou...”não, eu não quero...eu quero seguir minha vida e de minha vida sei eu!”

É isso que está sendo ofertado por Deus...e é tão maravilhoso...que é algo como dizem...”é uma graça!”. Porque nós não fizemos nada para merecer esse tipo de coisa, não é pela nossa bondade, pelo nosso limitado amor, pela nossa cara bonita que Deus nos ofereceu isso. Ele ofereceu isso para que houvesse novamente redenção e para que nós pudéssemos nos aproximar dele novamente, por amor dele sobre nossas vidas...

Entrevistador: Sobre essa questão da salvação, quais seriam as etapas? Existem alguns caminhos para essa salvação que a pessoa precisa passar?

Entrevistado: Existe, mas basicamente...é você reconhecer isso que eu estou falando...é você ter entendimento que Jesus Cristo morreu para pagar pelos teus pecados e com posse nesse entendimento, aceitar isso que ele fez por ti. “Não, eu quero isso na minha vida!” E ter uma mudança de vida, sabe? Não adianta fazer isso como antigamente...estar nas mesmas práticas...aquilo veio a te impactar tanto, que alguém fosse capaz de fazer isso...dessa natureza por mim. Então, eu vou abandonar essas velhas práticas que eu tinha e vou mudar o meu caminho. O sinal externo, o sinal público disso é o batismo. É um sinal público de algo que já foi transformado na tua vida, né.

Considerando tudo que for ofertado por Deus como “graça”;

Enxergando-se como indigno das graças de Deus;

Reconhecendo a bondade de Deus;

Afirmando a vontade de Deus;

Definindo os caminhos da salvação;

Entrevistador: Antes de te perguntar um pouco mais sobre essa questão do batismo, eu gostaria de te fazer a seguinte pergunta...como tu pensa sobre essa disparidade que existe no mundo? Vamos pegar como exemplo uma pessoa que frequenta determinada religião, tem uma certa percepção do mundo...e outras que não frequentam. Porque às vezes a pessoa religiosa tem problemas financeiros, problemas de saúde e, por outro lado, a pessoa que não segue nenhuma religião, não tem nenhum problema. Não somente no nível monetário, mas porque algumas pessoas desfrutam de certos bens e outras não? Porque tu acha que existe essa disparidade entre as pessoas? Como tu responderia?

Entrevistado: A Bíblia disse que o sol nasce igual para todos. Para justos e injustos. Para bons e maus. Isso que a gente estava falando sobre a salvação é uma coisa...a Bíblia é recheada de coisas que são princípios bíblicos, né. São chaves que abrem portas. Independente de tu ser cristão ou não, de acreditar em Deus ou não, se tu for praticante daqueles princípios, tu vai colher aquilo que tu plantou. Por exemplo...eu sou um cristão, eu creio em Deus, tu não é, tu é ateu.... A Bíblia diz que o fruto do nosso trabalho é pago com o salário. Aquele que trabalha e se dedica, acorda cedo...que é dedicado...este vai prosperar, vai crescer, vai enriquecer. “Eu, creio em Deus, acordo meio dia e não trabalho!” Tu não crê, mas acorda todo dia 07 horas da manhã, tá trabalhando, se dedicando....é um homem íntegro, é um homem correto que busca e estuda. Porque eu vou ser abençoado e tu não? Só porque eu sou crente? Não! O princípio é igual para todo mundo. Se tu tá cumprindo o mesmo princípio na tua vida, mesmo não acreditando em Deus, essa

Justificando as disparidades no mundo;
Reconhecendo as consequências pela recusa dos princípios bíblicos;
Afirmando a existência de consequências pelas decisões erradas;
Enxergando a prosperidade como o resultado de um ascetismo, engajamento, comprometimento;
Justificando a equidade de todos perante a todos;
Como compreende a distribuição das graças de Deus;

parte do evangelho tu está cumprindo. Vai usufruir do que está fazendo. Tá plantando algo que vai colher. Resumindo, basicamente é isso.

Entrevistador: Essa pessoa que segue o princípio...é ativa e trabalha...seria o trabalho?

Entrevistado: Não, não...eu tô só dando um exemplo. A minha esposa me trata bem, me ama...a gente tem uma afinidade boa, por quê? Porque eu também trato bem ela. Eu também procuro ser para ela um bom marido. Eu tô colhendo aquele reflexo que eu estou plantando nela. Agora, se eu sacaneio, se eu sou um mau marido, eu vou acabar refletindo a parte dela em mim, né? Esse tipo de coisa é independente de tu crer em Cristo ou não. Se tu é respeitoso com as pessoas, isso vai retornar para ti da mesma maneira. Se tu crê em Cristo e não aplica isso na tua vida, as consequências vão ser negativas.

Entrevistador: Então, em resumo, tu acredita que essa disparidade é porque...se eu entendi certo...algumas pessoas fazem aquilo por merecer, certo?

Entrevistado: Exatamente. O reino de Deus, nesse sentido, é uma meritocracia, sabe? Aquele que busca e se esforça...não tô falando da salvação!...a salvação é algo imerecido, não tem como buscar sua própria salvação. Mas, eu digo...de tu fazer...educar bem os teus filhos...se eu educo bem os meus filhos, com certeza eles vão se tornar adultos melhores. Se eu tenho uma educação firme na minha casa, se eles estudam em bons colégios, se eles têm um amparo do pai e da mãe. Com certeza vão ser adultos melhores do que aqueles que não estão nem aí. Que não dão nenhum tipo de educação, não se importam...

Entrevistador: Como assim....se é fundamental essa ideia desde a igreja do

Relatando a independência da religião para as consequências da vida;

Justificando as disparidades do mundo pela vontade humana;
Enxergando o Reino de Deus com algo que deve ser merecido;
Reconhecendo a salvação como algo imerecido;

primeiro século, a ideia de salvação...tu poderia me explicar porque a gente não consegue buscar a própria salvação? Como ela é adquirida, então?

Entrevistador: Não é nada que a gente faça que vai trazer a nossa salvação! É apenas “o aceitar” aquilo que nos foi ofertado. É aquilo que eu falei...através disso Deus nos ofereceu a salvação. Ou tu aceita aquilo e segue o caminho, ou tu não aceita. Não é pelo muito fazer...por muitas obras, fazer muita caridade...nada disso nos salva! Por si só, isso não tem poder suficiente. É importante? Claro que é importante! Tu ajudar as pessoas, tu trabalhar...mas isso não traz a salvação. A salvação é um preço muito alto, somente com a morte de uma pessoa justa...

Entrevistado: Seria, então, para ser salvo, primeiramente aceitar a ideia de salvação? Seria isso?

Entrevistador: Sim....entender o que nos tá sendo ofertado; reconhecer...a Bíblias dizia que não há um justo sobre a Terra, pois todos pecaram...em quem que nunca pecou? A pessoa já deve ter mentido ou fez o *download* de um arquivo em MP3 na internet; ou tu já teve pensamentos que não são teus...a gente sabe, na nossa caminhada, que na nossa vida a gente fez algo que se envergonha. Que a gente não deveria ter feito, que sabemos que é errado...todo mundo fez isso! Isso nos afasta de Deus.

Entrevistado: A última coisa que eu gostaria de te perguntar e que está muito ligado aos Batistas em geral...digo...o que tu reconhece e que diferencia vocês, Batistas Nacionais, dos Batistas Brasileiros? Tu tem esse conhecimento?

Entrevistador: Não sei...não vou poder te ajudar, porque eu me converti e vivi sempre dentro desta realidade...

Vendo as nossas ações como ineficazes para a salvação;

Afirmando que as obras por si só não mudam o destino;

Reconhecendo a importância das boas obras;

Apresentando o preço da salvação;

Reconhecendo a salvação como algo supremo;

Afirmando a inexistência de justiça na natureza humana;

Mostrando a imperfeição do homem;

Arrependendo-se certas atitudes;

Sabendo quais atitudes desagradam e afastam de Deus;

Entrevistado: Sobre uma questão que é muito forte na Convenção...o que tu entende pela ideia do Batismo no Espírito Santo?

Entrevistador: Jesus Cristo, depois que morreu...a Bíblia disse que ele ressuscitou. Ele viveu em torno de 40 dias sobre a Terra. Até “extra-bíblico” existem relatos...de historiadores como José. Antes dele subir aos céus, ele pediu para os seus discípulos aguardarem em Jerusalém, porque ele enviaria o Espírito Santo, sabe? Esse espírito, desceria sobre as pessoas...e revestiria elas de poder, dando a capacidade para elas de levarem essa mensagem que ele trouxe. Para falar dele. Sobre a obra que ele fez.

Entrevistador: Como ferramentas?

Entrevistado: Exatamente!

Entrevistador: Tu se considera assim? Como uma ferramenta?

Entrevistado: É...como uma ferramenta, como alguém que foi delegado para levar uma missão. Homens que há pouco tempo atrás, negaram Cristo, como Pedro...confrontaram ele...”Ah, tu é seguidor dele?” “Não, eu não sou!” Quando Jesus foi sacrificado e todo mundo “zarpou de medo”, somente João ficou ali e o resto sumiu...Esses mesmos homens que tiveram medo, receberam depois o Batismo no Espírito Santo, esse revestimento de poder, saíram pregando o evangelho “enlouquecidos”, né? Tanto em Israel, quanto na Ásia, na Europa...todos eles jamais negaram a Cristo. Tiveram mortes horríveis, foram decapitados, crucificados de cabeça para baixo...foi jogado óleo quente neles... muitos cristãos, no Coliseu, entregues à leões. Essas pessoas não negavam a fé que elas tinham em Cristo, sabe? O Batismo no Espírito Santo é isso...é esse religar teu,

Contextualizando o Batismo no Espírito Santo;

Caracterizando o Espírito Santo;

Demonstrando suas capacidades;

Vendo-se como ferramenta de Deus;

Sendo revestido de poder pelo Espírito Santo;

Pregando o Evangelho;

novamente, com Deus. É você receber o próprio espírito de Deus...habitando dentro de ti, morando dentro de ti.

Entrevistador: Tu já teve essa experiência?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Tu poderia me dar um exemplo? Obviamente que é uma questão pessoal, mas tu pode me dar um exemplo concreto do que tu já teve?

Entrevistado: Sim, sim...várias coisas. De tu está lendo a palavra dentro da Bíblia...é uma coisa complicada de falar com palavras, porque tu sentindo...a presença do próprio Deus, trazendo, te revelando, te tocando, te mostrando coisas. Uma experiência muito forte logo que me converti...como eu era sujo, como as coisas que eu fazia eram desagradáveis para ele, sabe? Me colocando diante daquela presença, eu me senti tão...incapaz...tão...tão...dependente...tão necessitado de uma salvação. Eu como creio em Deus e sua palavra...diz que através do seu querer, do seu falar...ele criou todas as coisas que existem...ele criou céu, a Terra. Ele é um Deus soberano, que não está limitado ao tempo ou a coisa nenhuma. Mesmo sendo um Deus tão maravilhoso, tão grandioso...tão inimaginável...é o mesmo Deus que se fez homem e morreu pelos nossos pecados...é o mesmo Deus que habita dentro de nós, sabe? É uma coisa que com palavras é tão...só quem vive mesmo, só quem tem uma experiência verdadeira com Deus, sabe o que é! As pessoas podem até falar...”ah, isso não é verdade, é bobagem, isso é mentira!” Mas, quando tu tem uma experiência verdadeira com aquilo, nada do que as outras pessoas vão falar vai mudar a perspectiva que tu tem, né? Eu sei que existe, porque eu tive uma experiência real com ele, um contato com ele...e isso

Religando-se com Deus através da experiência do Espírito Santo; Sendo habitado pelo espírito de Deus;

Reconhecendo a inefabilidade da experiência;

Apresentando os atributos de Deus; Sentindo-se inferior;

Considerando a experiência com Deus como algo incomparável;

mudou minha natureza. Eu sei quem eu era e eu sei quem eu sou hoje! Sei que foi através disso que mudou...Eu não nasci dentro de uma igreja evangélica...eu tenho 41 anos e me converti com 30 anos...eu era totalmente avesso a esse tipo de coisa, jamais...nunca me imaginei numa igreja. Eu tinha um preconceito muito grande com esse tipo de coisa. Minha vida, realmente, foi transformada.

Reconhecendo as mudanças na natureza;
Compreendendo a vida como algo distinto de sua vida pregressa;

Entrevistado 03 (08/09/2017)

Entrevistador: Qual a tua idade?

Entrevistado: 44 anos.

Entrevistador: Há quanto tempo tu é membro da Batista Nacional?

Entrevistado: Há 12 anos.

Entrevistador: Antes destes 12 anos de igreja tu já frequentou outra religião?

Entrevistado: Não. Outra religião até podemos dizer que sim. Eu ia algumas vezes em Centro Espírita, mas...nunca fui membro...assim...eu faço parte daquele grupo? Não. Eu era bem contra isso, tanto que quando eu casei, eu casei somente no civil. Quando eu tive meu filho, eu não batizei ele. Porque, normalmente, mesmo tu não sendo nada, tu casa na católica e sempre batiza o teu filho, né? Eu não! Eu era assim...bem...

Entrevistador: Além da Espírita, tu já teve alguma experiência com outra religião?

Entrevistado: Eu frequentei...fui...nessa mesma época...fui nesses centros de Umbanda, desses linha branca, eu fui, eu frequentei.

Entrevistador: O que te levou a desistir desses outros segmentos para ficar aqui na Batista Nacional?

Entrevistado: Na verdade eu não desisti, né! Porque, por exemplo, esses centros eu fui porque me convidaram..."ah, me convidaram...vamos lá?" Eu falei, "ah, vamos!"

Entrevistador: Foi por curiosidade?

Entrevistado: Foi por curiosidade! Não era uma coisa que eu tinha preconceito, porque meu pai, de vez em quando, frequentava. Ele não é daqui, ele é lá do interior. De Quaraí...de vez em quando ele frequentava, porque ele tem

Afirmando a frouxidão do seu engajamento religioso;
Sendo contra a influência religiosa;

Frequentando outras religiões;

Demonstrando a inexistência do abandono;

Colocando a curiosidade como fator de envolvimento religioso;

irmãs que moram em Porto Alegre e são adeptas a Iemanjá. Ele também fez cirurgia espiritual...então tu sempre tem algum legado que traz da família. Quando tu vê que os teus pais vão, já não é mais um preconceito. Me convidaram e eu fui algumas vezes, não gostei...no Espírita eu ia e gostava, mas nunca gerei vínculo. Então, assim, eu não tive que largar nada para vir para a Batista, tu entende? Na verdade, eu vim para a Batista da mesma forma que eu fui nos outros, eu fui convidada para ir numa célula...e eu fui. “Ah, vamos lá...vamos ouvir uma palavra...eu fui!” Fui gostando e a palavra foi começando a falar comigo, comecei a me envolver, comecei a sentir curiosidade, comecei a estudar. Porque, assim...eu tinha 30 anos...tinha 33 na época...32 para 33. 12 anos...eu estou com 44. Eu nunca tinha lido a Bíblia! Todo mundo sempre já leu a Bíblia, todo mundo já fez catequese ou primeira comunhão...mas, eu não tinha feito. Eu não queria fazer, eu não gostava. Eu não tinha um conhecimento bíblico, meu conhecimento bíblico era zero. Quando eu comecei a ouvir, eu comecei a me interessar...”poxa! mas, então, a Bíblia é isso?” Entende? Aquilo foi me chamando a atenção. Eu comecei a procurar, até comecei a contei para o apóstolo...eu falei pra ele assim “o senhor não pode imaginar como eu comecei! Foi a coisa mais engraçada que tem!” Comprei na época várias Bíblias, porque eu tentava ler e não entendia. Fui numa livraria, procurei e comprei aquele conjunto de “livrinhos” infantis que fala sobre a criação, sobre Noé...e ali, eu comecei a ler, pegava a Bíblia...tive pegar várias e escolher uma que tivesse a tradução mais fácil pra eu entender. eu começava a fazer um acompanhamento, porque...aí, o que gerou em mim num primeiro momento? O

Carregando os valores religiosos da família;
Justificando a sua inserção na Igreja Batista;
Gostando e reforçando o seu engajamento religioso;
Aumentando sua devoção;

Intensificando o conhecimento bíblico;
Sendo atraída;

Descrevendo as etapas do seu conhecimento bíblico;
Interessando-se pela historia religiosa;

interesse pela história. Eu tinha interesse pelo que? Pelo Antigo Testamento. Eu queria entender, entendeu? Como foi a criação, como foi a história de Noé. Eu peguei folhas e fui fazendo uma linha do tempo. “Isso, aconteceu aqui!”; “Isso, foi aqui!” Depois que tinha isso na minha cabeça, eu comecei a fazer alguns questionamentos. Porque eu sou farmacêutica e na época eu estava fazendo o mestrado em Bioquímica, química toxicológica. Se tu pegar um livro de Bioquímica, qual vai ser o primeiro capítulo de Bioquímica? Vai falar sobre...não é a criação! Vai falar sobre *Big Bang*...essa questão de como que nasce, de como começa a vida. Depois que eu tinha essa linha do tempo, eu comecei a questionar. “Eu só estudava Bioquímica...eu só estudava Bioquímica”. Tá, mas, e agora? O que é, o que é? Daí tem a palavra do Espírito Santo!

Entrevistador: Nesses 12 anos de igreja, o que tu poderia descrever, mesmo sendo uma experiência pessoal, que mudou na tua vida? O que tu enxerga que mudou?

Entrevistado: Mudou tudo, completamente tudo! Em primeiro lugar, mudou isso que eu estou te falando, minha visão, porque eu era uma pessoa ignorante; mudou essa minha ideia, por exemplo, eu não tinha o entendimento da parte histórica de Cristo, tu entende? Eu não tinha! Eu já tinha assistido o filme “A paixão de Cristo”, mas aquilo não tinha gerado algo em mim. Real e verdadeiro; isso era a primeira coisa, a partir desse momento gerou...eu era uma pessoa...comecei a mudar, por quê? O meu foco era...eu casei...terminei a faculdade, engravidei e casei. Eu não tive muitas escolhas, né? Vai casar! O pai...vai casar! A gente casou e se dávamos bem. Mas, eu não tinha...aquela relação “casamento”. “Ah, eu tenho uma

Didatizando o que aprendia;
Questionando o que aprendia;

Sendo amparada pelo Espírito Santo;

Tendo a visão de mundo modificada;

Lembrando dos planos de vida;
Tendo planos de vida distintos;
Desejando ser professora;

família” Não. O meu foco era estudar. Era me formar, ser professora universitária e...se o casamento não desse certo, tudo bem; se desse, tudo bem! Eu não tinha essa relação. Tanto que uma das coisas que me moveram em aceitar ir nesse grupo, ir com a minha vizinha que tinha um perfil totalmente diferente, é o fato de que o meu filho tinha 4 anos, agora ele tem 16 anos, vai fazer 17 anos...ele dizia assim pra mim...”eu odeio essa universidade!” Meu marido é policial...e meu filho adorava se vestir com essas roupas camufladas, andava com arma...ele disse...”eu vou crescer e levar várias bombas naquela universidade, eu vou destruir ela!” Porque a minha vida era trabalhar, era a Universidade. Não dava bola nenhuma na verdade. Meu marido trabalha por escala, trabalha duas vezes na semana, ele fica bastante em casa. Sempre deu atenção para ele. Ele que levava para a escola, que buscava, deu toda a atenção que ele precisava. Eu, por tabela, ia levando. Isso começou a mudar dentro de mim. Foi gerando uma transformação...que claro, não foi fácil...e Deus foi movendo a mão dele sobre a minha vida. Eu tava no mestrado, como eu te falei...e o meu projeto era...do mestrado entrar direto para o doutorado. Eu já tinha me organizado em tudo. Antes de passar na prova do mestrado, eu já estava trabalhando na parte experimental do meu projeto. Quando eu passei, eu fiz as matérias em um ano e já estava com um artigo pronto para ser enviado. Foi enviado, submetido. Se, aquele artigo fosse aceito até a metade do outro ano, no ano em que eu teria que defender, eu passaria direto do mestrado para o doutorado. Eu queria isso! Isso era novo e ia acontecer pela primeira vez ali na Bioquímica. Só que o artigo tinha sido submetido e não vinha resposta, não vinha

Relembrando do conflito familiar;
Sendo desinteressada com a família;
Colocando o trabalho em primeiro plano;
Tendo a vida modificada pela mão de Deus;
Contando dos planos profissionais;

resposta, não vinha resposta. No dia em que a resposta precisava ser dada, eu estava numa célula, já estava nesse processo...peguei e disse assim...”Deus, se tu me ama e tu realmente existe, então me dá o doutorado!”. Eu fiz isso indo para a Universidade. No dia 14...no dia 15 era o limite para aceitarem o meu artigo e eu poder passar. O que aconteceu? Naquele mesmo dia às 17:00 da tarde...eu fiz essa oração tipo às 13:30...de tarde veio a resposta. E aí, foi aquela loucura...minha orientadora correndo, porque tem que pegar papelada...foi todo mundo ali no laboratório, aquele dia, correndo. Aí eu passei pro doutorado. Mas, passando pro doutorado, eu perdi a bolsa. Na época, eles não faziam a transferência de bolsa do mestrado para o doutorado...em função de que o curso recém tinha passado do 4 para o 5, sabe? O conceito. Eu perdi. Veio o concurso de professor substituto...eu falei assim...”ah, eu vou fazer”, mas sabia que eu não ia passar porque tinha um cara..lá..que era o “queridinho do professor”. Fiz igual para ganhar pontuação e tal. Isso foi uns 3 meses depois...peguei, me inscrevi, estava tudo certo. Pedi...orei...”eu quero apresentar no concurso...tal ponto”. Veio aquele ponto pra mim, mas o que aconteceu? Quando veio o ponto, três alunos tiveram que ficar para o sábado, sempre era numa sexta-feira, mas tiveram que ficar para o sábado. Era um número muito grande de alunos. Um desses três fui eu. Só que naquele dia...eu tinha um encontro na igreja...que é o “Encontro com Deus”. Eu não poderia apresentar no sábado, porque seu iria para um encontro, que é um retiro, na sexta-feira, no sábado eu ainda estaria no retiro. Falei com a professora e perguntei se eu poderia trocar com alguém...posso apresentar na sexta...porque eu tenho um

Reivindicando a eficácia de Deus;

Desacreditando das suas capacidades;

Relatando os percalços da vida;

retiro...uma menina se disponibilizou e ela disse...”Não! Porque se eu abrir exceção para ti, eu vou ter que abrir para todo mundo, e não pode!” “E, mais, tu vai ter que decidir agora, seu tu vai vir ou não. Porque eu não acordar no sábado de manhã, vir aqui e te esperar...e tu não vir!!” Eu era a primeira, uma das 09:00 às 10:00. Eu pensei...”Não vou!”...Eu pensei assim. Se eu nao vou passar mesmo, talvez eu tenha algo para receber de Deus. Eu falei para ela, então, que eu não ia. Vou para o meu encontro. Fui para o encontro, meu marido brigou comigo, fui pra casa sozinha, pra igreja sozinha. Cheguei aqui e falei para a pastora...e ela disse...”ah, tu tá tão triste, o que tá acontecendo?” Aí, eu disse que aconteceu...isso, isso e isso. Ela disse...”Não, não te preocupa, pois esse concurso vai ser cancelado, Deus vai abrir outro concurso pra ti e tu vai passar em primeiro lugar!” Em dois meses aconteceu exatamente isso. Aquele concurso foi anulado, o rapaz que entrou deu aula durante dois meses e o concurso foi anulado, e deu um problema lá no DERCA, porque eles tinham aberto duas vagas, mas no papel botaram uma só. Eu me matriculei, eu passei e entrei...e esse menino aí que tinha passado, teve um “chilique”, teve um acesso de loucura, foi embora e largou o doutorado. Tu entende? Deus foi mexendo comigo, fui vendo a mão de Deus. E tudo aquilo que era antes muito certo, o que eu queria, o que eu tinha traçado para mim, começou a mudar. Então, o que mudou na minha vida? Mudou a forma como eu pensava em relação à família, em relação ao amor, em um Deus que pode mudar tudo, em qualquer circunstância...independente de quem esteja ou não, ele é poderoso, ele é superior e ele pode todas as coisas. Isso eu comecei a perceber, porque era aonde era o

Desistindo do concurso;

Vivendo conflito familiar;

Afirmando os planos de Deus;

Evidenciando as capacidades de Deus;

Tendo a vida modificada;

Repensando a vida e os planos;

Modificando a relação com a família;

Repensando os sentimentos;

Ressaltando as potencialidades de Deus;

meu foco, entende? Era algo que era muito forte, talvez eu te contando não seja, mas pra mim é. Eu orava, eu falava. as pessoas vinham me falar e aquilo acontecia. Eu mudei completamente.

Entrevistador: Nesse percurso de mudança, o que poderia me dizer, aqui da igreja, da denominação, que ela estimula a fazer e o que ela recrimina? O que ela não recomenda? O que ela estimula?

Entrevistado: Assim...a nossa igreja, em especial, é uma igreja que tem muito ensino. Muito ensino. Isso era uma coisa que me chamava muito a atenção. Me movia muito, porque eu sempre estava movida a isso, né? A ensino, a conhecimento...logo que aconteceu isso, que eu fui para esse encontro, voltei...e o que aconteceu? Eu comecei a fazer a tal da “Escola”. O meu professor foi professor do apóstolo daqui. Ele é um cara fantástico! Um senhor, ele fez Engenharia na UFRGS...inteligentíssimo. Eu sempre fui movida por esse mecanismo. Esse mecanismo do conhecer. Proibição para mim, nunca teve nada... nunca tive problemas. Um exemplo...”ah, não pode beber!” Quando eu era jovem, eu bebia. Depois que eu engravidei, eu nunca mais bebi. Não foi porque eu vim para igreja que eu parei. Hoje, pra mim beber não é uma proibição. É algo que simplesmente eu não faço, porque não me atrai. Todas as demais coisas que foram acontecendo comigo, foram mudanças que eu fui vendo, o próprio espírito de Deus que foi tocando em mim. Eu não queria ser “essa mãe que não era mãe”. Eu não queria ser uma pessoas que não está nem aí pros outros. A carreira é uma coisa...e marido e filhos são pessoas. Eu tinha essa ideia virada. Ao avesso. Que as coisas eram mais importantes do que as pessoas, e na verdade a errada era eu. Nada me proibiu,

Sendo estimulada a estudar;
Movendo-se pela pesquisa;

Instigando-se pelo “conhecer”

Justificando suas escolhas;
Afirmando sua liberdade;
Sendo tocada pelo Espírito Santo;

tudo foi sempre tranquilo. Eu nunca tive proibição nenhuma.

Entrevistador: Em relação disso que tu fazia antes e agora deixou de fazer, o que tu entende por liberdade e salvação? O que é pra ti a liberdade?

Entrevistado: A liberdade pra mim é como eu vivo hoje, entende? A própria Palavra diz assim...quando tu está no mundo...estar no mundo é quando tu não tem uma relação, não está com Deus. Quando tu está no mundo, o que move a tua vida? São as coisas ditadas pelo mundo! O mundo dita muitas coisas. Por exemplo, você como mulher tem que ser poderosa, todas as mulheres são assim. Elas conseguem atingir um alto nível de trabalho, vão muito além. Tu consegue ver hoje em dia que os melhores concursos, em cargos difíceis, de difícil acesso, que exige bastante conhecimento, quem é que está lá ganhando e tirando primeiro lugar? As mulheres. Hoje em dia, elas se sobressaem sobre os homens, e isso foi ditado por quem? Pela sociedade. Depois da Segunda Guerra Mundial...elas surtaram, no meu ponto de vista hoje. Antes eu achava que isso era o “top”, isso era o ideal. Eu não acho que tu ser uma mulher, querer ter uma boa carreira é algo errado. Eu só acho errado quando as mulheres vão para esse caminho e perdem o outro lado. Que é o lado de tu ser mulher, querer ter um companheiro, querer ter uma pessoa e numa relação, vamos supor assim...ser o lado mais fraco. As mulheres, hoje, não aceitam. Elas assustam os homens...e eles não se sentem...”poxa, eu tenho que proteger essa mulher...” Essa mulher é uma leoa, ela me protege, ela faz tudo. Eles acabam se sentindo inseguros com esse tipo de mulher...e em função disso, a sociedade acaba adotando outro tipo de perfil, eles preferem estar com

Definindo sua compreensão de liberdade:
Tendo a vida regradada pelo mundo;

Repensando suas percepções;

Demonstrando as impossibilidades de ser livre;

outros homens, do que com uma própria mulher. Aquela mulher é demais para ele. Isso é algo que afeta a liberdade, porque as mulheres, se pensarem diferente disso, elas são seres estranhos.

Entrevistador: O que seria, então, se tu conseguisse ser mais objetiva, a liberdade? É uma possibilidade de escolha?

Entrevistado: Com certeza! A liberdade pra mim é essa. Você não vai viver dentro de um padrão estabelecido por uma sociedade caída. Por uma sociedade completamente humanista, perdida completamente nos seus próprios desejos, suas próprias vontades e que está completamente fora do padrão...pro qual o homem deveria estar. É por isso que se tornou uma sociedade doente. As pessoas têm tudo isso, toda essa loucura, mas elas são doentes.

Entrevistador: Essa doença seria por causa da falta de liberdade? Tu diria assim?

Entrevistado: Eu diria no sentido de que...primeiro lugar, porque eu acho que a sociedade está doente. Ela tá doente porque se afastou do propósito que ela foi criada. Todo homem foi criado por um propósito...estar em comunhão com Deus. Todo homem foi criado por Deus para estar em comunhão com Deus. Ele foi criado para ter relacionamentos, por isso que a gente precisa de uma palavra de afirmação, de um companheiro, de um afeto. Por isso que a gente se desestrutura quando é pequeno e não tem uma mãe que te ama. Mas, na verdade, esse relacionamento que está lá dentro de ti, dentro da tua alma, é o relacionamento com Deus. Quando o homem se encontra com Deus, ele é sarado, ele é curado, não importa se a tua mãe te abandonou, não importa se tu foi rejeitado, não importa se

Especificando a liberdade;

Criticando a sociedade e seus valores;

Apontando os defeitos da sociedade;

Justificando os problemas sociais;

Apresentando o propósito da criação e do homem;

Reafirmando as limitações da natureza humana;

Considerando a relação com Deus como um recurso;

tua mulher te traiu, não importa. O que importa é que naquele momento, em que tu tem um encontro verdadeiro com Deus, a tua alma é curada, nessa área. Esse relacionamento é que vai te gerar uma liberdade. Porque eu acho que a sociedade não é livre? Porque ela busca em outras coisas, em coisas... numa carreira, um bom carro, uma boa casa, em tudo que são coisas ela busca suprir essas necessidades que ela tem de relacionamento, dos quais ela poderia realmente ter na volta dela, sendo que o relacionamento é que vai suprir essa necessidade, é o relacionamento com Deus. Essa falta de Deus leva a uma insanidade.

Entrevistador: E sobre salvação? O que tu entende por salvação?

Entrevistado: A salvação para mim é o que Jesus fez por mim. O que eu entendo? Eu sei que é isso! Porque a Bíblia fala. Essa vida nossa... aqui é passageira, nós temos uma eternidade. A nossa eternidade ela vai ser ou com Deus, ou sem Deus. Vai ser a morte, né? Quando Jesus fez toda a obra da cruz... a gente teria que começar lá no Éden... O primeiro homem, a primeira mulher que foram criados por Deus, Adão e Eva, eles tinham o livre-arbítrio, tinham domínio e acesso a todas as coisas. Deus falou para eles que a única coisa que eles não poderiam fazer era comer do fruto da árvore do conhecimento, do bem e do mal. No momento que eles desobedeceram a Deus, entrou o mal. Até então, o homem só tinha apenas a raiz do bem dentro dele. Entrou a raiz do mal, os olhos foram abertos. Todo homem quando nasce, nasce com a raiz do bem e com a raiz do mal, isso é uma lógica porque se tu pegar qualquer criança... de 1 aninho... e disser para ela para não tocar naquela tomada, o que ela vai fazer? Ela vai ficar a tarde inteira tentando tocar

Sendo curada pelo relacionamento com Deus;

Justificando a falta de liberdade e o mal no mundo;

Conceituando a salvação;

Crendo na sua compreensão de salvação;

Considerando a vida com passageira;

Acreditando numa vida após a morte;

Apresentando a desobediência como princípio do mal;

naquela tomada, não é verdade? Só porque tu disse para ela “não faz isso!” Tu deu uma ordem para ela. É algo que já está dentro de nós, a raiz do mal veio para dentro de nós através da desobediência de Adão e Eva. Por causa dessa desobediência, que podemos chamar de “pecado”, o homem se afasta de Deus. Deus é Santo, é puro e não pode, não se relaciona com o homem pecador. Para que Deus tivesse acesso ao homem e o homem tivesse acesso a Deus, Deus teve que enviar o seu filho que nasceu de uma mulher e não tinha essa raiz do mal, por quê? Foi gerado do Espírito Santo de Deus, lá no ventre daquela mulher. Ele não tinha a raiz do mal. Esse homem que era sem pecado, viveu como homem, como nós na Terra. Foi Jesus. Ele poderia ter pecado, ele passou por todas as coisas que nós passamos por aflição, por dor, por rejeição, por sofrimento, por amor. Ele foi amado e cumpriu o propósito dele. Morrer na cruz, levando os nossos pecados. Porque ele poderia? Porque ele não tinha pecado, ele fez aquilo que lá no Antigo Testamento o cordeiro fazia. Que Deus dizia pro homem? Se tu pecasse, tu pagava um cordeiro, de até um ano, que era imune, sem nenhum tipo de relação com outro animal, limpinho, são, nenhum defeito, tu levava lá no altar e derramava o sangue dele, porque aquele sangue pagava o preço do pecado. Aquele sangue morreu. Qual o preço que tu vai ter que pagar pelo teu pecado? A morte. Qual a morte? A tua morte, sem vida na eternidade. Tu vai morrer na eternidade, tu vai terminar tua vida aqui...e tu morreu. Acabou. Mas, aquele que crê em Cristo Jesus, vai ter a vida aqui e quando morrer vai para a eternidade com Cristo. Vai continuar tendo uma vida. Como diz a palavra...após essa vida aqui, a nossa vida é eterna. É para

Reconhecendo o pecado como resultado da desobediência;

Definindo o pecado como afastamento de Deus;

Compreendendo o sacrifício de Jesus;

Indicando a descrença enquanto morte;

sempre. Então, pra mim a salvação é isso, a salvação é em Cristo Jesus, remete ao que vai vir. Qual a expectativa de vida nossa? É até os 80 e poucos anos. 85 anos. A expectativa, lá em Noé na Bíblia era de 120 anos. Hoje ninguém mais vai viver 120 anos. Mas, o que é isso perto da eternidade? Não é nada! A tua escolha pela eternidade, tu tem que fazer aqui na Terra.

Entrevistador: Sobre uma outra questão, que tem muito a ver com a salvação, com o mundo e com a sociedade que tu falou, como tu responderia ou como justificaria, vamos dizer assim, porque existe esta disparidade entre as pessoas? Por exemplo, não só a nível monetário, uma pessoa que tem uma poder aquisitivo “X” e uma que não tem nada; uma que exagera de bebidas alcoólicas, cigarro e não desenvolve nenhuma doença; e outras, que nunca usaram e desenvolvem doenças fatais como o câncer. Ou mais ainda, uma pessoa que faz parte de um segmento religioso, é uma pessoa religiosa, acredita na palavra de Deus e adquire uma doença grave; e outra, que não tem nenhum vínculo religioso e é saudável. Como tu responderia sobre essa má distribuição, que não é igual?

Entrevistado: Primeiro lugar, eu acho isso bem interessante porque as pessoas geralmente pensam assim...qualquer coisa que der errado é culpa de Deus. Sempre elas culpam Deus. Tem tanta miséria...porque se Deus existe, se Deus é amor e tem tanta miséria...mas a palavra de Deus diz o que? Que o mundo jaz no maligno. Então, quem é que comanda este mundo? É satanás! Ele era uma anjo que começou a olhar para Deus e querer ser ele. Ele começou a ter inveja de Deus. Esse anjo foi lançado fora do céu e caiu aqui na Terra. O que tu acha que foi aquele meteoro que caiu e acabou com

Sendo salva pela crença em Cristo;

Demonstrando a responsabilidade pelas escolhas feitas;

Justificando a bondade de Deus;
Apresentando o mal enquanto causador da desigualdade;

todos os dinossauros? Pra mim não foi um meteoro, pra mim foi Satanás. A palavra de Deus diz que ele vive aqui na terra. Ele veio para matar, roubar e destruir. As pessoas, por estarem afastadas de Deus, elas são extremamente suscetíveis a ele. O que ele faz? Ele é tão inteligente, vamos dizer assim, assim como Deus te projetou antes de tu entrar no ventre da tua mãe, ele já traçou todo um caminho, toda uma linha do tempo pra ti. “Ela, vai nascer daquela mãe, vai passar por isso...” Satanás sabe disso daí. Lá no ventre da tua mãe, ele tenta colocar várias coisas dentro da tua mente. Rejeição, trabalha na tua mãe, no relacionamento dela com teu pai para que afete a vocês. Para ter um ponto de contato contigo. Para poder acessar em ti. Assim ele é com todas as pessoas, ele trabalha árduo para que as pessoas não possam ter a salvação. Para que Deus não possa se alegrar, trazendo a humanidade para ele, para viver o reino milenar, eterno. Este mundo, a palavra diz, é dele. É ele trabalhando em todas as esferas, principalmente na nossa mente. Ele coloca ideias. Um exemplo...eu posso te dar certeza porque eu passei por isso...quando eu era uma mãe e uma esposa que não dava bola para a família, só pensava no meu futuro, no meu trabalho, quando eu tive que mudar isso, o que aconteceu comigo? Eu tive que renovar a minha mente, eu tive que mudar aquele pensamento. Coloquei ele fora para colocar um que vem da palavra de Deus. Que as pessoas são mais importantes do que as coisas e que a minha família é mais importante. O que, então, eu acho? Eu acho que a humanidade está caída e está assim porque ela se afastou de Deus, e a essência de Deus não está nela...e aquela raiz que eu te falei...do bem e do mal...a raiz do mal flui muito e acaba gerando esse

Precisando os objetivos de Satanás;

Justificando a atuação de Deus no mundo;
Retirando a responsabilidade de Deus pela existência do mal;

Lutando contra o mal;
Usando a palavra de Deus contra o mal;
Defendendo a sua resposta;
Considerando o afastamento de Deus como causa do mal no mundo;

processo de degradação, tanto do homem quanto da sociedade em geral. É isso o que eu penso! Mas, porque uma pessoa cristã, que ama Deus e vive uma vida de princípios tem câncer? Porque Deus está querendo trabalhar sobre a vida dela! Toda vez que Deus te trazer algo, como dor, sofrimento...ele tá fazendo isso para te aproximar mais dele. Tem pessoas que precisam. A salvação é processual, ela é um processo. Ela não é assim...eu aceitei Jesus como meu Senhor e meu salvador...glória a Deus, eu vou para o céu e estou super bem agora...não é assim!!! A palavra de Deus em Tiago...diz que “aquele que começou a boa obra é fiel para cumpri-la” Que boa obra é essa? É a obra de se transformar, de termos o caráter de Cristo. A personalidade de Cristo. Eu não vou pregar o evangelho, te contando todas essas “historinhas” e te falando da Bíblia...que lá em Tiago disse isso...se lá no Velho Testamento disse isso...se tu olhar para a minha vida e não ver que eu vivo essa palavra. O que vai te fazer se converter e querer esse Cristo que eu creio, é tu olhando na minha vida e ver que vale a pena. Eu quero ter essa vida para mim! Para que isso possa acontecer em mim, eu não posso ser uma farsa, eu não posso simplesmente ter aceitado Jesus e continuar com aquela raiz do mal viva dentro de mim. Tá me entendendo? Eu tenho que conseguir regenerar esse caminho, que antes era só bem, e se transformou no caminho do bem e do mal. Esse regenerar, significa transformar a minha personalidade, meu caráter igual ao de Cristo. Viver uma vida com os princípios de Deus. Eu tenho muito, que nós crentes, nós cristãos, vivemos processos de dificuldade, de doenças, de perda, de sofrimento para nos aproximar de Deus, para ter um caráter aproximado.

Enumerando as formas que Deus usa para se comunicar;

Apresentando as etapas da salvação;

Olhando para a vida;

Refletindo sobre a existência;

Desejando ser salva;

Entrevistador: Com base em tudo que tu falou, sobre a relação com os Batistas e da igreja em geral, existe aquela etapa que faz parte da salvação, vamos dizer assim...a ideia do batismo, né? Confirmar essa aliança com Deus. Existe aquela outra...dentro da Batista Nacional e que é muito comentado...não sei se tu tem algum conhecimento dos Batistas Brasileiros? No que eles diferem de vocês? Saberria me dizer?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: O que tu entende pela ideia

do Batismo no Espírito Santo?

Entrevistado: Ah, sim...do pentecostalismo? Pentecostal?

Entrevistador: Tu já teve essa experiência?

Entrevistado: Sim! Com certeza! Quer que eu fale em línguas para ti?

Entrevistador: Mesmo sendo uma questão muito subjetiva, tu pode me descrever a mais intensa que tu já teve? O que aconteceu? Consegue descrever? O que é essa experiência?

Entrevistado: Do Batismo no Espírito Santo? É uma das manifestações, da experiência de falar em línguas. É mais comum. Eu tive essa experiência...mas a experiência de tu ter, de tu sentir o Espírito Santo, é tremenda. Ela é fantástica! Ela é indescritível! O Espírito Santo é o próprio Deus que vem habitar em nós. É o próprio Deus. O que acontece? Essa história da trindade é uma mentira! A trindade foi a Igreja Católica que fez para que o homem não percebesse, não entendesse de que é o próprio Deus que habita nela. Para que eles ainda tivesse o domínio. É o próprio Deus que habita em nós, entende? Quando tu entrega a tua vida para Deus, quando tu vai lá para o teu quarto e vai orar para Deus, vai colocar as tuas situações e falar com

Definindo a experiência do Batismo no Espírito Santo;
Criticando a Igreja Católica;

Deus, tu sente o Espírito Santo. Tu ouve a voz dele! Ele toca em ti! É algo que não tem como descrever.

Entrevistador: Esse contato te dá alguma capacidade? Algum poder?

Entrevistado: Esse poder que as pessoas dizem...claro que tem poder! Deus é um Deus Todo-Poderoso. Mas, esse poder que eu quero te dizer...se manifesta de que forma? Quando a gente diz assim, “aquela pessoa está cheia do Espírito Santo!”, tu vê a diferença nela. Tu vê no falar, no agir, na forma como ela trata as pessoas, na forma como ela conduz. É isso que é esse poder! Mas, o poder de Deus pode ser manifesto de tal forma que eu possa colocar a mão sobre a tua cabeça, orar e te curar.

Entrevistador: Como uma ferramenta?

Entrevistado: Como uma ferramenta! É exatamente assim... Deus nos usa, entendeu? Ele nos usa como instrumento para curar as outras pessoas. Se esse Deus é um Deus soberano, poderoso e que está sobre o domínio de todas as coisas...foi ele que criou os céus e a Terra. O dia e a noite. E tudo que há sobre a Terra. O Diabo não está numa comparação com Deus, porque o Diabo se submete a Deus, ele é uma criatura de Deus. É assim, tem gente que acha que não. Deus é soberano sobre todas as coisas. O Diabo, quando vai agir sobre nós e todas as coisas, ele precisa de autorização de Deus. Ele não age da forma como ele quer. Ele está sobre o domínio de Deus. Enfim, quando Deus...ele não poderia simplesmente ter acabado com Satanás? E fazer toda a humanidade ter ele, sem dor e sem sofrimento? Porque ele não poderia? Ele poderia! Não é soberano? Ele é! Mas, isso te daria o livre-arbítrio para ter ele? Escolher mesmo à todas

Recebendo poderes divinos;
Sendo capacitada por Deus;

Considerando-se uma ferramenta divina;
Agindo conforme os preceitos divinos;
Comparando Deus com o Diabo;
Distinguindo as suas capacidades;
Demonstrando a supremacia de Deus;

dificuldades? A tudo que está acontecendo? Não! Simplesmente tiraria todo o empecilho e diria “toda a humanidade vem que eu vou salvar vocês e todos nós vamos viver uma vida eterna”

Entrevistador: Tu considera fundamental essa ideia do livre-arbítrio?

Entrevistado: Claro!

Entrevistador: Essa possibilidade?

Entrevistado: É lógico! O livre-arbítrio foi dado por Deus, ele é um presente de Deus para nós, porque Deus está dizendo “Eu te amo! Eu quero que tu venha viver tua eternidade comigo! Mas, quem vai escolher é tu!” Deus não precisaria nos usar. Mas, ele quer!

Reconhecendo o livre-arbítrio como fundamental;

Reconhecendo as vontades de Deus;

Externalizando os planos de Deus;

Entrevistado 04 (13/09/2017)

Entrevistador: A tua idade?

Entrevistado: 49 anos.

Entrevistador: Há quanto tempo tu é membro da igreja? Aqui na Batista Nacional.

Entrevistado: Dessa aqui de Santa Maria?

Entrevistador: Isso...

Entrevistado: Quase 16 anos.

Entrevistador: Antes dela tu frequentava alguma outra igreja?

Entrevistado: Batista também...em Santo Ângelo.

Entrevistador: Era da mesma convenção?

Entrevistado: Mesma convenção.

Entrevistador: Antes dessa experiência com os Batistas, tu frequentou alguma outra religião?

Entrevistado: Frequentei...

Entrevistador: Qual?

Entrevistado: Bom, é uma trajetória sempre dentro de religiões. Meu pai era católico, então frequentei católica; fiz todas as etapas lá, primeira carestia, crisma. Eu me casei na Igreja Católica. Mas, minha mãe ia na Assembleia de Deus quando eu era criança...eu ia com ela. Então...eu ia na Igreja Católica e na Igreja Evangélica. Com o pai e com a mãe. Quando eu tinha uns 17 anos, eu fui na Quadrangular. Foi lá que eu decidi seguir a Igreja Evangélica. “Aceitei Jesus”...como a gente fala, quer dizer...quando tu começa a ingressar, tu usa essa expressão. Me converti ali. Eu era bem juvenzinha. Depois, eu fui estudar na PUC-POA, mudei de cidade...aí eu me afastei, fiquei sem religião nenhuma.

Entrevistador: Durante quanto tempo, mais ou menos, tu ficou sem frequentar?

Detalhando sua trajetória religiosa;
Variando de seguimento religioso;

Decidindo escolher o evangelismo;
Aceitando Jesus;
Explicando as expressões evangélicas;
Se afastando da religião;

Entrevistado: 10 anos. Eu conheci outras religiões também. Assim...eu questionei muito a existência de Deus, questionei muitas coisas. Analisei muitas religiões. E lá na PUC...eles têm uma disciplina que é “Cultura Religiosa”. Qualquer curso...eu fazia Engenharia Civil. Lá eu questionei muito e tive a oportunidade...a disciplina que me instigou a ir buscar mais isso. Eu estava afastada daquilo que eu tinha crido...experimentado. Passei um momento de crise existencial...não crise existencial...mas, com relação às religiões. “O que é isso? Deus existe? É criação do homem? Como funciona tudo isso?”. Eu tive com testemunha de Jeová...visitei...na época eu chama de “filosofias”. Hoje eu sei que não são filosofias, mas são ambientes religiosos...de alguma forma. Eu casei...passou um tempo...ah, eu estava indo no Kardecismo também nesse momento. Um amigo nosso convidou para ir numa Igreja Evangélica e aceitamos o convite. Muita coisa retornou dentro de nós. Tanto eu, como meu marido. Ele mais, num primeiro momento, depois eu. Acho que pelo fato de eu estar mais afastada, tido essas experiências, esses questionamentos...eu fui um pouco mais resistente a esse retorno. Mas, quando eu retornei foi uma decisão muito séria! Muito racional. De voltar, me tornar membro, participante e rever essa crença que faz parte da religião. A partir dali ficamos, né. Até hoje estamos...foi uma decisão bem consciente mesmo.

Entrevistador: De toda essa tua trajetória religiosa, de toda essa experiência que tu teve com outras denominações, com outros tipos de religiões, o que levou tu ficar aqui na Batista Nacional? O que tu pensou...”Não,

Questionando a existência de Deus;
Analisando as religiões;
Sendo motivada pelo estudo;
Entrando em crise existencial com a religião;
Variando os questionamentos;

Repensando a vida;
Repensando as escolhas;

sendo resistente;
resistindo ao retorno religioso;
decidindo ficar;
tendo certeza das escolhas;
tendo consciência das decisões;

é essa aqui que eu quero!” “Vou escolher essa!”

Entrevistado: Tu se refere especificamente a Batista?

Entrevistador: Isso!

Entrevistado: Em primeiro lugar, eu pensava...é que é assim oh...quando eu...tá nós casamos, depois de 5 anos tivemos filhos. Quando tivemos um filho, o primeiro filho, nós temos dois, eu pensei comigo que ele precisava de alguma orientação. Toda a minha vida eu entendi isso. Estando ou não estando numa igreja...eu entendo... que nós precisamos ser orientados por algo que nos leva a valores, a princípios e que vá conduzir a nossa vida de alguma forma. E como eu conheci várias...tive várias opções, tive várias experiências, eu analisei e da minha perspectiva, eu percebi...entendi...que seria numa Igreja Evangélica. Na época da escolha da igreja, eu não escolhi a Batista Nacional. Pra mim poderia ser a Quadrangular. É claro que não seria qualquer uma. Eu não iria para a Assembleia de Deus...a Universal na época...acho que nem estava...assim...com essa toda...toda força, né. Não ouvia falar muito. Daí nós fomos visitar. Quando esse amigo nos convidou, nós fomos para a Batista Brasileira. O convite era para a Batista Brasileira. Mas, como nós já tínhamos experiências anteriores, com relação a manifestação do Espírito Santo, pode ser classificada, depende...com o pentecostal...na Batista Brasileira não tem isso. Nós achamos que faltava alguma coisa. Meu marido resolveu visitar a Batista Nacional. Ela já tinha aquilo tudo que vivemos, que nós conhecíamos, tinha também essa questão da manifestação do Espírito Santo que nós cremos e achamos válido, temos experiências. Gostamos dela

Demandando uma formação familiar;
Querendo ser orientada;

Pensando o mundo; pensando a vida
Sendo orientada por valores;
Comparando as experiências;
Escolhendo o evangelho;
Justificando a escolha;

Relatando as experiências passadas com o
Espírito Santo;
Analisando o seguimento religioso;

e optamos por ela, porque ela proporcionava um ambiente muito parecido com nosso estilo de vida, nossas convicções, ela não tem usos e costumes como a Assembleia de Deus tinha na época. Hoje a gente sabe que a Assembleia também mudou pouco. algumas. Então, dava certas liberdades nesse sentido. Não nos colocava...”ah, tu tem que usar tal vestimenta, é proibido isso, é proibido aquilo” Até pelo conhecimento da Bíblia, que é a nossa regra de fé, nós entendíamos que não é o fato de eu me vestir de uma forma vai definir meu relacionamento com Deus, ou vou ser um pecador ou não serei um pecador. Serei salvo ou não serei salvo. A gente entendia isso. Na Batista nós encontramos essa liberdade, coisa que a gente já tinha experimentado com a Quadrangular. Não precisa ter “usos e costume”...a gente usa essa expressão...é a vestimenta, as regras, cortar cabelo, pintar a unha. Não é isso que vai definir se eu serei salva ou não. Também tinha um ambiente familiar. Essa comunhão familiar, essa integração com a família, tem atividades para as crianças, para adolescentes, todas direcionadas conforme as faixas etárias; os ensinamentos também mais próximos daquilo que nós entendemos da Bíblia, da palavra. Enfim, esse ambiente e mais próximo daquilo que a gente entende da Bíblia.

Entrevistador: Tu tinha falado que quase tomou contato com a Batista Brasileira...foi convidada, mas preferiu a Batista Nacional. Tu tem conhecimento no que elas diferem? Porque tu falou que eles não aceitam essa experiência do Espírito Santo. Tu tem conhecimento se é somente nisso que eles diferem ou tem algum outro elemento?

Entrevistado: Olha...total conhecimento, assim...muito afundo, eu

Crendo na experiência do batismo no Espírito Santo;
Sentindo-se familiarizada;

Explicando a verdadeira fé;
Explicando a verdadeira relação com Deus;

Tendo a liberdade;
Reconhecendo a liberdade;
Reconhecendo a verdadeira salvação;
Familiarizando-se com o ambiente;

não tenho. Acho que meu marido tem mais, porque eles estudam mais. Mas, até onde eu sei...seria esse o elemento chave. De diferença. Até, segundo eu lembro...entendo...as Batistas que têm a experiência com o Espírito Santo, elas saíram de uma Batista Brasileira. Ela não ‘é’ brasileira, porque isso iniciou nos Estados Unidos. É Batista Pioneira; Primeira Igreja Batista...os Batista...é...enfim os primeiros, né. Não tinham. Aí aconteceu essa movimentação, que a gente crê que é do Espírito Santo, houve uma mudança, uma chave girou, uma coisa mudou e essa experiência se tornou real. Muitos experimentaram essa experiência. Esses que experimentaram foram vistos pelos Batistas Pioneiros, como pessoas que não eram de Deus. Não aceitaram num primeiro momento...até hoje...hoje tem...tanto é que eles continuam sendo como são. Aí que nasce essa outra Batista que crê nas manifestações do Espírito Santo.

Entrevistador: A gente poderia dizer que eles não têm tanta liberdade quanto vocês para manifestar o Espírito Santo?

Entrevistado: Exatamente!

Entrevistador: Seria isso?

Entrevistado: Não é que eles não têm liberdade, eles não buscam experimentar isso. Não há essa oportunidade na igreja, até porque no que eles creem, eles chama de “um só batismo”. Nós somos batizados nas águas, esse é um batismo; e o outro batismo, que eles não têm, é o Batismo no Espírito Santo. O momento em que tu se abre para a manifestação do Espírito Santo, chamamos isso de “Batismo no Espírito Santo”. Tua iniciação.

Entrevistador: Tu consideraria eles um pouco mais rígidos?

Confirmando a ruptura teológica;
Relatando a força do Espírito Santo;

Descrevendo a dissidência;

Comparando as liberdades;
Comparando os batismos;
Demonstrando as diferenças;

Explicando o Batismo no Espírito Santo;

Entrevistado: São mais rígidos! Nesse tipo de experiência! Mas, com relação à costumes, hábitos...isso não.

Entrevistador: A doutrina é a mesma?

Entrevistado: É a mesma.

Entrevistador: De tudo isso que tu me falou, de toda essa tua experiência, toda essa tua trajetória em diversas religiões, teus questionamentos...obviamente que é uma experiência muito pessoal, muito subjetiva...mas, tu poderia me dizer, de uma maneira geral, o que tu consideraria de toda essa tua etapa até a tua consolidação nos Batistas Nacionais, o que mudou na tua vida? O que tu poderia dizer que “eu era antes...agora não sou mais”?

Entrevistado: É que a gente usa a expressão, assim...”estou convertida, estou me relacionando com Deus através de uma instituição religiosa”. Esse tempo que eu fiquei fora, esses 10 anos, eu experimentei outras religiões...muitas coisas é muito diferente. Não sei se entendi bem a tua pergunta, mas assim...aí entra a questão de tu estar se relacionando com Deus ou não estar te relacionando com Deus. Antes de decidir seguir, participar...ser um membro da Batista...eu não tinha esse relacionamento com Deus. É como a diferença entre sagrado e profano. Eu tô num campo sagrado. Aqui me proporciona muitos benefícios, em todos os aspectos da minha vida. Lá fora não tinha. A pessoa se sente...como eu vou te explicar isso...realmente é bastante subjetivo...não sei se vou achar as palavras certas...eu não quero entrar no palavreado acadêmico. Tu se sente perdido no mundo, tu se sente realmente perdido no mundo...as coisas não fazem sentido. É muito fácil tu não encontrar um sentido para a vida...não é que é muito fácil...tu

Reconhecendo a rigidez;
Afirmando existir rigidez;

Descrevendo as mudanças na vida;
Explicando as expressões;
Fortalecendo a relação com Deus;

Situando-se num campo sagrado;
Sentindo-se protegida;
Sendo orientada;
Percebendo o sentido do mundo;
Reconhecendo uma outra necessidade;

não encontra o sentido da vida. Tu busca coisas muito concretas, palpáveis do ser humano. Só que...nós precisamos de algo além. Além dessa coisa tão terrena. Porque? A pessoa que está convertida...vou usar a expressão “está convertido” e “não está convertido”. A pessoa convertida, ela tem princípios que vão nortear a vida dela, e esses princípios te levam a benefícios. Em todas as áreas da tua vida. Na área familiar, tu tem benefícios porque tu vai ter uma qualidade de vida. Familiar. Tu vai aplicar ali todos os ensinamentos que a gente tem. Conforme a palavra de Deus. O amor, a paciência, a bondade, enfim...todos aqueles valores...tu aplica. Tu, participando dos cultos e vivendo isso todos os dias, tu não deixa que isso fuja da tua mente. Tu estás todos os dias em contato e vai aplicando aquilo ali. Vai vivendo aquilo dali de fato. Tu tens um relacionamento familiar mais saudável, posso dizer que é bem mais saudável de quem não tem, porque tu aprende a conviver. A se relacionar com filhos; aprende a se relacionar...no meu caso, com o marido; e os outros familiares; tu aprende o temperamento de cada um...vai ter um jeito diferente de lidar com alguém mais calmo, mais introspectivo. Quando tu conhece melhor o outro, tu aprende a lidar, melhor o relacionamento. O casamento une duas vidas, com pensamentos diferentes, históricos diferentes, e como é que vamos passar uma vida juntos sendo um só? Os princípios das palavras de Deus vêm para nos ajudar. Tu vai entender que um dos dois não está tão disposto a alguma coisa ou está com uma opinião...visão diferente...tu tens que recuar, tu tens que aceitar, tu tens que ter paciência ou tu tens que incentivar. Esses detalhes no relacionamento te proporcionam uma

Sendo norteadas:

Guiando-se pelos princípios religiosos:

Buscando qualidade na vida;

Observando os cultos;

Observando as mudanças;

Melhorando os relacionamentos;

Aprendendo a conviver;

Sabendo lidar com as diferenças;

qualidade de vida. Mas, aí, entram também outras questões. Um dos motivos que pra mim foi buscar uma religião...foi para orientar os filhos. Porque nós sem termos algo que venha pra ti criar os teus filhos...orientar...por isso tem gente que diz que não quer colocar filho no mundo porque o mundo é muito cruel. Tem as drogas, tem isso e tem aquilo. Quando tu tem princípios, tu aplica esses princípios e não tem medo disso! Para criar os filhos isso proporciona...eu vou colocar pra eles esses valores, eles vão crescer entendendo esses valores, eles vão crescer entendendo que ser honesto é melhor do que não ser honesto; que benefícios terão sendo e quais consequências terão não sendo; respeitar pai, respeitar mãe; as pessoas...enfim...uma infinidade de coisas. Eles vão crescer entendendo isso e desenvolvendo outras coisas. Por exemplo, a igreja proporciona neles...gerar um espírito de liderança. Aqui tem grupos de jovens, sempre tem atividades e coisas que proporciona isso a eles. De buscar uma formação, uma formação para sua vida e...para se tornar um adulto saudável e próspero.

Entrevistador: Tu acredita que isso é um dos elementos que a igreja proporciona a fazer. O que mais a igreja estimula e o que ela não recomenda? Ou recrimina?

Entrevistado: Bom...acrescentando à todas essas coisas...os relacionamentos com as pessoas...aquela coisa...ser um cidadão de bem, fazer aquilo que tem que ser feito, a disciplina pra todas as coisas. o respeito, exercer a cidadania também...eles são estimulados. Tu é um cidadão, tu faz parte dessa sociedade, que mudança tu pode proporcionar...não só aqui dentro! Principalmente lá fora! Com os princípios que tu tem, com o entendimento que tu

Explicando as escolhas;

Desejando uma orientação para os filhos;

Qualificando o mundo;

Protegendo os filhos;

Moldando a criação;

Reconhecendo os benefícios;

Tendo uma formação;

Enumerando os estímulos;

Agindo sobre o mundo;

Ajudando as pessoas;

Orientando os outros;

tem, o que tu pode mudar lá fora? Onde, de repente, as pessoas não têm isso! Orientações. Eles são estimulados a fazer a diferença...a gente usa essa expressão “fazer a diferença lá fora”. Não em quatro paredes que eu vou mostrar os meus princípios cristãos! É lá fora! Com relação ao que a igreja não permite...na verdade a gente não diz que não pode. Não é permitido. São orientações, as escolhas são as pessoas que fazem. Por isso tu vai encontrar numa igreja pessoas que fazem as coisas erradas, segundo a visão daqui de dentro, quanto lá de fora. A igreja não tem pessoas perfeitas, porque nós temos o livre-arbítrio...eu posso entender que eu não posso fazer tal coisa...mas, de repente lá fora eu posso encontrar uma oportunidade e num momento eu decido fazer. É uma escolha minha. Então, não tem essa coisa “é proibido”. São orientações...isso não deve ser feito. Sempre com o entendimento da consequência.

Entrevistador: Recomendações?

Entrevistado: Recomendações! Por exemplo, bebida. É o que mais dizem...que vai entrar para a igreja e não pode mais beber! Não pode dançar, não pode se divertir e não pode ser feliz! Isso é um rótulo que se criou! Não é real! Porque tu vai orientar o jovem a não beber? A Bíblia diz “não vos embriagueis”. Não diz lá “não beba!”. A pessoa quando está embriagada, ela perde a noção do real e não consegue controlar o seu emocional. Isso vai trazer consequências, geralmente, ruins para ela. Pode brotar dentro dela....a raiva, o ódio e ela pode externar isso, machucar alguém. Ela já está com o físico debilitado...não debilitado...mas tu já não caminha mais com firmeza. Tu pode cair ou pode fazer coisas que não gostaria de fazer. Teu consciente não está 100%. Não

“fazendo a diferença”;

Reconhecendo a imperfeição da natureza humana;

Apontando as limitações do homem;

Entendendo as consequências das escolhas;

Explicando as recomendações;

Evitando o exagero;

tá sóbrio. A orientação é não se embriagar. Tu vai para uma boate, por exemplo, nossos jovens não são orientados a irem a uma boate. Pelo contrário. Melhor que não vá. O que tu vai querer lá? O que as pessoas vão buscar numa boate? A gente diz isso. Vai beber, pode ser influenciado por pessoas...é aquilo que eu te falei antes...é a escolha...eu sei que é errado, mas lá alguém faz uma proposta, uma oportunidade. Eu faço algo que eu posso não gostar, me arrepender depois. Que não vai trazer nenhum benefício para a minha vida, pelo contrário, pode ser uma consequência ruim. Lá fora...não sei...seja honesto? Mais no sentido de “ser”. A gente usa muito a palavra “seja um testemunho lá fora do amor de Deus, não o contrário disso”. Eles não têm...assim...proibições, mas essas atitudes erradas. Se um jovem, pessoas...falo muito em jovens porque eu tenho filhos adolescentes. Um adolescente e um que já é jovem para adulto. Eles são orientados a estudar, buscar sua formação profissional, ir atrás daquilo que é melhor. A gente sabe...que vivemos num sistema capitalista. Viver de poesia e amor...não dá! Seria muito bom! A gente procura orientar eles naquilo que é real, o mundo concreto. As dificuldade que eles vão encontrar e também as artimanhas do mundo, estratégias que o mundo oferece...que podem levar eles a consequências danosas, né. Enfim, para que eles sejam bem-sucedidos. O bem-sucedido vai do conceito de cada um. Para alguém pode ser um médico de alto...bem conhecido...para outro, bem-sucedido pode ser alguém que tenha um trabalho, que tenha uma remuneração, sustente a família...pra ele isso é bem-sucedido. Que a pessoa se sinta realizada enquanto pessoa! Não frustrada! A gente trabalha

Selecionado o melhor para a vida;

Sendo honesto;

Sendo realista;

Preparando para o mundo;

Trabalhando nos sentimentos;

Orientando as pessoas;

muito essa questão...do fazer para não se tornar uma pessoa frustrada.

Entrevistador: Tu tinha falado no livre-arbítrio...da possibilidade de escolha que temos. O que tu entende por liberdade e pela outra questão, que tu falou falou sobre a gente ser salvo...o que tu entende por salvação? O que são esses dois elementos?

Entrevistado: São duas coisas bem diferentes! Liberdade...livre-arbítrio...é...são conceitos difíceis. O livre-arbítrio...Deus...a gente entende...ele nos fez com uma liberdade de pensamento e de escolha. Eu posso ser orientada por alguma coisa, mas a escolha quem vai fazer sou eu! É nesse momento que eu estou exercendo o meu livre-arbítrio. Deus não nos fez...a gente usa a expressão..."não nos fez robôs". Todos pensando iguais. Aqui dentro vivemos debaixo dos mesmos princípios, as mesmas orientações...mas, somos diferentes. Temos visões de mundo diferentes. Concepções e coisas diferentes. Apenas há um norte...que nos orienta. Nossa identidade individual não é anulada. O livre-arbítrio vem para isso, para te dar "entre aspas", a liberdade de decidir. A Bíblia tem uma frase que a gente usa muito...resumindo ela..."tudo me é lícito, tudo me convêm". Eu tenho que pensar. Eu posso todas as coisas, eu posso fazer o que eu quiser; mas, eu tenho que lembrar que tem consequências. Será que tudo me convêm? Terei consequências...tanto da lei dos homens, quanto das leis de Deus. Então, eu posso todas as coisas, mas será que tudo me convêm? Aí que eu vou usar o meu livre-arbítrio. Não é fazer tudo o que eu quiser...é fazer a minha escolha. A minha escolha está atrelada à uma racionalidade. Eu vou fazer uma escolha, mas eu vou pensar.

Explicando o livre-arbítrio;
Reconhecendo as responsabilidades;

Racionalizando as variáveis; (?)

Entrevistador: E o que é a salvação? Como vocês definem ela?

Entrevistado: A salvação...é que nós cremos em todo um projeto de Deus. Deus fez o mundo, entrou o pecado e Deus fez um segundo plano. O objetivo inicial, original de Deus era fazer um mundo onde as pessoas vivessem num relacionamento direto com ele. Sem...”entre aspas”...o mal. Que a gente entende que é a ausência de Deus, mas que também é personificado. Ele atua nas nossas vidas. Por isso que eu tenho que estar fortalecida com esses princípios de Deus para não me deixar levar. Entrou o pecado, o homem decidiu...tem lá Adão e Eva...entrou o pecado e nos afastamos de Deus. Deus faz, então, um plano de retorno. De resgate.

Entrevistador: De reaproximação? Seria isso?

Entrevistado: De resgatar, de reaproximar. Desse retorno com o relacionamento com Deus. Vai se dar pelo sacrifício de Jesus Cristo. No momento que eu reconheço esse sacrifício, eu decido viver, segundo os princípios de Deus, eu estarei apto...digamos assim...a esse retorno, a esse resgate. Mais ou menos assim. Vai se dar quando? As pessoas as vezes perguntam...vai ser salvo aqui, enquanto tu está vivo, ou só depois da morte? Eu posso dizer...as duas coisas. Aqui, enquanto eu estou viva, eu aceitei Jesus, eu consigo viver sob esses princípios...eu já tenho “entre aspas” meu salvamento. Minha vida muda. Assim como eu tenho minha vida, tu perguntou antes, minha vida na igreja é uma coisa e os 10 anos que eu tive fora são bem diferentes. Eu era bem ruim. O ser humano sem Deus...eu posso te afirmar, eu tive essas experiências...é bem complicado. Nós, não conseguimos sozinhos encontrar um norte que vá te realizar enquanto

Explicando a salvação;

Apresentando o plano de Deus;

Apresentando a função do mal no mundo;

Sendo resgatada;

Reconhecendo o sacrifício de Jesus;

Preparando-se para o retorno;

peessoa. É algo interior, é algo bem subjetivo. Só tu vivendo essa experiência pra entender. Falar não faz ninguém entender, porque nesses 10 anos muitas pessoas vieram atrás de mim...”ah, porque tu não volta?”...enquanto eu não tiver decidida, querendo entender o que seria isso mesmo, eu vou voltar. Mas, então, a salvação se dá nesse sentido, mas principalmente, nós entendemos que ela se dá depois que morremos. A Bíblia tem como será isso, para um futuro, uma era vindoura, viver naquele plano original de Deus. O homem vivendo num mundo de paz. Que é o que todo mundo quer! O ser humano luta...tu vê bandeiras, manifestações, pelo o mundo inteiro, pela história do ser humano, o que ele buscou sempre? Paz. A salvação, então, é para esse retorno.

Entrevistador: Ela acontece no “aqui” e no “depois”?

Entrevistado: A salvação, ela vai acontecer depois. Segundo os princípios bíblicos e a doutrina. A crença no que nós cremos. Depois que eu morrer e não só depois que eu morrer, quando acontecer tudo que tem que acontecer. Jesus vai voltar, serão feitos novos céus e novas Terras, viveremos num outro momento...um retorno ao plano original de Deus. Deus fez um plano original, esse plano deu um problema...seremos depois que morrermos. Mas, eu entendendo que essa salvação também já se dá aqui. Eu sou salva de que? Porque eu estou aqui viva? Eu sou salva, principalmente, de ter uma vida sem significado. Eu já vivi uma vida sem significado. Agora, eu vivo uma vida religiosa que dá significado. É melhor buscar um significado. Eu já encontrei vários significados pela minha frente, pela minha vivência, muitas explicações,

Sendo salva;

Tendo a vida mudada;

Amparando-se em Deus;

Buscando um absoluto;

Encontrando um norte;

Entendendo a salvação;

Resumindo a salvação;

Acreditando num futuro melhor;

Projetando um novo mundo;

Buscando um significado para a vida;

muitas teorias e eu não tenho a mim. Pra mim essa é a minha convicção.

Entrevistador: Sobre o que tu tinha falado do mal, que ele é personificado e age aqui, como tu responderia...se ele age aqui, porque tu acha que existe essa disparidade entre as pessoas? Não só a nível monetário, mas outras coisas que poderiam vir de Deus. Por exemplo, numa pessoa religiosa que tem câncer, uma doença fatal; e outra que faz um monte de coisa, bebe, usa drogas, não tem nenhuma doença. Porque existe essa disparidade no mundo, essa má distribuição das coisas? Em relação aquilo que tu falou, sobre o plano de Deus.

Entrevistado: É que tu está colocando aí, o mal, o ruim, como o câncer...

Entrevistador: Não só isso...

Entrevistado: O câncer para uma pessoa pode ser a pior coisa que aconteceu para ela; para uma outra pessoa, pode ser uma outra coisa. Pode até ser a falta de significado na sua vida. Que vai abalar ela tanto quanto um câncer. Temos que pensar nessas diferenças. Tudo pode acontecer para todos! Nós estamos vivendo debaixo do mesmo sol. No mesmo planeta. Debaixo de circunstâncias parecidas em todos os aspectos. Tudo pode acontecer para qualquer pessoa. O câncer, vamos pegar esse exemplo ou qualquer outro...relacionamentos, filhos deficientes...acho que entendi a tua pergunta...como se fosse uma coisa do mal. Nem sempre tudo é do mal. Tudo pode acontecer, sendo a pessoa religiosa ou não. A diferença é de como lidar com essas adversidades. Vamos chamar assim. Isso varia de pessoa para pessoa, pois aqui dentro tu pode encontrar uma pessoa com câncer que não está sabendo lidar com a sua adversidade; tu pode encontrar outra

Sabendo lidar com as adversidades;
Lidando com os problemas;
Enxergando-se mais preparada;

que está sabendo lidar com a sua adversidade. Isso é muito pessoal. Normalmente, no geral, a pessoa que está dentro da igreja, que crê em Deus, ela vai lidar de forma mais fácil. Aceitar e lidar com essas coisas.

Entrevistador: Porque mais fácil?

Entrevistado: Porque ela...como ela crê, ela acredita que tem um Deus poderoso, que se quiser...não é imposto isso..."Deus tem que me curar!"...não é bem assim. Se, quiser ele pode te curar! Aí entra a questão da fé. A fé...pode chamar do nome que quiser, mas é uma força que vem de dentro....faz você acreditar que alguma coisa pode mudar. Tu pode crer que esse câncer pode ser curado, mas...é difícil responder isso pra ti...é claro que nós entendemos...que Deus vai me orientar ou vai me proporcionar a um tratamento correto, a buscar melhores médicos, a buscar recursos. A própria comunidade também serve para isso. Para ajudar uns aos outros. Quando estamos sozinhos, nós não conseguimos andar, não conseguimos pensar...nós precisamos uns dos outros. Um dá o suporte que tu precisa, não somente da questão financeira, mas, nos sentimentos, no conselho. Tem os pastores, os líderes que são treinados e tem mais experiência para te dar uma orientação, um conselho. Tu vai se sentir amparado. Tu vai crer que aquilo pode mudar, mesmo sabendo que...muita gente acha que o crente é ignorante...que o câncer é uma doença quase improvável a sua cura. A pessoa faz tratamento, quimioterapia, os exames e está tudo bem. Mas, a gente sabe que tem que fazer de 5 em 5 anos. Tudo pode voltar. Nós temos consciência de tudo isso. As pessoas olham...a gente tem consciência de tudo isso..."ah, ignorante...acha que Deus vai curar". Quem vai curar serão os médicos. Sim,

Tendo fé;

Crendo no poder de Deus;

Percebendo melhor as coisas;

Auxiliando os outros;

serão os médicos! Serão os remédios! Será a quimioterapia! Será a cirurgia! Precisa fazer tudo isso. Mas, dentro de mim tem algo diferente, algo positivo. Tanto esse apoio das pessoas, pessoas religiosas, familiar...minha estrutura familiar vai ser melhor...a probabilidade de ter uma estrutura familiar, estando dentro da igreja, é muito maior. Eu também sei que tem alguém, um ser superior que me auxilia nisso. Nesse momento eu coloco a questão da fé. Tem que ter fé. A fé...esses dias eu estava explicando para uma criança o que era a fé. É difícil tu explicar o que é a fé. Eu expliquei para ela, sem o palavreado bíblico, “crentês”, é como uma força que gera dentro de ti, tu precisa gerar ela dentro de ti. Tu gera essa força e ela se externa de alguma forma...pode chamar de energia, do que tu quiser...é uma força que sai dentro de ti e entra em contato com uma força superior. Ela retorna para ti de uma forma positiva. Mais ou menos isso, né. Algo que sai, externo, encontra e volta. Deus ouve as nossas orações e vai atender as nossas orações. Só trocar as palavras. O que acontece é a mesma coisa. A pessoa que não está em Deus, não tem tudo isso que eu te falei, é mais difícil. A gente vê que é mais difícil. Uma pessoa, por exemplo, que está com câncer, numa família desestruturada, sem apoio de pessoas, sem recursos, sem condições, sem uma perspectiva...é positiva da vida, de algo além, ela vai lidar com a doença de uma forma bem diferente. Essas são as diferenças. Mas, vamos ter problemas financeiros, vamos ter problemas de todas as naturezas que todo mundo tem no mundo inteiro. A diferença é como lidar com elas.

Entrevistador: Eu queria que tu explicasse um pouco mais...eu tinha te perguntado sobre o que tu conhecia da

Sendo realista;

Explicando a fé;

Apresentando as potencialidades da fé;

diferença entre a Batista Nacional e a Batista Brasileira. Tu considerou o elemento chave, fundamental, esse segundo batismo, essa experiência com o Espírito Santo. O que tu entende por essa experiência? Tu já teve? Poderia me explicar?

Entrevistado: Traduzir em palavras essa experiência...não sei se vou conseguir.

Entrevistador: Poderia me dar algum exemplo do que tu sentiu? Como se manifestou? Primeiro, eu gostaria que tu me explicasse o que é essa experiência. O que é esse segundo batismo?

Entrevistado: Olha...traduzir em palavras um sentimento é difícil. Não é bem um sentimento, mas é uma experiência que transcende o teu natural. Nas igrejas que não têm isso, eu já participei, inclusive na Católica, eu me sentia...diferente do que aqui. É uma coisa protocolar, fria, sem sentido. Esse relacionamento com Deus, de uma forma...palpável. Era mais uma comunidade com as pessoas. Com orientações, segundo a palavra, regras. São regras de viver, conhecer a história...é uma coisa muito simples. É protocolar...vou na igreja, vou encontrar as pessoas; tem a comunidade religiosa lá; é legal; os amigos; eu tenho o amparo; o suporte das pessoas; eu tenho conselhos; eu tenho as regras, segundo a Bíblia, o que eu devo fazer; como eu devo proceder e tal; canto; tem uma experiência com Deus; eu ofereço a minha adoração. Eu não tô conseguindo achar a palavra...dentro dessa experiência com Deus, com o Espírito Santo, é como se tu tivesse algo mais vivo dentro de ti. Mais...não é o emocional...é transcender o teu natural, aquilo que tu vê. É algo que tu não vê. Mas, que tu sente dentro de ti. Até no teu corpo...tu sente algo...é como uma

Reconhecendo a infabilidade da experiência;

Explicando a experiência com o Espírito Santo;

Sendo reavivada;
Sentindo-se reavivada;

lâmpada. Uma lâmpada vai ser uma lâmpada...ela tá apagada sem a manifestação do Espírito Santo. Com o Espírito Santo é como se tu acendesse essa lâmpada. Mais ou menos isso, sabe? Uma coisa que dá vida, tu sente...

Entrevistador: Ela te dá uma capacidade?

Entrevistado: Sim, ela te dá uma capacidade...tu te sente mais vivo! É como se tu desse um “up” na tua vida! Uma voltagem maior. Na tua fé, no ver Deus, nas tuas coisas, nas tuas concepções, é algo impressionante. Só vivendo. Não tem como traduzir em palavras!

Entrevistador: Essa experiência pode ser manifestar de diversas maneiras? Ou tem alguma maneira mais recorrente?

Entrevistado: Existe uma maneira mais recorrente...mas, cada pessoa tem suas diferenças. Vai da pessoa, né. Tem pessoas que são mais introvertidas, então elas sentem isso, elas vivem essa experiência...se tu olhar para elas, fisicamente, no momento que elas estão vivendo ali...tu percebe a diferença. Vai do temperamento da pessoa, as pessoas que são mais comunicativas, mais extrovertidas, mais explosivas...vão falar mais alto, vão cantar mais alto, vão expressar, vão falar para as pessoas, vão adorar Deus e falar com Deus. Uma expressão mais visível. Externar. Outras menos...Na Bíblia, tem também a questão do “falar em línguas”.

Entrevistador: O que é o “falar em línguas”?

Entrevistado: Falar em línguas...tu esboça palavras que tu não conhece. Tu não sabe o significado delas. São palavras estranhas.

Entrevistador: Não é um idioma comum?

Tendo capacidades;

Entrevistado: Não é um idioma comum!
Há quem diga que tu fala em outros idiomas, mas eu não conheço idiomas assim. Nunca ouvi falar. Hoje com as tecnologias do mundo global, globalizado...eu não fico falando em aramaico...até dizem que existe isso, mas eu não vi. Nas minhas vivências é uma língua estranha. Ela brota dentro de ti. Naquele momento. Tu acaba externando. Tu não está inconsciente nem em transe, como muita gente fala. “Ah, está em transe!” A gente considera uma equilíbrio, não vou sair “saracoteando”, virando de ponta cabeça, tem gente que faz expressões. A gente expressa isso em palavras, falando em línguas, não são todas as pessoas. Conforme teu nível de experiência com Deus. Nesse momento que tu está falando em línguas, tu está consciente. Mas é uma sensação tão boa...tão única...tão pessoal...a Bíblia fala que esse momento...aí entra outra questão...nós somos uma alma, cremos assim. Uma alma...não...nós somos um espírito que tem uma alma e que habita no corpo. O nosso espírito que é, digamos assim, a parte de Deus...a carne é uma coisa física, material. A alma já é a questão da tua mente, do teu cérebro. Teus sentimentos, tuas emoções. Tua racionalidade. O espírito é a parte do transcendente...nós cremos que nós somos compostos por esses três elementos, num só. Nesse momento de falar em línguas, se entende que o meu espírito está se relacionando com Deus. A gente entende, segundo a Bíblia, que eu estou sendo fortalecido. Tu realmente se sente mais forte. Tu fica melhor...sei lá...não tem palavras para expressar isso.

Falando em línguas estranhas;

Fortalecendo-se;
Melhorando a vida (?);

Entrevistado 05 (18/09/2017)

Entrevistador: Eu gostaria de saber a tua idade?

Entrevistado: 51 anos.

Entrevistador: Há quanto tempo tu é membro da Batista Nacional?

Entrevistado: Da Igreja Batista...99...então há 18 anos.

Entrevistador: Antes da Batista Nacional tu já passou ou esteve em outra denominação? Alguma outra religião?

Entrevistado: Sim...religião, várias.

Entrevistador: Quais? Tu pode me citar?

Entrevistado: Comecei com a Católica até os 12...13 anos. Depois entrei no Budismo e fiquei uns 15 anos...aí depois eu tava...

Entrevistador: Sem religião?

Entrevistado: Sem saber o que fazer...na verdade eu vou te dizer...eu não conhecia Cristo. Como eu digo! Eu me batizei, tô aqui há 18 anos...me batizei no Paraná. Que eu entrei...para me tornar discípulo de Jesus. Isso foi em 98. Eu já estava morando em Santa Maria, mas eu não estava aqui.

Entrevistador: Quando tu se batizou lá no Paraná, foi numa denominação Batista?

Entrevistado: Metodista.

Entrevistador: O que te fez trocar de religião e ficar aqui na Batista?

Entrevistado: O que aconteceu...fui pra lá, eu ia na igreja...naquela época. Eu vim pra cá em 97. Eu acho que em 95, 96 eu ia na igreja. Ouvia falar, mas não tinha um compromisso. Eu queria só o que tinha de bom lá. Ia, gostava, me fazia bem...eu achava que era legal, mas saia dali e as coisas não mudavam muito. Não tinha um

Sentindo-se perdido;

Buscando uma orientação;

Dimensionando seu engajamento;

compromisso com aquilo. Era um simpatizante, vamos dizer assim. Em 98 eu fui...tava morando aqui já...morava em Passo Fundo. Minha mãe ficou doente, teve um AVC, e eu retornei para o Paraná. Me ligaram..."vem ver a tua mãe antes que ela morra!". Cheguei lá, ela estava no hospital, conversei com ela...tava bem até...voltei. Chamei uma mulher para orar para ela. Orar pela mãe, não sabia se ia morrer ou não. Fui lá nessa Igreja Metodista que eu ia. Perguntei para a mulher se ela iria, ela foi e tal...orou pela minha mãe. A gente conversando, eu disse que tinha vontade de me batizar. De ter um compromisso maior. Eu via o batismo como uma aliança, um compromisso. Ela disse..."porque tu não se batiza?"...eu falei..."como é que eu vou me batizar? Tem que fazer um curso!" Não tinha tempo para isso...não vou. Não deu certo. Ela falou que a hora era agora. Me perguntou se eu queria, eu respondi que sim. Então ela me disse que ia ter um batizado domingo e era pra eu falar com o pastor. Fui. Cheguei lá, me batizei...ele me perguntou se eu queria conversar com ele, mandou eu ir segunda-feira no gabinete dele pra conversar. Fui já pensando no que ele iria me falar. Já fui meio preparado. Eu disse que já sabia o que ele iria me falar e tal. Disse que iria procurar uma Igreja Metodista lá. Vou continuar no Metodista. Ele virou pra mim e falou..."não era isso que eu ia te falar! Eu ia falar para você procurar uma igreja, desenvolver a tua fé...mas, não procure uma placa de igreja. Procure uma igreja onde o centro seja Cristo. Eu não vim aqui para formar discípulos para a Igreja Metodista. Eu vim ganhar vidas para Cristo." Esse é o evangelho. Não é buscar a placa de uma igreja, mas buscar viver aquilo que Cristo ensinou. Foi o que eu fiz. A princípio eu

Querendo aumentar o seu compromisso;
Desejando uma maior devoção;

procurei por uma Igreja Metodista. Mas, não me adaptei muito. Acabei visitando aqui e fiquei.

Entrevistador: Ficou por causa dessa centralidade em Cristo?

Entrevistado: Exatamente! Seguindo a orientação do próprio pastor de lá...

Entrevistador: De uma maneira geral, o que tu poderia dizer, ao longo dessa tua trajetória, que mudou na tua vida? O que tu era antes e que agora tu não é mais? O que tu não era e agora é?

Entrevistado: O que eu busco ser, né. Mudou toda a minha vida. Me deu uma razão de viver. Primeiro, eu sentia um vazio dentro de mim que nada preenchia. Eu ia...até certo tempo era legal, mas por si só não era legal. Não parava em pé. O budismo centrava muito em você, mas...eu orava quase 3 horas por dia, sem saber o que eu estava falando. Uma língua sânscrito, buscando um objetivo próprio. Um egoísmo muito grande, olhando as coisas somente para ti. O que eu busco? Eu mentia e procuro não mentir mais; eu andava com várias mulheres e procuro não andar mais; eu não queria uma família e agora eu sei a importância de uma família; não que eu não queria ter uma família...não me achava limpo o suficiente para ter uma família.

Entrevistador: Além dessa questão de ter uma família, tem alguma coisa que tu mudou? Que tu nunca imaginou que iria mudar?

Entrevistado: Eu te digo assim...são pequenas coisas que mudam na tua vida, não são coisas grandes. No meu modo de ver, entendeu? Pequenas coisas que tu trabalha todos os dias...é que vai te..."Tu viu o que tu fez ali, cara?" "Tu mentiu e não foi legal!" Tu não está se

Buscando ser uma pessoa melhor;
Dando sentido para a vida;

Refletindo sobre a vida;
Reconhecendo a importância da família;

sentindo bem...é porque você tem que consertar. Vai lá e conserta! Enfrentar os próprios problemas e não se omitir deles. Não se perguntar se todos fazem aqui, mas se perguntar se Cristo faria isso. Ele faria o que no teu lugar? Eu procuro levar minha vida pautada nisso.

Entrevistador: Em pequenas coisas que no futuro se tornarão grandes coisas?

Entrevistado: Assim...o que eu vejo.

Todos os dias tu tem que tomar decisões. Cada decisão que tu tomar vai ter uma consequência. Eu pergunto...se fosse Cristo ele faria assim ou faria assado? Ele daria um murro ou daria a mão? Eu procuro fazer assim.

Entrevistador: Sempre pensar em todos os atos?

Entrevistado: Vivendo e não mostrando as coisas pra quem está ao teu redor, mas como você tem uma dívida de gratidão com Deus. Ele está em todos os lugares e vê todas as coisas. Quando você sai da vontade de Deus, cai no teu próprio destino, cai na tua própria sorte...quando você faz as coisas de Deus ele enfrenta os teus problemas. É nisso que eu creio.

Entrevistador: Desses teus 18 anos de Batista Nacional, o que ela te estimula a fazer, continuamente, e o que ela não recomenda ou recrimina?

Entrevistado: A igreja não te permite nem te proíbe a fazer nada. Você que escolhe o que tem que fazer. Aliás, a religião, na minha maneira de ver, não é uma coisa boa. Religião é uma coisa ruim. A religião te coloca um monte de regras..."isso pode, isso não pode". Deus na palavra dele não traz isso. O que me leva estar na Batista Nacional hoje? É exatamente aquele conselho que os pastor me deu quando eu me batizei. "Você não

Racionalizando a vida;

Agindo eticamente;

Comparando a vida de Cristo;

Projetando as possibilidades;

Sentindo-se endividado;

Fugindo das contingencias (?);

Buscando consolo;

Admitindo a responsabilidade;

Afirmando sua liberdade;

tem que olhar a placa da igreja, você tem que olhar para Cristo!”. Onde você ver a vida de Deus naquele lugar...não que não tenha falhas, não tem problemas. Claro que tem! Mas, é viver conforme a vida de Deus. Para que você possa saber essas coisas, tem que conhecer mais Cristo. É igual a um casamento, como é que você vai poder agradecer sem conhecer ela? Se relacionando. É nesse relacionamento com Deus que eu vou conhecer ele. Como eu vou saber mais? Eu vou me relacionar, buscar, aprender, ouvir...eu fazendo um monte de coisa...não ouvindo o que ele está me falando? Por onde que eu devo ir?

Entrevistador: De uma maneira rígida...tu diria que não há proibição nem estímulo? O que tu diria?

Entrevistado: Cara, existe...vamos colocar numa linguagem assim...por exemplo, tu tem uma *Iphone*. É a *apple* que fabrica esse celular. Ele tem um manual. Se você colocar esse celular dentro de um balde com 5 litros d'água, você pode colocar? Não pode? Tá escrito lá que você pode fazer isso? Mas, tu pode fazer! A tua vida é a mesma coisa. Deus criou o homem, deu a palavra de Deus para que você possa saber o que você deve ou não deve fazer. Por mais que a gente ache que sabe...eu tô cansado de ver gente achando que sabe, quebrando a cara como eu quebrei durante 32 anos...e ainda tem dificuldades. Mas, quando aparece a dificuldade, eu sei a quem recorrer. Ele não te obriga a não mentir, não matar, não adular...não te obriga! Mas, se você quiser ter uma vida próspera e abundante...então siga esse caminho! Eu me lembro da primeira vez que eu fui procurar uma igreja, minha namorada estava grávida. Pensei no que eu iria fazer...”caso ou não caso?” Fui num padre, fui no budismo, fui no cara do

Olhando para Cristo;
Vendo em Cristo um modelo a ser seguido;
Vivendo uma vida regrada;

Compreendendo o outro;
Relacionando;
Aprendendo;

Recorrendo a Deus;
Sabendo lidar com os problemas;
Seguindo um caminho;

seicho-no-ie e por último...que eu relutava muito, fui num pastor. Ele me perguntou...*”tu conhece Cristo?”* Eu disse que conhecia! Cristo é o filho do Deus que veio para essa Terra como homem e entregou a vida dele para que eu fosse salvo. Depois ele me perguntou *“se eu já tinha ouvido a voz dele?”* Não. *“Tu já sentiu o toque dele?”*. Não. Ele falou...*”então tu não conhece Cristo!”*. Tá errado o que você fez (sobre a gravidez), tu vai ter que assumir a culpa do que você fez, mas se tu for casar ou não, essa escolha é tua! Se, tu vai querer viver com ela ou não, você decide! Não estou preocupado com o que você fez, mas estou preocupado com o que você vai fazer! *“Agora, se você quiser aprender a ser um homem justo, saber agradar uma mulher, que forme uma família, que tenha filho e que seja próspero...então tu venha aqui que eu vou começar a te ensinar!”* Fazer de acordo com a palavra de Deus. Coisas simples. A gente não tem o direito de estar culpando fulano ou ciclano...você tem que procurar conhecer esse Deus.

Entrevistador: Eu gostaria que tu me esclarecesse...sobre ser próspero. O que tu entende por prosperidade?

Entrevistado: Prosperidade para mim é ausência de necessidade. Isso é prosperidade. Ser próspero não é ter um monte de dinheiro no banco, próspero é desfrutar daquilo que você tem com qualidade. Qualidade de vida. Não está somente ligado ao dinheiro. Dinheiro até é importante, é bom ter dinheiro. Agora, limitar a tua felicidade ao dinheiro, tu é um miserável. Prosperidade é desfrutar do que você tem. Ter uma esposa, se sentir bem perto dela, gostar dela, ter filhos que te respeitem, que queiram ficar juntos contigo. Ter uma trabalho onde você não fique devendo nada para ninguém, não ter

Explicando a prosperidade;

Prosperando;

Tendo qualidade de vida;

Desfrutando das coisas;

que atravessar de rua porque você está devendo para todo mundo. Isso pra mim é prosperidade.

Entrevistador: Dentro da Batista Nacional, o que tu entende por liberdade...

Entrevistado: Existe um estímulo sim...ele não te obriga a fazer, mas fazer a coisa certa pra ti não errar. Porque ele faz isso? Se não fizesse, não teria sentido...

Entrevistador: Entendi. Sobre isso...por esses dois elementos, pela ideia de liberdade e de salvação? O que é isso para ti?

Entrevistado: Liberdade é ter o direito de escolha. Eu tenho a liberdade para ir agora no Banco do Brasil com um 38 na cintura e fazer um assalto. Seu vou ser bem-sucedido ou não, não importa! Eu tenho a liberdade para fazer o que eu quiser! Agora, nem todas as coisas me convém. Porque? Porque eu sei da consequência que isso trará na minha vida! Ao invés de ter a proteção de Deus sobre a minha vida, eu vou estar exposto. Não porque Deus é mau...mas, porque eu escolhi estar fora da proteção de Deus.

Entrevistador: E o que é ser salvo? O que é salvação?

Entrevistado: Ser salvo é conhecer Cristo. O único caminho que leva a salvação. O único caminho que leva a Deus é Cristo. É você com a tua boca...confessar e com teu coração crer.

Entrevistador: Esse caminho é único ou existem etapas?

Entrevistado: Ele é um caminho único. Mas, por isso que existe a Bíblia, o manual. Ela explica como é que você tem que fazer. A Bíblia é como se fosse um sinal de trânsito..."vai ter uma curva para

Explicando a liberdade;
Escolhendo o que quiser;

Explicando a salvação;
Sendo salvo;
Crendo em Cristo;

Guiando-se pela Bíblia;

a direita, se você for reto, você vai morrer”.

Entrevistador: Como tu responderia, com base em tudo que tu falou, porque existe a disparidade entre as pessoas? Não somente porque algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras. Mas, em geral, por exemplo, porque uma pessoa religiosa acaba adquirindo uma doença fatal e outra que não é religiosa, é saudável? Com base nessa ideia do plano de Deus, porque existe essa má distribuição?

Entrevistado: Primeiro...como eu te falei lá no começo...religião não te garante salvação. Tu pode pegar a tua carteirinha de Batista Nacional...e quando morrer pedir para ver Deus. Porque tem a carteirinha..isso não vai te dizer nada. Tem muitas pessoas, infelizmente, que andam no bolo. Não sabem a sua identidade. Estão ali porque está todo mundo ali. Na verdade, o que vai fazer a diferença é a tua vontade de buscar Deus. Tua decisão de conhecer Deus, de se relacionar com Deus. Não basta você estar no bolo. Você tem que ter um relacionamento pessoal com Deus, tanto que...você perguntou sobre a salvação, na minha maneira de crer, ela é pessoal. Eu não posso salvar você por mim! Tu tem que entender do que eu estou te falando e tomar uma decisão...”puxa, eu quero!”

Entrevistador: Desejar ser salvo?

Entrevistado: Desejar ser salvo! “Senhor, me arrependo dos meus pecados e entrego a minha vida para ti!” “Escreve meu nome no livro da vida!” E a partir desse momento, tomar as decisões que Cristo tomaria. Mas, daí, tem gente que é mais próspera do que outras...isso é um fator! Tem gente que nunca teve compromisso com Deus...vai estar sempre murmurando, sempre reclamando; e tem

Sendo realista;

Tendo vontade;

Desejando buscar a Deus;

Comprometendo-se com a palavra;

aqueles, que tem compromisso com Deus e vão passar por uma doença, vão passar por uma crise financeira, vão passar por diversas coisas. Mas, a diferença é que...quando você tá com Cristo, Deus não tira a paz. O que é a falta de paz? A paz é ausência de necessidade. Você está no meio do furacão...teu coração está em paz. Tu confia e Deus cuida. Nem tudo a gente sabe, né...tem gente que morre antes, tem gente que morre depois.

Entrevistador: Com toda essa trajetória religiosa...tu tens algum contato ou tomou algum contato com a outra Batista...a Batista Brasileira?

Entrevistado: Muito pouco!

Entrevistador: Tu saberia me dizer qual a diferença entre eles e vocês?

Entrevistado: Então...macro, né!? Tem algumas coisas...sabe? Tipo, a experiência do Batismo no Espírito Santo que é você receber o dom do Espírito Santo, falar em línguas. Os Batistas Brasileiros não andam muito por esse caminho. Não creem muito nisso. Foi numa época e pra nós...não, né. Uma coisa viva. Tem algumas diferenças...

Entrevistador: Alguns elementos?

Entrevistado: Sim...mas, não...não...

Entrevistador: Não chega ser ao contrário!?

Entrevistado: Muito pelo contrário...não determina. Porque, quando você fala...o crente é irmão, né? Aqui é filho de Deus. Quando você é filho do mesmo Deus...na minha maneira de ver...não vai impedir você de ser salvo. Se você crê no Batismo do Espírito Santo ou não. “Ah, então tu não vai ser salvo!” A salvação vem por Cristo e se você entender quem é Cristo, o sacrifício que ele fez para que nós pudéssemos voltar...para o Pai...ah...é isso.

Explicando as diferenças teológicas:

Entrevistador: Mas, o que é o Batismo no Espírito Santo para ti? O que é essa experiência?

Entrevistado: O Batismo no Espírito Santo é...quando você é batizado, a gente fala “vai nas águas”...é um sinal de aliança pública que você faz com ele. Fala diante de várias testemunhas, ter uma aliança com Deus. É uma aliança...você mergulha na água...o Espírito santo passa...passa a fazer parte de você, entrar em você. A gente sem Jesus está morto, mas quando você aceita Cristo...o espírito passa a viver em você. O Batismo no Espírito Santo seria mais ou menos assim...ao invés do Espírito Santo estar em você, você vai mergulhar no Espírito Santo. É você ter algumas experiências sobrenaturais...o que a gente...não tem como...

Entrevistador: Não conseguiria explicar?

Entrevistado: Hum...vários dons, por exemplo, falar em línguas é um...um dom

do Espírito Santo...você fala uma língua que não é conhecida.

Entrevistador: Não é um idioma comum?

Entrevistado: É uma língua de anjos. A mesma que se fala no céu. Aí quando você fala...as pessoas não entendem o que você está falando. Nem você. Na maioria das vezes, não! Mas, aquilo edifica a tua oração com Deus. Tem outros dons também, tem pessoas que têm o dom do Espírito. Elas conseguem traduzir o que a pessoa está falando. Dons de palavras de conhecimentos. Relatos de pessoas...assim...”eu acordei de madrugada, sabia que alguém que eu nem conheço estava num navio, em tal lugar...estava passando uma necessidade...uma tormenta...fui levado a

Detalhando o Batismo no Espírito Santo;
Sendo habitado pelo Espírito Santo;

Mergulhando em experiências
sobrenaturais;

Relatando as experiências;

orar, e depois ele recebe a notícia que aquilo aconteceu”. Tem palavra de sabedoria, você dar uma direção ou um dom de fé...entra muita coisa.

Entrevistador: Tu diria que essas experiências “faladas”, difíceis de serem faladas, são experiências pessoais, mesmo?

Entrevistado: Sem dúvida! Dentro da igreja...com 10 pessoas, talvez você vai ter um que nunca teve experiências...outro que tem experiências até demais...

Entrevistador: Tu já teve essas experiências?

Entrevistado: Já, já.

Entrevistador: Poderia me descrever...uma...o que tu sentiu? O que acontece?

Entrevistado: Assim...eu vou te dizer...a cereja do bolo. O cara entrar...buscando Cristo por causa disso...é muito pouco, é muito vazio. Na minha opinião, o que muda na tua vida é o que faz diferença. Você não mentir mais. Mentia, não mente mais! Roubava, não rouba mais! Se prostituía, não se prostitui mais! Não pela força do teu braço, mas porque isso te faz bem. Essas experiências...eu já tive a oportunidade de ter visões...coisas...celestiais...falar em línguas, com frequência...vários desses tipos de experiência.

Entrevistado 06 (25/09/2017)

Entrevistador: Qual a tua idade?

Entrevistado: 30 anos.

Entrevistador: Há quanto tempo tu é membro da Batista Nacional?

Entrevistado: Na verdade eu era de outra Batista Nacional...

Entrevistador: Outra? Aqui em Santa Maria?

Entrevistado: Nós somos quatro Batistas Nacionais. Eu era da Batista Filadélfia, na rua Silva Jardim. “Me converti”...um termo nosso...em 2001. Fiquei até 2009...depois fiquei durante um ano “perdido”, “desviado”. Em 2010 voltei para a Batista Nacional.

Entrevistador: A Batista Filadélfia faz parte da convenção...da Batista Nacional?

Entrevistado: Isso! As igrejas têm as...denominações, né. A Assembleia de Deus, a Quadrangular e a Filadélfia (exemplo). Então tem a Batista Filadélfia; a Batista Ágape; a Batista Nacional e a Batista Santos. São quatro que participam da convenção.

Entrevistador: Antes de se converter em 2001, tu participou de outra religião?

Entrevistado: Sim, eu participava do Catolicismo e era da Umbanda.

Entrevistador: O que te levou sair dessas religiões para escolher a Batista?

Entrevistado: No Catolicismo...o que me incomodava era, justamente, esse sincretismo religioso. De alguma forma era ao contrário do que era falado. Também, eu sempre fui muito questionador, eu tinha perguntas que nunca eram sanadas. Eu lembro que a minha primeira dúvida no Catolicismo, durante a catequese, a professora tinha pedido para eu pegar...para a turma...achar o “Pai Nosso”

Explicando um termo evangélico;
Ficando sem religião (?); sem Deus (?);

]

Apresentando os segmentos Batistas;

Relatando as religiões progressas;

Incomodando-se com o sincretismo católico;

Observando contradições;

Questionando a mensagem religiosa;

e a “Ave Maria” na Bíblia. Eu achei o “Pai Nosso”. Mas, a “Ave Maria”...eu remei para a achar e não achei. Durante a aula...eu perguntei “Mas, não tem a Ave Maria?”. A professora disse que tinha e depois me mostrava. Claro...não era um equívoco da instituição, e sim do professor. Tem que separar isso. Por exemplo, eu era Umbandista e também coroinha da Igreja Católica. Apesar do Catolicismo ser algo salvífico e a Umbanda ser de um teor diferente, eu não entendia como as duas poderiam andar juntas, porquê os nortes eram diferentes. A minha mãe é ainda “Mãe de Santo”, eu atuava com ela no terreiro, trabalhava com ela no terreiro. Uma vez, um rapaz me fez um convite...porque até na época, na Igreja Santa Catarina que eu participava, não tinha grupo de jovens. Hoje a Igreja Católica tem bastante grupos de jovens. Na época não tinha. Meu vizinho me convidou para participar...”*Tem grupo de jovens lá! Quer ir?*” (referindo-se aos Batistas). Eu acabei aceitando...”*Vamos fazer o seguinte...eu vou sábado contigo lá, e tu vem domingo comigo aqui!*”. Ele topou! Eu comecei a ir na Batista Filadélfia, tinha um grupo de jovens grande, e comecei a gostar, tinha um ambiente mais atrativo, eu sentei com o pastor e aluguei ele durante dois dias...com bastante dúvidas, ele me sanou cerca de 97% das dúvidas. Me esclareceu bastante coisa que na cosmovisão dele era diferente, fazia mais sentido. Cheguei para o padre e falei...”*tô entregando as minhas roupas, estou indo para uma outra igreja, uma Igreja Evangélica que eu achei com mais sentido, mais legal!*”. Cheguei para falar com meus pais...e já foi um pouco diferente. Foi bem estranho...

Entrevistador: Houve uma resistência?

Compreendendo as diferenças;
Relatando as diferenças;

Sanando as dúvidas;
Esclarecendo as dúvidas;

Mudando de religião;
Ingressando em outro segmento;

Entrevistado: Houve uma resistência grande, né. Conversei com ela, fui liberado...mas depois com o tempo surgiu algumas coisas. Proibições. Mas, dentro do catolicismo evangélico que eu estava participando, vendo um sentido de vida mais palpável, que explicava algumas coisas que aconteciam dentro da Umbanda, me fez mais sentido. Eu tinha 14 anos.

Entrevistador: Dessa tua experiência, obviamente pessoal, o que tu poderia dizer, pensando no “teu antes”, vamos dizer assim, antes de se consolidar como membro da Batista Nacional, o que mudou na tua vida? O que tu diria...”eu era assim e agora não sou mais” ou “não era e agora sou”?

Entrevistado: Bem...eu não afirmaria muita coisa à estrutura da Batista. Mas, a estrutura do Cristianismo. Eu era uma criança pobre, minha família era pobre. Carregava livro com “saquinho”, ía com um tênis de cada tipo. Na verdade, teve uma professora que foi um diferencial na minha vida, ela me deu uma oportunidade que mudou a minha vida. Mas, igual...eu sempre sentia que faltava algo...eu sentia uma coisa estranha, o que hoje em dia falamos em “vazio”...

Entrevistador: Tu sentia isso no Catolicismo e na Umbanda?

Entrevistado: Isso! Na Umbanda eu ainda sentia isso. Porque, na Umbanda...eu tive muitas experiências de ver coisas sobrenaturais. Eu vi pessoas levitando...coisas que parecem alucinantes. Meu modo de questionar me tornaria um ateu. Tanto que eu questiono a minha própria filosofia de vida hoje. Se, eu não tivesse passado pela Umbanda, eu seria ateu. Lá...me fez ver coisas que comprovam...subjetivamente...a existência

Tendo um sentido de vida mais palpável;
Apreendendo melhor as coisas;

Mudando a vida;
Completando o vazio;
Sentindo-se completo;
Ganhando um sentido para a vida;

Relatando experiências sobrenaturais;
Refletindo sobre si mesmo;
Questionando a própria vida;

do sobrenatural. Só que ainda eu tinha esse vazio. Eu percebia que faltava para mim algo no espiritual. Eu percebia que no físico...eu poderia ser pobre e ter necessidades, mas a minha preocupação era sempre...“Cara, o que eu estou construindo?” Eu via todo aquele sobrenatural...eu estou construindo alguma coisa para depois. “Quando eu morrer”...era a minha mentalidade...”Quando as pessoas morrerem, elas não vão para um lugar que elas imaginam!” “Tem que ter um absoluto!” Alguma coisa tem que ser absoluta, verdade após a morte. Minha preocupação foi descobrir qual era. Até a Umbanda, de alguma forma, aponta essa verdade absoluta. Eu percebi que estava no caminho errado! Quando eu comecei a frequentar a Igreja Evangélica (Batista Nacional), eu percebi que lá tinha essas respostas...mas não por eles, pelo que eles expressavam...

Entrevistador: Tu diria que de uma determinada maneira eles faziam tu refletir sobre aquilo ao invés de dar as respostas?

Entrevistado: Exatamente! Tanto que hoje eu sou um líder da Batista Nacional, eu sou líder de um grupo na UFSM que se chama “Farol”. Eu acho isso muito fantástico...não dar as respostas para as pessoas, mas fazer elas pensarem. Tu fazer ela questionar! Inclusive o que ela acredita. Procurar evidências do que ela acredita. Eu era, até certo ponto, marginalizado. Eu era coroinha, mas meus primos...esse era o meu “lado negro da força”...os meus primos, como eu me criei com eles...ou estão presos, ou estão mortos, ou foram caçados...acho que só tem um de boa. A minha mentalidade começou a mudar também. Tem duas coisas que eu lembro...a primeira coisa que

Revedo os planos;

Desejando um absoluto;

Imaginando a existência de vida após a morte;

Preocupando-se em saber;

Recebendo as respostas;

Sendo instigado a saber;

Descobrimo as coisas;

Ajudando as pessoas;

Questionando as crenças;

Procurando evidências;

eu li...falava do “*Amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo*”. Minha mãe teve um aborto antes de eu nascer...eu nasci com atrofia e o médico me deu três meses de vida, porque eu tinha muitos músculos atrofiados ao ponto deles não conseguirem crescer. Essa foi a primeira parte que eu fiquei sabendo da minha vida...após crescer. Me fez pensar esse “sentido”, porque eu me desenvolvi, fui contrário ao que o médico tinha falado. Era algo que me fazia pensar bastante. Também...eu sofri muita rejeição durante a minha infância. Meus queriam me pegar para criar, minha mãe queria me dar, depois que me converti eu fui expulso de casa quatro vezes. Eu não era uma criança muito bonita...agradável de se ver. Não tinha convívio com as outras crianças porque a minha mãe me isolava. Minha mãe também era meio relapsa com a minha higiene. Isso fez ter uma série de rejeições. Na época da minha vida que eu frequentava boates, eu tinha problemas em chegar numa menina e perguntar se ela queria ficar comigo. Eu tinha aquele “problema do não”. Eu tinha, também, o problema de dizer não para as pessoas. No Cristianismo, eu comecei a ver essa coisa moral do comportamento. Eu consegui reagir...consegui entender como se situar. Entender que havia um propósito em mim, que não era ao acaso, que respondia algumas coisas da minha vida, consegui tratar essa coisa da rejeição a partir dos preceitos bíblicos. Comportamento bíblico. Mas, eu percebo que a Igreja Batista é interessante na minha vida porque ela me mostrou líderes. Com esse entendimento, com o papel que eu faço hoje, me deu líderes que me ajudaram muito. O meu primeiro líder me ajudou demais. Me ajudou...dizia para eu obedecer meus pais...ele era alguém que me ouvia e sabia

Teodiceia da boa sorte (?);
Buscando uma justificativa;

Reagindo aos problemas;
Entendendo um propósito;
Sentindo-se completo;

Observando líderes;
Sendo aconselhado;

me dar norte. Um outro pastor, me acolheu uma das vezes que fui expulso de casa, durante seis meses. Promoveu o aconselhamento...para voltar para a casa da minha mãe, mesmo ela sendo Umbandista. Depois que eu saí de casa...ficou mais fácil para ela. Ela sempre falou que a igreja, mesmo ela sendo do contra, nunca feriu à ela. Quando ela estava meio louca, como ela dizia, ela me acolheu e soube me tratar (sobre a igreja). O que a estrutura da Batista Nacional me deu naquela época foram líderes, pessoas que souberam me ajudar. Hoje na IBN...eu tenho uma estrutura consideravelmente maior que a Batista Filadélfia...essa estrutura me dá esse suporte.

Entrevistador: O que tu me diria sobre a Batista Nacional...o que ela te estimula ou recrimina em fazer?

Entrevistado: Sendo bem sincero...a Bíblia...para nós cristãos...é absoluta. Mas, tem situações nela onde a interpretação é relativa. Por exemplo, ela dá tanto argumento que Deus é um e três ao mesmo tempo. Nisso a gente vê as diversidades de linhas teológicas. Chama-se teologia de antinômio. A gente entende que algo é absoluto. A questão é trabalhar no conhecimento para descobrir isso. Dentro desse entendimento, cada igreja acaba tendo o seu entendimento...o que realmente ela fala. O que a Bíblia fala é ambíguo. Como não temos...como consultar pergaminhos antigos que foram destruídos, a gente tem que trabalhar. Na Batista Nacional eu vejo...que essa preocupação em entender, deixa o subjetivo mais exclusivo por possível. “A minha opinião ser mais exclusiva possível”. Eu...encontrar nas escrituras sagradas o que eu posso e não devo fazer. As escrituras têm essa peculiaridade muito grande que são esses dois pilares...”Amar

Tendo um suporte;

Afirmando a pluralidade de interpretações;
Reconhecendo a relatividade interpretativa;
Explicando a hermenêutica teológica;
Trabalhando no conhecimento;

Preocupando-se com sua subjetividade;
Tendo um norte;
Sendo guiado;
Sabendo como agir;

a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a ti mesmo". Em cima disso tem toda a estrutura Bíblica. Todo o resto dos mandamentos se estrutura em cima desses dois pilares. A Batista Nacional me incentiva, primeiro ponto...em ler. Ler as escritura. Ter uma opinião própria.

Entrevistador: Estudar?

Entrevistado: Estudar! Tanto que eu sou um dos professores da Batista Nacional. De teologia. Ela me estimula muito a estudar. Em particular, a congregação IBN que estou hoje tem muito esse viés. Mas, tem divergências. Essas divergências a gente trata em gestão de equipes. Se dois, por exemplo, não conseguem entrar em um acordo, alguém vai ter que dar o braço a torcer para o povo andar. As coisas que me são recriminadas...são aquelas, por parte da liderança, no qual eu discordo.

Entrevistador: Poderia me dar um exemplo do que eles recriminam e tu não concorda?

Entrevistado: Seriam conceitos mais teológicos...demoraria para te explicar. Eu vou dar um exemplo. A gente está construindo uma igreja lá na Faixa-Nova. Surgiram várias estratégias para arrecadar dinheiro. Uma estratégias foi a ideia de fazer um livro ouro. Era um livro, onde nós iríamos até pessoas, explicar o projeto, explicar os projetos internos. Para quem quisesse contribuir, de alguma forma, teria seu nome impresso em áreas. Ou em árvores que seriam colocadas, ou em quadros, ou em placas. O nível da pessoas estaria de acordo com a colaboração dela. Eu discordei. Isso me lembrava muito algumas coisas da Igreja Católica. Eu não acho isso legal. Biblicamente eu quis mostrar o quanto isso poderia estar errado. Com bases bíblicas. Mas, não consegui convencer. O projeto

Sendo estimulado a estudar;
Tendo uma opinião própria;

Divergindo;

andou e eu fiz parte dele. Porque eu sou parte daquela equipe.

Entrevistador: Mas, objetivamente, tu não diria que existe algum tipo de recriminação ou proibição de uma maneira rígida? Não existe isso?

Entrevistado: Não! O que acontece...o Cristianismo em si, não os Batistas Nacionais...o Cristianismo em si tem limites. Todo lugar vai ter limites. Eu sou um líder hoje, sou um líder na Batista Nacional, para eu fazer aquilo que os líderes fizeram por mim, eu preciso não só ter um discurso, mas ter um discurso alinhado com a minha vida. “Não posso ser um cara que fala que é errado matar e mata alguém”. Uma liderança é mais vistosa. Essa pessoa que é vistosa precisa ter muito forte essa coesão. Mas, tem que caminhar naquele horizonte que tu nunca chega. Ela precisa caminhar para a perfeição. Essa perfeição é relativa às escrituras. O que vai me recriminar é o seguinte...por exemplo...a Bíblia fala da questão de não poder adular, ter relações sexuais fora do casamento. Já passei por líderes que adularam. Para que isso não vire uma bagunça ou até mesmo uma questão de “não importância”, a pessoa que acaba adularando....a Bíblia fala que os pecados relativos à sexualidade são pecados contra o próprio corpo. Isso é um peso para nós. Esse líder, então, é retirado do seu posto e direcionado para um tratamento. Um acompanhamento.

Entrevistador: Não chega a ser expulso?

Entrevistado: Não, expulsão não tem. O que acontece...eu já passei por isso. Eu não era casado....sou casado agora, não era na época. Eu acabei tendo uma falha com uma menina...eu não era líder na época...não me tornei líder, fiquei numa

Afirmando a inexistência de proibições;

Reconhecendo os limites;

Se portando como exemplo a ser seguido;

Exemplificando uma proibição;

questão...de liderança...de exposição...resguardado e fui corrigido, fui disciplinado. Já vi líderes que não aceitaram isso. Erraram e não aceitaram a correção. Tem um versículo bíblico que fala bem assim...Paulo falando...se a pessoa errar, existe um processo disciplinatório...lá em Timóteo, se tu ler...existe um processo com pessoa velha, com líder, como é que se faz. No básico, vai até a pessoa e fala “*cara, tu vacilou nisso, tá errado isso!*”. Paulo fala que a base dessa correção é o amor. Não estou te corrigindo...porque sei lá...estou te corrigindo porque eu te amo. Não é só corrigir, mas tentar ajudar. Se, a pessoa for resistente e continuar fazendo isso...acho que isso está em Mateus...tu pega uma segunda pessoa e vai até ela. Se, ela não se resolver...tu pega o caso dela e leva para uma liderança. E...se ela se negar totalmente ao processo...tu considera essa pessoa como uma “gentia”, ou seja, como uma pessoa que está na congregação, mas ela não entende o Cristianismo. Não exclui ela, apenas trata ela com preceitos básicos. Tu não eleva ela para uma liderança. Paulo numa situação...Igreja de Corintos...se eu não estou enganado...acontece de ter um cara que está incomodando todo mundo. Ele já passou por esse processo e está bagunçando a estrutura. Paulo, diz...”*expulsa esse cara, porque toda a estrutura está sendo afetada, está tendo dor de cabeça e ele não quer se resolver*”.

Entrevistador: Mas, de tudo que tu falou... o que tu diria, objetivamente, o que a Batista estimula...tu falou um pouco da questão de ir atrás das coisas, estudar, buscar um conhecimento...mas o que ela recrimina de uma maneira geral? Tem algo de básico que ela não permite?

Entrevistado: Depende muito da palavra...”não permitir”, “recriminar”.

Sofrendo um a correção;

Apresentando as estratificações;

Tem coisas que são chamadas a atenção. Coisas que...tô empurrando para a Bíblia porque é a nossa regra de fé. Não sei se a palavra “recriminar” seria certa. Mas, a palavra que eu vejo que pode...achar melhor é a palavra de “chamar atenção”.

Para aquilo que a Bíblia dá como pecado.

Que são situações que te afastam de Deus.

Que geram esse espaço entre você e Deus.

Vou citar uma coisa que, quando se fala de

Cristianismo, é a maior militância. Que é o

homossexualismo. Eu tenho...ditos discípulos...desses eu cuido...que tinham um passado de práticas homossexuais. A igreja hoje...ela tem..não tem se importado...não sei se isso é uma questão de briga ou de frente...em relação ao homossexualismo. O que eu vejo que a Bíblia trabalha é uma questão...bom...a Bíblia tem limites. O homossexualismo...a Bíblia entende que Deus fez o homem e fez a mulher, a questão do comportamento do homossexual é uma negação de quem ele é. Até esse discurso de ideologia de gênero é muito complicado, não no sentido processual, mas é complicado porque...é conflitante...eles falam que a pessoa nasce homossexual, mas não acreditam no determinismo biológico, não faz sentido.

Entrevistador: Tu está querendo dizer que o discurso é contraditório?

Entrevistado: No caso deles...sim! Se, a pessoa nasce homossexual e não existe determinismo biológico...então...ou...que nem agora nesse projeto da Câmara dos Deputados....a Fátima Bernardes está indo totalmente para uma extrema...ao invés de trazer pessoas de pontas...para discutir, ela traz uma galera só de um lado. Eu...eu entendi o que o cara quis fazer, certo. Não entendi esse alvoroço todo...há uma gritaria muito grande. Eu vi esses dias um discurso de uma psicóloga...o homossexual

Chamando a atenção;

Exemplificando o afastamento de Deus;

vai até o psicólogo...ele vai até lá...o homossexual precisa entender quem ele é. Ele é gay. Mas...daí de novo eu preciso entender quem eu sou...eu sou homem. É contraditório. Eu acho que a igreja...vou dizer...do Cristianismo...pelo menos no Brasil...ele tá...vou chutar 80% não sabe lidar com isso. Não sabe lidar com a ideologia de gênero. Eu tenho alunos homossexuais, eu tenho amigos homossexuais...todos sabem que eu sou cristão...como eu me coloco para eles..."*Cara, tu é gay!*" Beleza...porque não podemos ser amigos? Só que no momento em que tu vem para o Cristianismo, ele tem seus limites...uma coisa é tu ser gay na sociedade, outra coisa é na conversão. Porque ali tem limites. Até porque o que tem de incrível na Bíblia é essa imutabilidade dela. Se a Bíblia fosse temporal, se ela mudasse conforme o tempo, então nem existiria mais. Quem definiria o que é certo e o que é errado pelas escrituras? Como eu te falei, eu tenho amigos homossexuais...até esses dias sai com um, fui tomar sorvete no centro, conversar com ele porque ele estava com alguns problemas, queria desabafar. Conversei com ele nos preceitos bíblicos...não diretamente contra a homossexualidade dele. "*Cara, tu quer se corrigir com essa pessoa?*" O que a Bíblia fala..."Se for teu inimigo, ore por ele; se teu inimigo pede pra ti caminhar uma milha, caminha duas; se teu inimigo quiser a tua túnica, dê a tua capa também". Se doa para ele. Tu vai ver que ele vai se constranger com a forma que tu está conduzindo. Ele fez isso e resolveu. Os preceitos do Cristianismo nos ajudam no dia-a-dia. Mas...se tu quer vir para o Cristianismo e trazer como tu quer ser, aí ele deixa de ser absolutista, passa a ser relativista. O que o Cristianismo procura,

[Apresentando os limites impostos;](#)

[Propondo uma correção;](#)

[Afirmando as funções dos preceitos bíblicos;](#)

especialmente na IBN, “*cara, tu é gay; tu morador de rua, tu é prostituta*”...são bem recebidos. A questão é...eu quero ser referência no Cristianismo, eu quero ascender a cargos de liderança...algumas coisas que são mais vistosas, tu vai ter que mudar.

Entrevistador: Antes de passar para a próxima pergunta...eu gostaria que tu me esclarecesse...tu falou que é líder na igreja, o que é essa liderança? É como se fosse um pastor? Ou são cargos?

Entrevistado: A gente tem níveis de liderança. Por isso cada igreja é diferente uma da outra. Uma espécie de estrutura de trabalho. Por exemplo, nós ali, da Batista Nacional, a gente tem os pastores, a diretoria, que atuam como supervisores, temos também “grupos caseiros”. Hoje eu tenho meu grupo caseiro que é...lá a gente se reúne para dar uma palavra...

Entrevistador: São as células?

Entrevistado: Isso! Antigamente chamávamos de célula...agora é “grupo caseiro”. A gente quis dar uma cara de família. Meu grupo caseiro tem quase 30 pessoas. A gente deu esse nome agora...para essa função que é diácono. É aquela pessoa que tem um grupo caseiro, porque a palavra do culto, a palavra geral, é uma palavra que uma pessoa ministra com base nas escrituras ou dá uma moral de conduta e as pessoas ouvem. Já no grupo caseiro, agente pega essa mesma palavra e discute. O pessoal tem dúvida, a gente tenta explicar essas dúvidas, a gente tenta construir isso juntos.

Entrevistador: O que tu entende, dentro da visão Batista, com base na Bíblia, por esses dois conceitos ou duas ideias...liberdade e salvação? O que é isso para ti?

Buscando ser uma referência;

Definindo a ideia de liderança;

Explicando a dinâmica do grupo caseiro;
Apresentando a função do diácono;

Entrevistado: Tem uma frase de alguém que eu não vou me lembrar... "Não existe liberdade sem limites". O ser humano é feito para viver em sociedade, viver um com os outros. Tem que ter limite no trato. A liberdade que a Bíblia me dá...é uma liberdade de entendimento. De conhecimento. Não necessariamente só para esta vida, mas pós-morte. A salvação está atrelada à esse pós-morte. Temos versículos que falam disso, por exemplo, Romanos. "Todos nós de uma forma pecamos e todos nós estamos separados de Deus". Essa separação de Deus...que o pecado causa, como consequência causa a morte espiritual. Então...todo e qualquer ser humano consegue, de alguma forma, perceber Deus. Ele pode abafar isso, mas consegue perceber Deus de alguma forma. O ser humano...aí fala Alvin...não me lembro...dos efeitos não-éticos do pecados, ou seja, essa separação do homem com Deus, fez o ser humano cada vez mais insensível com Deus. Essa insensibilidade é a morte espiritual. Quanto mais longe tu fica, mais radical para o retorno. Quando mais dormente, mais afastada ela fica. Mais morta espiritualmente ela fica. E o próprio Deus tem essa possibilidade de resgatar a pessoa, conforme a liberdade que ele deu para essa pessoa...de querer ou não.

Entrevistador: Onde entra a salvação aí? O que é ela?

Entrevistado: A pessoa que morre longe de Deus, ela morre sem a salvação. A ideia na verdade...tem uma analogia que eu uso em pregação..."O que é o céu?"; "Tu tens uma geladeira em casa?"; "Qualquer um vai na tua casa e abre a geladeira?"; "Pensa em alguém que abre e tu sente de boa". Isso é fruto de um relacionamento. Eu penso que no dia do julgamento...como é falado nas

Explicando a ideia de liberdade;
Tendo liberdade de entendimento;

Explicando a salvação;
Explicando a causa do pecado;

Percebendo a existência de Deus;

Explicando a morte espiritual;

Esclarecendo a salvação;
Exemplificando o Juízo final;

escrituras...vai estar Deus e a geladeira dele. E vai dizer para ti “*abre a geladeira! Vamos ver como eu me sinto!*”. A questão da salvação está muito...com a questão do relacionamento com Deus. Na última aula eu falei assim...”*Se a pessoa estiver morrendo, estiver contigo, não tente convencer essa pessoa pelo medo do inferno. Mas, tente mostrar o que Deus fez por ela!*” Deus está disposto a receber ela. Se, a pessoa aceita um relacionamento com Deus por medo de ir para o inferno, não é um relacionamento verdadeiro. A salvação, então, está muito atrelada nesse relacionamento. Do homem com Deus.

Entrevistador: Agora, como tu responderia ou justificaria a seguinte pergunta...com base nessa ideia bíblica do plano de Deus, porque existe essa disparidade entre as pessoas? Porque existe essa disparidade...se Deus tem um plano...como tu justificaria?

Entrevistado: Eu gosto muito de falar sobre essas coisas! O Cristianismo tem um ramo filosófico...que é o problema do mal. Um grande filósofo que traz essa questão é o Paradoxo de Epicuro. Ele trabalha com três coisas...com a questão de Deus ser totalmente onisciente, saber todas as coisas; totalmente bom; totalmente poderoso. Epicuro vem e fala assim...se Deus é onisciente, ele sabe onde está o mal; se Deus é poderoso, ele pode destruir o mal; mas, se Deus sabe onde está e pode destruir e não destrói, ele não é bom. Se, Deus é totalmente bom, ele quer destruir o mal; se Deus é onisciente, ele sabe onde está o mal; se Deus quer destruir e sabe onde está o mal e não destrói, ele não é todo poderoso. A questão é que Epicuro...primeiramente, tu pensa que um Deus não pode coexistir num mesmo mundo que o mal. Mas, a gente tem que

Relacionando a salvação com a intimidade;

Explicando o problema do mal no mundo;

pensar que Deus teria motivos para que o mal exista...

Entrevistador: Desculpa te interromper, mas então tu acha que se Deus conhece o mal e o mal existe, tu diria que é para algum propósito?

Entrevistado: Exatamente! Por exemplo, uma coisa que a gente observa na experiência social é que o ser humano só cresce quando é confrontado. Boa parte dos seres humanos...só se desenvolvem quando passam por um deserto, um problema muito duro. Eu tenho amigos...no meu grupo caseiro, alguns adolescentes...eu vejo e penso...“*eu era assim, cara!*”. Eu passei fome, passei por várias coisas...se hoje tu me der algo para fazer, eu não preciso que ninguém me apoie, eu vou fazer. A dificuldade...amadurece o ser humano. Eu diria que Deus usa o mal, não simplesmente para a pessoa sofrer, mas para que ela amadureça. A questão é que as pessoas muito longe de Deus não entendem os seus desertos. Elas não conseguem encontrar saídas viáveis para seus desertos. Ou...quando encontram, encontram saídas que...são ruas sem saída. Para um caminho que vai causar maiores dores.

Entrevistador: Essa disparidade...como tu justificaria? Porque tu acha que existe?

Entrevistado: Eu acho que ela existiria...primeiramente, por uma questão de...daquele filho que passa dificuldade e tem que correr atrás de ti para pedir ajuda, como uma situação de aprendizado, de humildade; também, eu acredito que...uma criança, por exemplo, que eu vi esses dias...ela chegou para o pai dela e falou...“*Pai, quando eu for grande, eu vou morar sozinha?*” o pai responde que sim. E a criança pergunta novamente...“*Mas,*

Acreditando no proposito do mal no mundo;

Afirmando a utilidade do mal no mundo;

Explicando as disparidades do mundo enquanto coisas necessárias;

Acreditando no merecimento das situações;

quem é que vai me cuidar? A babá vai estar comigo ainda?”, ele diz que não. Novamente a criança pergunta...”*Mas, quem é que vai me cuidar?”*. O que aconteceu...aquela criança estava tentando ver uma realidade futura com a mente do hoje. Isso é um problema. Tentar definir coisas sobre Deus com a mente de hoje. Em ambiente gerencial tu também percebe isso. Tem o nível operacional, o tático e o estratégico. Quem está no nível operacional pode se questionar...”*porque aquela pessoa está ali e eu não?”* Porque ela não tem toda a visão. Uma coisa que é fato, é que não temos a visão de Deus. A visão do todo. Tanto a visão a-temporal...porque Deus deixou ocorrer o holocausto? É uma boa pergunta! Numa visão global pode-se ter uma grande justificativa, mas se analisarmos o que o próprio Cristo teria sofrido na cruz, seria uma dor maior do que qualquer pessoa. Outra coisa também interessante é que no Cristianismo, eu conheço, tem igrejas que trabalham com a teologia da prosperidade. Como a Universal. Eu sou contra isso!

Entrevistador: Por que?

Entrevistado: Eu sou contra porque a própria escritura...não que eu não possa ter uma vida boa, eu não acho que um pastor não deve ter um carro, uma casa boa, não poder tirar férias. Ele trabalha. Mas, tu chegar para Deus e barganhar uma benção por dinheiro...tipo...eu vou dar mil reais para a igreja e Deus vai me dar uma benção. Isso é contra o preceito bíblico. É o que a Igreja Católica fazia. A Bíblia trabalha com a questão de dois tesouros...o tesouro dessa Terra e o tesouro do céus. Esse tesouro dos céus que a Bíblia não deixa claro o que seria, ela dá o nome de “galardão”...ela é mediante a conduta humana conforme os preceitos bíblicos. Por exemplo, a Bíblia manda eu

Justificando o mal no mundo:

evangelizar...se...teve um amigo meu que foi para o México, chegou...souberam que era evangélico e quebraram as duas pernas dele. Ele não deixou de ir evangelizar. Tipo...ele está se sacrificando por algo. Seria isso, então, o tesouro no céu!

Entrevistador: A última coisa que eu queria te perguntar...com base na Batista Nacional que é dissidente, surgiu dentro da Batista Brasileira, tu tens conhecimentos do que vocês diferem deles? Porque meu ponto é o seguinte...existe tanto na Batista Brasileira, quanto na Batista Nacional...a etapa do batismo. No caso de vocês...o batismo nas águas que é a aliança confirmada com Deus. Publicamente. Mas, existe um outro batismo...que é o Batismo

no Espírito Santo que existe na Nacional, né?

Entrevistado: Existe algumas linhas teológicas...não...existe em algumas pessoas...e isso é confuso. Na teologia, existem dois termos que são os de linhas “Cessacionistas” e os de linhas “Continuístas”. O Batismo no Espírito Santo, pela Bíblia, alguns entendem isso errado...mas, pela Bíblia, quando Paulo fala, quando nós aceitamos Cristo como Senhor e Salvador, o Espírito Santo vem habitar dentro de nós, e esse é o batismo. O batismo é quando o Espírito Santo vem habitar dentro de ti...

Entrevistador: Esse é o Batismo no Espírito Santo e o que também tu compreende por ele?

Entrevistado: Sim, é o que eu compreendo e acho que não diverge em nós da Brasileira. Eu até interajo muito com o pastor de uma. Da Batista Brasileira...

Entrevistador: Da tradicional?

Entrevistado: Isso!

Esclarecendo as linhas teológicas;
Evidenciando o Batismo no Espírito Santo;

Apresentando as divergências;

Entrevistador: Por que...houve nos anos 60, meados dos anos 60, aquela discordância com essa ideia...

Entrevistado: Pentecostalismo...

Entrevistador: Hoje em dia tu acha que há...ainda essa desconsideração por parte da Batista Brasileira em relação ao Batismo no Espírito Santo?

Entrevistado: Não sei dizer...eles especificamente. Às vezes tem congregações...que andam diferente das suas origens, por exemplo...

Entrevistador: Existe uma liberdade entre as igrejas em relação à convenção?

Entrevistado: Não...eu acho que o líder daquela congregação discorda dos preceitos, das raízes da sua denominação, e acaba mantendo a denominação...mas crendo em outra coisa. As presbiterianas são igrejas históricas e reformadas. Elas são as mais chatas com a Escritura Sagrada. Ao meu ver.

Entrevistador: Chatas em que sentido? Mais rígidas? Mais ortodoxas na interpretação?

Entrevistado: Isso! É o que tá ali e ponto. Tem coisa que é interpretativa e tem coisa que é literal. Mas, tem Igreja Presbiteriana inclusiva...que o pastor é homossexual. Então...estar na denominação não quer dizer muita coisa. Tem uma coisa diferente...que as pessoas entendem que aquele êxtase...é o Espírito Santo que causa.

Entrevistador: O Batismo no Espírito Santo?

Entrevistado: Esse é o batismo errôneo. O batismo é quando o Espírito Santo entra em ti.

Entrevistador: E o Batismo nas Águas...não é um batismo?

Entrevistado: É um batismo na carne! Antigamente...dava importância da

Esclarecendo a verdadeira ideia de Batismo no Espírito Santo;

peessoa publicamente aceitar Cristo. Há uma versículo que fala...que se essa pessoa aceitar publicamente, Cristo diante do Pai aceita essa pessoa. Nessas linhas...esses Cessacionistas e os Continuístas...Paulo apresenta lá em Romanos...ou Efésios:4...ele apresenta...cinco principais ministérios trabalhados na igreja. O de apóstolado, o de pastor, o de mestre, o de profeta e o de evangelista. O ministério do profeta e o apostólico...os Cessacionistas dizem que esses ministérios não são mais utilizáveis, necessários na igreja.

Entrevistador: Então a discordância desses dois segmentos...são esses dois elementos?

Entrevistado: Exatamente! Todos os dons que Paulo fala em Romanos:12....todos os dons que ele cita ali...ele fala que os dons são dos Espírito Santo para edificar o corpo; o ministério é de Cristo, serviço de Cristo; e a realização vem de Deus. Ele lista a partir do Espírito Santo...nove dons. Que manifestam nas pessoas...quando tu aceita Cristo, o Espírito Santo vem habitar dentro de ti...já vem esse dom. Os dons que são ligados ao ministério profético e ao ministério apostólico...se esses dois ministérios, essas duas formas de trabalho, não existem mais, esses dons que são as ferramentas, eles não existem mais. Por exemplo, falar em línguas estaria vinculado ao dom profético, se o ministério profético não existe mais, esse dom não existe. Os Cessacionistas são aqueles que acreditam que esses dois ministérios cessaram. Os Continuístas são aqueles que acreditam que esses ministérios continuam até hoje.

Entrevistador: Tu já teve a experiência do Batismo no Espírito Santo?

Entrevistado: Já.

Entrevistador: Poderia me descrever o que tu sentiu?

Entrevistado: Primeiro...pelo conceito. No momento em que eu olhei a minha vida e disse que aceitava Jesus como Senhor e Salvador da minha vida, nesse momento a Bíblia declara que o Espírito Santo vem habitar em mim. Fui batizado. O batismo...tem uma passagem falando...Mateus...eu acho...tem João Batista falando..."*Eu batizo com água, mas...aquele que vai vir batizar com o espírito e com fogo...*". Na continuação...ele detalha que há aquele que ele vai queimar, vai juntar palha para queimar, e aquele que vai juntar para sua ira. Ele está falando o seguinte...que o batismo...que Jesus vem dar com fogo e com espírito, são duas coisas diferentes e extremas. O batismo é a salvação...ou a condenação. Paulo fala..."*Não entristeçais o Espírito Santo na qual fostes selados para o dia da redenção*"..ou seja, quando Cristo vem habitar dentro de ti, tu é selado, tu é marcado como salvo. Dá a entender que tu pode perder essa marca...então não entristeça este espírito. Isso é o batismo! O que o pessoal normalmente entende como batismo, que é errôneo, é justamente essa questão de achar que esse "êxtase"...é o batismo. Na verdade não é.

Conceituando a salvação e seus resultados;

Entrevistado 07 (14/12/2017)

Entrevistador: Primeiramente, eu gostaria de saber a tua idade?

Entrevistado: Eu tenho 23 anos.

Entrevistador: Há quanto tempo tu estás na igreja?

Entrevistado: Desde meus 8 anos de idade.

Entrevistador: Antes destes 8 anos de idade tu chegou a frequentar alguma outra religião ou segmento?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Sempre foi batista?

Entrevistado: Sempre fui evangélico. Mas, antes eu sempre acompanhava a minha mãe na “Renascer em Cristo”. Aí, quando eu completei 8 anos ela veio para a IBN.

Entrevistador: De todo esse tempo de igreja, o que tu poderia descrever que mais mudou na tua vida? Existe uma única coisa ou foram várias coisas que mudaram?

Entrevistado: Eu creio que todas as coisas da minha vida...são o que são...não somente por causa da igreja, mas por causa dos meus líderes que eu tive até então. Até mesmo Deus, né! Só a igreja em si...não muda a pessoa. Ela tem que ter também um estilo de vida. Mas, eu creio...assim...que mudança ao extremo, comparada à outras pessoas não teve. Muitas pessoas que chegam na igreja hoje em dia, por exemplo, usaram drogas e quando chegam na igreja elas mudam. Eu nunca tive essa experimentação. Eu sempre busquei viver a minha vida nos princípios de Deus, nos princípios da Bíblia.

Entrevistador: O que você me diria que a igreja aqui, a Batista Nacional de Santa Maria/RS, estimula ou recrimina?

Sendo resistente em fazer distinções;

Detalhando a mudança na sua vida;
Reconhecendo a importância da liderança;
Apontando as limitações da igreja;

Entrevistado: Acho que estimular...hoje em dia eu faço um trabalho social na rua. Eu e mais um grupo de jovens, a gente ajuda moradores de rua, a gente leva alimento toda a sexta-feira de noite na praça. A igreja apoia isso, né. A gente fazer esses trabalhos fora das quatro paredes. E recriminar...vou ser sincero contigo...eu nunca vi a igreja recriminar ninguém. Pelo contrário, a gente sempre tenta buscar as pessoas para a igreja. Eu acho que hoje em dia a igreja erra muito, não a IBN, mas a igreja em si. Existe preconceitos, e ela erra muito em julgar as pessoas ou recriminar as pessoas. As pessoas acabam se afastando dela. Eu não vejo isso aqui na IBN, porque ela está sempre buscando essas pessoas.

Entrevistador: Tu diria que ela sabe lidar com as diferenças?

Entrevistado: Não todas! Não todas como a gente queria!

Entrevistador: Mas, existe alguma coisa que não é recomendável, que é recriminado?

Entrevistado: Olha...eu digo por mim...eu acho que não. Nada do que eu fizer vai ter alguém que vai me “puxar a orelha”. A gente tem o livre-arbítrio, né.

Entrevistador: Já que tu comentou sobre o livre-arbítrio, eu gostaria de saber o que tu entende pela ideia de salvação e liberdade?

Entrevistado: Livre-arbítrio (ou liberdade) é tu poder escolher e saber aquilo que é certo ou errado na tua vida. Eu creio que Deus vai te dar a opção...e tu vai escolhendo conforme tu vai vivendo, vai escolhendo os caminhos que tu anda, vai escolhendo as coisas que tu faz. O teu caráter vai se moldando em toda a tua vida, durante a nossa vida são as escolhas que vão nos levando para o certo ou

Fazendo trabalho social;
Tendo apoio da igreja;
Captando pessoas para a igreja;
Afirmando a existência de preconceitos;
Apresentando o diferencial da IBN em relação às outras igrejas;

Sendo livre;
Tendo liberdade;
Sentindo-se livre;

Definindo o livre-arbítrio;
Escolhendo os caminhos da vida;
Pensando no que é melhor para si;
Tendo o caráter moldado;
Sabendo escolher;
Pensando por si mesmo;

errado. O “arbitrio” é tu saber escolher! Tanto que...se a igreja fizesse isso...eu não iria aceitar. Eu acho que a igreja não deveria fazer isso. Te impor o que é certo ou errado. O ideal é tu mesmo saber escolher as coisas. Toda a minha vida foi assim.

Entrevistador: Esse “saber escolher”...tu diria que é algo pessoal ou útil para ti, ou é algo que é pré-determinado do certo e do errado?

Entrevistado: Na realidade...o seguinte...o que eu sempre aprendi desde pequeno, por exemplo, se tem um celular aqui eu não vou pegar ele! Porque não é meu. Isso é uma coisa que vem de berço. Pra mim isso é o agir certo. Mas, tem pessoas que desde pequeno não tem um testemunho bom em casa, certo!? Não tiveram uma educação própria. As vezes não sabe o que é o certo ou errado...e vai lá e faz. E tem também as pessoas que têm a educação certa, mas fazem coisas erradas também. Mas, as escolhas devem ser feitas não somente pelo que o pastor ou a igreja falaram, mas pela vida, né.

Entrevistador: E o que é ser salvo?

Entrevistado: Eu vejo a salvação hoje...Cristo, Jesus. O me assegura a salvação? É eu receber Cristo como meu salvador. Aceitar ele como Senhor Salvador. É isso, essa é a salvação! Se tu se arrepender dos teus pecados, se arrepender das coisas erradas que tu fez e crer em Cristo como salvador da tua vida.

Entrevistador: Como tu justificaria...essa disparidade entre as pessoas e no mundo? Porque algumas pessoas têm e outras não têm? Porque umas sofrem e outras não? Porque o mundo é assim?

Entrevistado: Bom...eu vou começar lá desde o início. Deus criou

Referenciando-se na educação familiar;
Colocando a família como importante;
Reconhecendo as diferenças entre as pessoas;
Pondo a vida como centro de escolhas e única possibilidade;

Definindo a salvação;
Recebendo Cristo como salvador;
Aceitando Cristo como salvador;
Crendo em Cristo como salvador;

Adão e Eva...no jardim e deu a missão para eles cuidarem disso. Cuidar do Jardim do Éden. Ali eles teriam uma vida boa. A única coisa que Deus pediu para Adão era não comer do fruto do conhecimento do bem e do mal. Ele foi lá, fez a escolha dele e comeu. Desde ali, então, começou essa trajetória do mundo, o pecado entrou no homem. Através disso houve a separação de Deus e do homem. Cristo veio como a religião, o *religare*, pra fazer essa religião entre o homem e Deus. Eu vejo hoje...essa disparidade no mundo...ah...”porque que Deus deixa isso acontecer?”...Deus não faz essa opção pelas pessoas, Deus é bom para todos! Eu vejo muito hoje em dia...as pessoas errando nas suas escolhas e colocando essa culpa em Deus. No momento em que tu anda pela vontade dele, faz as vontades dele aqui na Terra, vai fazendo o bem e a obra de Deus, eu creio que as coisas vão se abrindo pra ti. Lutas a gente vai passar sempre. Eu passo lutas, tu passa tuas lutas...cada um passa suas lutas. Só que num determinado momento da tua vida, tu vai ter que fazer tuas escolhas. Muitas vezes que as pessoas enfrentam uma dificuldade, elas caem, desanimam, ou saem da igreja. E não colocam a mão em si para ver a culpa na sua vida. Outro exemplo...porque uma recebem mais dinheiro do que as outras? Se...dessem 1 milhão de reais para cada pessoa no mundo todo...daqui 10 anos muitas pessoas vão triplicar o seu dinheiro, daqui a 10 anos muitas pessoas vão duplicar o seu dinheiro e daqui a 10 anos muitas pessoas não vão ter nada. Por causa das suas próprias escolhas! Eu vejo o “ter e o não ter” como decisões da tua vida. Como eu vou administrar o meu dinheiro? Como eu vou administrar as coisas que eu tenho? Como saber lidar com a minha vida?

Justificando a maldade no mundo;
Lendo o mundo de uma determinada maneira;
Tendo uma visão do mundo;
Apresentando o objetivo da religião;
Defendendo a bondade de Deus;
Apresentando a injustiça feita pelas pessoas;
Enxergando as pessoas como injustas;

Colocando as escolhas como causa do mundo;

Diante da Bíblia é isso...Deus não faz essa opção por pessoas.

Entrevistador: Você já passou por um momento assim? De pensar uma certa ocasião como algo sofrido? Pensar em sofrimento e questionar o “porque” daquilo estar acontecendo?

Entrevistado: Já. Toda hora!

Entrevistador: E como tu lida com isso? Como tu age?

Entrevistado: Eu vejo na Bíblia...o exemplo de José. Ele era um cara sonhador que em certo momento foi vendido pelos próprios irmãos, virou escravo. Depois de um tempo a vida dele virou...ele virou vice-imperador. Eu vejo a história dele muito assim...ele poderia ter chutado o balde...Jó também...sofreu o que sofreu e não negou a fé dele. Muitas coisas que acontecem com nós hoje em dia, não porque Deus gosta, mas...um teste.

Entrevistador: Como assim?

Entrevistado: Eu vejo como um teste...muitas vezes a gente precisa passar por certas provações para receber algo de bom...na frente. As vezes Deus te prova em certas ocasiões da tua vida...para ti crescer nessa área. As vezes a gente pensa assim “*Deus...me dá coragem!*”, ele não vai te dar coragem, ele vai te dar uma situação pra ti ser corajoso. As vezes a gente passa por essas situações e fala “*Deus porque tu não me ajudou?*”. Mas, tipo...tu pediu coragem e Deus te deu, entende? Deus te coloca no deserto pra ti atravessar ele. Pra ti, na frente, aprender com aquilo que tu passou. Até pra servir de exemplo pra outras pessoas. As vezes serve de exemplo pra outras pessoas, edifica outras pessoas. Eu vejo isso como uma escola, um aprendizado.

Entrevistador: Tu consideraria isso como algo necessário?

Sendo testado por Deus;

Vendo a vida como uma grande escola;

Considerando as provações como algo necessário;

Sendo motivado pelas provações;

Entrevistado: Algo necessário! Algo necessário para o nosso crescimento. Eu digo por mim mesmo...tem certas coisas que eu almejo na vida, que o cara tem que batalhar por isso. Eu estou querendo um concurso público...então eu estou estudando para isso. Eu acho que se viesse de mão beijada...não ia ser interessante. Não ia ser legal.

Entrevistador: De todo esse teu tempo aqui na igreja, dos 8 anos até os 23 anos, tu tens algum conhecimento ou contato com a outra batista? A Batista Brasileira ou tradicional? Tu saberia me dizer se existe alguma diferença entre vocês?

Entrevistado: Eu vou te dizer assim...quando me perguntam de qual religião eu sou, eu não digo que sou batista...porque a IBN foi a igreja em que eu praticamente nasci e cresci...eu nunca me interessei por isso...em fazer essas distinções...eu acho que isso é pessoal de cada pastor ou de cada segmento. Eu já fui a Assembleia de Deus...dos meus 17 até os meus 19 anos. Eu tinha saído da IBN.

Entrevistador: Porque tu saiu?

Entrevistado: Na época a minha mãe tinha saído da IBN...eu meio que me abalei um pouco. Não me desviei, mas meio que me abalei. Eu passei por uma renovação também. Na fase de adolescente para jovem...tem uma transição e tal. Era mais perto da minha casa, comecei meu trabalho lá, com os jovens de lá também. Só que desses dois anos que eu fiquei lá...eu vi como era grande a diferença da Batista Nacional para a Assembleia de Deus.

Entrevistador: Diferente como?

Entrevistado: Roupa.

Entrevistador: Usos e costumes?

Entrevistado: Sim. Eu não subiria num púlpito lá...com essa roupa aqui! Aqui

Não se interessando pelas diferenças;
Vendo as diferentes visões religiosas como
algo natural;

eu já subo (já é permitido). Tem toda uma formalidade para ti entrar na igreja...existe uma formalidade para eles...para ti adorar Deus. Eles já são assim..."ah...não pode bater palmas...bateria (música) eles já não estão aceitando...". Eu não acho certo nem errado, é coisa deles. É o jeito deles. Tem gente que gosta e tem gente que não gosta.

Entrevistador: Nesses dois anos que tu esteves na Assembleia de Deus...o que fez tu escolher de volta a IBN? O que te fez voltar para cá? É simplesmente essa questão dos usos e costumes?

Entrevistado: Não, é o ensino também. O apóstolo daqui hoje...é uma coisa impressionante. O crescimento que ele teve nesses anos todos...em sabedoria, em busca de Deus...ele é um pastor que me passa segurança. Muito diferente de outros pastores aqui na cidade. Aqui eu tenho essa liberdade de conversar com ele. Tudo isso fez eu voltar para a IBN. Eu sabia...logo que eu saí daqui...de cara eu já vi..." *eu não deveria ter saído!*". Demorou dois anos para eu voltar para cá.

Entrevistador: Existe uma questão nos Batistas Nacionais...que é a experiência com o Batismo no Espírito Santo. Eu gostaria de saber o que tu compreende por isso e se tu já teve essa experiência?

Entrevistado: Biblicamente a gente vê o Espírito Santo em Atos. Onde se revela para os apóstolos. Jesus mesmo disse que ia subir e deixar o consolador na Terra. No momento em que temos esse Batismo no Espírito Santo, a gente começa a ter mais discernimento. Porque o Espírito Santo é uma pessoa. No momento que ele entra na tua vida, tem coisas que ele te atribui, que são os dons do Espírito Santo. Uma pessoa cheia do Espírito Santo é uma pessoa mansa. Uma pessoa que dá amor para outras pessoas, uma pessoa que para

Detalhando o *ethos* da Assembleia de Deus;
Vendo uma certa rigidez na Assembleia de Deus;
Tendo pouca liberdade de expressão;

Justificando a escolha;
Preferindo a IBN;
Ganhando segurança da liderança;
Sendo conquistado pela liderança;

Vendo o Batismo no Espírito Santo como algo poderoso;
Tendo mais discernimento nas escolhas;
Definindo uma pessoa cheia do Espírito Santo;

pra te ouvir, que sabe te dar um conselho, que não vai te xingar ou brigar contigo por causa das tuas atitudes. Quando ela vier falar contigo tu vai sentir amor. Tu vai sentir paz, bondade. Ser cheia do Espírito Santo é isso. Mas, também o Espírito Santo se manifesta com outras coisas. É algo que não tem explicação, sabe? Só quem sente sabe o que é. Tudo muda na tua vida!

Entrevistador: Tu já teve essa experiência?

Entrevistado: Já.

Entrevistador: Poderia me dar um exemplo? Algo que aconteceu que tu nunca tinha imaginado?

Entrevistado: Várias coisas...até mesmo na praça. A gente tendo essas oportunidades de conhecer pessoas, através das nossas orações...que a gente sabe que não é nós...as pessoas serem curadas e libertas. Isso tudo é pela manifestação do Espírito Santo.

Entrevistador: Libertas e curadas como?

Entrevistado: A gente teve uma experiência de pessoas que se curaram...tinha um morador de rua que estava com um problema na perna, estava com muita dor na perna. Depois de uma oração que a gente fez para ele, a perna dele curou. Conseguiu caminhar e se levantar. Ali mesmo na praça...e libertação...a pessoa...ali no meio da praça também...ficou posses...e através da oração a pessoa foi liberta.

Entrevistador: Posses...tu diz com o mal?

Entrevistado: Com o mal.

Entrevistador: E o que é o mal e bem para ti? Como tu descreveria essas coisas?

Entrevistado: A palavra diz que existe o inimigo...o inimigo de Deus que

Relatando as experiências;

Curando algumas pessoas;

Libertando algumas pessoas;

era um anjo, no começo de tudo, através do coração dele...ele quis ser igual a Deus.

Ele acabou cindo com uma parte dos anjos...hoje em dia ele é quem nos separa, que faz de tudo para nos separar da presença de Deus. O mal...ele existe e está muito mais perto do que a gente imagina. As vezes a gente acha que está sozinho aqui na Terra, só que o mundo espiritual existe. Ele está muito perto da gente. O diabo vai fazer de tudo para que as pessoas se afastem de Deus. Até a volta de Cristo. Esse seria o mal...no caso, né.

Entrevistador: E o bem...

Entrevistado: O bem seria o próprio Deus. Deus é o bem, ele deixou a Palavra dele que é a Bíblia, deixou o Espírito Santo que é o nosso consolador, que vai fazer a gente estar firmado no princípio de Deus. É o Espírito Santo que nos guia, na nossa caminhada. E Jesus que é a nossa salvação. Sem Jesus não há salvação! Pra mim isso é o bem.

Entrevistador: Tu diria, já que Cristo é a salvação, que as pessoas que não procuram ele...não estão salvas?

Entrevistado: Que não procuram a Cristo?

Entrevistador: Sim.

Entrevistado: Eu diria que as pessoas que não recebem a Cristo como seu salvador, elas não estão salvas. Porque existe muita diferença entre “tu fazer a obra, fazer o bem”...qualquer pessoa pode fazer o bem, independente da religião dela. Mas, somente as obras...elas não salvam.

Entrevistador: Por si só elas não salvam?

Entrevistado: Não salvam! Elas são essenciais. Se um cristão diz que é cristão e não faz a obra, ele não é um cristão. Porque Cristo fazia a obra. Ele apresentava o amor. Se tu diz que é cristão, um pequeno Cristo, tu vai derramar amor

Definindo o mal;

Compreendendo o mal;

Definindo o bem;

Compreendendo Deus como “o bem”;

Vendo Jesus como única forma de salvação;

“Essencializando” o bem e a salvação;

Derramando amor nas pessoas;

Sendo salva por Cristo;

nas pessoas. Mas, uma pessoa sem Cristo também pode derramar amor. Por si só isso não salva. O que salva é Cristo.

Entrevistador: Então tu...diria que o que salva são essas duas dimensões...aceitar a Cristo e agir como alguém que acredita nele?

Entrevistado: Eu diria que isso é uma consequência! No momento em que tu aceitar a Cristo e se arrepender de coração de todos os teus pecados...tu é salvo.

Entrevistado 08 (19/12/2017)

Entrevistador: Eu gostaria de começar sabendo a tua idade...

Entrevistado: 18 anos.

Entrevistador: Há quanto tempo tu faz parte desta igreja?

Entrevistado: Desde que eu nasci.

Entrevistador: Durante esses 18 anos de idade tu já participou de outra religião ou segmento?

Entrevistado: Particpei de outra igreja, mas de outra religião não!

Entrevistador: Qual era o nome dessa outra igreja?

Entrevistado: Na época ela se chamava “Comunidade, hoje em dia ela se chama “Vida e arte”.

Entrevistador: O que te motivou a sair dela e vir para a IBN?

Entrevistado: É que meus pais acabaram saindo e eu era muito criança, não tinha poder de escolha. Eles acabaram saindo e indo para outra igreja. Eu acabei indo junto com eles...só que daí...meus avós vinham aqui...até foram eles que fundaram esta igreja. Eu tinha uns 6 anos...eu preferia vir nessa igreja porque ela era maior e tal. Eu convenci meus pais...”*ah, porque lá eu tenho amigos e tal*”. Estamos aqui desde então.

Entrevistador: De tudo isso que você já vivenciou, existe alguma coisa que poderia ser destacado em relação ao que mudou na tua vida? Tem um conjunto de várias coisas ou existe algo que realmente te chamou, e se isso mudou na tua vida.

Entrevistado: Mudança que tu se refere...é a mudança de vida?

Entrevistador: Isso!

Entrevistado: Foi com certos amigos que eu tive aqui, realmente me mostraram o que “é” o amor de verdade,

Salientando as diferenças (?);

Justificando a escolha;

Aprendendo o que “é” o amor;

Fazendo amigos;

Vendo as pessoas se importarem;

peças que se importam. Coisa que eu não recebia antes.

Entrevistador: Seria, então, uma mudança na tua personalidade, no teu temperamento? Seria isso?

Entrevistado: Sim, mudou bastante.

Entrevistador: Existe alguma coisa aqui na IBN...que tu enxerga como estímulo ou como recriminação? Existe algo que ela permite ou proíbe?

Entrevistado: Começar pelos estímulos...eu tenho sido bastante estimulado em ler a Bíblia, orar...coisa que eu não faria se não fosse muito ativo aqui. Fazer caridade, ajudar as pessoas mais necessitadas. Eu ajudo bastante, também, meu pai que é pastor numa outra igreja, numa divisão desta daqui. Eu ajudo mais lá na outra, mas aqui também. Tanto em trabalho com pessoas carentes...coisa que com certeza eu não faria; e o que reprime, acho que eu poderia citar...que não é bem da igreja...é mais questão da Bíblia...tomar cuidado com bebidas, não ficar bêbado, não fumar, não ter conversas vãs...não seria “vãs” a palavra...que não acrescentem...falar só bagaceirice, piadas sujas...essas coisas. Creio que não seja somente nesta igreja, a maioria...

Entrevistador: Só um parêntese...tu tinha falado que teu pai era pastor em outra igreja, num abraço desta aqui, ela faz parte da Convenção Nacional?

Entrevistado: Sim. Ela é um braço da IBN. Essa daqui é a sede e a outra é a base.

Entrevistador: Mas o nome dela é “IBN” também?

Entrevistado: É IBN também!

Apresentando os estímulos;
Sendo estimulado a ler a Bíblia;
Comparando com o passado;
Realizando trabalho social;
Ajudando as pessoas carentes;
Salientando as proibições (?)

Entrevistador: Com base nesse teu percurso pela IBN, o que tu entende pela ideia de “liberdade” e “salvação”?

Entrevistado: Livre...eu acho que é tu transcender as tuas vontades humanas, teus vícios, coisas carnis que a gente não consegue controlar. A gente pensa que isso aí “é” a liberdade. Por exemplo, a pornografia ou alguma pessoa que é viciada em alguma droga, cigarro ou alcoólatra...se tu pedir para a pessoa parar com isso, para ela vai ser muito difícil. Essa não é uma pessoa livre. Todos os ensinamentos que Jesus foi passando, com toda essa salvação...o tema da salvação é para deixar a pessoa livre, ser uma pessoa pura. O ser puro não é dizer para a pessoa “não faz isso!”, mas deixar a pessoa livre. A salvação e a liberdade estão juntas, em conjunto.

Entrevistador: Sobre isso que tu falou, sobre os nossos impulsos humanos e com todos esses exemplos, porque esses impulsos não definiriam a pessoa como livre? O livre para ti é ter essa possibilidade de parar quando quiser ou conseguir selecionar bem o que realmente importa?

Entrevistado: O ser livre seria tu conseguir selecionar...no sentido de saber que algo vai te fazer mal, tu não vai fazer aquilo ali. Por exemplo, uma pessoa que não tem problema com pornografia, principalmente nós homens, ainda mais na minha idade que os hormônios estão na flor da pele, não tem problema com pornografia, mas viu uma mulher na rua. Passa uma mulher bonita na rua e a gente já fica mais resguardado. Se, a gente for escravo, digamos assim, preso a esses vícios, a gente vai correr pra casa e vai para a pornografia ou vai atrás da mulher somente para se divertir com ela. Isso aí, pra mim, não é a liberdade.

Compreendendo a ideia de liberdade;
Definindo a liberdade;
Comparando as ideias de liberdade;

Definindo a salvação;
Especificando a pessoa pura;

Precisando a pessoa livre;

Entrevistador: Sobre esse exemplo de ver uma mulher na rua, então a pessoa que é livre é aquela que consegue controlar seus impulsos?

Entrevistado: É...em partes é isso. A pessoa que é livre pode fazer as coisas e saber das consequências, já a pessoa que não é livre, pensa que pode fazer tudo e que não vai ter consequência nenhuma.

Entrevistador: Como tu pensa ou como tu justificaria essa indagação...porque tu acha que existe sofrimento no mundo e porque existe essa disparidade entre as pessoas?

Entrevistado: Porque existe o mal?

Entrevistador: Pode ser também!

Entrevistado: De acordo com a Bíblia foi por causa do primeiro homem e da primeira mulher que pecaram. Na verdade, o mal já existia, porque pra eles terem “caído” o mal já deveria existir. O mal estava no anjo caído que se transformou em serpente...lá no Jardim do Éden...e conseguiu enganar eles. O mal na sua essência seria Satanás. Agora...porque algumas pessoas têm mais e outras têm menos...independente de religião...na Bíblia, por exemplo, a gente vê Jesus curando outras pessoas, só que a gente não vê em momento algum ele curando um discípulo dele. Pelo contrário, os próprios discípulos falam “*ah, bebe uma taça de vinho*”, na época o vinho era mais puro do que água. “*Ah, bebe uma taça de vinho que vai melhorar!*”. Era pedido para cuidar da saúde, pois tudo que Deus faz é para a glória dele e para nós conhecermos ele. Se, a gente conhece ele já em algum nível, creio que ele não iria curar, pois somos chamados “filhos de Deus”. Creio eu, também, que Deus não mima seus filhos. Ele não ficaria ali..”*ah, meu filho é mais especial do que outro!*”. Ele não vê um

Reconhecendo as consequências;

Iniciando a justificativa;

Afirmando a preexistência do mal no mundo;

“Essencializando” o mal;

Justificando a má distribuição dos bens da graça de Deus;

mais especial do que o outro. Ele não vai pegar e dizer “*ah, meu filho ali está dormindo mais do que os outros, mas é meu filho e eu vou dar 1 milhão de reais para ele...*”. Essa questão do dinheiro...tu tem que trabalhar. Quando o homem foi expulso do Jardim do Éden...ele disse que o homem precisava trabalhar, se virar. Se tu quer conquistar as coisas...pega e vai trabalhar. É algo que independe...se Deus vai dar a “mãozinha”.

Entrevistador: Tu já chegou a pensar a respeito disso...por exemplo...sobre o sofrimento do mundo. Porque Deus permite isso, tu já pensou a respeito?

Entrevistado: Já.

Entrevistador: O que tu pensou?

Entrevistado: Porque as pessoas sofrem? Em que sentido? Fome na África, por exemplo?

Entrevistador: Ou sobre não saber lidar com alguma situação...mas, se indagar do “porque” disso estar acontecendo. Tu acha que deveria ter alguma intervenção de Deus, por exemplo?

Entrevistado: Sinceramente...eu acho que não deveria ter intervenção de Deus.

Entrevistador: Porque?

Entrevistado: Porque...todos os ensinamentos Deus já deu. Ele dá a partir da Bíblia. Ele vai dando a partir das pessoas que ele usa, dos pastores, por exemplo. Ele pode usar qualquer um para falar alguma coisa, para falar. Eu acho que Deus não vai ter ver fazendo alguma porcaria e intervir. Na Bíblia, por exemplo, o primeiro assassinato que teve, Caim e Abel, quando Caim estava com raiva de Abel...Deus chegou para ele e disse “*porque tu está com raiva?*” e depois disse...”*só cabe a você controlar esse seu desejo!*”. Caim não controlou e acabou

Dando ao trabalho uma função importante;

Defendendo Deus (?);

matando Abel. É assim que eu vejo. Todo mal que emana das pessoas é porque elas não conseguem controlar isso, aí entra a questão da liberdade e salvação etc.

Entrevistador: Sobre o que tu tinha falado, do teu pai ser pastor em outra igreja da Convenção Nacional, eu gostaria de saber se tu tem algum conhecimento da Batista Brasileira, a batista tradicional. Tu sabe me dizer no que ela difere da Batista Nacional?

Entrevistado: Olha...contato direto eu nunca tive. Mas, creio eu que deve ser a sistemática. Aqui eu acho que é algo mais...aberto...vamos dizer assim.

Entrevistador: Mais aberto no sentido de uma maior “liberdade de expressão”?

Entrevistado: Não seria essa a palavra...de expressão, mas...é que tem termos dentro da igreja que agora eu não vou me lembrar. Por exemplo, a Assembleia de Deus ou a Pentecostal. Essa aqui (a IBN) querendo ou não, ela tem um “ladinho” pro pentecostal. A Batista Brasileira já não trabalha muito com isso.

Entrevistador: Sobre essa ideia do pentecoste ou do pentecostal que tu falou, existe aqui na Convenção Batista Brasileira a ideia do segundo batismo, que é o “Batismo no Espírito Santo”. Eu gostaria que tu me explicasse o que tu entende por essa experiência e se tu já teve alguma, o que tu sentiu ou o que tu viu. Poderia me explicar?

Entrevistado: O batismo...bom, aí já é uma questão doutrinária. Existem igrejas que até discutem isso umas com as outras. Aqui na IBN, ela já vai mais pro lado *arminiano*, uma lado teológico. Eu sou...um pouco mais pro lado *calvinista*.

Entrevistador: O que seria esse lado calvinista? Pode me explicar?

Colocando a responsabilidade na agência humana;

Entrevistado: São os reformados. Por exemplo, eu não chego a ser como Lutero...mais Calvino...o que na Igreja Brasileira seriam mais Augustus Nicodemus (presidente da Igreja Presbiteriana no Brasil), mais sério, uma linha mais séria. Eu acredito no falar em línguas, mas as vezes eu penso que é um exagero. Na própria Bíblia diz que tem que ter ordem.

Entrevistador: Tu tens dúvidas em relação a isso?

Entrevistado: Não é dúvida, mas um “pé atrás”. Na própria Bíblia diz que tem que ter ordem, tem que ter um intérprete, se não...não é pra falar. Tem que ficar calado, falando somente pra si, bem baixinho.

Entrevistador: Aqui na IBN tu já viu?

Entrevistado: Sim, em algumas ocasiões. Mais na rede de jovens que eu participo. Aos domingos eu não tenho contato porque eu vou pra lá com meu pai. Lá, aliás, eu não vejo muito isso.

Entrevistador: E sobre a questão do Batismo no Espírito Santo?

Entrevistado: Sobre o Batismo no Espírito Santo...eu entendo que...no momento que tu tem uma experiência com Deus. Existe um marco (gesticulando)...quando tu chega aqui...naquele momento que tu conheceu Jesus, conheceu Deus. Por exemplo, ouvia falar, ouvia falar...foi exatamente o que aconteceu comigo. Eu vinha na igreja por causa dos meus pais...até que chegou o momento em que algo dentro de mim...deu um marco, que chegou e disse “*agora tu é uma nova pessoa!*”. Quando passou para esse lado da linha...eu nunca mais não quis ter isso! Foi algo...é inexplicável.

Tendo moderação sobre a prática do falar em línguas;

Enxergando o falar em línguas como algo exagerado (?)

Definindo o Batismo no Espírito Santo;

Sendo uma nova pessoa;

Tendo uma experiência e uma nova identidade;

Entrevistador: Tem alguma experiência que mais ter marcou? Que foi a mais impressionante?

Entrevistado: Teve. Teve uma vez em que eu vim ministrar aqui...na rede de jovens...eu comecei a falar...desde a hora do louvor. Já tinha uma atmosfera diferente, algo que as pessoas já estavam se entregando, buscando aquilo, querendo aquilo. Eu ministrei, falei aquilo que Deus queria que eu falasse....depois que eu falei eu observei as pessoas mais entregues aquilo que eu falei. Pra mim, aquilo foi algo que eu nunca imaginaria que acontecesse comigo. Eu já tinha visto meu pai fazer, mas comigo...isso nunca passou pela minha cabeça.

Entrevistador: Na maneira que tu estava conduzindo o culto?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Isso foi marcante pra ti, então?

Entrevistado: No momento em que eu senti aquilo, eu percebi que estava indo pelo caminho certo.

Entrevistador: É isso que tu escolheu pra ti?

Entrevistado: Sim. Mas não como pastor...ou algum cargo, mas continuar sendo ativo dentro da igreja.

Entrevistado 09 (26/12/2017)

Entrevistador: Eu gostaria de saber, primeiramente, a tua idade...

Entrevistado: Eu tenho 30 anos.

Entrevistador: Há quanto tempo tu está aqui na IBN?

Entrevistado: Há cerca de 7 anos.

Entrevistador: Antes destes 7 anos, tu chegou a participar de outra igreja ou denominação?

Entrevistado: Não, eu iniciei minha vida religiosa aqui na IBN.

Entrevistador: Antes, então, tu não participou de nenhuma outra denominação?

Entrevistado: Ah, antes eu participava da católica, mas não era “participante”.

Entrevistador: E o que te levou a querer a IBN? De realmente querer ser participante?

Entrevistado: Assim...teve uns amigos meus que...quereram vir antes de mim, aí eu comecei a ver a mudança na vida deles. Questão de drogas e álcool. Eles sempre me convidavam, aí chegou um momento em que eu estava na mesma condição...eu vi que eles conseguiram largar dos vícios. Eu acabei optando...”*ah, se eles conseguiram eu vou conseguir também!*”. Fui...pra tentar essa alternativa, né. Pois, até então, eu não acreditava nessas coisas de igreja. Eu acreditava em Deus, mas não acreditava em igreja.

Entrevistador: O que tu me diria, com base no que tu descreveu, sobre o que mudou na tua vida? Existe algo, uma coisa única que realmente mudou ou foram várias coisas? O que tu diria?

Entrevistado: Eu...bem, como eu falei...foi a questão da vida deles, né. Aí...essas questões, essas pequenas mudanças, eu fui vendo mudar. Eu fui

Sendo motivado pelos amigos;
Observando as mudanças nos amigos;
Vendo a sua própria condição;
Querendo mudar;

criando expectativa no que mudar também. Eu acabei vindo, me entronizando no meio e essas coisas começaram a acontecer comigo também. Comecei a me fortalecer...porque até então...eu tinha baixa autoestima e problemas com droga. Com o passar do tempo, eu comecei a largar dos vícios. Começou a voltar minha autoestima.

Entrevistador: Existe alguma coisa aqui na IBN que ela te estimula a fazer ou te recrimina?

Entrevistado: Na verdade...a única coisa que é pregada é a Palavra. Através dessa Palavra e da Bíblia, a gente vai vendo a nossa liberdade e fazendo as nossas próprias escolhas. Isso...sem que alguém impunha algo na minha vida, sem intervenção. Pelo menos sempre foi assim pra mim. Através de Bíblia e da própria Palavra...eu acabei fazendo as minhas próprias escolhas. Decidindo naquilo que eu acho certo ou errado. Minhas decisões foram tomadas com base na própria Bíblia e na própria Palavra, né.

Entrevistador: Sobre essa questão da liberdade que tu mencionou, eu gostaria de saber o que tu entende por essa ideia de liberdade e também pela ideia de salvação? O que é ser salvo e o que é ser livre pra ti?

Entrevistado: A liberdade, antes, por exemplo, eu era escravo. Tudo por causa dos vícios. Eu era escravo das drogas e do álcool. Antes, porém, eu tinha isso como a liberdade, livre pra poder fazer aquilo. Só que aquilo não trazia nenhum benefício para minha vida. Então, começando a ir na igreja e conhecendo a Palavra, eu comecei a ver essas coisas com outros olhos, a ver como se eu fosse escravo desses vícios, escravo da minha emoção, também. Como eu falei antes, eu tinha uma baixa autoestima. Então, quando eu comecei a vir na igreja, eu comecei a

Criando expectativas;
Melhorando a autoestima;

Tendo a liberdade através da Palavra;
Fazendo as escolhas conforme a Palavra;
Tendo total liberdade para realizar escolhas;

Definindo a liberdade através da sua vida pregressa;
Enxergando melhor as coisas;

me sentir livre, ser liberto dessas coisas. Antes, por exemplo, eu gastava muito dinheiro com álcool, eu era viciado no cigarro e na cocaína. Eu não conseguia ter as coisas para mim. A partir do momento em que eu saí disso, eu comecei a adquirir minhas próprias coisas, adquiri meu carro, comecei a trabalhar e entrei na faculdade. A salvação, como a própria Palavra diz, é algo que é individual, pois a partir do momento que a gente crê em Cristo e começa a obedecer alguns princípios bíblicos, isso nos leva à salvação. Seria, então, crer e seguir aqueles princípios. Não que a gente seja perfeito, pelo contrário, a questão é buscar todo dia ser melhor para nós mesmos e para o próximo.

Entrevistador: Sobre essa questão da liberdade que você falou, sobre enxergar ela com “olhos melhores”, diferentemente daquilo que você enxergava antes, você diria que a liberdade é essa capacidade de conseguir enxergar as coisas de uma maneira melhor, seria isso?

Entrevistado: Sim. De ver e conseguir sair fora daquilo, de enxergar por outro ângulo. Era algo, por exemplo, que eu estava dentro e não conseguia enxergar. Então, quando eu vim para cá, comecei a enxergar de um ângulo mais alto. Consegui enxergar de uma forma diferente...que antes eu não enxergava dessa forma. Quando a gente abre a mente para outras questões, a gente passa a ter uma liberdade melhor, enxergar de vários pontos de vista.

Entrevistador: Você se consideraria uma pessoa que sempre foi livre ou uma pessoa que somente aqui na igreja conseguiu adquirir a liberdade?

Entrevistado: Na verdade, como eu estava falando, eu não enxergava de uma maneira diferente. Eu acredito que foi

Obtendo “coisas”;

Definindo a salvação como algo individual;

Apresentando os caminhos da salvação;

Reconhecendo os limites do ser humano;

aqui que eu comecei a usar de uma maneira melhor a minha liberdade.

Entrevistador: E como tu justificaria, com base em tudo que você falou, a existência do sofrimento no mundo, o “porque” das pessoas sofrerem, e a desigualdade no mundo entre as pessoas, essa disparidade entre elas? Porque existe isso?

Entrevistado: A disparidade existe no mundo por causa do próprio ser humano. Se eu for falar de forma bíblica, o ser humano quando está afastado de Deus...acaba se tornando uma pessoa que não tem muito amor, mas todos nós temos uma centelha de Deus. Então, quanto mais afastado de Deus, menos amor a gente tem, mais frio a gente é. As próprias pessoas que causam tudo isso. O problema não é o mundo em si, mas as pessoas que não têm amor.

Entrevistador: Você já pensou a respeito desses problemas no mundo, se Deus permite isso ou ele deveria intervir? Você acha que isso é culpa dele? Já pensou sobre isso?

Entrevistado: Eu diria que não é culpa dele. A própria Palavra diz que aquele que obedecer aos mandamentos do Senhor Deus...será bendito. Já aqueles que não obedecem aos princípios, por exemplo, eu parei de beber assim que comecei a obedecer eles. Comecei a ter uma vida melhor, financeira e saúde. Eu acredito mais ou menos nesse sentido. A Palavra não serve somente para agradar a Deus, mas para agradar nós mesmos.

Entrevistador: Desses teus 7 anos aqui na IBN, tu saberia me dizer no que ela difere da Batista Tradicional (Brasileira)? Tem algum conhecimento a respeito disso?

Entrevistado: Tradição...tem muito a ver, as vezes, com coisas que não

Justificando o mal no mundo;
Colocando o homem como causa do mal no mundo;
Apresentando o afastamento de Deus como causa do mal no mundo;

Retirando a culpa de Deus;
Colocando a Palavra como algo importante;

tem muito a ver com a Palavra ou com a instituição. Eu creio que o que difere é a tradição deles, forma de se vestir, talvez. Mas, eu creio que a Palavra é a mesma, mas a tradição é diferente.

Entrevistador: Existe um elemento muito forte aqui na IBN e na Convenção Batista Nacional que é essa ideia de um segundo batismo...o Batismo no Espírito Santo. Eu gostaria de saber o que é isso para ti e se tu poderia me dar algum exemplo caso tu tenha tido essa experiência.

Entrevistado: O Batismo no Espírito Santo...como a própria Bíblia diz é algo que edifica o ser. É o que mostra os sinais de Deus na nossa vida. Os sinais do espírito.

Entrevistador: Você poderia me dar algum exemplo sobre algumas experiências? Alguma que foi muito marcante para ti?

Entrevistado: Eu já tive experiência em sonho, sonhar com alguma pessoa determinada da igreja e Deus me mostrar algo que está acontecendo na vida dela. Eu faço trabalho com moradores de rua...toda sexta-feira...levo comida, roupas, lanches e tal. Aconteceu da gente orar pelo cara e ele se endemoniar, levantar aqueles bancos da praça com uma braço só. A gente teve uma experiência de libertação, de orar por ele...

Entrevistador: Libertação seria exorcismo?

Entrevistado: É...como se fosse um exorcismo, mas aqui a gente fala *libertação*.

Sendo edificado pelo Espírito Santo;
Tendo sinais apresentados;

Libertando os “endemoniados”;

Entrevistado 10 (27/12/2017)

Entrevistador: Qual a tua idade?

Entrevistado: 57 anos.

Entrevistador: Há quanto tempo você é membro da IBN?

Entrevistado: 3 anos.

Entrevistador: Você chegou a participar de outra igreja antes desses 3 anos?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Qual?

Entrevistado: Igreja Católica.

Entrevistador: Por quanto tempo?

Entrevistado: Desde sempre.

Entrevistador: O que te levou a escolher a Batista Nacional? De se engajar e querer ficar aqui?

Entrevistado: Eu sempre tive...essa vontade de me inteirar um pouco mais e me aproximar mais de Deus. Viver uma vida na vontade de Deus. Na Batista Nacional eu encontrei esse suporte, apesar de eu sempre ser crente...crer em Deus...eu não tinha esse entendimento que eu encontrei aqui. Nasci numa família católica, lá eu fui batizado e Deus pra mim era um “deus de oportunidade” ou de “necessidade”. Frequentava missas esporadicamente, mas teve determinados momentos em que eu fui mais assíduo. Outros mais desleixado. Então, Deus estava presente na minha vida...nas minhas necessidades. Quando a coisa “apertava”, digamos assim, eu recorria a ele. Após isso eu ficava completamente alheio com essa relação com Deus e ia cuidar da minha vida. Eu não tinha um “relacionamento” com Deus. Eu tinha Deus somente como escape, né. Aqui na IBN...eu encontrei esse entendimento da relação com Deus...baseado na Palavra. É necessário tu ter um suporte. Eu passei a minha vida profissional, sou formado em Direito, fiz

Tendo vontade de se aproximar de Deus;
Revelando o motivo da escolha;
Recebendo suporte religioso;
Definindo sua antiga relação com Deus;
Reconhecendo Deus como supridor de necessidades;
Encontrando a verdadeira relação com Deus;

algumas especializações na área de Gerenciamento Estratégico, financeiro e atuou nessa área. Fui muito técnico nas minhas decisões. Na relação com Deus, nós também precisamos ter esse suporte e esse suporte está na Palavra. Na Bíblia. É ali que nós nos alimentamos, é ali que nós buscamos a vontade de Deus. Hoje eu não tenho dúvida nenhuma que eu quero a vontade de Deus. Essa é a certeza maior da minha vida. As minhas orações são nesse sentido: para que eu possa ouvir a voz de Deus, sentir a vontade de Deus e fazer a vontade de Deus. Essa sede espiritual que eu tive, aqui eu estou sendo saciado. Não aqui na igreja, mas em Deus. A denominação em si não nos dá nada ela pode ser um veículo...é isso que a congregação me deu, este suporte de entendimento para a Palavra. Esse suporte de ensino.

Entrevistador: Tu diria que nessa questão da relação com Deus...depende mais da pessoa do que da instituição?

Entrevistado: A instituição não é uma necessidade. Nós somos seres sociais, não podemos ter uma vida isolada. A Palavra vai nesse sentido, pois os dois maiores mandamentos de Deus é “*amar a Deus*” e “*amar o próximo*”. Amar o próximo é relacionamento e a igreja é relacionamento. Ela nos proporciona isso. Ela nos traz esse suporte da Palavra. Agora, a salvação é pessoal.

Entrevistador: E o que você poderia descrever que mudou na sua vida?

Entrevistado: São muitas coisas, né. Se eu for te dizer, eu diria que mudou tudo. Mas, uma coisa que se destaca muito, e como eu te falei, é a compreensão de que nós vivemos pra fazer a vontade de Deus. Ser feliz fazendo isto. Não são mais as minhas vontades que tornam a minha satisfação...hoje...ela está na vontade de

Recebendo amparo da Palavra;
Sendo alimentado pela Bíblia
Buscando a vontade de Deus;
Fazendo a vontade de Deus;

Definindo a salvação como algo pessoal;

Repensando a vida;
Vendo o que mudou na vida;
Vivendo para a vontade de Deus;

Deus. Isso é fundamental na vida de qualquer um. Esta é a grande mudança, por exemplo. Hoje eu acredito em Deus querendo fazer a vontade dele.

Entrevistador: O que você poderia me dizer, nestes teus 3 anos de igreja, sobre as coisas que a igreja te estimula ou recrimina a fazer?

Entrevistado: Conhecer a Deus. Isso é a essência. Ter experiência com Deus, não somente conhecê-lo, mas ter experiência com ele. Para ter experiências você tem que conhecer. A igreja IBN tem esse condão de ensino, isso ela está me proporcionando...inclusive mais do que as minhas expectativas. Ela esta me concedendo oportunidades, oportunidades de conhecer a Deus, inclusive. Me estimulando a estudar. Por exemplo, eu vou te relatar um fato. Na minha vida profissional eu tive muita insônia pelos fatores profissionais e de responsabilidade. Acontecia que em muitas madrugadas eu passava naquela angústia, naquele...eu diria um certo sofrimento. Hoje eu continuo acordando de madrugada, mas para ter meu momento com Deus, para fazer as minhas orações e para estudar a Palavra. Isso é uma obrigação que a igreja me coloca? De forma nenhuma! É uma vontade minha. Quanto às proibições, isto é uma coisa tão natural que a igreja não precisa me proibir em nada.

Entrevistador: Mas existe alguma coisa que ela “puxa a orelha” ou não recomenda?

Entrevistado: Se não existisse a proibição das leis...a gente deve se abster de sofrer as consequências. Se não existisse lei...eu cometeria algum delito? As proibições, tu estava falando na igreja, existem ali na Palavra de devem ser observadas. Agora, na medida que você vive na vontade de Deus, te interessa as

Conhecendo a Deus;
Estudando para ter relação com Deus;
Tendo experiências com Deus;
Suprindo as expectativas;
Sendo estimulado a estudar;

Achando-se livre de proibições;
Guiando-se pela Palavra;
Agindo conforme a Palavra;

proibições? Não. Porque tu não vai transgredir nenhuma delas. Se você quer fazer a vontade de Deus, naturalmente você se abstrai de coisas proibidas ou não. Que não te convém.

Entrevistador: Com base no que você falou, eu gostaria de saber o que você entende pela ideia de liberdade e salvação? O que é ser salvo e livre para ti?

Entrevistado: A liberdade em Deus é plena. Quando você tem um entendimento...é tudo o que eu estava falando anteriormente, tudo se conecta...o que é ser livre? É fazer o que você quer. E o que eu quero? Estar na vontade de Deus. Então eu sou livre, eu faço o que eu quero.

Entrevistador: E ser salvo, o que significa?

Entrevistado: Ser salvo é você crer. Crer na Palavra. Agora, crer na Palavra é também necessário fazer o que a Palavra diz. Tem que praticar. Por exemplo, eu vou no médico porque eu acredito que ele possa me curar, curar minha enfermidade. Eu acredito nisso. Chego lá...ele faz o diagnostico e me dá uma receita. Eu pego a receita dele, amasso bem e joga no lixo. Eu deixei de acreditar no médico? Não. Eu fiz aquilo que ele me receitou? Não fiz. Então, isso é uma crença fútil. Tu tens, então, que acreditar e praticar aquilo.

Entrevistador: Tu diria que o fundamento da salvação, pra ti, seria essa crença aplicável?

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistador: Outra coisa que eu queria saber, como tu justificaria a existência do sofrimento no mundo? Porque tu acha que as pessoas sofrem? E também porque existe essa desigualdade entre as pessoas?

Entrevistado: Aí nós vamos precisar voltar um pouquinho, né. Quando

Definindo/conceituando a liberdade;
Apresentando a ideia de liberdade;
Fazendo o que quer;

Definindo a salvação;
Colocando a crença como resultado da salvação;
Diferenciando a verdadeira crença da crença fútil;

Aplicando sua crença;
Sendo pragmático;

nós fomos criados, Deus nos fez a sua imagem e semelhança. A nos fazer a sua imagem e semelhança. Ele tinha um propósito, ou seja, tinha um propósito de amor, de relacionamento e de família. Para que isso pudesse acontecer, ele tinha, ele colocou em nós, nos deu um atributo chamado livre-arbítrio.

Entrevistador: O que é esse livre-arbítrio? Ele tem a ver com aquela ideia de liberdade?

Entrevistado: Sim, ideia de liberdade. Ideia de escolha. Nessas escolhas que nós fazemos...Deus não vai interferir na sua obra para descaracterizar a sua obra. E o sofrimento ele existe, em parte, porque nós caímos, nós pecamos. Deus não nos fez para sofrer. Nem quer que a gente sofra. Mas, ele nos deu liberdade para fazermos as nossas escolhas. “Ah, mas o fulano é uma pessoa boa, sem maldade e sofre! Porque Deus permite isso?”. Talvez para que eu, para que você, possamos tomar uma atitude e aliviar o sofrimento daquela pessoa. Para que se manifeste esse sentimento de família, de irmãos. O sofrimento muitas vezes é para que possamos galgar graus maiores na possibilidade de relação com Deus. Eu creio que tudo isso está acontecendo e associado ao nosso livre-arbítrio, as nossas escolhas e as nossas possibilidades de crescimento. Eu acredito, por exemplo, no Reino de Jesus, ele virá novamente e implantará um reino, um mundo diferente do mundo que aqui está. Porque? Qual é a minha convicção? Porque eu acredito num livro chamado *Bíblia*. Lá está escrito e o que está escrito lá é de inspiração divina. Lá...nós vamos voltar as nossas origens, as origens do Éden. As origens de um mundo liberto de toda esta maldade que se semeou na Terra: onde o homem explora, o homem mata,

Colocando o livre-arbítrio como fundamento religioso;
Apresentando a obra de Deus;

Respondendo e justificando a causa do sofrimento no mundo;
Indicando a lógica do sofrimento;
Fundamentando a existência do sofrimento no mundo;

rouba e destrói. Isso se deixou por causa das suas escolhas, pelas suas escolhas...levar para um mundo de morte e destruição. Com consequências para toda humanidade. Para o justo e para o injusto. Este livre-arbítrio, essa liberdade...Deus intervém quando nós buscamos, quando nós imploramos, Deus usa muitas coisas e muitas coisas para o nosso desafio. Eu tenho me perguntado ultimamente “o que eu tenho feito?”. Eu tenho feito tão pouco, feito tão pouquinho para aliviar o sofrimento de um irmão, daquele que cai, daquele que precisa. Então...”Deus me deu tanto e eu estou fazendo tão pouquinho...”. Espero que ele me dê uma direção e que eu possa evoluir um pouquinho mais.

Entrevistador: Existe uma questão, uma experiência muito forte na Convenção Batista Nacional e aqui na IBN que é essa ideia do segundo batismo. Tem o primeiro batismo, o Batismo nas Águas, e esse segundo batismo que chamam de *Batismo no Espírito Santo*. Eu gostaria de saber o que você compreende por esse batismo e se você poderia me dar algum exemplo sobre alguma experiência que você teve?

Entrevistado: Vou te falar aquilo que eu sei, né. Porque eu estou nesse caminho de aprendizado, então neste aspecto, eu peço que você não considere como uma fala definitiva, até por ser uma fala doutrinária. Eu não teria um conhecimento mais profundo para te passar. O Batismo nas Águas representa o teu marco para o mundo, é você dizer “de hoje em diante eu quero morrer para mim mesmo...para depois renascer como um novo homem, para fazer a vontade de Deus!”. É um batismo...onde você diz para o mundo “aqui está um novo homem!”. Por livre e espontânea vontade, por escolha, porque eu acredito e porque eu me

Questionando sua atuação no mundo;
Desejando aliviar o sofrimento dos outros;
Querendo evoluir enquanto pessoa;

Diferenciando o Batismo nas Águas do Batismo no Espírito Santo;
Morrendo para si mesmo;
Sendo um novo homem;
Fazendo a vontade de Deus;
Definindo o Batismo no Espírito Santo;

arrependo. Porque eu creio em Deus e quero viver uma nova vida. O Batismo no Espírito Santo é você estar vivendo a vontade de Deus, fazendo aquilo que Deus quer que você faça. Se deixar guiar pela vontade dele.

Entrevistado 11 (03/01/2018)

Entrevistador: Eu gostaria de saber, primeiramente, a tua idade?

Entrevistado: Eu tenho 28 anos.

Entrevistador: Há quanto tempo você é membro da IBN?

Entrevistado: Eu sou membro desde 2007 para 2008.

Entrevistador: Antes deste período, você frequentou alguma outra igreja?

Entrevistado: Eu sou, praticamente de berço, por causa dos meus pais, evangélica. Me criei dentro da igreja. Quando eu vim para Santa Maria, eu já vim procurando a IBN. Lá em Erechim, eu era de outra Batista Nacional, Batista Filadélfia.

Entrevistador: Ela faz parte da Convenção, então?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Dessa saída de lá até essa tua vinda para cá, o que te levou a escolher a IBN em Santa Maria?

Entrevistado: Foram as referências que eu tinha, pelas referências do pastor por ter a mesma dinâmica de trabalho. Na época a gente trabalhava no mesmo método de visão celular, agora não estamos mais. Mas, na igreja que eu frequentava a visão é essa até hoje, o “modelo dos 12”. Então, eu já vim direcionada para cá pela dinâmica celular de trabalho.

Entrevistador: Desses 10 anos de igreja, o que você poderia mêm descrever...existe uma coisa única ou várias coisas que mudaram na tua vida?

Entrevistado: Olha...uma coisa seria difícil, mas foi uma construção. Porque acompanhou uma mudança pessoal. Eu vim para Santa Maria com 17 anos, 17 para 18 anos, eu vim muito nova.

Percebendo-se como evangélica

Sendo guiada pelas referências de trabalho (?)

Familiarizando-se com a visão celular;

Adolescência para juventude. Eu vim para a IBN nessa fase. Fez parte de uma construção minha, de amadurecimento, de maturidade. Pessoal quanto...na questão de espiritualidade. As duas coisas casaram juntas, então ficaria difícil eleger uma só. Mas...a grande coisa foi esse amadurecimento meu, esse processo de igreja. As duas coisas casaram.

Entrevistador: O que você poderia me dizer sobre a IBN de Santa Maria...sobre o que ela te estimula a fazer e o que ela te proíbe?

Entrevistado: Não sei até que ponto...ela me proíbe. Por ter nascido dentro da igreja, eu vejo como diferencial da IBN a questão do estudo da Palavra. O estudo da Bíblia. Ela motiva muito nesse sentido, nas questões espirituais. Uma dinâmica de me dedicar a isso. Leitura da Palavra, oração e busca de Deus. Eu vejo muito nesse sentido, uma igreja que me motiva a isso. Quanto a proibições...eu não sei...não consigo pensar em coisas que me limitem. Como eu sou uma pessoa criada dentro da igreja, eu fui uma pessoa que cresceu dentro desses princípios, então não tem nada que me limite. Mas, olha, sendo cristãos, a gente segue princípios bíblicos, então o que seria contrário a esses princípios, seria de certa forma recriminado.

Entrevistador: A respeito disso que você falou, eu gostaria de saber o que você compreende por salvação e liberdade? O que é ser livre ou ser salvo para você?

Entrevistado: Pra mim...ser salvo é ter a compreensão de que Jesus morreu por mim e através da morte na cruz, eu fui livre dos meus pecados. Eu acho que as duas coisas acabam se cruzando, em algum momento.

Enxergando mudanças pessoais;
Amadurecendo espiritualmente;
Vendo as duas coisas relacionadas;

Sentindo-se livre;
Sendo estimulada a estudar;
Motivando-se por questões espirituais;

Agindo conforme a Palavra;
Tendo autonomia;

Compreendendo a salvação através da morte na Cruz;

Entrevistador: Ser salvo é reconhecer o que Jesus fez por ti? Seria isso?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: E o que é ser livre?

Entrevistado: Liberdade para mim é ter a liberdade de escolher, “isso ou não”.

Não sei, eu me sinto uma pessoa livre, no sentido das minhas escolhas, no sentido das coisas que eu acredito.

Entrevistador: Como tu justificaria a existência de sofrimento no mundo? Porque tu acha que as pessoas sofrem? Além disso, porque, na tua visão, existe uma disparidade entre as pessoas? Porque umas têm e outras não têm?

Entrevistado: Primeiro, eu acho que, levando em conta o que eu acredito, em nenhum momento foi dito que as pessoas teriam tudo! Até porque...pra mim não faz nenhum sentido. Seria meio estranho se todo mundo tivesse tudo. Em algum momento...alguém não vai se dar bem. Seria muito utópico pensar nisso. Mas, pautado na minha fé, de fato, Deus nunca fala isso! Na Bíblia não é dito que todas as pessoas que acreditam nele ou que confiam nele...que todas essas pessoas teriam tudo. Eu acredito que existe um propósito em todas as coisas, inclusive na vida da pessoa que nunca vai ter nada. Pode existir uma pessoa extremamente pobre...que vai ter uma vida extremamente desgraçada. Eu acredito...na verdade o que faz diferença é o que Jesus fez por mim, a salvação e o “pós”. No momento em que eu morrer, eu terei a vida eterna. Eu vivo pela questão do “pós”. O que acontece na Terra seria uma passagem. Indiferentemente de como eu vivo aqui, bem ou mal, o que Jesus fez por mim através da cruz, me salvando...já justifica o fato de eu crer e confiar nele. Indiferentemente do que acontece aqui na Terra. Ainda que nada de bom aconteça, o fato de eu ser salva ou ter a vida eterna...já me basta. Também, eu acredito que as disparidades são diferentes propósitos, por questões de escolha. Talvez até as escolhas

Definindo a ideia de liberdade;
Tendo a liberdade de escolher;

Justificando o sofrimento no mundo;
Vendo a igualdade como algo estranho (?);
Enxergando um idealismo na igualdade;

Compreendendo as disparidades como propósitos de Deus;
Focando no pós-morte;

Satisfazendo-se com a promessa do pós-morte;
Colocando o livre-arbítrio como causador das disparidades;

das gerações passadas, enfim, desde o Éden. Isso faz diferença no que a gente vive hoje. Eu acho, então, que essas disparidades são fruto de escolhas.

Entrevistador: Com base em tudo isso...você já se questionou porque Deus permite isso? Já pensou nisso?

Entrevistado: Eu...já pensei. Mas eu acho que em tudo há propósito. Talvez, se eu fosse uma pessoa muito rica, eu me encheria de vaidade. Me desviaria do caminho, entendeu!? Enfim, eu acho que em tudo há propósito.

Entrevistador: Outra coisa que eu gostaria de saber...existe um elemento muito forte aqui na IBN, na Convenção Batista Nacional, que é essa segunda experiência após o Batismo nas Águas. O Batismo no Espírito Santo. O que você compreende por esse segundo batismo? E se você poderia me citar algum exemplo do que você já experimentou nessa experiência.

Entrevistado: É uma coisa que eu nunca parei para pensar! Explicar é difícil! Sim, eu já passei por isso, sou batizada desde meus 12 anos. Nas águas...batizada no Espírito Santo, mais ou menos nessa idade, também. Eu passei pela experiência de falar em línguas.

Entrevistador: O que é “falar em línguas”?

Entrevistado: Línguas estranhas. Não sei te explicar exatamente. Sei lá, é algo que vem...algo que brota, um desejo de falar e tal. Que tem um significado desconhecido. O que que eu compreendo...eu acho que é uma coisa que transcende o entendimento humano, mas que passa por essa questão de espiritualidade. De fé. De acreditar em algo que não se vê, de acreditar em Deus.

Entrevistador: Você poderia fazer um contraste...do que ele difere do primeiro batismo, no Batismo das Águas?

Crendo que a falta de intromissão de Deus possui um sentido ou propósito;

Tendo dificuldades em definir o “falar em línguas”;

Entrevistado: Pela natureza física da coisa! O Batismo nas Águas, apesar de ter o seu significado espiritual, é mais um ritual físico. Ele demarca uma decisão. Decidi seguir Cristo, aceito a morte na Cruz e decidi me batizar. Nesse momento eu faço um sinal físico. O que difere é essa natureza física.

Contrastando as duas modalidades de batismo;

Entrevistado 12 (03/01/2018)

Entrevistador: Qual a tua idade?

Entrevistado: 32 anos.

Entrevistador: Há quanto tempo você está aqui na IBN de Santa Maria?

Entrevistado:

Aproximadamente...12 anos.

Entrevistador: Antes desses 12 anos você frequentou alguma outra denominação?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Qual?

Entrevistado: Eu, desde os meus 6 anos de idade, frequentei a Primeira Igreja Batista (Batista Brasileira).

Entrevistador: O que te levou sair da Batista Brasileira e vir para a Batista Nacional?

Entrevistado: Na verdade foram uma série de fatores, do momento, mas, o maior fator foi a identificação com o estilo e com a forma de trabalho.

Entrevistador: O que diferencia tanto o estilo das duas igrejas? Poderia me explicar?

Entrevistado: Na época...a Batista Nacional vivia um modelo um pouco diferente do que é hoje, mas tinha...era uma igreja que trabalhava com a metodologia celular; enquanto que, onde eu estava não existia esse trabalho. O trabalho com os jovens era um trabalho muito forte, basicamente isso.

Entrevistador: De todo esse teu percurso, o que você me diria que mudou na tua vida? Existe uma única coisa ou uma série de coisas que mudaram?

Entrevistado: Primeiro, na questão de vida é muito difícil eu diferenciar algo sem estar dentro da igreja. Porque eu estou nela desde meus 6 anos. Isso contribuiu muito para os valores que eu tenho hoje, para tudo que eu fiz e já conquistei. Tem

Sendo motivado pela dinâmica de trabalho;
Identificando-se pelo estilo da igreja;

Observando as diferenças teológicas;
Focando na metodologia celular;

Tendo o caráter moldado;

muito a ver com quem eu sou, né. Desde meus 6 anos, com a Escola Bíblica, na Dominical, desde as historinhas até ter estudos mais fortes. Mais profundos. É isso, eu não consigo diferenciar na minha vida o antes e o depois. É como se eu sempre tivesse vivido aqui.

Entrevistador: E o que a IBN te estimula a fazer? Enquanto participante. E o que também ela te recrimina?

Entrevistado: Ela estimula a buscar Deus e essa vida mais próxima dele. De ser um cristão. Recriminar...até eu não usaria esse termo, porque agente costuma dizer que não temos nada que nos é proibido. Ou recriminado. Como eu sempre vivi dentro da igreja, desse meio evangélico, desse meio cristão, eu não tive tantos problemas quanto a isso, pelos meus princípios, meus valores. Coisas que normalmente chama a atenção de um jovem, eu consegui lidar bem com elas.

Entrevistador: O que você compreende pela ideia de salvação e liberdade?

Entrevistado: A salvação, pra mim, é uma caminhada constante. Ela se dá desde o dia que eu reconheci Cristo como meu salvador. Mas, não depende somente daquela minha oração, daquele meu desejo ou daquele momento. Ela é uma caminhada. A conversão e a salvação, a transformação do cristão...na minha concepção ela é constante até nosso último dia. Não adianta eu perseverar até o 99% e no 1% me perder. Pra mim está muito mais ligado de como tu termina de como tu começa. A questão de liberdade...liberdade é difícil a gente ter um conceito formado. Eu me considero livre...inclusive. a gente liga muito à vícios...ou a atitudes. Eu sou livre de tudo isso, eu não dependo disso. Vou citar um exemplo: a bebida. Eu não dependo daquilo para ser feliz. Eu vejo

Sendo incapaz de diferenciar a sua vida (?)

Sendo estimulado a viver como Deus;
Tendo Deus como referência de caráter;
Resistindo à definição “recriminar”;

Lidando bem com as coisas mundanas (?);

Definindo a ideia de salvação;

Colocando o fim da vida num lugar religiosamente importante;

Exemplificando a ideia de liberdade;

peessoas que se dizem livres e dependem daquilo para serem felizes. É mais ou menos esse o meu conceito de liberdade. Mas, eu tenho consciência que desde o momento em que eu aceito a Cristo, o meu livre-arbítrio é limitado, porque se eu aceito ser um cristão e seguir a Cristo...eu preciso trilhar um caminho. Se eu sair desse caminho, eu já estou ferindo, vamos dizer assim, esse princípio.

Entrevistador: Como tu justifica a existência de sofrimento no mundo e da disparidade entre as pessoas?

Entrevistado: Eu acho que a maioria das pessoas, falam pra Deus, né, “Porque isso?”, “Onde que está Deus...que permite que essas pessoas sofram?”. O meu conceito está no inverso da pergunta: onde tu andas que não te aproxima de Deus? Esse distanciamento de Deus que causa isso! Então, ao invés de eu perguntar onde está Deus, eu devo perguntar onde anda este necessitado de Deus. Esse necessitado que não se volta para Deus. Pra nos cristãos existe um caminho e não é Deus que te afasta desse caminho, mas nós mesmos.

Entrevistador: Então pra ti...tudo isso, o sofrimento, a disparidade entre as pessoas é gerado por esse afastamento de Deus?

Entrevistado: Sim! E também tem a questão de que em nenhum momento na Bíblia, Cristo nos diz que aceitando ele...todos os problemas serão resolvidos. Bem pelo contrário! Lá tá bem claro que no mundo terá aflição, mas precisamos ter bom ânimo.

Entrevistador: Existe uma questão bem importante na Convenção Batista Nacional que é essa ideia do segundo batismo, que é o Batismo no Espírito Santo. Na Batista Brasileira, como tu teve familiaridade com eles, é praticado isso lá?

Reconhecendo certos limites no livre-arbítrio;

Justificando sofrimento no mundo de maneira inversa;

Absolvendo Deus de qualquer culpa;

Colocando o distanciamento em relação a Deus como causador do mal no mundo (?)

Sendo realista na leitura bíblica;

Interpretando a Palavra de Deus precisamente (?);

Entrevistado: Esse batismo que a gente fala, eu acho que é um erro de nomenclatura. Eu acho que a gente usa como se fosse o mesmo peso do Batismo nas Águas. Eu vejo como um revestimento. Como um aprofundamento ou como um recebimento de um dom. Claro que existe diferença entre a CBB e a CBN. A CBB vem de uma raiz um pouco mais conservadora e a CBN vem de uma raiz mais pentecostal. Lá na Batista Brasileira...essa questão...existe os dons...mas...talvez sejam mais zelosos. Eu acho que é mais contido. Eles creem.

Definindo o Batismo no Espírito Santo como um revestimento religioso ou espiritual;
Descordando do conceito dado;
Recebendo um *dom* de Deus;
Reconhecendo as diferenças teológicas;

ANEXO C – TABELAS DE CÓDIGOS

Tabela de códigos das lideranças (IBN e IBB/Santa Maria/RS)

Códigos	Liderança 01 (IBN/SM)	Liderança 02 (IBB/SM)
Modelo celular	Descentralização do trabalho ministerial; resgate da dinâmica da Igreja do Primeiro Século	
Bom senso	O que fundamenta a ideia dos usos e costumes	
Batismo nas Águas	Aliança com Deus; pacto com Deus; tomada de convicção; purificação	Conversão e inserção no corpo de Cristo, sem necessidade de evidências sobre o Espírito Santo (Diferente da CBN)
Bojo Doutrinário	Centralizando na Bíblia como regra de fé e prática	
Vocação	Questão espiritual	
Vida	"Não é obra do acaso, tem o homem como objeto central para a constituição de uma família"	
Mai/Pecado	Externo a Deus	"Errar o alvo"
Bem	Deus e seus atributos	Fazer o próprio bem e o propósito de Deus através da liberdade dada ao homem
Livre-Arbitrio	Forma de expressar o seu querer; liberdade de escolha	
Morte	Afastamento; desconexão com Deus	
Salvação e seus caminhos	Aproximação; reconexão com Deus	Somente em Jesus Cristo, pela sua graça divina; somente é salvo quem se converte
Batismo no Espírito Santo	Revestimento de origem espiritual; capacidade de realizar a obra de Deus (implantar o evangelho)	Inserção no corpo de Cristo
Justificativa (Teodiceia)	O problema do mal e do sofrimento no mundo são consequências das escolhas do homem	Por causa do pecado que reside no homem
Prosperidade	Ausência de necessidade	

Tabela de códigos dos fiéis (IBN e Santa Maria/RS)

Códigos	Entrevistado 01	Entrevistado 02	Entrevistado 03	Entrevistado 04	Entrevistado 05	Entrevistado 06	Entrevistado 07	Entrevistado 08	Entrevistado 09	Entrevistado 10	Entrevistado 11	Entrevistado 12
Edificar a vida	Ir pelo caminho certo; movido pelos princípios de Deus	"O que melhora a vida"										
Recrimina x Estimula	Recrimina: tudo aquilo que a Bíblia recrimina; Estimula: Buscar a Deus	Recrimina: não ficou claro; Estimula: a conhecer a verdadeira liberdade	Estimula: muito ensino, estudo; Recrimina: nunca teve	Estimula: a ser um cidadão de bem, ser um testemunho lá fora; Recrimina: depen de das escolhas	"A Igreja não te proibe nem te permite nada";	Estimula: a estudar; Recrimina: o que a Bíblia recrimina	Estimula: trabalho social; Recrimina: não foi claro	Estimulo: ler a Bíblia, fazer caridade; Recrimina: coisas ilícitas	Estimulado: a agir confirme a Palavra; Recrimina: não foi claro	Estimula: a conhecer Deus; Recrimina: tudo que for contra os princípios bíblicos	Estimula: o Estudo da Palavra; Recrimina: tudo que for contra os princípios bíblicos	Estimula: a viver uma vida próxima a de Deus; Recrimina: não relatou
Propósito de Deus	Reconhecê-lo como Pai		Se unir com ele; hoje em dia a sociedade está doente porque se afastou									
Salvação e seus caminhos	Estar com Deus; morrer para a vida de pecados	Individual; deve ser buscada, pois não é merecida	É um processo; saber o que Deus fez por mim	Projeto de Deus para se reaproximar do homem		Está atrelada ao pós-morte e depende da tua relação com Deus	Receber Cristo como salvador	Está atrelada à liberdade; ser alguém puro	É individual; crer e obedecer a Deus	É pessoal, crer e agir conforme a Palavra	Compreender o que Jesus fez por mim	É uma caminhada constante; reconhecer Cristo como Salvador
Pecado/mal	"Errar o alvo"; desobedecer a Deus	"Desviar do caminho que Deus tem para ti"	Desobediência	Ausência de Deus		Separação em relação a Deus; insensibilidade do homem	O inimigo de Deus					
Morte	Afastar-se de Deus	Afastamento de Deus	Sem vida na eternidade									
Libre-arbitrio	"O que foi testado no homem"	Poder escolher, seguir um caminho; ter a natureza mudada	"Não viver dentro de um padrão de escolha"	De pensamento e de escolhas	Ter o direito de escolha	De entendimento e de conhecimento	Poder escolher o que for melhor para tua vida	O que transcende as tuas vontades humanas	Fazer o que você quer; e também a vontade de Deus	De escolha	De escolha	Ser livre de vícios e certas atitudes; porém, ela é limitada, devemos seguir um caminho específico
Justificação (Teodicéia)	Por causa da ganância do homem	Porque as pessoas fazem por merecer	"O mundo jaz no maligno, pois está afastado de Deus"	É uma questão de saber lidar com as coisas	Depende da tua vontade de buscar Deus	Tudo isso existe por algum motivo; para amadurecer	Porque o pecado entrou no homem; separação do homem com Deus	Culpa do homem; responsabilidade do homem	De repente... para tomarmos uma atitude; manifestar o sentimento de família e irmãos	Existe um propósito no sofrimento; mas precisamos focar no pós-morte	Distanciamento do homem em relação a Deus	
Batismo no Espírito Santo	"Deus operando em nós"; "Deus nos usando como instrumento"	Revestir-se de poder; se religar com Deus	O próprio Deus habitando em ti	Experiência que transcende o teu natural; te dá capacidades	Mergulhar em Cristo	Cristo vem habitar dentro de nós	Capacidade de discernimento das coisas	Experiência com Deus; ter uma nova identidade	Edificar o ser	Estar vivendo a vontade de Deus	Algo inefável; diferencia-se pela sua natureza "não-física"	Revestimento; recebimento de um dom
Prosperidade	De quem trabalha	De quem trabalha			Seguir o caminho de Cristo; ausência de necessidade							
Sofrimento							É um teste; é algo necessário	não foi claro	Culpa do próprio homem	Desobedecer a Deus		
Bem							O próprio Deus					